

p o r t u g a l i

OS MEUS AMORES

Trindade Coelho

contos e baladas

Título: Os Meus Amores

Autor: Trindade Coelho

Edição: Agrupamento de Escolas de Rio de Mouro

Coleção: Clássicos da Literatura Portuguesa

Adaptação, paginação e projeto gráfico: Carlos Pinheiro

1.ª edição: setembro de 2013

ISBN: 978-989-8671-52-3

Edição segundo as regras do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990.

ideiascom**mérito**
Rede de Bibliotecas Escolares

AMORES VELHOS

Ao Dr. António X. Perestrelo

IDÍLIO RÚSTICO

A Fialho de Almeida

Quando atravessou a povoação, rua abaixo, com o rebanho atrás dele, era ainda muito cedo. Ao longo das ruas tortuosas, as portas conservavam-se fechadas, e não vinha das habitações o mais insignificante ruído. Dormia-se a sono solto por todas aquelas casas. Apenas algum cão, subitamente acordado em sobressalto pelo chocalhar do rebanho, ladrava do alto dos escadórios de pedra onde ficara de sentinela, ou de dentro das curraladas, onde levava a noite fazendo companhia aos novilhos. De onde em onde, galos madrugadores entoavam matinas sonoras, que eram como risadas vibrantes de boémios, nalguma estúrdia a desoras.

Mas, passadas as últimas casas, o silêncio condensava-se por toda a banda numa grande pacificação de templo adormecido. Nem vivalma pela ladeira que levava ao rio, por um caminho em ziguezagues. Fulgiam no céu azul-escuro cardumes prateados de estrelas. A toda a largura, a paisagem era torva e indecisa, imersa numa luz muito mortiça que nem era bem a da madrugada, nem era bem a da noite. No entanto a manhã era calma; nem rumores de brisa pela rama das azinheiras velhas que faziam guarda ao córrego por onde o rebanho tomara. Cigarras, grilos nas ervagens, rãs que coaxavam nas regueiras, era o mais que se ouvia acima do rumor brando dos chocalhos. Nem um balido de ovelha em todo o rebanho que se ia submissamente à mercê do pequeno pastor, parando se ele parava a colher as amoras frescas dos silvados, recomeçando a marcha se de novo ele se punha a caminhar.

Quando passou rente ao meloal da fidalga, ouviu-se o ruído de um tiro, que o eco levou para longe.

– Não gastes pólvora, António! – recomendou o pastor. – Ouviste?

E logo a voz do guardador:

– Madrugas hoje, Gonçalo!

– Pra que saibas! Cá um homem não tem medo! Está bem. Adeus!

– Saudinha.

A esse tempo ia-se já definindo a manhã, na luz, no som, na cor. Invadia a

amplidão da cúpula celeste uma tinta alvacenta, onde as estrelas feneciam no seu brilho. Ao alto, na ladeira de além, entravam de fazer-se nítidas as linhas sinuosas das cristas, onde enormes rochedos tinham atitudes de uma imobilidade misteriosa e sinistra... Neste assomo de alvorada, as coisas iam despertando lentamente para a alacridade vigorosa da luz. Das moitas e sebes, calhandras em bandos levantavam-se repentinamente, em voo perpendicular, e cortavam ares fora, chilreantes e alegres, até se perderem de vista por detrás dos arvoredos e cabeços. De cauda em riste e orelhas imóveis, o rafeiro espreitava as ervagens secas, onde algum réptil passasse vagaroso.

– Busca, *Turco!* – fazia-lhe o Gonçalo, que tinha medo às cobras. – Busca, valente!

À medida que descia a ladeira, um marulhar monótono de águas ouvia-se, mais e mais distinto.

Era o rio que parecia perto; mas primeiro que lá se chegasse ainda era preciso andar... Era um poder de passos e de paciência – refletia o pastor, a quem aborreciam de morte os intermináveis torcicolos da vereda. Ia andando, descendo sempre, à frente do rebanho silencioso. E quando os sapatos começaram de calcar areia, e ali, perto, o rio lampejava, sob aquele céu ainda estrelado, o Gonçalo desabafou:

– Uf! até que enfim! – E pensava aliviado: «Nada mais fácil do que terem-me saído os lobos!...»

Mas vista àquela hora, e no meio de tal silêncio, a corrente líquida tinha o que quer que fosse de sinistro, que evocava lembranças aterradoras, espectros dos que ali mesmo tinham morrido afogados, numa luta desesperada com as águas, clamando em vão que lhes acudissem, em tamanho transe aflitivo. A margem de lá, especialmente, era toda acidentada de rochedos informes, blocos medonhos por entre os quais no inverno o vento assobiava lúgubre, e as águas faziam remoinho, o que era um perigo para os pobres barcos que se aventurassem incautos, num descuido involuntário – simples remadela pouco a tempo, manobra menos segura de leme, ou seguida do seu rebanho.

E então, cabeços enormes dum lado e doutro, projetando sobre o largo leito do rio a sua sombra pesada e desconforme, que mais triste fazia o sítio e parece que mais solitário, pois fechavam-no bruscamente, fazendo limitada a paisagem.

A todo o comprimento da margem, o rebanho pôs-se então a beber manso

e manso, e sem o mínimo ruído.

Foi quando o Gonçalo acabou de se convencer de que na margem de lá, um pouco mais abaixo, outro rebanho bebia também.

– Tate, Gonçalo! Aquela chocalhada...

E imóvel, remordendo o lábio, com o ouvido à escuta, pensava:

«Ora se será ela?...»

Súbito, estremeceu. Ante o seu espírito infantil perpassou, como um clarão de relâmpago, a imagem de uma rapariga, pastora como ele, com quem se havia encontrado mais vezes, mas que havia muito não vira.

– Ai, se fosse a Rosária!... – dizia consigo.

E impondo silêncio ao rebanho, que acabara de beber, pôs-se atentamente à escuta do tilintar dos chocalhos na margem oposta.

«O rebanho parecia ser o mesmo, lá isso... Agora o pastor é que podia ser outro que não a Rosária...»

Senão quando, uma ideia lhe acudiu que o fez sorrir de contente. Atirou ao chão a manta e o marmeleiro, e puxando para diante o bernal, feito da pele de uma ovelha branca, morta pelas segadas, tirou de lá a sua flauta e pôs-se a tocar apressadamente um trecho de cantiga rústica.

No mesmo instante, uma voz muito sonora gritou-lhe:

– Eh lá, Gonçalo, és?

O pastor desatou a rir.

– Houlá, Rosária, eu mesmo! Guarde-te Deus, pimpona!

E logo a voz fresca da rapariga lembrou:

– Não te esqueceu a moda, rapaz!

– Isso esquece ela!... Ouviste, Rosária? – Se outra fosse que ma tivesse ensinado...

Neste meio tempo já o Gonçalo tomara a manta e o marmeleiro para ir ter com a Rosária.

Mas primeiro perguntou:

– Boto pela ponte, ou és tu que vens, ó cachopa?

– Vem tu daí. Por cá sempre é outra coisa pràs ovelhas. Hã?

– Basta!

E dando o sinal da partida, o Gonçalo pôs-se em marcha. Daí a pouco entrava, mais o rebanho, pela velha ponte mourisca, toda severa de construção nos seus três arcos lançados sem elegância, atufados de parasitas seculares que a faziam pitoresca, heras, silvas, ortigas bravas.

A meio da ponte, mão piedosa fizera construir pequeno oratório ao Senhor Salvador, cujo rosto sereno, espreitando por grades de arame, diziam dar coragem a barqueiros e almocreves que ante o pequeno e humilde nicho com respeito se descobrissem e com devoção rezassem uma velha prece que era como um talismã precioso para livrar de maiores desgraças – naufrágios no rio, ou então maus encontros por aqueles caminhos escabrosos que eram um perigo constante para homens e animais.

Daí a pouco, as duas crianças estavam perto uma da outra, cada qual seguida do seu rebanho.

– Ora viva a Rosária! – disse o pastor, muito alegre, parando defronte da cachopa.

– Bons dias, Gonçalo! Então que ventos?

Entre os dois travou-se então um longo diálogo em que se contaram tudo o que haviam feito desde aquele dia em que ambos tinham voltado juntos da feira dos Caniços.

– Por sinal que nem rês se vendeu! – lembrou o Gonçalo.

– Por sinal! – disse com pena a Rosária.

Mas ele contou que viera por ali muitas vezes, muitas, sempre na fé que a encontrava.

«Vê-la agora, só por milagre de santo; quem o havia de sonhar! Nanja ele...»

– Mas se eu estive tão doente! – volveu triste a Rosária.

E como o outro acudiu a informar-se, ela explicou:

– Umas quartãs que me tiveram mondada! A peste as mate! Febre que era mesmo lume, desde manhã até ao escurecer... Uma assim!

E na sua ingenuidade infantil contou ao Gonçalo que muitas vezes, na febre, sonhara com ele, que se encontravam os dois por montes e prados, como agora tinha acontecido – «tal e qual».

– Assim te Deus salve, ó Rosária! – atalhou rápido o pastor, a quem enchiam de orgulho os sonhos daquela pequena amiga.

– Assim; pois que dúvida? – tornou-lhe confiada a Rosária.

– Não! – disse agastado o Gonçalo. – Não hás de dizer assim... Diz certo, hás de jurar direito.

– Pois assim me Deus salve.

– Como é verdade... Diz, tudo, Rosária! – suplicava o pastor.

– Sim – volveu-lhe paciente a companheira –, como é verdade que sonhava

que nos encontrávamos – concluiu por fim muito risonha.

E sem disfarçar o júbilo, prestes o Gonçalo a certificou de que também não a esquecera. – «Tanto é que tirava da fruta as cantigas todas que ela lhe tinha ensinado.»

– Lembras-te?

A Rosária fez que sim com a cabeça. E logo, batendo na fruta de sabugueiro, o pastor apressou-se a declarar:

– Saem daqui sem falhar uma! – E resoluto: –Vá feito, Rosária, pede por boca!

A Rosária pediu então a *Pastorinha*.

– Eu é da que mais gosto – explicou. – E a mais linda.

E, levando aos lábios a avena, pôs-se a tocar a *Pastorinha*, enquanto a Rosária, com a sua vozita em surdina, entrava a tempo com a letra: *Onde vás, ó Pastorinha, Ai-li, ai-li, ai-li, ai-lé...*

– Sabes essa! É mesmo assim! – disse-lhe a Rosária a rir-se.

– É como vês! – afirmou contente o Gonçalo.

Aos seus pés tinham-se deitado os rafeiros, e já os dois rebanhos, confundidos, andavam na pastagem.

– Olha as ovelhas juntas! – notou o Gonçalo.

– Também nós nos quedámos juntos – volveu-lhe a pequena, sorrindo. – As pobres dão-se bem, são amigas... – continuou com júbilo.

– E nós também, ora também, Rosária?

– Também – respondeu afoita a pastora.

E foram-se ter conta no rebanho, que choviam as coimas e as denúncias.

A esse tempo, no céu alto e lavado a estrela de alva fenecera por fim, e o horizonte começava de carminar-se ao de leve. Por todo o céu em cúpula, a luz fresca e viva da manhã vibrava harmonias estranhas que iam despertar tudo: a cor da paisagem e a música dos ninhos, cantigas de perdizes e rumor de gente por moinhos e atalhos.

Manhã de verão, serena, tranquila, dulcíssima. Ia pelo ar um movimento extraordinário de asas – passarada alegre que saía agora dos ninhos e voava a matar a sede à borda das ribeiras, andorinhas que deixavam as suas casinholas em recôncavos de rocha e tomavam para hortejos convizinhos onde a vegetação era mais rica de seiva e mais fácil a presa de insetos, perdizes gralhadoras que iam de monte em monte, tordos, poupas, melros.

Nos vinhedos das encostas, por entre os renques verdejantes, gente em mangas de camisa ia fazendo as vindimas. Pelos caminhos, em torcicolos, viam-se os que desciam aos moinhos, tangendo machos carregados de taleigos, e berrando-lhes cada xó! que se ouvia na outra ladeira. Já nas povoações próximas sinos chamavam para a missa de alva ou tocavam a ave-marias. Nas quintas e casais fumegavam os tetos, dizendo horas de almoço. De modo que o Sol quando rompeu, solene e triunfante no céu imaculado, encontrou muita vida pelos campos, toda a natureza acordada para a labuta interminável do dia. Numa clareira elevada, dominando o rio e um trecho de paisagem para sul, tinham-se sentado os dois pastores e continuavam conversa.

Ao pastor parecia-lhe agora mais bonita a pequena amiga, com a sua cor trigueira levemente pálida desde que tivera as maleitas. Não se lembrava com que santa que ele tinha visto se lhe parecia agora a Rosária...

– Mas o cabelo assim cortado... – disse com mágoa, mirando-lhe a cabeça nua, e passando a mão pela dele – é que te não fica bem!

«Melhor fora que lhe tivessem deixado as tranças! Negras, demais a mais, que era como ele gostava...»

– Promessa da mãe se eu melhorasse – explicou a Rosária.

– Lembranças... A gente quando está aflita...

– Quando está aflita... – repetiu como um eco o pequeno. E depois, amuado: – Se te promete os olhos...

A rapariga fitou-o, espantada.

– ... é porque tos tirava! – concluiu convicto.

Houve um momento de silêncio, em que o Gonçalo se pôs a escavar o chão com uma pedra, e a Rosária a torcer um fio saliente do seu vestido grosseiro. Ouviam-se as ovelhas chocalhando nas pastagens, ia a passar na rodeira, longe, um carro que chiava, com uvas para algum lagar.

– Não falas, Rosária? – perguntou o pastor sem levantar os olhos para ela.

– Também tu... – começou com medo a pequena – logo te zangas! Olhem a lembrança dos olhos! Se a mãe fazia isso, credo! – E depois animando-se: – Já foste à Senhora dos Remédios?

O Gonçalo fez sinal que não tinha ido.

– Pois foi lá que deixámos as tranças, eu mais a mãe. Num prego ao lado do altar, um lacinho verde nas pontas. Ficou lindo.

O pastor teve um movimento de enfado, não lhe agradava a conversa. E

para acabar com ela:

– Que enfim como melhoraste... – fez que concordava, pondo o bilro a girar. – Olha como dança... – E depois, mais pensativo, batendo com o bilro nos dentes:

– Que às vezes promessas pouco fazem... – E interrompendo: – Sabes quem fez este bilro?

– Foste tu, aposto!

Bateu no peito e fez com a cabeça que sim, mostrando-lhe orgulhoso – «que visse os *torneados*». Depois continuou:

– Vai uma pessoa andando e os santos não se importam. Ora, os santos! Olha a minha Joaquina, tu não conheceste. A gente bem rezou e bem promessas fez, mas ela foi-se.

E, pondo-se de joelhos, começou a procurar pelo rebanho.

– Aquela ovelha, a branca, não vês? A que se vai agora deitar... Pois era pra Nossa Senhora, repara que é a melhor. – E deitando-se para trás: – Lá anda ela a pastar! – concluiu desalentado.

– Mas tinha de ser – volveu-lhe triste a Rosária –, que as promessas sempre fazem, lá isso...

E, convicta, a pequena contou casos acontecidos para convencer o Gonçalo de que sempre valiam as promessas. No entanto, deitado de costas, com a jaqueta a fazer de travesseiro, as pernas em ângulo tocando-se com os joelhos, o Gonçalo soprava pela palha o bugalhinho, que constantemente ia subindo e descendo, acompanhado pelo olhar bondoso do cão que ali perto se deixara estar sentado. E cantando, contando casos, a Rosária ia entretendo o pastor.

Mas quando ela fazia pausa, logo o rapaz acudia, firme na sua objeção:

– Ora! mas a nossa Joaquina morreu-se! Coitadinha da Joaquina!

À medida que o Sol ia subindo, no céu glorioso e fulvo, iam os dois conduzindo as ovelhas para os sítios mais ensombrados para se livrarem da estiagem, que ia valente. Calor de rachar, ali por volta do meio-dia, que foi quando tomaram para a banda das azinheiras, e para os pinheirais, depois. E sempre ao lado um do outro, os dois companheiros levaram de conversa quase o dia inteiro. Nunca tinham dado fé que as horas passassem tão depressa. Ainda armaram aos pássaros, mas foi o mesmo que nada: os demónios andavam espantados e já conheciam as esparrelas.

– Olha lá não caiam – tinha dito o Gonçalo, já cansado de estar à espreita, agachado, com o fio da armadilha preso ao dedo.

– Se eles fossem tolos...

E foi-se a recolher as esparrelas, dando ao demónio os pássaros. Ela então propôs que jogassem a pocinha.

– E o fito, ó Rosária? Sabes jogar ao fito? No adro, aos domingos à tarde, bato-me com qualquer, sabias?

E generoso:

– Mas a ti dou-te partido: vinte e cinco às quarenta...

Como o tempo rendia, jogaram tudo – a pocinha, o fito, as necas, a bilharda. Na bilharda, como o rafeiro trazia à mão, era ele que ia buscar o pauzinho, quando zenia para longe.

– *Turco*, traz cá.

No entanto, ia descaindo a tarde. Ao alto, o largo céu esmorecia no seu azul suavíssimo. Em todo o espaço o ar tranquilo e sereno, e já começava para poente a decoração fantástica do ocaso. Parece que se ouvia mais distinto o marulhar das águas do rio; já não faiscava assim tão viva a areia branca das margens.

Foi quando o Gonçalo lembrou que era melhor irem-se chegando, mais as ovelhas, para as terras onde tinham de pernoitar. E fitando fixamente os olhos negros da Rosária, disse-lhe assim:

– Mas olha o que prometeste... Inda vais feita no que disseste?

«Ora que lhe custava a ela! Já que as ovelhas tinham andado juntas todo o santo dia, que mais era que dormissem no mesmo curral, essa noite?»

– E o mais, ó Rosária? – perguntou de novo com interesse.

A pequena ficou perplexa. Mas como o pastor não cessava de a olhar, respondeu:

– Também. – E sorriu-se. – Pois eu...

Só depois desta segunda promessa o Gonçalo se levantou, e deu o sinal de partida, assobiando aos cães.

Daí a pouco, estavam de marcha para o curral. Quando passavam a velha ponte, a obliquidade dos raios do Sol fazia alongar desmedidamente pelo areal a sombra dos três arcos.

Nas rugas da corrente, uma luz alaranjada tremeluzia, tirando à água a sua translucidez normal.

– É bonito! – fez notar o pastor.

A Rosária explicou logo:

– São as mouras a caçar com redes de oiro, sabias?

Para a outra banda, um pouco mais abaixo, assomavam à flor da corrente as cabeças dos dois rapazotes do moleiro. Dentro da chata que vogava serenamente, a mãe com o mais novito ao colo não os perdia de vista, enquanto o pai, em mangas de camisa, de pé num topo de fraga, lhes ia ensinando as manobras. Ao fundo, três vitelos passavam o rio a vau, muito devagar, parando a espaços, alongando o pescoço para a veia de água serena, bebendo mansamente. Sobre o vitelo das malhas brancas, o guardador cantarolava, acenando com o chapéu ao moleiro – «Boas tardes! Boas tardes!»

Ao sair da ponte, o rebanho teve de se afastar um pouco do caminho: aproximava-se um almocreve com a longa fila de machos carregados, tilintando campainhas.

– Adeus, pequenos! – cumprimentou.

– Venha com Deus! – tornaram-lhe ambos.

E de novo se puseram em marcha. As ovelhas continuavam confundidas; confraternizavam os cães como bons e leais amigos. À frente, o Gonçalo ia tocando na flauta o mesmo que a Rosária cantava. O brando rumor dos chocalhos, que se levantava de todo o rebanho, casava-se com a música, fundindo-se numa nota subtil, dum pitoresco ingénuo de balada...

Até que chegaram a um topo de serra, escurentado de matagal rasteiro, e então, parando um momento, o Gonçalo perguntou, colocando na sua frente a Rosária, e pondo-lhe à cara a flauta, na direção em que devia olhar:

– Vês além?... Neste direito? Resvés do castanheiro, não enxergas?

A outra fez que sim com um gesto e interrogou:

– Então é ali?

– Ali mesmo – volveu-lhe já de marcha.

E, repousando a mão direita sobre o ombro esquerdo da rapariga, repetiu-lhe muito contente:

– E mesmo além.

Numa terra de restolho, um largo quadrado de cancelas marcava o espaço que as ovelhas tinham de ocupar essa noite.

– Falta pouco. A gente vai pelo atalho, que é só mau pra quem passa a

cavalo.

E como ele ia expansivo, e a companheira não dava palavra, quis então saber:

– Estás triste, ó Rosária?

– Triste.., não. Já agora... tem de ser – volveu-lhe cabisbaixa.

– Huum! Arrependeu-se... – volveu consigo o pastor.

Até que por fim chegaram, tinha anoitecido havia instantes. Gado para dentro e toca a merendar; o que era de um era de outro: ele ainda trazia azeitonas, um naco de queijo, pão. Mal acabaram de comer, o Gonçalo apontou para a cabana que ficava ali perto, e propôs que se deitassem: estavam moídos da soalheira de todo o dia e da caminhada agora.

Quando o Gonçalo e a Rosária entraram na cabana e se deitaram sobre o colmo, cobrindo-se com as mantas, e achegando para a cabeça um do outro os bornais que faziam de travesseiro, cerrara de toda a noite, e formigueiros de estrelas cintilavam vivezas de prata polida no azul indefinido do céu.

– E os lobos? – perguntou a Rosária com medo.

– Não há perigo – tranquilizou-a o Gonçalo. – Isso é lá com os cães.

Pouco a pouco, foi-se extinguindo no curral a música triste dos chocalhos. A ladrar, os cães faziam eco. O rebanho devia dormir profundamente, imerso no mesmo sono em que jazia prostrada toda a natureza, ao largo. Dentro da cabana, os dois conversaram algum tempo, num ciciar brando de vozes, até que por fim, vencidos da fadiga, se deixaram adormecer – quando a história das mouras encantadas ia no seu melhor episódio...

E lá no alto céu, mesmo sobre a cabana, a estrela da tarde não era nem mais pura nem mais luminosa do que a alma simples e boa daquelas duas crianças...

Quando ao repontar da manhã se levantaram, e saíram a ver o céu...

– Bonito dia, Gonçalo!

– Bonito dia, Rosária! Olha...

Na calma placidez do azul, bandos de pombas mansas iam voando...
voando...

SULTÃO

Ao meu Henrique e a Beldemónio, seu amigo

I

Ao cair da tarde, o Tomé da Eira entrava em casa cansado, esfalfado de andar um dia inteiro a mourejar no campo!

– Meus pecados, boa tarde! – dizia ele para a mulher, com um sorriso a afetar seriedade.

Vinha logo o pequeno, o Manuel, de mãos postas pedindo-lhe a bênção.

– Deus te abençoe.

– Pai, olhe que o *Sultão*... – ia a acusar o pequeno.

– Bem sei! – atalhava logo o Tomé. – O *Sultão* é um maroto e tu és outro.

E enquanto procurava no bolso da jaqueta a sua bela navalha de *meia-lua*, que lhe custara um pinto havia bons quinze anos, e abria a gaveta do pão, o Tomé punha-se a fazer de interesseiro consigo mesmo, resmungando alto pra que a mulher o ouvisse:

– É que por este caminho não tenho um dia descansado! Nem uma hora!

Vinha a mulher com as azeitonas, com o queijo, sem dar palavra.

– Pois vamos lá que já era tempo! Porque pra mim há de chegar, e a modos que vou já cansando...

Mas o Tomé não era homem que dissesse estas coisas de coração. Pareciam-lhe longos, intermináveis, os aborrecidos domingos que passava sem ir campos fora, madrugador como um melro.

– Uma aquela como outra qualquer! – dizia o bom do Tomé encolhendo os ombros, como quem está desgostoso com um génio assim.

Partiu uma ampla fatia, um naco de queijo muito branco, do leite da sua cabrada, e veio sentar-se, consolado, ao fundo da larga escada de pedra que dava para a rua – arregaçado, em mangas de camisa, muito à vontade.

Costume velho do Tomé: – mal se sentava, mastigando o «bocado», dizia logo para o filho:

– Ouves, Manuel? Bota cá fora o *Sultão*.

O rapazito corria o caravelho de uma pequena porta lateral, que rangia nos gonzos ao impulso dos seus bracitos roliços, e punha-se a pular de contente, dizendo cá da rua:

– *Sultão!* Sai cá pra fora, *Sultão!*

No fundo negro do pequeno cortelho, na moldura retangular da porta baixa, destacava-se então a cabecita parda de um jumento, orelhas em riste, grandes olhos de uma tristeza perpétua, num movimento moroso de pálpebras pestanudas...

E ali se quedava parado, absorto, muito bem posto nas suas pequeninas pernas delgadas, a olhar o Tomé, que o chamava – um grande riso de alegria nas feições amorenadas, contente de ver o seu *Sultão*.

Mas o pequeno jumento não avançava um passo, divertindo-se em arrelhar o Tomé, fitando-o com um ar estagnado. Altivo na sua nobre linha de quadrúpede de boa raça, alguém lhe poderia ler no olhar, mole e impassível, o frio, gelado desprezo a que parecia votar o dono...

Mas era àquilo mesmo que o bom do lavrador achava graça! E punha-se então a falar muito sério, entre resignado e cortês, para o pequeno e desdenhoso jumento – o pão e o queijo esquecidos numa das mãos, na outra a navalha de *meia-lua*:

– Então, *Sultão?! Não vens?!*

– Não! – parecia responder-lhe o animal. E, abstrato, continuava a envolvê-lo no seu olhar profundo. A quebrar a harmonia daquela imobilidade de estátua, apenas, de quando em quando, uma pequenina patada na soleira, zape!

– Zangado, *Sultão?! –* perguntava o lavrador. – De mal comigo?!

E prestes voltava a cara para a outra banda, para se rir à vontade... – não fosse vê-lo o demónio do *Sultão*... Metia entre dentes um pedacito de queijo, logo uma côdea de pão, e fazendo umas grandes rugas na testa, de quem começa a zangar-se, voltava-se então muito sério:

– Ficas aí, *Sultão?! Já não és meu amigo?*

O jerico abatia um pouco as orelhas, inclinava o pescoço, parece que fazendo-se humilde...

– Então se és anda daí! Olha... – E mostrava um pedacito de pão. – Pra ti se vieres...

O *Sultão* dava três passos, e ficava fora do cortelho. E por se vingar, o Tomé carregava o semblante numa seriedade muito pesada, e erguendo o rosto iracundo chamava-lhe interesseiro, maroto, afirmando que já lhe não dava o pão. E, desfechando-lhe enfim a ameaça de o vender a um cigano, entrava a tratá-lo por senhor: – *sor Sultão*...

Mas o pequeno jumento ia andando muito devagar... andando... orelhas baixas, pescoço caído, a modo de arrependido, parece que pedindo perdão da arrelia.

Nervoso, sapateando, o Tomé voltava a cara para a outra banda – a rir como um perdido.

– Diabo do jerico! Diabo do ratão! Capaz é ele de fazer rir as pedras, o mariola! – E tossia de engasgado, uma migalhita de queijo entalada na goela.

No entanto, o *Sultão* ia avançando, muito ronceiro, até que tocava com o focinho, levemente, nos joelhos do lavrador... O Tomé sacudia-o:

– Sai-te para lá – dizia ele muito amuado, sem se voltar. – Cuidas talvez que te não conheço, cuidas? Já te não quero, vai-te!

Mas, como que irrefletidamente, fingindo não querer, chegava-lhe ao focinho um pedacito do pão, que era sempre o melhor da fatia. O *Sultão* lançava cautelosamente o beicho superior, a tremer, e roubava-lho da mão.

Pazes feitas! Era então rir a perder, numas casquinadas agudas, muito estrídulas.

– Credo, homem! Até pareces doido – acudia da janela a Sr.^a Josefa.

– Você assim rouba seu dono?! Diga! Você assim rouba seu dono?! – perguntava o Tomé, nuns grandes gestos. – Vamos que eu lhe não queria dar da merenda?! Ladrão, demais a mais!... Ora bem! Agora brinque!

Mas era precisamente o que ele queria – ver o *Sultão* a brincar. Nada, com efeito, que mais divertisse o bom do lavrador, e melhor o indemnizasse daquelas fainas laboriosas que lhe consumiam os dias, imperturbavelmente, perpetuamente, sob sóis causticantes e chuvas torrenciais!

Por isso, era de ver como ele ria, com uma boa vontade deliciosa, das «partidas» e «diabruras» do *Sultão*! Às vezes, o pequeno jumento, ferido não sei por que vespa invisível, despedia sem mais nem menos numa carreira aberta, focinho entre as pernas dianteiras, agitando a cauda, por aquela rua fora. Rompia de toda a banda num alarido o rancho pacífico das galinhas, que já no ar andavam como doidas, cacarejando, como se um pé-de-vento as

levantasse. Acudia gente aos postigos, às portas, às janelas, a ver a polvorosa; e súbito se inundava a rua de rapazes, rotos, descalços, alguns quase nus, correndo atrás do burro, gritando-lhe, acenando-lhe, espantando-o – como se o mesmo vento de folia os houvesse varrido a todos, varrendo a própria rua... E um lá ia a terra, e sobre esse passavam os outros, e sobre todos voava o *Sultão*, apupado, perseguido, aclamado, na malta espavorida dos inimigos...

– *Sultão!* Eh lá, *Sultão!*

Súbito, como se lhe estalasse a corda, o animal estacava, e logo de volta dele postava-se a rapaziada, mas num alor de nova fuga, não lhe desse na bolha atacá-los... E abriam alas de repente, quando ele, tomado de novo acesso, voava para as bandas do dono, que por se não deixar atropelar investia com o *Sultão* de braços abertos, o que era, já se vê, um modo de o abraçar fingindo medo. E vinham as gargalhadas estrídulas, os rogos para que pusesse tréguas, as súplicas para que se acomodasse, recuando o lavrador até ao último degrau da escada, onde se deixava cair – derreado!

– Pra lá, *Sultão!* Pra lá! – fazia então o Tomé, opondo-lhe os pés, desviando-o, apoiando-se nos cotovelos, muito inclinado para trás, a rir como um perdido.

Então o pequeno jumento estacava, ofegante! Mas prestes rompia a girândola dos coices em que era exímio, sacudindo muito as patas, cauda no ar, muito direita, ao mesmo tempo que o Tomé, solícito, dava aos rapazes o aviso de se arredarem – «porque era doido, aquele demónio...»

Outras vezes, parece que variando de tática, entrava de seguir muito cauteloso, num ronceirismo pérfido, como um borrego ou como um cão, alguma mulher que passava. Até que lá ia uma focinhada, e logo após os saltos do costume, respondendo com uma ameaça de pinotes à surpresa da viandante.

– Dê, Tia Luísa! Bata-me nesse maroto! – fazia de lá o Tomé, com ares de zangado. E depois, batendo o pé, pedindo que lhe dessem uma verdasca: – *Sultão!* Venha já pra aqui! – intimava.

E se encontrava um cão? Se encontrava um cão, ia logo direito a ele, muito devagar, cauda caída, orelhas murchas, num cumprimento humilde de focinho. O cão regougava, desconfiado, entreabrindo a dentuça, preparando a sua dentada.

Não dava o *Sultão* sinais de medo, e humilde prosseguia para o outro,

propondo paz. Mas ao primeiro latido recuava um passo, espertando da sua indolência passiva; e de espinha arqueada ganhava o terreno perdido – fitando impassível o cão... O bruto formava então o salto, regougando forte, o pelo eriçado; mas ao investir para a primeira dentada, salvava-o de um pulo o *Sultão*, evitando-o, até que por compaixão lhe dava um pequenino coice – «mais feitio que outra coisa», pondo em fuga o mastim corrido, ganindo, vencido!

– Eh! valente! – gritava-lhe então o lavrador.

E, com duas palmadas na anca, espantava-o enfim para o cortelho, dizendo ao correr a caravelha:

– Não há dinheiro que te pague! Assim me Deus salve!

E, comido o caldo verde da ceia, nunca o Tomé da Eira ia para a cama sem descer primeiro a ver o *Sultão* – de candeia numa das mãos, e na outra, contra o sovaco, a bela quarta do grão, acolugada!

Muitas vezes acontecia esquecer-se o Tomé a vê-lo comer, de candeia atenta, encostado à manjedoura, sorrindo: e, de cima, a Sr.^a Josefa tinha de intervir, gritando-lhe pelas frinchas do sobrado:

– Tomé! Vê se te vens deitar, meu pasmado! Olha que são horas!

E piamente, como fanático, achava verosímil a lenda da burra que falou – história que uma tarde, passando, o abade lhe contara. Tanto que mais de uma vez, dando ao burro as boas-noites, estranhou com certo desgosto que o *Sultão* lhe não respondesse:

– Boas noites!

Mas o demónio, que sempre as arma, armou-lha também um dia! Foi ao cortelho de manhã cedo, e não viu o burro. Ficou parvo! Pôs-se a mirar, espantado, a loja que lhe pareceu enorme, e além de enorme – gelada!

– Ó Josefa! Josefa! – entrou logo a gritar da rua. – Ó Josefa!

A mulher assomou à janela, sobressaltada.

– Queres tu apostar que me roubaram o burro, ó mulher?!

– Que te roubaram o quê! – fez a Sr.^a Josefa muito atónita.

– O burro! O *Sultão*! Vem cá ver que mo roubaram!

E como ao tempo já acudira o Manuel, descalço e em camisa, romperam os três numa gritaria, defronte do cortelho vazio:

– Aque-d’el-rei! – Aque-d’el-rei! – Aqued’el-rei! – Até que o regedor, que era compadre, intervindo estremunhado, pôs na peugada do burro, mais dos

larápios, os cabos que compareceram.

Mas em vão! Um a um foram regressando,
pelo dia adiante, e desfechando ao peito abatido do Tomé a negra e vazia
palavra:

– Nada!...

II

Dois anos depois. Tarde de agosto. Ao longe, fechando o horizonte que a eira dominava, as arestas dos montes quebravam-se numa sombra igual, e embaciavam ainda o poente as suaves, brandas pulverizações doiradas da última luz do Sol. Riscos vermelhos de nuvens, como grandes vergas de ferro levadas ao rubro, destacavam imóveis num fundo verde-mar, esvaecido e meigo, raiado de listrões de uma coloração leve de laranja.

Pequenos algodões transparentes, com alvuras de neve, cortavam aqui e além, alegremente, a monotonia profunda do azul. Num deslido, sob os castanheiros próximos, surgiam os telhados da aldeia, a torre branca da igreja, as paredes caiadas da escola.

A vasta eira comum, levemente acidentada, apresentava àquela hora o aspeto tranquilo e de paz de uma grande oficina em repouso. Poucas medas, iam no fim as colheitas: mais uma semana, duas quando muito, e estaria tudo recolhido. Já sobre a palha das «parvas», ou ao sopé das medas altas, entre os utensílios da trilha e a criançada estrídula que brincava, os da lavoura descansavam – vermelhos da soalheira intensa de todo o dia, alguns deitados, em mangas de camisa, peito nu, arregaçados os braços musculosos, numa prostração regalada de matilha que alfim tem a sua hora de sossego, após um dia de caçada. Parecem prostrados da fadiga os próprios malhos, os trilhos, as pás, os «baleios» que levaram todo o santo dia varrendo o chão em volta das «parvas». E aqui e ali, dando uma sensação agradável de fartura, perfilam-se os altos sacos no meio das rasas, extravasando de grão. Além, gente em mangas de camisa, ao redor de um grande montão de palha triturada, vai «limpando» – visto que sopra um «ventinho». E sente-se sobre as pás a chuva do grão, ao mesmo tempo que a palha, voando, faz monte da outra banda, e os «baleios», em mãos de mulheres, não cessam de arrebanhar o grão, varrendo em roda num afã... Em certo ponto, carros vazios; um além, de

altíssimas «angarelas», vai-se enchendo de palha; enquanto outros, atulhados de sacos, em rimas entre as cancelas mais baixas, estridulamente chiando abalam para as tulhas, levados pelos bois gigantes.

Eiras além, livres dos trilhos que ficavam em cima da palha, levas de bois caminhavam vagarosamente, as largas orelhas pendentes, caudas oscilantes afagando nas ancas espaçosas o luzidio pelo. E lá vão encosta abaixo, roçando pelos troncos ásperos dos castanheiros a enorme corpulência, fartar o largo bandulho à serena água das ribeiras, sorvendo vagarosamente, impando a cada sorvo, pesadamente, monotonamente, parece que insaciáveis no meio da água em que se atolam, submissa...

Ao fundo da eira, rente aos castanheiros escuros, um rancho de mulheres cantava alegremente, em coro. Acabara de ensacar-se o último grão da farta colheita do Tomé da Eira.

– Colheita rica, sim senhor! – vinham dizer-lhe os vizinhos.

– A primeira da aldeia!

– Qual?! Isso sim! Vão vocês ver a tulha! Muita palha é que vocês hão de dizer, muita palha e pouco grão...

E muito azafamado, sem prosápias de maioral nem jeitos de soberba, as mangas arregaçadas pelos cotovelos, o Tomé ia e vinha, dando ordens, repetindo avisos, distribuindo aqui e além as últimas tarefas.

– Aí vai um saco, ó tu! É pràs «rabeiras». Que não fique nem um grão, ouviram? E aviar, toca a aviar! Cautela que não fique por aí alguma coisa esquecida: essas pás, esses «baleios», tudo isso! Margarida! ó Margarida, qu' é da tua rasa? Deixa! se vai no carro está bem.

E era como um doido a meter-se no serviço de todos, muito expedito, loquaz, alegre, pedindo pelas bentas almas que se não deixassem agora dormir...

– Vamos lá! vamos lá! As pás, ó tu que cantas? Deixa-me por aí alguma que eu depois te ensinarei, ouviste? – Que faz aí no chão esse «rasouro», ó coisa? – Olha prò que estás a fazer, tu: esses sacos que fiquem bem atados.

O criado, que ia abalar com a carrada, perguntou, já de «aguilhada» no ar, se era preciso mais alguma coisa.

– Não, podes ir. Ouves? lá em casa que tenham a ceia a horas. Avia-te. Ouves, Francisco? Não piques os bois, a carrada. É valente. A passo, deixa ir os animais a passo. Vai-te.

Como o carro chiava, levantou a voz para dizer:

– Olha, descarrega na tulha do meio. Na tulha do meio, não ouves? Os bois para o lameiro.

Mas o Francisco apontou dois sacos que ficavam: – «seria preciso vir por eles?»

– Não vale a pena, lá irão.

E depois, para aquela gente, observou que bem sabia ele quem os levava, aqueles dois sacos...

– Com mil demónios! Apostar que vocês não adivinham?!

«Eles sabiam lá?... Quem quer podia levar os dois sacos, olhem agora!»

– O *Sultão*, sabem? o *Sultão*! Esse é que os levava. E digo-vos então que valia o dobro a colheita, assim me Deus salve!

Alguns riram da lembrança. – «Tinha graça que a cisma do animal não lhe passava nem à mão de Deus Padre!»

– A modos que isso é já mania, ó Sr. Tomé?!

Nisto, porém, o lavrador soltou um «Oh!» de surpresa. Voltaram-se todos – «que era?» Na estrada, que a eira dominava, um homem ia passando a cavalo.

– Vocês não querem ver, ó rapazes?! – perguntou o lavrador, fazendo-se pálido. – Aquele burro, hem? se não é o *Sultão* é o diabo por ele...

Recordaram: – «estrela malhada na testa, a mão direita branca.»

– É ele, com um milhão de diabos! Não há que ver! E aquele é o ladrão!

E cuspiendo nas mãos, e arregaçando mais as mangas da camisa, arrancou, de um abanão, o cabo de uma «espalhadora» e botou a fugir direito à estrada.

Prestes ouviu-se um berreiro, as mulheres do rancho em alarido:

– Que o mata! – gritavam todas. – Ai que o mata! Acudam! Ai a desgraça! Nem a alma lhe deixa! Acudam!

Os homens deitaram a correr atrás dele, afluía gente de todas as bandas da eira, os cães ladravam.

– Então, Sr. Tomé? olhe que se perde, Sr. Tomé! – diziam-lhe, já agarrados a ele. – Largue o cabo, que se desgraça! Tudo se faz a bem, Sr. Tomé, largue vossemecê o cabo!

– Qual bem nem qual diabo! Qual larga?! Arreda! Racho-lhe as costelas, mais a vocês, se me não largam! Arreda!

E esbracejava furioso, levando-os de roldão, agarrados a ele mais ao cabo.

Chegou a ferir um, os outros desanimaram por instantes.

– Vê, Sr. Tomé!?

«Não via nada, não queria ver coisa nenhuma! Arreda!» – E num rompante de ira, abrindo brecha com um «sarilho», de um pulo saltou à estrada, aos tropeções nas pedras que encontrava, mal se equilibrando.

– Abaixo! – intimou. – Você é um ladrão!

– Um quê?!

– Um ladrão! É meu esse burro! Hei de matá-lo aqui, seu patife! Deixem-me! larguem-me! Há de aí ficar estendido, como um cão.

E no meio da malta em alvoroço, com a arreata do burro na mão esquerda, e na direita o minacíssimo cacete, berrava que o deixassem, que ia tudo raso – «com seiscentos milhões de diabos!»

Seguiu-se altercação, vieram razões de parte a parte, insultos.

– Já lhe disse que você é um ladrão!

– Ladrão será você! – tornou-lhe o outro já de pé, avançando de punhos cerrados. – E não mo diga outra vez, que o racho!

Aflitas, algumas mulheres voltavam-se, de mãos postas, para a capelinha próxima, rogando o socorro da Virgem. O lavrador entrava de tremer como varas verdes, desfigurava-o a raiva, uma saliva muito branca bordejava-lhe os cantos da boca. Pela camisa rota, via-se-lhe já um pedaço do ombro. Tinham, alfim, conseguido arrancar-lhe o cacete, mas agora esbracejava, punhos no ar sobre aquelas cabeças de desordem.

Já, para uns certos do grupo, o homem do burro se desculpava: – «tinha-o comprado a uns ciganos, fossem lá adivinhar que o burro era roubado...»

– Vê, Sr. Tomé! – acudiram logo uns poucos.

– O homem não tem culpa! – E gritavam-lhe aos ouvidos: – Não tem culpa! Comprou o animal na boa fé. Vês? aí está!

– Mente! – objetava incrédulo o Tomé, cada vez mais irado. – Mente!

– Mente?! – perguntava o outro de lá, assanhado.

– Como um judeu! – cuspiu-lhe da outra banda o Tomé.

De modo que para o convencerem foi preciso afinal levá-lo quase à má cara, chamar-lhe homem de rixas, despropositado, barulhento. Ele então, abrindo os braços como se fosse para nadar, sossegou um pouco, amainou – prometeu levar aquilo com paciência, às boas. Chegou quase a pedir desculpa, limpando com a manga branca as bagas das camarinhas. – «Mas tinha perdido a cabeça, que lhe queriam?»

Chegou-se por fim a um acordo. – «Sim, senhores, acomodava-se, mas punha uma condição: largasse ele o burro, e o burro é que havia de resolver...»

– Serve-lhe o contrato?

– Qual contrato?!

– Mau! Larga-se o burro, você entende? Deixa-se o burro às soltas. Depois, é pra onde ele for. Se o burro larga pra trás, lá pràs bandas donde você vem... Você donde vem?

– Dos Casais.

– Pois aí está. Se o burro tomar pròs Casais, o burro fica seu...

– E tomando direito à aldeia, é do Sr. Tomé – concluíram alguns do grupo, conciliadores.

– Nem mais! Serve-lhe assim? Diga se lhe serve assim!

Por um desfatio, o outro concordou. Mas lá lhe parecia história que o burro tomasse para a aldeia... Vinha de tão má vontade, que até lhe custara tirá-lo de casa.

– Olhe que vai pròs Casais! Digo-lhe então que vai pròs Casais... – afirmou.

– Melhor pra você! Mas nós veremos pra onde vai. Você está pelo dito? – quis saber o Tomé.

– Sim, senhor, estou! Pois que dúvida tem que estou? – disse-lhe o outro num rompante. – Olhe: uma, duas, três; às três largo-lhe a arreata.

Ia já a abrir a boca para dizer – «uma!»

– Alto! – fez o Tomé. – Espere lá um pouco. Primeiro hei de fazer duas festas ao animal.

E pôs-se a bater-lhe na anca, no pescoço, no peito, demorando-se um pouco a fitá-lo de frente – «para que o animal o conhecesse».

– *Sultão!* – gritou-lhe de repente. – Eh! *Sultão!*

O burro estremeceu... Dir-se-ia que, no fundo da sua memória, a lembrança adormecida daquele nome despertara subitamente...

– Eh! Eh! – riu-se muito satisfeito o lavrador. – O burro, agora, vira-se pra ali. Isso! Nem é pròs Casais nem prò lugar. Assim. Eh! Eh!

E afastou-se para o lado, aguardando...

Uma ansiedade dominava naquele momento todos os do grupo; o Tomé pôs-se a roer as unhas, nervoso...

– Então você por que espera? – perguntou?

Ouviu-se logo a voz do outro, dizendo:

– À uma!...

O Tomé sentiu um calafrio; sapateava nervoso, cheio de medo, o olhar de esguelha, e entre os dentes, ferrados, o polegar da mão direita...

– ... às duas!

– Ih! cum raio!... – dizia baixo o Tomé.

E sem querer, os olhos cerraram-se-lhe com força. – ... às três!

Foi então um barulho de palmas, um berreiro atoador de vivas e gargalhadas! O Tomé vencera: corriam todos a abraçá-lo, afirmando que o caso era para foguetes.

– Viva o Sr. Tomé! Viva o *Sultão*! Aquilo é que é burro!

– Aquilo é que é amigo, hão de vocês dizer! – emendava o Tomé, a rir. – Tenho-os com dois pés, que não valem metade...

– Oh Sr. Tomé! – protestavam alguns.

– Isto não é com vocês, mas é como quem se confessa... Está visto que não é com vocês!

E ria, ria como um perdido, enquanto, estrada fora, o *Sultão* corria que voava, cauda no ar, corda de rastos, perdendo-se por fim lá ao fundo, na poeirada imensa da estrada, como que nimbadado num resplendor de apoteose! E na peugada do burro, esbaforido e como doido, seguia agora o lavrador, após o fraternal abraço pregado no dos Casais.

Quando o Tomé chegou a casa, ofegante, a suar, cheio de gestos e de palavras entrecortadas de riso, já o *Sultão*, relinchando, pateava à porta do antigo cortelho, numa grande impaciência, um «rap-rap» contínuo na soleira.

– Venham ver! Venham cá ver! – berrava o Tomé para a vizinhança. – Ó António! Ó compadre! Ó Maria Engrácia!

Às janelas assomava gente, perguntando se era algum fogo.

– Qual fogo, nem qual carapuça?! E o *Sultão*, mas é! Este inimigo! Ó Josefa, Josefa! Cá temos o burro, este demónio! Assoma!

Ora imaginem agora, se podem, a efusão do lavrador. Abraços? E até beijos! Aquilo era um tesouro perdido que reaparecia, alfim! A mulher, do alto da escada, benzia-se, perguntando se o seu homem teria endoidecido...

– Palavra de rei, *Sultão*, palavra de rei! Anda daí pelos sacos! São só dois! Ó Josefa! Ouves? Pra cá esse garrafão que está ao pé da arca, avia-te! A

caneca também, ouviste? Essa das riscas vermelhas, a maior.

E, atirando as mãos ambas para cima da albarda, montou muito regalado, de um pulo.

– Ah!

A Sr.^a Josefa assomava, ajoujada com o garrafão enorme.

– Anda, mulher, põe aqui diante de mim! Avia-te!

Ia a boa da Sr.^a Josefa arriscar uma observação, um conselho, qualquer coisa de tomo...

– Adeus, minhas encomendas! Não me fanfes, mulher, não me fanfes! Põe aqui, que mando eu, avia-te! Assim. Está bem!

– Nome do Padre

– Então que lhe queres?! Deu-me agora pra aqui!

– Nome do Padre, nome do Filho.

– A caneca! Venha de lá agora a caneca!

– ... nome do Espírito Santo!

– Passa bem, ó mulher! – concluiu às gargalhadas, entre as gargalhadas dos demais. – Ouves? Quando o Manuel vier dos ninhos, esse maroto, manda-mo às eiras. A trote, *Sultão*! Eh! valente!

E lá parte, veloz como uma seta. Já de longe volta-se de repente:

– Josefa! ó Josefa! Nesse alguidar do meio umas sopas de vinho prò *Sultão*, ouviste? No do meio. O grande é muito grande, e esse pequeno não presta. Ouves? mas quer-se coisa que farte, bem entendido!

E de novo despediu como uma flecha, abraçado ao garrafão. Arreata para a direita, arreata para a esquerda, pernas a dar a dar, ele lá vai numa corrida, sumido numa onda de poeira, até chegar às primeiras medas.

– Vinho, rapaziada. Ó Maria do Carmo, toma lá uma pinga, mulher! Lá por andarmos de mal há quinze anos, isso acabou-se!

E o Tomé atravessou a eira sempre a cavalo no *Sultão* – caneca de vinho para a direita, caneca de vinho para a esquerda!

Meia hora depois regressava, o *Sultão* pela arreata, o Manuel no meio dos sacos, e adiante do Manuel o belo garrafão – sem pinga.

Pelo caminho, a todos o Tomé contava a história, a rir como um perdido, num ah! ah! de gargalhadas sonoras, muito íntimas e regaladas.

– Colheita rica, sim senhores, um colheitão!

E parando à porta de casa, ainda a mulher se benzia do alto da escada,

mexendo e remexendo o alguidar de barro:

– Nome do Padre, do Filho, do Espírito Santo!

Ao mesmo tempo que o Tomé, abrindo os braços, respondia, reclamando as sopas:

– Ámen!

ÚLTIMA DÁDIVA

A Júlio Monteiro Aillaud

Distante do rio apenas um tiro de bala ficava o horto do José Cosme, belo horto ainda que pequeno, todo mimoso de frutas e hortaliças, fechado entre velhas paredes musgosas, atufadas em silvedo, comunicando com a estrada por um pequeno portelo mal seguro. E eis aí quanto ao pobre homem restava dos seus antigos haveres – o horto, a um canto a nora, e perto da nora, sob a umbela tufada e virente da antiga magnólia gigantesca, a mísera casinhola de alpendre, apenas com uma porta e duas janelitas laterais, mas toda pitoresca das heras que a revestiam, que lhe pendiam dos beirais enlaçadas com as trepadeiras.

De modo que na primavera, quando as parasitas abriam serenamente os seus melindrosos cálices sobre esse fundo de verdura reluzente, e a magnólia toda se toucava de flores fazendo dossel à vivenda, aquele pequeno canto de horto, com a sua nora e com a sua água espelhante e límpida, tomava a feição ingénuo de uma delicadíssima tela de paisagista, aguarela deliciosa, alegre e idílica, cheia de encantos na poesia rústica da sua simplicidade.

No verão, às horas de calor, quando o sol caía a pino sobre a larga paisagem adormecida e turva, e as árvores da estrada não davam sombra que aliviasse, aquela tranquilidade com que o José Cosme ressonava sob o alpendre, braços nus e peito nu, o chapeirão de palha grossa resguardando-lhe a cara, fazia inveja aos que por ali passavam, cansados e cheios de poeira, flagelados por aquela estiagem inclemente.

– Ó Tio José! – gritavam-lhe do caminho. – Tio José! Ó regalado!

Mas os que entendiam de lavoura, proprietários e maiores, esses deixavam dormir o José Cosme e ficavam-se a admirar o horto.

Ora na verdade!... Belo horto, sim senhores!

Por aquelas redondezas não havia outro que se lhe comparasse, tão esmerada era a sua cultura – tão esmerada e tão completa, pois que demais a mais nem palmo de terra ficara inculto. Nas leiras, dispostas com simetria agradável, verdejavam cheios de viço, frescos e medrados, legumes de todas

as castas – desde a alface muito tenra, de folhas verdes-claras, toda acaçapada no chão húmido das regas, até às trepadeiras das vagens que enroscadas ascendiam pela basta «rodriga» de castanho aparada com todo o esmero, formando maciços de verdura sombria que os casulos esguios dos feijões crivavam de alto a baixo. Árvores, apenas as precisas para aformosearem o horto, sem prejudicarem com a sombra a vegetação franca das hortaliças. Mas todas as que havia eram mimosas de frutas nas estações competentes – cerejas, peras, maçãs, pêsegos mesmo.

Poucas flores: uma coisa que todos notavam com estranheza. Mas desde que lhe morrera a mulher mais a filha, o José Cosme deixara-se de as cultivar, e nos canteiros assim devolutos tinha semeado repolhos, que por sinal vinham enfezados. Só teve o cuidado de não deixar morrer os goivos. Uma vez por ano, em fins de maio, colhia-os todos de uma vez, e ia levá-los em braçado à sepultura das suas defuntas.

Exatamente nessa tarde tinha ele ido ao cemitério fazer a fúnebre visita. Quando se recolheu era já noite. Mal acabou de cear levantou-se bruscamente da mesa e foi-se para o horto, com uma grande vontade de chorar. Estava nas suas horas tristes, nessas horas em que as energias todas da sua alma e até as do seu corpo vergavam sob o flagelo de uma dor violenta, exacerbada agora pela saudade dos que lhe tinham morrido... E para maior desgraça fugira-lhe o bem das lágrimas. De modo que sem esse lenitivo aquelas medonhas tempestades custavam o dobro a suportar.

Abstrato, numa espécie de entorpecimento idiota, percorria sem descanso todas as ruas do horto, cabisbaixo, acabrunhado, autómató. Se por vezes parava, recolhendo-se numa quietação atenta, logo um gesto brusco desmanchava a sua imobilidade de estátua, soltava um fundo gemido, e punha-se de novo a andar.

– Vens ou não vens?! – perguntava ele, evocando com dorido esforço a imagem da mulher ou da filha. Não vinha; e quando aparecia era como se fosse um relâmpago: apagava-se logo.

Nesta luta com a sua dor as horas iam passando longas. Era já tarde, talvez a uma da noite. Luz, apenas a das estrelas, pois que o luar nascia tarde. Pesava sobre toda a paisagem o largo silêncio da noite, apenas cortado, ao longe, pela melopeia sonolenta do rio.

Um rapaz que ia na estrada olhou por acaso para o horto do José Cosme e viu um vulto perpassar e de repente sumir-se num recanto, onde a sombra era

mais densa.

– Temos história... – resmungou consigo o rapaz.

E, rente a uma árvore, quedou-se alapardado, à espreita. Não desconfiou que fosse o José Cosme: aquilo era mariola de larápio que vinha fazer das suas. Agachou-se então, e pôs-se a procurar uma pedra. Apanhou duas, para o caso de não acertar a primeira.

– Cão do diabo! – exclamou baixo o rapaz, pondo-se em posição de jogar a pedra. – Espera que eu te arranjo... – E já ia arremessá-la na direção do canto quando o vulto saiu da sombra e tomou por um carreiro, direito ao lugar onde o rapaz estava.

– Melhor! Mais a jeito ficas...

E debruçando-se um pouco na parede, pôs-se a fixar o vulto que avançava, para ver se o conhecia. Quem quer que era trazia a jaqueta sobre os ombros, alvejavam-lhe as mangas da camisa. A meio do carreiro, mesmo defronte dele, parou. Foi então que o rapaz se lembrou do José Cosme. O vulto parecia, com efeito, ser o dele; lembrava-se agora de ter ouvido que o pobre homem, quando o ralavam saudades da mulher e da filha, levava noites em claro, a percorrer como doido aqueles carreiros por onde elas tinham andado.

Quando ouviu soluçar, acabou então de se convencer. Insensivelmente, deixou cair as pedras e perguntou:

– Tio José! Ó Tio José! Sou eu, o Luís... Vossemecê que tem?

O lavrador não respondeu, parece que nem tinha ouvido. O rapaz insistiu:

– Dói-lhe alguma coisa, ó Tio José?!

– Não dói, não! Sabes que mais? peço-te pelas alminhas que me deixes. Bem me bondam as minhas aflições. Vai com Deus, vai!

O rapaz ficou surpreso, triste do tom de súplica dorida que o José Cosme dera àquelas palavras, e retirou-se silencioso, quase aterrado agora com a ideia de que poderia ter matado o pobre homem, caso jogasse a pedrada.

No entanto a noite ia avançando, grave, soturna, sem outro ruído que não fosse o das águas do rio. E o José Cosme, sem despegar do seu fadário, ia e vinha pelas ruas do horto, lembrando um autómato ou um sonâmbulo. Às vezes abeirava-se da porta de casa e punha-se a escutar. Como não sentia nada, voltava de novo ao seu passeio. Nisto, de uma vez que passava em frente do cancelo, pareceu-lhe ouvir passos.

– Ó Tomás!...

– Sr. José! – respondeu o que entrava, numa voz que era mesmo voz de barqueiro.

O Cosme sentiu então uma grande vontade de chorar, mas remordendo os beijos dominou-a.

Como o barqueiro estranhasse encontrá-lo a pé, ele então redarguiu-lhe que nem se tinha deitado.

– Como tinha de madrugar...

– Pois são horas de largar, Sr. José, isto vai pràs duas. Não tarda que comece a amanhecer. – E como estavam à porta de casa: – Será bom acordar já o pequeno: veste, não veste, é tempo que se vai.

– Iam à vela se o tempo não mudasse. Era bom aviar, por isso.

Mas à ideia de ter de acordar o pequeno, o José Cosme deixou-se cair sobre o banco que estava debaixo do alpendre, e desatou a chorar violentamente.

O barqueiro tentou animá-lo, constrangido:

– Então, Sr. José?... O chorar é lá para as mulheres! Olhem agora que homem! – E tentava levantá-lo, pô-lo de pé. – Limpe lá essas lágrimas que vai afligir o pequeno! Ou quer que ele vá a chorar todo o caminho?

O Cosme fez que não com a cabeça, violentamente, e pôs-se a enxugar os olhos com a manga da camisa.

– Pois então levante-se lá. – E segurou-o com força por baixo dos braços. – Assim! Lá porque o pequeno vai para o Brasil não fique vossemecê a pensar que o não torna a ver!

Mas era isso mesmo o que ele pensava...

– Porque não sei que me adivinha que não torno a ver o pequeno! – concluiu a chorar o José Cosme.

– Cismas! lembranças que vêm à gente quando está aflita. Mas há de vê-lo que o não há de conhecer, digo-lho eu! Mais ano menos ano, aparece-lhe aí rico...

«Rico! bem lhe importava a ele que o pequeno viesse rico! O que desejava era que voltasse, e que ele ainda fosse vivo só para o abraçar.»

«Pois sim, mas era preciso aviar, que tivesse paciência: o José Cosme que se animasse para animar o pequeno» – recomendava o barqueiro.

– Sim... sim... – tartamudeava o Cosme. – Vamos lá com Deus! Com'assim...

E num profundo ai dolorosíssimo, foi-se direito à porta para chamar o

pequeno. «Não havia remédio, tinha nascido em má hora, havia de ser desgraçado até que o levassem para a cova...»

Sobre a estreita e humilde cama o filho dormia profundamente. Que dor, ter de o acordar! Vieram-lhe tentações de mandar embora o Tomás e deixar dormir a criança. Quem sabe se a sua sorte futura, se toda a sua vida, valeria a boa tranquilidade daquele sono! Não tinha coragem para o acordar, fazê-lo vestir: era quase um pecado quebrar aquele último sono dormido sob o teto paterno... «O último sono! o último sono!»

– Ainda se o deixássemos acordar... – aventurou-se a dizer o triste.

Mas o Tomás, que estava com pressa, lembrou secamente que eram horas de pôr o barco a andar.

O José Cosme acendeu então a candeia, receoso de que a luz o acordasse, e achegando-se do filho pôs-se a escutar-lhe a respiração.

Dormia!... Mas brandamente pousou-lhe a mão sobre a cabeça e chamou baixinho, quase ao ouvido, beijando-o, sobressaltado como se fosse praticar um grande crime:

– Filho, olha que são horas, meu filho...

Quando o pequeno se sentou na cama, estremunhado, ainda sob o estontamento do sono, cerrando os olhos àquela hostilidade viva da luz, o pai agarrou-se a ele num abraço, e ambos romperam a chorar.

– Adeus, pai!

– Adeus, filho!

Confrangido, o Tomás, que se deixara ficar à porta, avançou para desatar aquele abraço.

– Olhe que é tarde, Sr. José! Perdoe, mas olhe que é tarde!

O pai vestiu o pequeno, beijou-o ainda muito, e saíram. Debaixo do alpendre, o Joaquinzito ficou-se um instante a olhar o teto.

– A andorinha, filho?! – perguntou o José Cosme. – Deixa que eu hei de olhar por ela, mais pelos filhos quando os tiver! Vai sossegado!

Mas o pequeno quis vê-la, pediu ao pai que o erguesse, era só um instante. Lá estava ela, coitadinha! sentiu-a estremecer quando lhe tocou com as pontas dos dedos...

– Adeus! – disse-lhe o pequeno afagando-a.

A esta palavra, o pai retraiu os braços e tomando o filho ao colo seguiu. Atrás, o barqueiro levava ao ombro a mísera arca de pinho: toda a bagagem do Joaquim.

Ao transpor o cancelo o José Cosme deteve-se um pouco e perguntou soluçando:

– Quando voltarás ao horto, meu filho?

O pequeno não respondeu. Chorava constantemente de ver que o separavam de tudo o que adorava – a andorinha, depois da andorinha o horto, as árvores, a velha nora, o cancelo, tudo enfim!

Atravessaram então a estrada e tomaram para a banda do rio. Quando o sentiram murmurar, apertaram mais o braço, deram-se um longo beijo, húmido das lágrimas que ambos derramavam. Ah, como o triste pai desejava que o rio ficasse ainda longe, muito longe, que fugisse diante deles, de modo que nunca o alcançassem! Mas eis que a areia principiava, divisava-se já perto o vulto escuro do barco onde os da tripulação falavam alto.

– Pronto? – perguntou ainda de longe o Tomás.

Do barco responderam que era só marchar, demais a mais ia romper a Lua.

Chegaram enfim. Num leve silêncio de acaso ouviam-se os soluços dos dois, parece que prolongados infinitamente, na sua expressão de angústia, pelo deslizar monótono das águas...

Aquilo confrangia o barqueiro, ele também era pai... Por isso, mal chegaram à beira do rio, apressou-se a dizer para o pequeno:

– Ora bem, Joaquinzinho, beija a mão a teu pai e diz-lhe adeus.

Ouviu-se um chorar lancinante, a voz do pobre José Cosme a querer animar o filho:

– Então, meu filho?... Deus te abençoe, meu amor... Nossa Senhora te veja ir. – E fez-lhe prometer que havia de rezar sempre a Nossa Senhora: ele também lhe rezaria, pois era ela quem dava saúde, quem fazia a gente feliz...

– Não te esqueças dela, mais da alminha de tua mãe e de tua irmã!

Mas o pequeno chorava cada vez mais, agarrado ao pescoço do pai, beijando-o sofregamente, acarinhando-o, sem forças para dizer palavra. Então o José Cosme, perdida a esperança de animar o filho, só exclamava desvairado:

– Valha-me Deus! O Senhor me valha pela sua infinita misericórdia!

E o Joaquim, sempre agarrado a ele, beijava-o na cara, na cabeça, nas mãos. Até que o Tomás teve de intervir: era preciso despegar dali por uma vez.

– Com’assim, Sr. José, isto tem de ser... – E segurando o pequeno com força puxou-o para ele.

Quando já o tinha nos braços, ouviu-se o José Cosme, que suplicava de mãos postas:

– Só um instante, só um quase nadinha, Tomás! – E o pobre pai caía de joelhos na areia, numa atitude de súplica.

Mas nesse momento o barqueiro saltou de um pulo para o barco, levando ao colo a criança.

– Rema! – intimou em voz rápida.

O barco recuou então subitamente, ao mesmo tempo que os remos fizeram *plhau!* sobre a água.

Então o choro do José Cosme tornou-se de uma violência desesperada, ao ouvir a voz lacrimosa do pequeno dizendo-lhe adeus lá do barco.

– Adeus, Joaquim, adeus!

– Adeus, pai!

– Adeus!

Mas, repentinamente, com voz resoluta e firme, o José Cosme gritou na direção do barco.

– Tomás! ó Tomás! Por alma de teu pai faz lá alto um instante.

Acabou-se! custara-lhe tomar aquela resolução, mas já agora era melhor ficar sozinho de todo. E segurando nos dentes um pequeno objeto, arremessou a jaqueta ao areal e de um lance deitou-se a nado. O Tomás, que ouvira o mergulho do corpo, fez recuar o barco; mas o José Cosme, velho nadador destemido, com meia dúzia de braçadas ganhou-lhe de pronto a quilha. O filho tinha-se debruçado, na ânsia de esperar o pai, de o ver ainda outra vez. Num movimento rápido, o José Cosme entregou ao pequeno o que levava entre os dentes dizendo-lhe a chorar:

– É a medalha, Joaquim; é a medalhinha de tua mãe, meu filho! Reza-lhe, sim?!

E chorando cada vez mais, o pobre José Cosme pediu ao barqueiro que lhe chegasse o pequeno para o último beijo...

Dado o último beijo, o barco pôs-se de novo em marcha. Vinha a romper a Lua, enorme, torva, afogueada, como se viesse de algum banho de sangue em região misteriosa de lágrimas... E no silêncio agoureiro da noite, apenas cortado pelo bater monótono dos remos e pelo bracejar desalentado do triste nadador, à voz do filho que chamava respondia cada vez de mais longe – longe como se fora do infinito! – a voz lacrimosa do pai – com o seu fúnebre

adeus! que ele bem sabia ser eterno...

...Só quando o eco do último adeus do Joaquim, perdido na distância, diluído no luar que surgia, desfeito no lugente murmúrio das águas, fundido no derradeiro suspiro da brisa matinal, deixou de chegar à praia, é que o pobre abandonou o areal e se foi, sempre a chorar, tiritando ao frio da sua desgraça, como a um vento agudíssimo do polo, na direção do horto silencioso...

COMÉDIA DA PROVÍNCIA

I

PRELÚDIOS DE FESTA

A Alberto Braga

Esse ano, a festa da Senhora das Dores devia ser coisa de estalo. A começar pelo juiz, todos os da mesa eram de respeito – abonados e decididos.

Tanto assim, que o fogo preso, que afinal era o melhor da festa, vinha lá de Chaves, longe que nem seiscentos diabos. Mas era obra de jeito, acabou-se!

Tinha-se dito ao homem que trouxesse coisa que representasse uma cegonha. O homem respondera que sim, e dava mesmo a entender que traria mais animalejos, uma bicharada – talvez um macaco, se tivesse tempo de o acabar.

– Homem de uma cana! – resumiu o juiz quando acabou de ler a carta. E correu a espalhar a notícia, orgulhoso de que «no seu ano» a *coisa* fosse de arromba! Depois, era um despique. No ano atrás, o José da Loja, que tinha sido juiz, gabara-se do seu fogo, só porque vinha lá uma peça que era um castelo a dar tiros, assim: – *Fff! Pum!*

– Ora deixa estar que eu te arranjo! – murmurou com os seus botões o António Fagote. E sorria, satisfeito de se lembrar que na noite do arraial todo o povo o havia de aclamar, dar-lhe vivas pelo fogo que apresentara. Espalhou-se a novidade. Uma hora depois, na vila, ninguém falava noutra coisa.

– Então você já sabe?

– Já sei. A cegonha.

– A cegonha e o mais: um cavalo, um bezerro...

– O que eu quero ver é o camelo. Feio bicho, já viu?

– Pintado. No Monteverde, se me não engano. Logo adiante do *Valente Rei Arauto Fiel*.

Enganava-se.

O escrivão da Câmara, que tinha laracha, encontrou-se na rua com o Alves aferidor.

– Até que enfim, amigo Alves! Até que enfim vou ter o gosto de o ver arder.

O outro não percebeu: – «Que se explicasse...»

– Um urso, no arraial queima-se um urso.

– Então ardemos ambos – redarguiu embezerrado o Alves. – Também se lá queima um burro.

Às duas por três, o António Fagote viu a casa cheia de gente. Quem não ia, mandava recado: todos queriam saber se vinha o animalejo da sua predileção.

O homem começava a azedar-se. Chegou mesmo a mandar fechar a porta, por dentro.

– Põe a tranca, se for preciso!

Mas então era cá da rua:

– Ó Sr. António!

E na porta as pancadas ferviam:

– Truz! truz! truz! Sr. António!

– Ena! cum raio de diabos! – fazia lá de dentro o homem, furioso.

– O senhor faz favor! É só uma palavrinha!

À janela assomava então o António Fagote, com os óculos na ponta do nariz e a carta do fogueteiro na mão.

– O camelo? – perguntava zangado. – O urso?! Camelos me parecem vocês, ouviram? O que o homem diz é isto...

E lia a carta, rematando:

– Uma cegonha, outros animalejos, quem sabe lá o que serão, e talvez o macaco, se houver tempo de o acabar. E agora, sabem que mais?... – Tirava os óculos e ia-se embora, capaz de os trincar a todos. – Irra!

E lá de si para si pensava que era melhor ter guardado segredo. Não fosse ele burro... Mesmo porque cada um começou logo a inventar animais, e todos é que não podiam vir. Claro! E não vindo todos, aí tínhamos nós descontentes. E havendo descontentes, quem lucrava era o José da Loja!

«Temos o caldo entornado!» – pensava aflito o Fagote, amedrontado com aquele espectro do José da Loja, o seu rival! Demais a mais, já lhe tinha chegado aos ouvidos que o outro agourava mal do negócio...

– Farófias! – tinha dito o José da Loja. – Farófias!

– Pois se mo diz na cara, arrebento-o! – vociferava o Fagote, quando tal soube.

E arrebentava, que o Fagote era homem para isso; tinha pulso. Desde rapaz que uma lenda de valentia se fizera na sua vida: contavam-se proezas, desde uma vez que varrera uma feira, por causa de eleições. Depois, bom olho para a caçadeira. De uma ocasião que foi preciso dar montaria aos ladrões, portou-

se como um leão, foi ele que deu voz de preso ao chefe da quadrilha. E como foi que lhe deu? A frase ficou lendária:

– Como-te a alma se te mexes!

– E o outro não se mexeu, que ele comia-lhe a alma! – comentavam convictos.

Como esta, muitas outras. E foi talvez por estas proezas que a sua figura adquiriu para a velhice o jeito desempenado que tinha. Estava com 60 anos e a sua atitude viril impressionava ainda agora. Não era nutrido, mas era sanguíneo, tez morena, cara rapada, olhos pequenos, uma largura de ombros que era o principal indício de força. Pescoço curto. Mesmo a brincar, quando cerrava os punhos e arremetia com força, conhecia-se-lhe a rijeza dos músculos naquele movimento sacudido.

– Safa! que isso aí é de ferro! – diziam os rapazes. – Duma cana, hem?

Mas bom homem, de uma grande franqueza de modos, simples e afável. Para se sair era preciso picá-lo. E uma vez, quando era juiz ordinário, uma testemunha tanto o picou em audiência que ele desceu lá da cadeira, foi-se a ela e quebrou-lhe a cara. Por isso falava sério quando prometia arrebetar o José da Loja. A mulher interveio, pacificadora: «Que não desse ouvidos a ditos. Deixasse o homem, que não era tão mau como o pintavam.»

– Ó mulher! Cala a caixa e não me defendas esse velhaco! – redarguiu o Fagote. – Do que ele é capaz sei eu.

Mas nesta ocasião, de todas as velhacarias do José da Loja, só lhe lembrava uma: ter sido juiz o ano atrás!

Isto parecia-lhe com efeito uma velhacaria feita a ele, que era juiz este ano.

– Pois tu que pensas? – dizia ele para a mulher. – Quem me meteu a festa em casa foi ele. Ele é que se lembrou de me escolher, como quem diz: «entrego-te a vara, sempre quero ver como te arranjas...»

– Nome do Padre, do Filho... – A mulher benzia-se «das ideias do seu António».

– Sejam ideias, que não sejam! – teimou o Fagote. – Isto foi tal e qual, assim me Deus salve!

– Mas quem to disse, homem? Quem foi que to disse?

E então desabafou: – «que não pensasse, o José da Loja, que o havia de levar à parede. Agora levava! A festa há de se fazer, e festa de arromba; nanja como a dele que só levava seis anjos, e não sei quantos andores, acho que meia dúzia!»

– Ó mulher! Então é para que saibas onde chega o brio de um homem! Caramba! Sendo preciso, ouves? sendo preciso até vendia a camisa do corpo! Nem trinta sanfonas como o sanfona do José da Loja! – E espipava olhos de cólera para a mulher que remendava uns sacos, compungida de ver assim o seu António.

E pôs-se então a renovar ordens, recomendações que a mulher já estava farta de ouvir. – «Mas com tempo é que as coisas se pensavam, não era ao atar das sangrias!»

– Leitões, se os cá não houver, manda-se o Miguel à cata deles, por esses povos à roda. Querem-se de quatro semanas, três pelo menos: *Leitão de mês, Cabrito de três*.

A mulher contraveio: – «dois seriam bastantes...»

– Mau, que aí principiamos nós! – E pôs-se a assobiar e a rufar com o pé no soalho, arreliado. – Três é que hão de ser! Não quero cá dois, porque dois eram os do *outro*, o ano passado!

A esta razão, a mulher calou-se. O António Fagote gostou do silêncio da mulher, que o lisonjeava nos seus despeitos contra o *outro*.

– Agora não fanfas tu... – insistiu ele, risonho. – É assim mesmo que eu gosto. Sinal é que tens vergonha. A outra *tamém* não é mais que a ti.

A *outra* era a mulher do José da Loja, está visto.

– Nem mais, nem tanto! – emendou a Luísa Fagote, abespinhada.

– Isso mesmo! – abundou o juiz da festa. – Não me lembrava agora que antes de se casarem...

– E olha que depois de casada... – insinuou a Sr.^a Luísa, de venta no ar, enfiando a agulha. – Cala-te, boca!

Façamos de conta que a boca se calou, com efeito. Que não se calou. Mas, neste particular, o resto do diálogo convém que se omita, mesmo porque afinal nem eu nem os senhores queremos mal à mulher do José da Loja. Há de perdoar-me o António Fagote, mas nisto não lhe faço a vontade. O pudor acima de tudo! E ademais ele bem sabe que eu sou conhecido da mulher. Adiante. Basta que lhes diga que por uma associação lógica de ideias a conversa veio parar em vitelas...

– E preciso vermos como há de ser isso da vitela – disse o António Fagote. – Sem vitela é que se não faz nada. Uma perna sempre se gasta.

Combinaram falar com tempo ao Manuel Cortador, segurar esse negócio.

Demais a mais sabia-se que o pregador dava o cavaco por um pedaço de vitela assada.

– O pregador é que arrasta aí muita gente! – observou a Sr.^a Luísa. – Para um bocado de sentimento não há como ele. Quando foi das missões, o que ele dizia daquele púlpito abaixo! E quanto se pode!

– A mim o devem, se cá vem! – disse orgulhoso o Fagote. – Que o homem não queria vir, desculpava-se com a saúde: que tinha de ir a umas calas, e catorze léguas a cavalo por estas canículas eram de acabar com ele.

– Isso desaba aí o poder do mundo! Em se sabendo que é o missionário... Estavam nisto, quando bateram à porta. O Fagote foi ver à janela.

– ...Bem, muito obrigado. E a Sr.^a Mestra? Estimo, estimo.

Era a criada da mestra régia, foram abrir.

– A Sr.^a Mestra que manda muitos recadinhos, saber como está a Sr.^a Luísa, e este bilhete para o Sr. António.

Entraram todos na saleta. Como era já tarde, o António Fagote foi acender uma luz.

«Que conversassem, enquanto ele via se tinha resposta.»

– Muito calor – começou a Sr.^a Luísa.

– E então a casa da Sr.^a Mestra que é mesmo um forno – disse por demais a criada.

E antes que a conversa pegasse, avisou a Sr.^a Luísa, ao ouvido, de que lhe queria dar uma palavrinha. Foram para uma varanda que havia nas traseiras. A tarde descaia, numa serenidade calma. Sentaram-se uma junto da outra, muito familiares.

– Está-se aqui bem! – exclamou consolada a Sr.^a Luísa.

– Está. E então bonitas vistas. Mas o que eu queria dizer-lhe era pedir-lhe um favor – disse atrapalhada a criada.

– Se estiver na minha mão...

A outra começou: – «A Sr.^a Luísa estava ao facto do que se dizia dela com o criado do inglês. Decerto estava ao facto. Mas era mentira. Jurava-lhe pelo que havia de mais sagrado que era redonda mentira.»

– Estamos para casar! é o que estamos! – «Ele já mandara vir os papéis lá da terra, não podiam tardar.» – Está claro que eu tenho afeição ao rapaz...

– Ele esteve aí doente uma temporada – interveio a Sr.^a Luísa para dizer alguma coisa.

– Esteve. Umas quartãs que o iam arrebanhando! Mas é aí que eu quero

chegar.

– Que experimente o limão azedo – aconselhou a Sr.^a Luísa. – É milagroso nas quartãs. Não se aflija, que não há de ser nada. – E dispunha-se a consolar a rapariga, a dizer-lhe tudo o que sabia de bom para matar quartãs, pensando que era o que ela queria, afinal.

– Não senhora. O rapaz está melhor. Caso é que não recaia. Mas é por via disso que eu lhe quero pedir um favor.

Chegou para ela o banco de cortiça e confidenciou:

– Já o andam a desinquietar para ir com os mais furtar a bandeira, qualquer noite! E ele vai, prometeu que sim! Mas veja, naquele estado! Inda não há nada que saiu da cama!

– Pelos modos, os rapazes vão este ano longe pelo pau! – disse com pompa a Sr.^a Luísa. – Muito longe!

– Ouvi que à Ribeira Velha, ao lameiro do Canelas. E logo com quem eles se vão meter, o Canelas! Se desconfia, vai para lá de clavina e faz alguma desgraça. Mais ele, que é atrevido!

Cautelosa, a mulher do juiz redarguiu que «lá onde eles iam pelo pau é que ela não sabia...»

– A outra noite é que para aí estiveram a combinar, o meu António mais os mordomos. Não ouvi.

– Pois é lá! – exclamou a criada. – Mas o que eu queria, Sr.^a Luísa, é que o seu marido me não deixasse ir o rapaz na malta! – suplicou aflita a rapariga.

– Lá isso, esteja descansada, não vai! – prometeu com grande autoridade a Sr.^a Luísa. – Digo-lhe eu que não vai. E se não quer mais nada...

– Era só isto, muito agradecida á senhora.

Nesse momento entrava o Fagote, em mangas de camisa, óculos para a testa.

– Ora pois então aqui vai a resposta. Má letra, a Sr.^a Mestra que desculpe. Mas enfim que leia como puder.

– Então muita maçada coa festa? – inquiriu solícita a rapariga.

– Muita. Faz lá ideia?! Maçada e despesa. Olhe que se faz despesa. Todos os dias são precisas coisas, mais isto, mais aquilo. Aí está que já hoje mandei pedir para o Porto uma palheta para o clarinete do Alves.

– Chh! – fez admirada a rapariga.

– Pois é verdade. Fora o mais! fora o mais! Nicas! – E depois de uma pausa: – Só com o que se gasta no jantar, e é verdade que há muita coisa de

casa, mas só com o que se gasta no jantar, a bem dizer que se fazia uma horta, além no prado.

– Muita gente... – disse a rapariga.

– Muita! e depois de certa aquela... À mesa talvez vinte e quatro pessoas...

A rapariga benzeu-se!

– Vinte e quatro, pra mais que não pra menos – insistiu o António Fagote.

– Olhe: o pregador...

– Isso dizem que é uma coisa asseada! – interrompeu a rapariga.

– É. Não o há melhor. Missionário... – explicou o juiz. – Pois o pregador, um; com mais quatro padres, cinco; com quatro músicos, nove; o compadre, os pequenos, dois, doze.

– A comadre não vem! que pena! – fez do lado a Sr.^a Luísa.

– Não. O compadre e os pequenos já disse. Doze. O Morgado da Fonte e o António capador, catorze. O Teles, é verdade, o Teles escrivão, quinze.

(Pausa.) Com mais alguém que venha, vinte e quatro. Pode-se contar com mais de vinte e quatro pessoas à mesa. – E a rir-se: – Mas há de sobrar muita coisa, graças a Deus... E depois os pobres?!

– Isso então é uma praga! – exclamou a Sr.^a Luísa. – Até parece que vêm do chão: sim... – E colocava em pinha os dedos todos das mãos ambas. – Assim...

Mas fazia-se tarde, a rapariga despediu-se. – «Adeusinho! o que havia de estimar é que tudo corresse como desejavam.» – E se for preciso qualquer coisa... – ofereceu-se. – As minhas fracas posses...

– Obrigada. Não faltarão ocasiões. Muitos recadinhos à Sr.^a Mestra...

– E que hei de estimar que o mano chegue de saúde – concluiu o António Fagote.

E então explicou à mulher: – «Aquele bilhete da Mestra era a mandar-lhe perguntar se sempre era certo vir o macaco de fogo.»

– Diz que o irmão, o brasileiro, assim que souber que há macaco de fogo no arraial, não tem mão em si que não venha. E Deus o queira, porque o ponho ao pátio. Como três e dois serem cinco.

A Sr.^a Luísa quis saber a resposta que lhe mandara.

– Disse-lhe que sim. Pois?! O que eu quero cá é o brasileiro. Sempre é homem que sabe dar o merecimento às coisas... Mas o diabo agora é o macaco! – ponderou muito apreensivo. – Está para aí meio mundo à espera

do macaco...

A Sr.^a Luísa ficou-se pensativa, absorta no seu receio de que o bicho não viesse.

– Tate! – fez o António Fagote, batendo uma palmada rija na testa. – Dá cá daí a minha véstia. Manda-se uma «parte» ao homem.

– Também pode ser – concordou a Sr.^a Luísa.

– Mas hoje é que não, aquilo já está fechado, o fio.

– Vai amanhã: «Agradeço favores. Traga macaco sem falta.» Isto. Talvez acrescente: «Não se olha a dinheiro.» Mas é que acrescento, por via das dúvidas!

Então, a Sr.^a Luísa confidenciou, quase ao ouvido do homem:

– Ouves? Já se não pode ir ao lameiro do Canelas p'lo pau.

– Hã? Qual pau?

– O da bandeira. Todo o mundo já sabe.

Ele riu-se.

– Todo o mundo, hem?... Melhor! Oh! Oh! todo o mundo!...

E como ela ficasse estupefacta:

– Nunca ouviste dizer que se põe o ramo numa porta e que se vende o vinho noutra?

– Ah!...

– Mas são verdes. Pois aí é que vai a história!

– E cantarolou, satisfeito:

O ladrão do negro melro

Onde foi fazer o ninho!

Mas o melhor do caso foi no dia seguinte, quando, logo de manhãzinha, o António Fagote sentiu bater à porta, de rijo.

– Vai lá ver o que será, ó Luísa! – disse da cama o Fagote, sobressaltado.

Não tardou nada que o José Manco lhe entrasse de rompante pelo quarto.

– Vista-se, homem! Ande daí depressa!

Vista-se!

– Há novidade?! – perguntou logo o Fagote, sobressaltado.

– Vista-se! com dez milhões de diabos! – insistiu o outro.

– Homessa! – fez espantado o Fagote. – Alguém à morte?!

– Pior do que isso! – resumiu o José Manco.

– Pior do que isso, então não sei...

– Não tardará que o saiba! Avie-se, que eu cá o espero na rua.

O António Fagote vestiu-se à toa, aparvalhado. Foi já na rua que acabou de enfiar a jaqueta. As correias dos sapatos iam de rastos, não levava chapéu.

– Pronto! cá estou!

– Venha comigo, avie-se! Abotoe as calças, se faz favor.

E rodaram, rua acima.

– Diabo! mas então...?! – ia perguntando o Fagote.

– Aguarde, que já vai saber! Não tarda!

De quatro escanchadas foram dar ao adro da igreja.

– Roubaram Nosso Pai, aposto?

– Pior! – redarguiu o outro. – Pior! Alto aí! Ora arregale-me esses olhos e veja vossemecê isto, esta porcaria.

E tragicamente, o José Manco apontou para meia folha de papel pegada na torre, com miolo de pão centeio mastigado. Era um pasquim! Vários desenhos de animais, sobressaindo um burro de grandes orelhas, aos coices. E no fundo, em grandes caracteres, isto: – *Farófias!*

Por um pouco, António Fagote, de mãos atrás das costas, amarasmou-se, com os olhos fitos no papel.

E quando o outro pensava que ele ia romper desaustinadamente numa escamação, aos lábios do António Fagote aflorou apenas um sorriso.

– Hum! – resmungou. – Bem sei...

– Não tem que saber– fez o outro.

– O patife do José da Loja.

– Pois está visto.

– Bem, levará quatro lambadas – epilogou com grande sossego o Fagote. – Arranque lá isso, e venha você daí, se quer ver.

O José Manco não queria ver, fazia ideia. Mas opinou prudentemente que era melhor botar o patife ao desprezo.

– Pois sim – disse o António Fagote, dobrando em quatro o papel e metendo-o na algibeira de dentro. – Pois sim!

Mas o outro, que o conhecia, insistiu no pedido, com certos argumentos arrancados do código penal. – «Que não fosse agora pagar por bom semelhante estafermo! Como mordomo, também era com ele a ofensa, com ele José Manco. Mas fazia de conta como o outro que diz, vozes de burro não chegam ao céu.»

– Bem, levará só uma lambada, atendendo a que mais ninguém viu isto –

disse num grande ar de condescendência o Fagote. – E você vá lá regar a horta.

Foi-se dali direito à casa do José da Loja. Estava ainda fechada. Pôs-se à coca, de longe, com a ira muito exulcerada pela arrelia daquela demora...

– Grande cão! Grande cão! – monologava.

Até que enfim reparou que a porta se abria.

Era o tendeiro em pessoa, de casaco de lona e chinelos de trança, muito fresco. Não deu pelo António Fagote senão quando se viu ao pé dele, cara a cara entre o balcão e a porta.

– Ó Sr. José.

– Dirá.

– Venho aqui saber dum caso. – Tirou do bolso o papel, desdobrou-a, devagar, e depois de lho pôr ao pé da cara: – Foi o Sr. José que fez isto?

O outro olhou-o, atónito.

– Sim! se foi o Sr. José que fez isto?

– Nada, eu não senhor.

– Jura pela boa sorte dos seus filhos?

Aqui, o tendeiro entupiu, desconfiado.

– Jura pela boa sorte dos seus filhos? – repetiu mais de rijo o Fagote.

O José da Loja, moita! Então o juiz explicou-lhe:

– É porque se jura, muito bem. Se não jura, o caso é outro.

– É outro, que outro?! – disse arrogante o José da Loja, num ímpeto, barriga panda sob o casacório de lona.

– Isto! – E foi-lhe uma bofetada para a cara. – E muito caladinho, que eu também não digo nada. Agora o papel, olhe. – Fê-lo em pedaços, e atirou-lhe com eles à cara aparvalhada.

Saiu dali e foi *matar o bicho*, tranquilamente, como quem vem de cumprir uma obra de misericórdia.

Na véspera da festa, um sábado às 10 horas da manhã, o fogueteiro passava enfim num deslado da vila direito à capela da Senhora das Dores. Largou um foguete que estrondeou no ar galhardamente.

– O fogueteiro! Chegou o fogueteiro!

Por toda a vila passou um longo frémito de entusiasmo quando se ouviu o foguete. Desabituaados, os cães ladravam, em correria doida pelas ruas. O

rapazio levantou-se em algazarra, e correu ao encontro do fogueteiro, a admirá-lo, a oferecer-se. Na labuta viva das casas renovavam-se ordens já dadas. Aquele foguete era a bem dizer o primeiro ruído da festa, não havia tempo a perder.

De casa dos mordomos saíam esbaforidas as criadas, com ordem de se informarem do que precisaria «o Sr. Fogueteiro». Alguns mais previdentes mandaram almoço, e que dissesse o que queria para o jantar.

Solenemente, o juiz da festa atravessou quase a correr a vila, perguntando a todo o mundo se o que estoirara tinha sido efetivamente um foguete.

– Foi foguete! pois que dúvida! – diziam-lhe radiantes. – Prometia, sim senhor! prometia! Se fossem todos assim... Caramba! que estoiro! Pum!

– Pra que saibam! – clamava o António Fagote. – E então isto? – e punha-se a girar de volta com o braço – o que é fogo do chão? – Mas tinha-se visto em calças pardas para que o homem não faltasse. Complicações! Pelos modos tinham-no convidado para outra festa, com mais bagalhoça, está claro! O caso tinha estado sério! Mentia. – Hem! mas não o enganavam?

– Qual? era o fogueteiro, sem tirar nem pôr!

Lá ia ele a atravessar as eiras, com duas bestas carregadas. Caramba! duas cargas de fogo! O juiz botou a fugir. Quando passou pela porta do abade, gritou cá da rua:

– Sr. Abade! O Sr. Abade!

– Que é lá?

– Chegue à janela, faz favor!

– Mas está muito sol, entre você se quer.

– Só duas palavras.

O abade, um rapaz novo, assomou à janela.

– Que é?

– Chegou o homem!

– O homem! que homem?

– O fogueteiro, quem há de ser?

– Ah, sim – disse o abade a rir-se, velhaco. – E você vai ter com ele?

– De cara.

– Faz-me então um favor?

– Dirá.

– Dê-lhe recados meus.

E retirou-se da janela, a rir, enquanto o António Fagote prosseguia no seu

caminho, esbaforido, espalhafatoso, perguntando a toda a gente «se aquilo tinha sido o fogueteiro!»

Grande homem! com seiscentos diabos!

Quando chegou ao adro estava tudo cheio de rapazes, em redor dos dois machos carregados. O Fagote cuidou morrer de contente. Foi-se ao fogueteiro, com fúria:

– Esses ossos! – e abraçou-o arrebatado, enternecido, chamando-lhe «seu amigo, seu grande amigo».

– Rapazes! – gritou ele então. – E tirou o chapéu da cabeça, muito solene.
– Viva o Sr. Fogueteiro!

– Viva!

Isso não juro, porque não reparei. Mas estou em dizer aos senhores que o António Fagote – chorou!...

II

TIPOS DA TERRA

A Rafael Bordalo Pinheiro

Desembarcaram num largo. Era o ponto mais central da terra – «a praça». Aqui e ali, ao acaso, algumas árvores enfezadas, quase tudo olmos brancos, vegetavam a medo, com os troncos protegidos por velhas grades de madeira, dismanteladas. Era um terreiro vasto, muito chato, com casas em volta – o que na vila havia de melhor em construções. Ficava ao meio o pelourinho, exótico, mutilado, de uma pedra grosseira e muito negra. Era uma alta coluna de oito faces, com o seu anel de ferro ao meio e uma argola pendente do anel. A coluna que se elevava sobre um pedestal de três degraus, em hexágono, terminava ao alto num grande X de pedra deitado horizontalmente. Um espigão de ferro, de três gumes como os floretes de esgrima, irrompia hostilmente do meio do X, perfurando o espaço. Em volta, a casaria era triste, sem estilo, sem gosto, sem cal. Algumas *pedras de armas* em velhas paredes decrépitas, desequilibradas, hidrópicas, atestavam aristocracias remotas, agora de todo extintas. Ao alto, dominando a negrura chamuscada dos telhados, o velho castelo, romano de origem, fazia tristeza com as suas ameias derrocadas e as grossas paredes em ruínas. Ao lado do castelo erguia-se destacadamente a velha torre do relógio, de uma arquitetura primitiva. Tinham dado onze horas, mas eram apenas sete: aquele «estafermo» é que não andava nunca direito. De dia ninguém o entendia, com o seu ponteiro de ferro girando num mostrador sem letras, de uma pedra azulada. De noite fartava-se de badalar, alvoroçando a povoação como se fosse a fogo, ora atrasado, ora adiantado, dando meia-noite quando eram quatro da tarde, e meio-dia mal despontava o Sol.

Eram as sete. Àquela hora é que os «*figuros*» da terra, quase tudo empregados públicos, vinham para o largo, à fresca. Alguns passeavam – seu fraque, sua bengala de cana com castão, chapelinho à banda, sapato branco um ou outro. Nas escadas do pelourinho, sentados, outros do mesmo feitio cavaqueavam – coletes desabotoados, perna cruzada, chapéu para a nuca, às três pancadas. Um de pera comprida, no degrau superior, contava facécias. Os outros riam alarvemente, chamavam-lhe intrujão. Algumas «*madamas*»

pelas janelas em volta, nostálgicas, anafadas, de claro. À porta do estanco, em cima, havia outra roda – uns de pé, outros sentados em caixas, alguns montando cadeiras de pinho. Era a roda mais forte, quase tudo maiores burocratas: – o Melo da Administração, o Antunes da Câmara, o Escrivão da Fazenda, o Rodrigues do Real de Agua. E outros. À porta, perfilado e muito cerimonioso, o dono do estanco, alto, esguio, flexível, com a sua cara rapada e o seu chinó castanho, eriçado e velho. Era de maneiras feminis, uma falinha melíflua, cantante, viva, muito desempenado quando andava, saracoteando-se todo, em biquinhos de pés como se fosse levantar voo. Chamavam-lhe Ernestinho. Não se podia falar diante dele num rato morto, numa carocha. Aquilo «fazia-lhe nervoso», enojava-o, ficava-se a cuspinhar meia hora, dizendo constantemente:

– Ai Jesus! ai Jesus! Catixa! Nossa Senhora do Carmo! Nem sei como não lanço fora!

E se riam, ele exasperava-se: não compreendia como pudessem falar em tais coisas! De resto, bom sujeito, finório para o seu negócio – um pouquinho beato... – diziam-lhe.

– Meu proveito. Não que eu não quero a minha alma nas penas do Inferno, a arder! Leiam a *Missão Abreviada*, leiam esse rico livro!

E as palavras saiam-lhe a correr, espremidas nos seus lábios delgados, um pouquinho sibiladas dos ss.

Cigarros, Ernestinho, um vintém deles.

Querem-se dos de Lima, desses fortes.

Declarou que também havia dos «especiais».

Algum senhor queria? Tinham chegado três maços pra ver. Oito por um vintém.

– Pois guarde-os! – disseram alguns, horrorizados com a ideia de dar um vintém por oito cigarros. – Guarde-os!

«O Sr. Engenheiro, quando vinha à vila, perguntava-lhe sempre por eles. Dos de Lima nem o cheiro, não gostava.»

– Olha o figurão! – disseram a rir. – Por esse mundo fora sempre há muito idiota! Forte cavalgada!

O Ernestinho veio com os cigarros, em feixe nas pontinhas dos dedos. À porta, antes de os entregar, contou-os de novo. Doze. Estavam certos.

– O Sr. Ernesto, se faz favor, ponha isto lá no caderno, ao pé dos outros.

Ernestinho foi para dentro, contrafeito, fazer o apontamento. Houve um silêncio oprimido, o dos cigarros tossiu para o quebrar, ao mesmo tempo que num gesto acanhado, receoso, fazia menção de oferecer: – «alguém era servido?»

Dentro do balcão, ao pé das garrafas com licor e das botijas de genebra, Ernestinho somava a conta. Era já taluda. – «E vão dois e dois quatro e dois seis: seiscentos e vinte! Sabe Deus quando os receberia!» – E suspirava, arrumando os maços encetados, sob o olhar tranquilo e indiferente do Santo Antoninho que lá estava em cima, ao alto das estantes quase vazias, no seu nicho feito de um caixote forrado a verde, com flores artificiais muito sujas e duas velinhas dos lados. Mas resignava-se, que não tinha outro remédio. Eram os ossos do ofício...

Cá fora tinham dado fé, acotovelavam-se chamando asno ao Ernestinho – «um pulha a quem ajudavam a viver... Se hoje não há dinheiro, há-o amanhã, essa é boa! E pagava-se, cos diabos! E pagava-se! Mas não senhor! aquela besta mostrava sempre má cara, o alarve! A culpa tinham-na eles, afinal, que o procuravam, que o preferiam! Tomaram os outros ter aquela freguesia...»

O dos cigarros fiados anuíá, assobiando baixo o *Água leva o regadinho*. Por fim levantou-se, lentamente, com um ar de enfadado, um sorrisinho de despeito nos lábios, encolhendo os ombros.

– Estender as pernas – disse. – Quem vem daí?

Todos ficavam: «era uma estopada andar pra trás e pra diante, naquela sensaboria da praça.»

– Até logo. Você aparece no *sítio*, à noite?

– Apareço, vou à desforra.

E cumprimentou em roda:

– Meus caros! muito boa tarde, Sr. Ernesto.

Foi-se, puxando para baixo as pernas da calça, alisando as joelheiras.

– Que tal está o asno, hem? Quer, ainda por cima, que o Ernestinho lhe diga *bem haja*...

«Era um parvo.» – «Era um tolo.» – «Tinha dívidas nos outros estancos.» – «Em toda a parte.» – «Lá em casa a família passava fomes.» – «Um batoteiro de marca.»

Houve agitação, alguns puseram-se de pé, outros mudaram de lugares. Ia a passar um grande carro de palha, chiando muito. Ernestinho chegava-se de

novo, muito ronceiro, roendo as unhas.

– Com que então... *ponha lá ao pé dos outros?* – disseram-lhe, para o lisonjear nos seus despeitos. – Bem bom freguês!

Ele encolheu os ombros e cerrou os olhos, beatificamente, num gesto de mártir resignado. E não disse palavra: – «pra falar daquele tinha de falar também deles...»

Mandaram vir limonadas: – «três limonadas!»

– Aí vão trinta réis!

«Diabo! era preciso animar aquilo! Assim não tinha jeito!» – E puseram-se a falar do tempo, das moscas, daqueles idiotas que andavam na praça a dar-se ares. Ensoberbecia-os a ideia de que iam tomar três limonadas – e sentiam-se felizes, alegres, um tanto estroinas.

O Ernestinho deu dois passos fora da porta, e chamou para a varanda, onde grandes manjericões floriam:

– Ó Emília! Emilinha!

A mulher assomou, gorducha, muito mole.

– Três limonadas, ouves? Três limonadinhas, depressa.

As conversas animavam-se. – «Pois senhores! havia de ser difícil encontrar uma coleção de asnos assim!» Falavam dos que passeavam na praça, aos grupos. «Deus os faz, Deus os ajunta!» O palerma do Fernandinho dera-lhe agora para cantar! Lá anda ele. Volta, meia volta,

Vai alta a Lua na mansão da morte

com umas tremuras na voz que eram mesmo de o esbofetear! Estava antipático, aborrecido, desde que andava de namoro com a Marques. Só tinha uma coisa boa – a caligrafia. – Um talhe de letra bonito – confessavam. – E as calças, hem? reparem vocês naquelas calças: vai flamante! Casualmente, Fernandinho olhou de longe para os do estanco, disse-lhes adeus com a mão, afável.

Corresponderam todos muito risonhos, mas a chamar-lhe nomes por entre os dentes: – idiota, palerma, pechisbeque...

Sozinho, numa lentidão moribunda, olhos nas botas, olhos no céu, o Teles escrivão passava ao largo, ruminando alguma poesia. Às vezes quedava-se extático, suspenso, o polegar esquerdo entre os dentes, um olho cerrado fortemente, a meditar. Vinha um gesto e punha-se de novo em marcha, contrafeito.

– Ó senhores! mas não me dirão em que anda a parafusar o Teles, aquele telhudo? É isto: – e pôs-se a imitar o escrivão.

Riram. O Melo imitava-o bem, o alma do diabo no andar especialmente! Mas aquilo era um logogrifo. Há uma semana às turras a um logogrifo em acróstico.

– Isso é o Teles! – fez um que vinha da praça.

– Aquilo é um intrujão! Na rua não é que se adivinham logogrifos. Ó Ernestinho, você ainda tem daquilo que ferve?

O Ernestinho deixou descair o lábio, não percebia...

– Homem! daquilo que vinha numas garrafórias escuras, compridotas...

– Quer dizer gasosas. Uma rolha segura com guitas...

– Ora é isso mesmo, nem mais.

– Bem sei.

«Mas não tinha já. Nem mesmo queria mais, pra quê? Achavam caro um tostão...»

– Eram aos três pra beber uma garrafa...

– Pudera! Por um pataco, trinta réis levando o açúcar, fazia o *Ervas* uma soda – objetaram alguns. – Ponha lá que em gosto é a mesma coisa!

– E aquela porcaria, ó Ernestinho, e aquela porcaria amarela que sujava tudo de escuma?

Alguns cuspiram, disseram ao Alves que se calasse, que vomitavam, com seiscentos diabos!

– Cerveja! – disse o Ernestinho – cerveja! uma coisa que lá pra baixo toda a gente bebe por gosto, as senhoras mesmo! E com um sorriso de desdém, exclamou: – O que é ser do calcanhar do mundo! Em nome do Padre, e do Filho...

Mas na praça um grupo altercava. Ouviu-se distintamente a palavra «pulha» pronunciada com força. Saíram em tropel, ficaram só três. O que pagava as limonadas exultou: – Homem! nem de propósito! – Ficava exatamente quem ele queria, estava mesmo a ver que aquela súcia lhe chupava o fresco: – Tó Ruça! Já lá vai esse tempo!

Precisamente, a Sr.^a Emília chegava, com os copos numa bandeja: – «Que provassem: diriam se precisava de mais açúcar. Mas parecia-lhe que devia estar bom...»

Beberam de um trago, estava ótima! – «A Sr.^a Emília tinha dedo para

aquelas coisas.»

– Obrigado, ó Melo!

– Obrigado, ó menino!

E os dois saíram de rompante, chamando *pato* ao Melo, rindo-se dele e limpando os beiços.

Quando o Melo ia sair – a ver o que ia na praça –, o Ernestinho, muito cortês, objetou-lhe que faltavam trinta réis: – Se ali não tinha, depois. Isso era o mesmo...

– Mas trinta réis?!... De que são os trinta réis? – perguntou desconfiado o Melo.

– Do açúcar, foi do refinado – explicou o Ernestinho. – O mascavado acabou-se. Amanhã ou depois já devo ter mais. O Sr. Melo desculpe.

«Não tinha que desculpar, somente notava que aquelas coisas diziam-se no princípio.» – E saiu sem dar mais palavra, furioso:

– «Uma ladroeira! Três vinténs não valiam os dois que lhe tinham chupado o refresco...»

Na praça tinha cessado a altercação; os grupos, reunidos, formavam uma grande roda, comentava-se. O Melo quis informar-se: – que lhe contassem o *escândalo*.

«Ora! não fora nada: o Veiga que se tinha lembrado de que as correspondências na *Voz do Distrito* eram escritas pelo Albano. Disse-lho na cara. O Albano negou, deu a palavra de honra. O Veiga, que é casmurro, teimou: – que não acreditava, ainda assim! – Vai o outro chama-lhe pulha, iam-se pegando. Ora aí está!»

– Mas afinal, quem diabo escreve aquilo? – quis saber o Melo. – Aquilo há de ser escrito por alguém, está claro!

«Dez réis pela novidade! Que havia de ser escrito por alguém sabiam eles...»

– Quem, então?

Divergiam as opiniões. Podia ser Fulano, podia ser Beltrano. Um ou outro dava a sua palavra de honra que também não era ele, jurava-o! Houve um que se lembrou se aquilo seria do padre Mendonça...

– Qual?! Do padre Mendonça não é. Fazia coisa melhor, se se metesse nisso. Olha o padre Mendonça, o da *gibreira* de Braga...

Mas o da ideia insistiu, renitente: – «havia ali suas coisas que o faziam

lembrar certas facécias, como a de chamar *Frei Asneira* ao Reitor e *Cabeça de Comarca* ao Felisberto.»

– Pois se é ele, que se regale; pode limpar as mãos à parede! Mente como um alarve, mente da primeira linha até à última! – disse firmemente o verdadeiro autor das correspondências. – Olhem o que ele diz do juiz de direito, só calúnias! O juiz! um homem teso! Tem lá o seu fraco pelas saias, mas isso, que diabo! isso não é defeito.

De resto, eram todos acordes em que as correspondências eram uma infâmia. O que se chama uma infâmia pegada! Mexericos e mais nada, uma coisa de soalheiro! E depois, o dizer-se lá que entre os rapazes não havia duas amizades leais, que era tudo uma impostura?!...

Houve um silêncio significativo, talvez de aprovação.

– Só de pulha! – rematou por fim o Nunes da Fazenda, o tal que escrevia as correspondências com o pseudónimo de *Aramis*. – Vejam vocês aquelas galegadas ao comendador! Aquilo chama-se lá fazer política?! Discuta-se o homem como presidente da Câmara, sim senhor; discuta-se o homem público, o funcionário; mas deixe-se-lhe em paz a *marreca*, os fundilhos das calças; ninguém quer saber se os criados lhe param em casa, ou se não! E depois, aquelas alusões à família, aquelas piadas à D. Engrácia, pobre velha...

– A quem? – interrogaram uns poucos. – A Dona quê?

– A D. Engrácia, está bem de ver. Aquela beata que fazia peúgas de lã aos missionários é ela. Presumo eu que é ela – fazia o Nunes das correspondências com um grande ar de suposição. – Eu cá foi para onde deitei.

Os outros não. E como o das correspondências tinha prometido explorar a «crónica beata», aguardariam mais informações. Supunham, no entanto, ser com a D. Joana, a do «*chá da erva cidreira*» – Outra canalhice! A D. Joana, para festejar os anos da filha, convidara tudo, *lazardes e penicheiros*, não fizera política. Depois foi aquela tarefa que se viu: – que o chá era erva cidreira, que tinham bolor os doces de ovos, que ela parecia a Quaresma e a filha o Entrudo... Ora isto não se diz; a pobre mulher doeu-se!

Citavam-se de cor frases inteiras da correspondência. Por exemplo: – «*A deusa da festa dizem que recebeu telegramas de... amor.*»

– Uma facécia de mau gosto aludindo ao Proença telegrafista. Depois do que por aí se diz, é forte... Que afinal, quem sabe lá?! Entre os dois que diabo

pode haver?! Namoro?!

No grupo alguns tossiram forte, rindo. O Nunes interveio:

– Não senhores! Isto agora alto lá! A Amélia é uma rapariga séria...

Riram às gargalhadas: foi um barulho com a tosse!

– Quando digo uma rapariga séria... Mau! Acomodem-se lá com o banzé. Vocês deixem falar! – tornou o Nunes, formalizado. – Quando digo uma rapariga séria, quero dizer.., sim.., quero dizer... – e procurava a frase, entalado –, por exemplo, que ela não é capaz de receber ninguém, alta noite, lá pelos quintais, como o tal das correspondências quer fazer suspeitar.

Iam replicar-lhe, mas ele atalhou:

– Chama-se àquilo ser canalha às direitas, arre! Isto agora é falar franco.

Saltaram-lhe:

– E você jura, ó Nunes? Você jura? – perguntou, com gesto perfurante, o Alves dos Pesos e Medidas.

«Não... isso agora... Jurar, não jurava; mas, cos diabos! pelo que se via, pelo que se podia julgar...»

– Lérias – disseram todos.

«O Nunes parece que estava com os beiços com que mamara! Com que então, para ele era tudo uma récuca de santas?! Desenganasse-se, que era tudo uma canalha, uma corja de sonsas! Que diabo de ingenuidade!»

O Nunes observou modesto, quase agradecido:

– Ingenuidade, eu te digo... Não é bem isso... O que sou, é prudente.

Desconto sempre noventa por cento àquilo que vocês dizem, aí é que esta...

– «Vocês» é um modo de falar! – emendaram alguns.

– Vocês, digo eu, vocês.., quando escrevem correspondências – explicou sofisticadamente o Nunes.

Calaram-se, disfarçaram. Próximo deles, a Amélia, toda de verde, com guarnições de fita preta, caminhava ao lado da mãe, solenemente. Tiraram todos o chapéu, cortejando risonhos, respeitosos. O Nunes foi cumprimentá-las, submisso.

– Dar o seu passeio, não é verdade? – E apertando-lhes a mão: – Vosselência como passou? E a Sr.^a D. Amélia? Obrigadíssimo.

Assim... assim...

«Então? que diziam àquele calor?»

– Abafava-se, ali pelas ruas. Que forno!

– O Brasil tal e qual – reforçou o Nunes.

«Mas que fora feito, que as não tornara a ver desde os anos? Uma noite de truz, aquilo sim!»

– Olhe, Sr.^a D. Amélia, a flauta... a flauta é que nem por isso: foi pena! O Abelzito andava constipado.

A D. Amélia explicou: – «A mãe ficara doente, já não era para aquelas noitadas.» – E em voz mais baixa, quase dolente:

– Depois, veio a *Voz do Distrito*: aquilo chocou-a muito.

– Não há tal! – fez a mãe. – Meteu-se-te isso na cabeça. Deixe-a falar, Sr. Nunes.

E por pouco não chorava ao dizer isto.

O Nunes afetou um sentimento profundo: – «Era melhor não falar nisso, não pensar em tal; todos as conheciam, todos lhes faziam justiça. Tinham acabado de falar na tal correspondência, agora mesmo.» – Uma garotada! – resumiu o Nunes. E em tom confidencial: – Anda-se na pista do garoto. Ele há de aparecer. E depois... e depois... Muito boa tarde, minhas senhoras! O que for soar. É preciso dar um exemplo – concluiu terminantemente. – Uma severa lição!

Despediram-se; elas agradeceram ao Nunes «a parte que tomava no seu desgosto». – E seguiram cumprimentando para as janelas, perguntando se vinham daí, um bocadinho até à capela, espairecer.

As Silvas pediram que subissem. «Um bocadinho só. Ficava bem aquele vestido à Amélia.»

«Não podiam subir, talvez à volta.»

– Pois sim, hás de ver o meu bordado a missanga. O papagaio está quase pronto, que trabalhão!

«Estava na dúvida se lhe poria o bico assim, de gancho. Não gostava. O risco era do Fernandinho. Já lhe fizera outro, talvez mais bonito.» Coisas de anjinhos.

– Verás.

Os grupos tinham-se reunido em volta do pelourinho. Passava gente que vinha do trabalho, da labuta áspera da eira – homens com malhos, e mulheres de cestos à cabeça. A tarde descaía numa serenidade calma. No degrau de cima, o Paula, oficial da administração, com fama de tipo de chalaça, cantava em surdina umas cantigas de caserna, obscenas, zanzando na barriga como se fosse numa guitarra. De volta, os outros formavam roda. Todos riam,

pediam *bis*.

– Tu hás de conhecer isto, ó Chico! – dizia o Paula para o Francisco Maria, um cabo que estava de licença. – Tu hás de conhecer isto.

O administrador do concelho, um pobre diabo desmazeladão e filósofo, afirmava «que lhe lembrava Coimbra, a pândega das vielas. Ao Paula valia-lhe a prenda, palavra de honra que lhe valia a prenda, senão já o tinha demitido, às vezes que lhe entrava borracho pela repartição». – E pedia a rir, boçalmente:

– Ó Paula! Aquela do *bate-bate*, canta lá.

E trauteava as primeiras notas, castanholando com os dedos. – Se era preciso, o Fernandinho ia pelo violão.

– É verdade, você que fez hoje que me não apareceu na repartição, ó Fernando?

– Dormi, está claro! Ao Sr. Doutor acontece-lhe o mesmo às vezes. Olhem que pergunta!

Mas o Paula tinha-se calado, bocejava.

– Então, ó Paula... – suplicava o administrador.

– Está fechado o realejo! Depois.

Quem lhe dera que fossem as nove para irem até ao *sítio*. Ou perder ou ganhar; tinha ali seis tostões que eram pra um *mico*.

– Mas eu não lhe dizia, Sr. Doutor? eu não lhe dizia ontem que a *dama* se negava? Eu estava mesmo a ver aquilo... Bem feito! «gramou» um entalão que se consolou.

– Quatro coroas. – Na véspera tinha ganho um quartinho.

Nesse momento passava o juiz, sozinho como sempre. Todos tiraram o chapéu; ele passou gravemente, cortejando.

– Quem eu te quero à perna é o *Aramis*... – rosnou o Teles escrivão que embirrava com o juiz desde que o suspendera uma vez. – E ainda ele não sabe tudo... – insinuava perfidamente.

– Pois o resto diga-lho você, diga-lho no *Almanaque de Lembranças*, em verso – fez de um lado o Rodrigues do Real de Água.

O Teles, com famas de literato, redarguiu que «não dava confiança a analfabetos».

– E eu a brutos, sabe você?

Mau! que eles lá começavam! Oficiais do mesmo ofício... Ó senhores, lá

porque ambos faziam versos não se seguia que devessem embirrar um com o outro. Pelo contrário.

O Teles, furioso, disse que não embirrava com o outro: que nem lhe dava essa importância, essa honra!

O Rodrigues ia saltar-lhe, tiveram mão nele.

Mas jurou que de outra vez seria, que fizesse de conta que já lá tinha na cara quatro bofetadas tesas.

– Tesas, hem?! Olá! quatro bofetadas tesas!

Havia de dar-lhas, tão certo como dois e dois serem quatro, só para ter o gosto de dizer depois, num comunicado, que desafrontara as letras portuguesas – ele, o Rodrigues, ele, um simples fiscal do Real de Água.

Aquilo fez surpresa, convidaram-no a explicar-se.

– Não senhores! – dizia colérico o Rodrigues, com grandes gestos. – Bem sei que não valho nada! Escrevi, é verdade que escrevi; faço ainda o meu verso quando me dá na cabeça. Uma rapaziada! Estão maus? Concordo. Mas não há de ser aquele *négalhé* que o há de dizer! Não o julgo habilitado. Lá porque tem soletrado dois romances, não se segue. Mas o que mando para o público, sim, o que entrego aos prelos é meu! – E batia no peito com a larga mão espalmada, furioso, numas raivas de orgulho triunfante. – Não roubo! nunca roubei! – afirmou mais alto o Rodrigues, para que o Teles, que se ia retirando, no meio de dois amigos, conciliadores, o ouvisse. – Repito: não roubo, não faço como ele! – E as palavras saíam-lhe salivadas, violentas por entre os lábios espumantes, atiradas ao Teles como pedradas.

Os outros escutavam agora com interesse.

Estavam a dar razão ao Rodrigues, intuitivamente, sem compreender bem o que ele queria dizer.

– As provas... – e meteu a mão no bolso do seu casaco de lona, com ímpeto: – as provas, elas aqui estão!

Mostrou no ar a brochura verde do *Almanaque de Lembranças*.

«Era do ano que vem, tinha-lhe chegado hoje. Ali estava o Peres do Correio que lho tinha entregado ele mesmo.»

– Sou testemunha – confirmou do lado não sei quem.

O Rodrigues, então, afirmou que era preciso «historiar»: contaria a coisa em duas palavras. O Sr. Teles, o borra-botas do Sr. Teles, lembrara-se um dia de ser escritor, de ser Poeta! O alarve! Todos os anos – zás! Versalhada para

o *Lembranças...*

– Era colaborador! – disse o Antunes da Câmara, que admirava o talento do Teles. – Era colaborador!

– Era quê? – interrogou logo o Rodrigues, de mão atrás da orelha. – Maçador, maçador é que ele era! Nunca lhe admitiram as asneiras, se me faz favor, nunca! Na *correspondência* troçavam-no, chegaram a dizer-lhe que podia fazer fortuna pelas tombas, que o não chamava Deus para as letras. Aquele – *Serei ousado?* – é ele, sei eu que é ele. Nunca o admitiram!

– Lembro-lhe a *Flor do Campo*, Sr. Rodrigues, lembro-lhe esses versos! – insistiu o Antunes.

O Rodrigues teve um risinho feroz, fitando o escrivão da Câmara. Não lhe respondeu. Subiu os três degraus do pelourinho, pausadamente, com pompa, e chamou a atenção dos amigos. Ia ler.

Abriu o *Almanaque de Lembranças*, onde trazia um papel, e rompeu: – «Indignidade.»

– Em letras bem graúdas, queiram inspecionar.

E colocou ao peito o *Almanaque*, voltando para fora na página onde o seu dedo reboludo apontava a terrível palavra, escrita ao alto em epígrafe.

Houve um sussurro, alguns pediram silêncio.

O Rodrigues que lesse.

«Os versos intitulados *Flor do Campo*, que viram a luz no *Almanaque de Lembranças* do ano extinto, foram-nos remetidos pelo Sr. José Maria Teles, escrivão.»

– Copiados por mim, uma letra floreada – esclareceu o Fernandinho. – Ele depois assinou – e fez no ar, com o dedo, o traço complicado da firma complicada do Teles.

Pediram silêncio outra vez. O Rodrigues continuou:

«Publicámo-los na convicção de que eram da lavra daquele senhor, pois que ele os assinava.»

– E então? – perguntaram uns poucos, sem compreender ainda.

– «Pura ilusão!» – continuou solenemente o Rodrigues. – «Escreve-nos o mimoso e assaz conhecido poeta Sr. Alfredo Mendonça, dizendo que os versos lhe pertencem, e que o Sr. Teles os roubara (*sic*) do seu volume *Lira Matutina*.»

Foi uma estupefação! O Rodrigues prosseguiu mais alto, fugindo aos

comentários:

«Averiguámos, e disso alfim nos convencemos. Os leitores avaliarão a probidade do Sr. Teles, a quem mais de uma vez tínhamos fechado a nossa porta por incapaz. Hoje damos-lhe com ela na cara – por indigno.»

E o Rodrigues fechou o livro com estrondo, como os outros fechariam a porta na cara do Teles escrivão; tomou praça fora, o livro debaixo do braço, e foi-se para o estanco do Ernestinho, altivo, solene – vingado!

Os da roda seguiram-no silenciosos, corridos de vergonha, desnorteados, porque além de sempre terem julgado o Teles muito superior ao Rodrigues – e o Rodrigues bem o sabia, olha ele!... – tinham dado uma sorte de mil demónios, agora é que eles viam! distribuindo no teatro, por ocasião da festa de Santa Bárbara, a *Flor do Campo* que eles tinham mandado imprimir avulso – para lisonjear o Teles, que tivera o trabalho de os ensaiar no *Santo António*. Hem? quem diabo havia de dizer que aqueles papelinhos de cor, uns verdes, outros amarelos, chovendo sobre a plateia entre o segundo e o terceiro ato e quase disputados a murro, num alvoroço de seiscentos diabos, encerravam uma insídia – um logro à boa-fé, à credulidade ingénua de «toda a comarca»!

E relembravam episódios, particularidades quase extintas: o Fernandinho vestido de menino de coro, batina vermelha e roquete de rendas, cobrindo-se de teias de aranha lá pelo forro do teatro, de gatinhas e com um toco de vela na mão, aos tropeções, só para ter o gosto de ser ele a despejar do óculo aquela papelada; o Melo da Administração, vestido de Frei António, sandálias e grande chinó de calva redonda, feita de uma bexiga de porco, com o Teles em triunfo por entre os bastidores seguido pela turbamulta dos companheiros, em hábitos de frade e fradetas de galuchos, dando vivas ao *Poeta!* – ao grande Teles, «ensaiador da rapaziada!»

Que desastre! Afinal tinha-lhes saído um intrujão! E quase se regalavam da sorte que tinham dado, pelo prazer que sentiam de o ver agora humilhado, corrido, esbofeteado pelo ridículo. Bem feito!

O Antunes da Câmara, sobretudo, estava furioso. Fora ele o da lembrança de se mandar imprimir a versalhada. Escrevera para Coimbra ao Manuel Caetano, ao Manuel Caetano da Silva, Praça Velha, n.º 11, que mandava os impressos para a Câmara, e pedira-lhe aquilo como especial favor.

O homem – pronto. Duzentos exemplares, quinze tostões. Quinze tostões que se tinha combinado dividir por todos, contas do Porto, mas que

desembolsara ele só, afinal. Bem feito! ninguém o mandava ser burro. – Arre! cavalgada!

E dava patadas no chão, cada vez mais furioso, apoplético.

– Mas a bem dizer, tudo isso é nada! – continuou comovido o Antunes. – Ó senhores! e a figura que eu fiz... sim, a figura que eu fiz naquele intervalo do drama para a farsa?!...

Todos desataram a rir, tinha sido fresca... Ele sempre acontece cada uma! E lembravam: – levantara-se o pano quando os ouvintes menos o esperavam. Os que tinham saído lá fora, às doceiras, voltavam apressadamente com os cartuchos na mão, ensacando os rebuçados. Ia um rebuliço pela plateia. Na «galeria dos camarotes» para onde só iam senhoras, gente fina, começavam a aparecer caras barbadadas de sujeitos que iam saber – «que tal» – perguntar se ia uma pinguinha de licor, um docinho. Em cima, na galeria alta, criadas e raparigas do povo, debruçadas no parapeito, apontavam para o palco, de olhar atónito:

– Ele que dianho é? – perguntavam.

De baixo, da plateia, todos faziam *chut!* – voltados lá para cima:

– Caluda, sua gentalha!

No palco estavam todos perfilados, trajando como na peça. O Freitas da Recebedoria com o seu fato de Marco Aurélio; o Paula de cardeal, báculo em punho e a cara metida numa estriga; o Fernandinho de menino de coro, todo lépido; a Ana Pisca muito acanhada no seu fatinho de Olívia; a Margarida que tinha feito de anjo no quadro final da *Glória*, em que ela subira num cesto vindimo à «região sidérea dos astros»; o pai de Santo António, em ceroulas e de saia branca pelo pescoço, lívido como saíra do túmulo; aquela canalha da tropa – todos enfim!

Nisto, entra pelo fundo o Teles todo de preto, no meio do Melo vestido de Santo António e do Proença telegrafista, que fazia de Frei Inácio. Avançaram. Em baixo o Felisberto mandou tocar o *Hino da Carta* à meia dúzia de músicos que não entravam na peça. O hino rompeu com grande estampido de pratos, numa cadência fúnebre. No palco, tudo imóvel. Ninguém sabia o que era aquilo, não estava no cartaz. Esquecimento do Fernandinho, talvez... pensavam. Mas ao acabar o hino, o Antunes da Câmara, com farda de centurião, durindana e botas de água, irrompe furioso do buraco do ponto e prega um discurso na bochecha extática do Teles:

«Não era ele o mais competente, decerto, o mais... etc. Mas tinham-no encarregado, obedecia... e tal. Só sentia não ter frases, oratória, porque enfim estava falando a um poeta... – colaborador do *Almanaque de Lembranças* para Portugal e Brasil – acrescentou voltado para o público, esclarecendo.

Enfim, finalmente... vinha para aquilo: dar-lhe um abraço em nome de todos...» – e abraçou-o comovido, enquanto os espectadores berravam *apoiados*, dando palmas – «...e para isto» – acrescentou fazendo com a mão que se calassem, que se calassem depressa.

Houve um sussurro de aplauso, dos camarotes crianças gritavam «ó Emilinha!» – Era com efeito a Emilinha, a filha do Alves dos Pesos e Medidas, que saía também do buraco do ponto, vestida de anjo, tules verdes, e muita lentejoula a brilhar.

Ficou-se a olhar a plateia, imóvel, muito fria, ensaiada, enquanto o Felisberto preludiava na flauta. Em certa altura, num requebro doce da «melodia», ele fez-lhe com a cabeça «que entrasse», e a Emilinha rompeu nuns guinchos, cantando a *Flor do Campo*, com música de *Mauchagateira*, original do Peres do Correio.

O Teles sorria, entre glorioso e modesto, falando a Santo António e a Frei Inácio: – «Era de mais, era de mais, ele não merecia...» – «Ora essa!» pareciam dizer-lhe os outros – «seríamos ingratos se...»

A «cantoria» acabou, o teatro parecia desabar com palmas, tudo berrava, um ou outro cão latia. Senão quando, os do palco desataram a rir, cosendo-se uns aos outros, fingindo um grande medo de que as bambolinas do teto desabassem. Todos olhavam, curiosos. E naquela expectativa viram de repente descer do alto, sobre o palco, agarrado a uma corda, o Freixedas da mercearia vestido de Lusbel, rubro e com chavelhos. Cuidaram de estostrar a rir. Da boca muito inchada saíam-lhe faúlhas, do algodão a arder que lá trazia dentro. Fazia caretas horrendas, arremedando Satanás nos ímpetos da cólera. O pano começou a descer, oblíquo, esfarrapado de uma banda. O Freixedas, suspenso, atirou fora o algodão e gritou, furibundo:

– Alto! suas bestas! Inda não!

Voltou-se de costas para o público, e um letreiro que trazia de ombro a ombro dizia em caracteres amarelos: *C'est fini!* – O pano desceu, então, estabalhoadamente. Os espectadores olharam uns para os outros, não tinham percebido... – Foi nesse momento que o Sr. Antoninho, que tinha estudado

em Braga, traduziu de um camarote, em voz alta:

– *É findo!*

III

VAE VICTORIBUS!

A Maria Lucila

Em dezembro, às seis é noite cerrada. Mais bocado, menos bocado, a essa hora recolhia do monte o José Gaio, sozinho, sachola ao ombro, um pouco atarantado com a trovoada que rugia ao longe, em surdina. Por cima dele, o céu ia-se fazendo cada vez mais negro, dessa negrura espessa de tempestade que infunde pavor à gente, e da qual os próprios pássaros têm medo. Cessara de chover.

Mas o vento do sul principiava agora, agitando os grandes ramos despídos dos castanheiros, fazendo-os murmurar não sei que estranha elegia... A um relâmpago mais vivo, o José Gaio apressou o passo, e, benzendo-se, rezou a *Magnificat*. O trovão chegou depois, lúgubre, cavernoso, alastrando-se em roldões na larga amplitude do céu. Debaixo dos pés, o José Gaio sentia o caminho lamacento, encharcado das enxurradas valentes de todo o dia.

Mas a ponte já não ficava longe. Depois, a ladeira – e no meio da ladeira a casa.

– Vamo' lá com Deus! – fazia ele animando-se.

Um clarão súbito de relâmpago deslumbrou-o. Diante dele surgiu de repente a paisagem, e de repente desapareceu, magicamente iluminada.

Deitou então a correr aterrado; mas tão forte veio em seguida o trovão que ele instintivamente parou e levou ao céu as mãos aflitas, num gesto de quem implora misericórdia. Naquela iminência de perigos as próprias árvores lhe pareciam imobilizadas pelo terror, à beira do caminho. E através dos castanhais, o surdo rumor do vento era como a voz implorativa da natureza, unindo-se à voz dele num longo coro de súplicas...

O José Gaio ia transido. Mas pior ficou quando de repente, sem saber donde, alguém chamou por ele, lugubrememente:

– Ó José Gaio!

O homem parou. E como perto dele apenas enxergasse os braços da cruz negra, que era o sinal de ali terem matado o José Tendeiro, há anos, apertou o passo e tomou por um atalho, direito à ponte. Mas então a mesma voz tornou-lhe mais de perto:

– Ó José Gaio!

Quis fugir, mas o medo parece que lhe tolhia as pernas. Nisto veio um relâmpago que iluminou a mil cores a paisagem. Ele cerrou os olhos com força, nervosamente, ferido por aquele deslumbramento que por milagre o não prostrou. E quando o trovão bramiu, rudemente, uma imobilidade de estátua prendia o camponês à terra.

Foi então que veio de novo aquela voz, como um prolongamento do trovão:

– Ó José Gaio!

Ia avançar para ganhar a ponte. Parecia-lhe que, uma vez transposta, galgaria a ladeira num instante. Mas involuntariamente, cedendo a uma força violentíssima, entrou de retroceder, cambaleando. Aquele rugir da água que logo abaixo da ponte fazia cachão, rugir violento mas monótono, infundiu-lhe um grande pavor. Teve medo e deixou-se retroceder... Senão quando, estacou ouvindo a mesma voz:

– Ó José Gaio!

E logo atrás da voz, com um rastro, um intensíssimo relâmpago cor de sangue. Viu tudo vermelho, afogueado, tudo menos aquela cruz preta de longos braços, sempre abertos e sempre firmes, que pareciam desafiar a tempestade...

Aquela serenidade da cruz estonteou-o. Dir-se-ia que esse nobre exemplo de altivez vinha agora humilhar mais a sua fraqueza. Desviou os olhos e cerrou violentamente as pálpebras. Mas em vão! que fora tão vivo o deslumbramento, e tanto lhe ferira o cérebro, que num fundo cor de sangue, como num transparente de mágica, ele via nitidamente desenhada, sempre firme e sempre altiva, a cruz que o estonteara. Então deram-lhe ímpetos de fugir; uma onda de coragem parecia dilatar-lhe o peito, impelindo-o.

Precisamente nesse momento, a voz tornou a chamar:

– Ó José Gaio!

Sentiu-se alquebrado, transido até ao mais íntimo do seu ser. Um longo desfalecimento invadiu-o todo, quebrando-lhe a última fibra de energia, como se quebra um vime seco. Aquela paralisia atacou-lhe também o cérebro: não formava um só raciocínio nem elaborava sequer uma ideia, a mais simples. E foi preciso um grande trovão para todo ele tremer, abalado como a própria terra. Depois, outro relâmpago fez reviver nele a vida do espírito: sentiu um grande pavor àquele aspeto súbito do campo que diante dele se perdia de

vista, afogueado como se estivesse todo em chamas. Aqui, um pinhal, uma ermida além, para toda a banda casais, surgiam de repente, nítidos nos seus contornos, definidos maravilhosamente nas suas atitudes. As grandes árvores despidas, sobretudo, tinham um ar fantástico, nessa pureza nítida de recorte que traçava na luz as sinuosidades mais delicadas dos troncos e ramarias. No meio deste cenário de magia, a um tempo majestoso e tétrico, o triste camponês sentia-se apavorado, jactitante e quase inerte, ali chumbado à terra, hirto como a cruz que tinha diante. E nem um só gesto implorativo, e nem uma só palavra de súplica lhe saía dos lábios crispados. Porque uma vez que tentara uma palavra, o mais formidável trovão cortara-lha na primeira sílaba. Depois, aquela voz não o largava, imperturbável e monótona:

– Ó José Gaio!

E ele, não respondendo nem falando, pensava esconjurá-la, exorcismá-la como se fosse a voz de um duende. E para esta evocação do sobrenatural muito concorria, como os senhores compreendem, esse aspeto sereno da cruz negra, inabalável sob a asa agitada da procela.

Nisto veio a chuva, em grossas gotas a princípio, cordas-d'água depois. Ela varejava-o inclemente, impelida agora por um vento sul furioso. Não deu um passo para procurar um abrigo, não se mexeu sequer. Como todo ele ardia em febre, aquele dilúvio era quase um celeste benefício para a sua cabeça num vulcão. Quando os relâmpagos vieram, aquela reverberação da luz nas cordas-d'água fez-lhe um deslumbramento mais forte. E cai inerte sobre o caminho lamacento por onde a água escorria impetuosa, ao mesmo tempo que a voz do costume, sobrelevando o trovão, repetia ao lado da cruz:

– Ó José Gaio!

Cobarde, sujo como um sapo, encharcado até aos ossos, como caiu assim ficou: – de borco.

Depois, quando abriu os olhos, na larga poça onde quase tinha a cara, via refletir-se a cruz, a cada relâmpago. Ela lá estava no seu posto, altiva, serena, intemerata, reta como um exemplo... E pois que parara o dilúvio, dos seus braços abertos as gotas da chuva caíam, vermelhas à luz como grossas lágrimas de sangue...

Cobarde! Nenhuma comparação pode dar ideia do estado de prostração desse miserável, reduzido pelo terror a uma quase inação de besta morta. Dir-se-ia um imundo trapo ali caído, abandonado ali na lama ignóbil de um caminho, à espera da enxurrada que o levasse... Era abjeto!...

E enquanto esse animal assim jazia, atordoado, como boi que uma malhoada prostrou, ao fundo do horizonte, para sul, o encastelamento fantástico das grandes nuvens plúmbeas, listradas de negro e roxo, metralhando com fúria o largo espaço, aos quatro ventos, era tudo quanto o nosso espírito pode conceber de mais grandioso e de mais sublime, épico e trágico a um tempo – soberbo, majestoso, imponente.

Mas a voz sempre a ouvia, por cima do vento e por cima dos trovões, aquela voz:

– Ó José Gaio!

Assim largo tempo, horas talvez. O torpor do frio agravava-lhe o outro, o do medo. Parecia colado à lama, preso ao caminho como se fosse uma rocha. No entanto, a espaços, tinha a compreensão clara da sua posição e do seu estado.

E então uma raiva súbita galvanizava-o: queria erguer-se, fugir, desaparecer – erguer-se como aquela cruz, fugir como aquele vento, desaparecer como esses relâmpagos, que nem deixam rastro na treva...

Tais rebates de coragem eram, porém, efémeros, impotentes para lhe provocarem um movimento. Aquele diabo tinha de morrer ali, miseravelmente, ignobilmente, como um cão a que houvessem amputado as quatro pernas. E esta ideia, que o instinto de viver lhe sugeriu, apavorou-o ainda mais que a própria tempestade. Morrer ali!

Mas que dúvida, se ninguém lhe vinha acudir, se não passava por ali viva alma, a tais desoras! Era horrível! No meio de um caminho, numa noite medonha de tempestade, ao pé daquela cruz negra de longos braços hirtos – morrer ali!... Eram então já por ele as lágrimas que essa cruz parecia chorar?!...

Estava nisto, quando num silêncio de acaso ouviu passos a distância. Vinha gente. Quem quer que era tinha de passar por ali, de tropeçar nele, talvez. Subitamente, sentiu-se reviver. Estava salvo. Em breve estaria de pé – de pé como essa cruz que um relâmpago muito vivo acabava de lhe mostrar... No entanto, a voz é que se não importava:

– Ó José Gaio!

Mas os passos vinham-se chegando; e então, como se receasse que o calcassem, reuniu num supremo esforço as máximas energias, e rebolou-se para um lado, até ficar detrás de umas urzes. Coisa notável foi, senhores, que esse miserável em vez de gritar calou-se e todo se recolheu numa absoluta

quietação, com medo que o surpreendessem... E quem quer que era passou, cabeça nua, diante da cruz gotejante... Aos ouvidos do miserável chegou um como murmúrio de prece... Não ia só a rezar; ia também chorando, aquele homem...

... Quem seria?

Um clarão branco de relâmpago fez irromper da treva, lívido como um espectro, o filho do José Tendeiro...

O desgraçado ia a chorar pelo pai, ali assassinado havia anos, por uma noite como aquela...

Passou, ladeira abaixo, na direção da velha ponte. Só aquele cobarde não se mexeu, prostrado sobre as urzes, quase arrumado à cruz.

E assim esteve horas e horas, até que, noite velha, cessou a tempestade, perdida num murmúrio longínquo, lá na extrema fímbria do horizonte...

Quando a Lua rompeu, lívida num céu de anil, nem a grande sombra da cruz, incidindo sobre aquele corpo, como um beijo ou uma bênção, logrou reanimá-lo. Tinha morrido, o estafermo!

Ao outro dia, está claro, foram lá os da justiça. O velho abade foi depois, buscar o corpo. Os médicos nem lhe tinham mexido.

– Sangue pelos olhos, sangue pela boca, sangue pelo nariz, uma congestão muito linda! – dissera um a rir.

– E muito mal empregada! – fizera o outro do lado, indiferente.

Mas quando os da maca disseram a um tempo *Upa!* esse bom velho do abade caiu de joelhos diante da cruz, numa convulsão agudíssima de choro. E elevando ao céu as mãos mirradas – ao céu que um divino azul fazia diáfano – ele exclamou, soluçando:

– Senhor! Senhor! A vossa justiça é tremenda, como é infinita a vossa misericórdia!

Segredo de confissão... – mas o abade bem sabia quem tinha ali matado o José Tendeiro...

BALADAS

I

MARICAS

Vocês lembram-se da Maricas, aquela magrita de cabelos muito castanhos, quase louros, que morava defronte da redação, lembram-se? A boa da rapariga era nossa amiga, pois não era?

Sempre benévola e complacente para as nossas balbúrdias e algazarras, de todo o dia e de toda a noite. E vocês bem sabem que tais elas eram, as nossas balbúrdias e algazarras...

Eu, na Maricas, admirava uma virtude rara, toda original e encantadora: – a de não mostrar jamais, na sua amizade, preferência por algum de nós. Dir-se-ia que era nossa irmã, ou mesmo nossa mãe, pois que nos queria a todos por igual, a pobre Maricas de olhar azul e brando...

Não sei se já vos disse: adivinho o interesse com que ela vos perguntaria por mim, nos meus dias de cábula, pela solícitude e interesse com que me perguntava por vocês, quando faziam gazeta ao escritório.

– Então esses cábulas? Então esses marotinhos? Doente, algum?

– Na estúrdia, Maricas! Andam todos por lá...

– Ora vejam! – fazia ela quase escandalizada.

Ah, como eu me lembro neste momento da vivacidade franca dos sorrisos que nos mandava, quando todos em pinha, furando pelos ombros uns dos outros, palreiros conversávamos com ela de janela para janela, num *tête-à-tête* que durava horas, muito familiares, muito dados, quase que chamando-lhe por tu e ela a nós! Como eu me lembro!

Ela tinha sempre uma resposta e um sorriso para cada uma das mil perguntas que lhe fazíamos, e então uma grande paciência inexaurível. Nós, os estroinas, quase que chegávamos a adorar aquela ingenuidade singela do seu coração de vinte anos.

A boa da Maricas era adorável, toda ela bondade e paciência para os nossos distúrbios e para as nossas algazarras de toda a hora e de todo o instante.

Mas como se familiarizou ela conosco e nós com ela, é que me não lembra, e porventura a nenhum de vocês, acho eu. O que é certo, rapazes, é que nós como que a considerávamos uma companheira de redação, espécie de diretora com casa à parte e viver independente – pois que se entrávamos

no escritório (parece mesmo que estou a ver aquela barafunda de escritório!) e, assomando à janela, a não víamos na sua, dizíamos quase sem querer, mas invariavelmente:

– Mau! Falta hoje a Maricas! Diacho! mas onde iria a Maricas?

E passados instantes debandávamos todos, um agora, outro logo, à formiga, mal nos convencíamos de que ela passava a tarde fora, em casa da freira de Quebra-Costas – dessa lembram-se vocês... No entanto, deveis recordar-vos que ela, no dia seguinte... – coitada! – ... a primeira coisa que fazia era justificar a sua falta: «estive aqui, estive ali, fui a umas compras com a mamã», um pouco ruborizada e confusa, como se na realidade a sua obrigação fosse estar ali a aturar-nos. Por pouco ela nos não pedia de mãos postas que lhe perdoássemos, a boa da rapariga.

E nós então galhofeiros, brincalhões

– Sem mais *aquelas*, D. Maricas! A congregação risca-lhe a falta, ora essa!...

E ela mais confusa, fazendo girar no dedo o seu anelzinho de cobra:

– Pois sim, mas é que às vezes...

– Às vezes quê?...

Não! ora adeus! Ninguém desconfiava que ela estivesse zangada connosco. Saíra, porque tinha de sair, essa é boa!

Pois não era verdade – perguntávamos-lhe – que ela adorava aquela *troupe* de boémios?

– São todos muito bons rapazes – dizia já a sorrir. – Todos me tratam muito bem...

E quando dizia isto, o seu rosto miudinho e muito pálido todo se iluminava de prazer e sorria de íntima gratidão. Mas porque simpatizava ela connosco, a pobre da Maricas?

Quando nos via em palestras intermináveis nas libações do *cognac* e do café, ouvia-se lá da janela um *psiu!* muito sibilado.

– Que manda a D. Maricas? É servida?

E ela, levantando os olhos da costura, com ares de formalizada:

– Mando que escrevam, que trabalhem! Já fizeram o jornal?

«O cuidado que lhe dava o jornal!»

– Ora faz favor de não falar em coisas tristes?

Olhem agora que lembrança, o jornal!

Ela então, por única resposta, dizia-nos às vezes que na semana passada o tipógrafo viera queixar-se de que havia falta de originais, quantas vezes o garoto da imprensa viera pedir as provas emendadas...

E por falar em provas: – a Maricas sabia todos os sinais das emendas, todos.

– Olhe lá, Maricas, está aqui uma letra a mais nesta palavra.

– Risco por cima, risco à margem, e um *d* cortado; é fácil.

– Um *m* de pernas para o ar, e esta?

– Risca-se, e um *três* cortado, à margem. Está farto de o saber...

Quando via algum sentado à mesa, a rabiscar, pedia sempre que lhe fosse mostrando as tiras, à medida que as escrevesse, talvez porque adivinhava que isso era um estímulo. A gente fazia-lhe então a vontade, e mal escrevia a derradeira letra pegava da tira e dizia-lhe para a janela, acenando-lhe com o papel:

– Maricas, cá está uma, vá contando. Veja: escrita de alto a baixo.

À terceira que se lhe mostrava, ela saía-se de lá com um *bravo!* e recomendava, solícita, cinco minutos de folga, enquanto se fumava um cigarro.

A Maricas era quem nos cortava as cintas para o jornal e quem nos fazia a goma nos dias de expedição. Que ricas cintas e que bela goma! Em paga, quando o jornal chegava da imprensa, quase sempre nos sábados à noite, o primeiro exemplar era para ela. Como a rua era estreita, atirava-se-lhe da janela.

– Maricas, aí vai ainda fresquinho!

– ‘stá bem, obrigada. Vou ler, até amanhã.

Corríamos todos à janela, a dar as boas-noites à nossa amiga.

– Durma bem, ouviu?

E no dia seguinte, a Maricas repetia a cada autor frases e frases do artigo publicado, jurava que nos conheceria no estilo ainda que mudássemos de pseudónimo. De resto, sempre benévola, achava tudo muito bem – «escrito com muita graça e muito bem» – como ela dizia.

Nos serões que fazíamos e que por via de regra não passavam de um interminável cavaco, dizia-se mal das mulheres, discutiam-se escândalos, desvendavam-se segredos, tal e qual como em todas as redações... Mas da Maricas ninguém tinha que dizer senão bem: era a privilegiada naquelas

sessões de má-língua. Quase sempre a conversa degenerava em algazarra – um que se lembrava de cantar, outro que ia pela guitarra e gemia fados com acompanhamento de violão. E era de ver o Santos Melo, de olhos cerrados e cabeça à banda, como cantava a sua quadra predileta:

*Sei cantigas misteriosas,
Cantigas de endoidecer,
Que os lírios dizem às rosas,
Que as rosas me vêm dizer.*

Mas no meio desta inferneira havia sempre um que recomendava silêncio: «Com mil demónios! não viam que a Maricas não podia pregar olho...»

Todavia... – ó suprema bondade! – ...ela nunca se queixava quando no dia seguinte nos vinha dizer até que horas durara a estroinice, o que se tinha tocado, o que se cantara, quem tinha rido mais, e, até, as vezes que as cadeiras tinham caído.

«Ora viam?! Não a tínhamos deixado dormir! A Maricas que desculpasse; palavra de honra! doravante...»

Ela então acudia logo, como a remediar uma grande desgraça:

– Não, não, eu até gosto. Entretém-me vê-los alegres, faz-me bem, ora essa...

Pois, meus amigos, a boa da Maricas – morreu! Vocês não sabiam? E morreu tísica, a desgraçada Maricas! Só depois que o soube, é que eu comecei a pensar naquela tosezinha muito seca em que às vezes a surpreendíamos, naquele branco pálido das suas faces, no bistre das suas olheiras, naquela magreza transparente das suas mãozitas de marfim...

Pobre Maricas!

Haverá três meses que ela me desapareceu da sua janela, onde continuei a vê-la depois que o jornal acabou. Eu sabia lá para onde ela tinha ido?!...

Mal diria eu que estavas no cemitério, tão longe e tão só! porventura na vala comum, sem umas folhas de rosa sobre a tua sepultura humilde – onde neste instante cai chuva e chuva! Ainda se as noites fossem todas de luar... Minha triste amiga! como eu agora relembro, cheio de mágoa, a tua frase de infinita bondade e de infinita resignação:

...« Entretém-me vê-los alegres, até me faz bem...»

Compreendo agora tudo – vivias da nossa alegria, já que a tua alma era triste... Mas porque foi que nos não disseste, pobrezinha! que nessa frase singela ia a revelação do pressentimento que tinhas da tua morte prematura?!

Triste criança que nós não mais veremos!

.....

.....

Olha, Maricas, escrevi quatro tiras. Já me não dizes *bravo!* ora não?...

...Bom Deus! bom Deus! Para que a terra produza diamantes, e dela rebentem flores, são talvez precisos estes corpos a vigorar-lhe as seivas!...

II

PARA A ESCOLA

No velho casarão do convento é que era a aula. Aula de primeiras letras. A porta lá estava, com fortes pinceladas vermelhas, ao cimo da grande escadaria de pedra, tão suave que era um regalo subi-la. Obra de frades, os senhores calculam... Já tinha principiado a aula quando a Helena entrou comigo pela mão. Fez-se um silêncio nas bancadas, onde os rapazes mastigavam as suas lições e a sua tabuada, num ritmo cadenciado e monótono, cantarolando. E ouviu-se então a voz da Helena dizer para o Sr. Professor, um de óculos e cara rapada, falripas brancas por baixo do lenço vermelho, atado em nó sobre a testa:

– Muito bons dias. Lá de casa mandam dizer que aqui está a encomendinha.

Oh!! Oh! A encomendinha era eu, que ia pela primeira vez à escola. Ali estava a encomendinha!

– Está bem, que fica entregue. E lá em casa como vão?

E enquanto o velho professor me tomava sobre os joelhos, a Helena enfiava-me no braço o cordão da saquinha vermelha, com borlas, onde ia metido nem eu sabia o quê. Meu pai é que lá sabia... E ali estava eu entre os joelhos do Sr. Professor, com o boné numa das mãos e a saquinha vermelha na outra, muito comprometido. A Helena, que sorria contrafeita, baixou-se para me dar um beijo, e disse-me adeus.

Choraminguei, quis sair na companhia dela.

– Não, agora o menino fica – disse-me a Helena. – Isto aqui é uma escola onde se aprende a ler. – E agachando-se, diante de mim: – Olhe tanto menino, vê?

– Mas fica tu também... – disse-lhe eu então.

Nas bancadas houve hilaridade geral. O mestre teve de intervir, iracundo:

– Caluda, sua canalha! Não veem que está gente de fora? Caluda, que vai tudo raso com bolaria!

Foi então que reparei em toda aquela rapaziada. Ah, eles eram todos meus conhecidos! Vivam lá vocês! E estavam todos alegres, pelos modos. Reanimei-me. Então já eu podia ficar, estavam ali os meus amigalhões; cheguei mesmo a rir das caretas que me faziam alguns, o Estêvão

principalmente.

– Isto é preciso muita paciência, Sr.^a Helena, muita soma de paciência. Um mestre precisa de ser um santo –, (Pausa. Olho duro sobre as bancadas.) – Mas está bem, diga lá que a encomendinha cá fica. Em boa hora entrasse...

– Entrou, ele há de estudar. Ora há de, Josezinho?

Das bancadas alguns acenavam-me que não, arregalando muito os olhos.

– É verdade – insistiu por sua vez o Sr. Professor –, o menino há de estudar as suas lições, não é assim?

– Diga: sim senhor – ensinou-me então a Helena. – Hei de estudar muito e ser sossegadinho na aula: diga. – E a meia voz para o professor: – Isto em casa é o vivo mafarrico; faz lá ideia?

Ele riu, já sabia. As crianças são todas assim, enquanto estão no mimo das mães. Mas uma vez metidas na escola, as coisas mudavam um pouco. E piscando o olho, designou a palmatória. A Helena ficou transida!

– Faz milagres, Sr.^a Helena. Digam lá o que disserem, olhe que faz milagres.

Eu tinha percebido. Começava de novo a *embezerrar*, com vontade de sair quando a Helena saísse. Aquilo sabia eu para que servia, a palmatória...

– Mas para o nosso Zezito não há de ser precisa, ora não?

– Diga assim: não senhor, porque eu hei de cumprir com as minhas obrigações, diga.

– Ora aí é que está! – atalhou o Sr. Professor. – Vê, Sr.^a Helena? Aqui já os pequenos têm a sua obrigaçõzinha, os seus deveres a cumprir, as suas coisas...

– Sim senhor, sim, enquanto que em casa...

– Em casa é o que nós sabemos. Tudo são mimos: meu menino isto, meu menino aquilo. Vão assim criados à lei da natureza, sabe vossemecê? É mau isso, péssimo! Porque é que os rapazes são todos teimosos? – E bateu num «Monteverde» pousado sobre a mesa dizendo: – Olhe, aqui está neste livro: «*de pequenino...*

– ... *é que se torce o pepino*» – concluiu rápida a Helena, orgulhosa de saber o que estava no livro, coitada!

– Nem mais. A modos que isto faz rir. Um pepino é uma coisa que se cria na horta...

Risota dos rapazes!

– Ora vê isto, Sr.» Helena! Vê estes brutinhos?! – E com entono, de palmatória alta, fazendo-se carrancudo: – Caluda, seus fedelhos! Caluda, porque se peço licença à Sr.^a Helena, começo numa ponta e levo tudo a eito, corro tudo a bolos, tudo, mas o que se chama tudo!

E fitou-os altivo, sereno, mimaz. Sob aquela ameaça, os rapazes ficaram transidos, cabisbaixos, olhos pregados nos livros. E verdade que ele podia pedir licença à Sr.^a Helena, e mesmo diante dela *cascar* de riço... Uma sombra de terror passou por toda a sala, sossegaram; até o Estêvão deixou de me fazer caretas.

– É o que vê, Sr.^a Helena – disse então vitorioso, a sorrir-se, o bom do Sr. Professor. – É o que vê! Um mestre sem palmatória é um artista sem ferramenta, não faz nada. *Santa Luzia* milagrosa! Aqui onde a vê tem feito muitos doutores.

– Essa? – perguntou ingenuamente a Helena, disposta a venerar aquele pedaço de buxo, se na verdade ele tivesse feito muitos doutores.

– Não, mulher, se não foi esta, outras como esta; essa é boa! Isso não faz ao caso.

Pela resposta bem se vê que foi indiscreta a pergunta da pobre Helena. Também ele, velho naquele ofício, muitas vezes investigara com mágoa o motivo por que a sua palmatória não fazia um único doutor... Morreria sem ter essa «glória», decerto! Forte martírio que a Helena veio recordar-lhe!...

Houve uma interrupção: um rapaz que se levantou e de braço no ar pedia para ir lá fora.

– Licéte! – foi como ele disse, arremedando o latim *licet*. Outros havia que diziam, por troça, *Aniceto!*

– Ora já a mim me admirava – tornou-lhe o professor. – Se tu não havias de pedir para ir lá fora, tu... – E ficou-se a fitá-lo, meneando pausadamente a cabeça. – Ora vá você lá fora.

O rapaz saiu apressado, com grande estrupido de pés.

– Olá? – chamou zangado o Sr. Professor.

O outro assomou à porta, contrafeito.

– Para a outra vez faz-se menos barulho com esses pés, ouviu? Não sei se percebes... Ora já que tem tanta pressa, eu não tenho nenhuma; faça favor de esperar um pouco.

Pôs-se então a correr a vista pelas bancadas, resmungando:

– Tu não... Tu não... Tu não... Tu, olá, venha cá!

Levantaram-se uns poucos; foi um barulho!

– Canalha! – gritou-lhes então, batendo o pé. – Corja de atrevidos!

Sentados já!

Grande silêncio nas bancadas. Um perguntou de lá, humilde, se era ele, apontando para o peito.

– Sim, és tu, para que queres os olhos? Avance e profile-se.

Mediu-o de alto a baixo. Depois:

– Isso mesmo. Essa mão no bolso é que não é do *regulamento*, fora com ela. Agora, sim senhor. Ora vês além aquele sujeito? o tal das pressas?...

– Vejo, sim senhor.

– Bem sei que vês, se o não visses é porque eras cego; que tal está o palerma? Ora acompanhe-o; já sabe pra quê. E sempre quero ver se tenho de vos ir buscar pelas orelhas.

Saíram. Mal tinham salvado a porta, gritou-lhes o Sr. Professor:

– Olá?

Eles assomaram outra vez, atrapalhados.

– Então, seus cabeças-de-avelã, torres-de-vento, então não falta nada?

Os dois puseram-se a coçar a cabeça, muito comprometidos. Faltava com efeito alguma coisa...

– Então é aí?

Eles avançaram até ao meio da sala, tropeçando um no outro.

– Ora passa por esta vez, em atenção a estar aqui a Sr.^a Helena. – E enrugando o sobrolho, comandou em tom marcial: – Ordinário! marche!

Faltava aquilo. Em obediência aos velhos hábitos de militar, dava o Sr. Professor aquela voz, sempre que mandava algum aluno cumprir ordens suas:

– Ordinário! marche!

Sentou-me então no joelho e perguntou:

– Olha lá, Josezinho, tu queres ser militar, queres? Assim como o Sr. Capitão do destacamento, que lá está aboletado em casa, queres?

– Cometa, mais queria ser cometa. Ou então como o Sr. Prior: dizer missas.

Riram-se. Quem sabia o que dali sairia? Mas o Sr. Professor fez notar que era bom que os pequenos tivessem já assim uma tendência qualquer. E pôs-se a puxar-me o nariz, a dar-me palmadinhas nas bochechas.

– Cometa ou prior, hem? Pois isso é que é preciso escolher. – E para a Helena: – Pois olhe que os tenho conhecido, Sr.^a Helena, que respondem a pés juntos que não querem ser nada! Mau sinal, péssimo, Sr.^a Helena. Quando eles assim dizem, de ordinário assim fazem, depois. Nunca são gente. – E virando-se para mim: – Mas então Josezinho, em que ficamos? Cometa ou prior?

– Preferia ser prior. Sempre me parecia melhor, mais bonito, especialmente em dias de festa, com aquela capa toda dourada...

– Muito bem, escolheste bem. « *Telha de igreja...*

– ... *sempre goteja*» – concluiu a Helena, que ainda hoje é forte em adágios. O bom do professor tinha finalmente chegado onde queria.

– Prior, então! Está muito bem, seu reverendo. Pois olha, Josezinho, para ser prior é preciso estudar, saber ler no missal, ora é?

– É.

– Ah!... Não é assim que se diz. É, sim senhor – emendou a Helena.

O Sr. Professor teve um gesto de indulgência.

– Mas tu não sabes ainda, ora não?

– Não senhor.

Ele então, fingindo uma grande surpresa, perguntou se o que eu trazia na saca era um livro.

– Querem ver que é um livro?!...

– Diga – ensinou a Helena: – é o meu livro para aprender a ler. Mostre-o lá ao Sr. Professor, tome.

Houve na sala um murmúrio, ao verem a capinha verde, toda lustrosa, do meu livro.

– Muito bem! muito bem! – aplaudiu o Sr. Professor. – Mas este livro é mesmo para aprender a prior... O menino já tinha dito lá em casa que queria ser prior, ora já?

Fiz que sim com a cabeça. Era verdade aquilo; mas como é que ele o sabia?

– Bem se vê por este livro. É livro para prior. Queres então principiar, não queres?

– Quero, sim senhor – ensinou ainda a Helena e eu repeti. – O que eu quero é dizer missa quanto mais cedo melhor, diga.

– Primeiro do que aqueles? – perguntou voltando-me para as bancadas.

Então fui eu mesmo que respondi: – «Sim senhor!» – contente com a lembrança de vir a dizer missa, e de a vir a dizer primeiro do que todos aqueles. Até podia acontecer que o Estêvão das caretas me ajudasse a alguma...

– Ora então está muito bem, estamos entendidos! – E com intenção, ferindo muito as palavras, para mas gravar no espírito: – A primeira coisa que é precisa para prior é saber bem isto, vês? – e punha-me diante dos olhos o livro, aberto na primeira página.

– Isto aqui é já missa, chama-se o á-bê-cê, e é aquilo que os priores dizem quando vão para o altar.

– *Ito?* – inquiri curioso, furando a página com o dedo.

– Sim, isto. E amanhã já me hás de trazer sabido daqui até ali. Hem? Valeu?

– Diga que sim, menino, diga. Valeu, sim senhor.

Eram as seis primeiras letras, ainda me lembro bem. A minha primeira lição!

A B C D E F.

A minha primeira lição!

– Ora sabe vossemecê o que isto é, Sr.^a Helena? isto que eu tenho estado a fazer?

– Sim senhor, sei... É assim... como quem diz... É...

– Não sabe, não admira – disse complacente o Sr. Professor. – Puxar o gosto, Sr.^a Helena, puxar o gosto é que isto é. Nem todos os mestres o fazem, todos o deviam fazer. O pequeno, assim, até vai estudar com mais gosto, digo-lho eu; olé se vai!

«Mas ele não a queria demorar mais; tinha lá em casa as suas obrigações, as suas voltas, e deviam ser horas.»

– Pois isso é verdade, Sr. Professor; mas não sei que é, custa-me a separar do menino... – disse a boa da Helena, quase a chorar.

– Foi ama, deu-lhe o seu leite, aí é que está a coisa. Pois tenha paciência. Aprender é tão preciso como mamar – concluiu numa prosa que é mesmo poesia.

– Pois é preciso, é!...

E a pobre Helena beijou-me, para se ir embora. Quando me beijou, senti na minha cara as lágrimas daquela boa amiga. Retirava-se, deixando-me ainda

sobre o joelho do meu velho professor, quando este a chamou:

– Sr.^a Helena?

– Meu senhor! – respondeu, levando aos olhos o avental.

– Já agora, espere mais um instante.

Percorreu com a vista, minuciosamente, as bancadas todas da aula. Depois, intimou:

– Tu, Francisco, olá, chega acima. E tu do lado, como te chamas, abaixo um pouco. – E virando-se para a pobre mulher lacrimosa: – Ora é ali, Sr.^a Helena, ali é que é o lugar do pequeno. Leve-o lá, ande, que lhe não deve pesar.

E dos braços do meu professor passei para os braços da ama. Novo beijo, lágrimas mais quentes, e saiu a boa da Helena, deixando-me no meu lugar... – o meu primeiro posto na arriscada milícia das letras...

Depois, só vi isto: o mestre a sorrir-se para a porta e a conversar por acenos com a pessoa que estava de fora. Pequeno como era, percebi, no entanto. O mestre vinha a dizer na sua mímica:

– Bolos?!... Não?!... Perdoe a Sr.^a Helena, mas isso, quando forem precisos... Pois sim... lá isso sim... pequeninos... Hã? mesmo com a mão?... Está bem... Descanse... Mesmo com a mão...

E ela devia sorrir por entre lágrimas, porque foi também por entre lágrimas que o bom velho se sorriu, dizendo adeus...

Helena, minha boa amiga! Acabo de chegar ao fim da viagem que principiei nesse dia. Não volto mais à escola! Venho hoje restituir-te, querida amiga, aquele beijo – dulcíssimo beijo aquele! – que tu então me deste. E afinal não fui prior, ora vê... Mas ainda bem. Se o fosse, acho que parecia mal beijar-te, minha boa e santa amiga! Pois ainda bem que não fui prior, ainda bem... Não é verdade, Helena?

*Em Coimbra,
no dia do meu ato de formatura.*

III

ABYSSUS ABYSSUM

Nesse dia, os dois pequenitos tinham jurado que haviam de ir ao rio. Assim eles tivessem uma coisa boa!...

Mas que tentação para ambos, o rio! Ainda lhes soavam aos ouvidos, com todo o seu entono vibrante de ameaça, aquelas terríveis palavras com que a mãe os intimidara, um dia que lhe apareceram em casa tarde e às más horas.

– Ouvistes? – ralhara-lhes a mãe. – Olhai se ouvistes! Se voltais ao rio, mato-vos com pancada! Andai lá...

Ih! Como ela dissera aquilo, Mãe Santíssima! Colérica, ameaçadora, com a mão em gume sobre as suas cabecitas louras... Lembravam-se de haver tremido, cheios de susto, muito chegados um ao outro, humildes sob aquela ameaça terminante. E então, nesse dia, eles não tinham ido ao rio. Aos pássaros, sim... lá estavam as calças rotas do Manuel a dizê-lo – ...aos pássaros é que eles tinham ido. Ao rio era bom!, a mãe que o soubesse...

Ah, mas então não os deixassem dormir naquele quarto! Logo de manhã, mal abriam as janelas, a primeira coisa que viam era o rio, uma corrente muito lisa e esverdeada, serpeando entre os renques baixos dos salgueiros. Lá estava a ponte velha, de onde os rapazes se atiravam despídos, de cabeça para baixo, e então o barquinho branco do fidalgo – lindo barquinho! – sempre à espera que o fidalgo o desamarrasse para passar à grande quinta que tinha na margem de lá.

De modo que o primeiro desejo que logo pela manhã assaltava os dois rapazes era o de irem por ali abaixo, muito madrugadores, tão madrugadores como os melros, meterem-se dentro do barco, desprendê-lo da praia e deixá-lo ir então para onde ele quisesse, contanto que fosse sempre para diante... Quando fechavam as janelas para se deitar, a sua vista seguia, mesmo através da escuridão da noite, a linha que ia dar ao barco. Era o seu «adeus até amanhã!» àquele pequeno objeto, que valia tesouros, que para os dois valia mais que tudo, tudo... Ah! tivessem eles assim um barquinho, que não queriam mais nada...

– Mais nada?

– Isso não... mais alguma coisa. E a mãe que não ralhasse, está visto.

Mas nessa manhã, bela manhã, na verdade!, a mãe viera acordá-los mais

cedo. Ia já pela aldeia um claro rumor de vida – gente que passava para os campos, os solavancos dos carros no empedrado péssimo da rua, os patos da vizinhança que saíam em rancho para a digressão pelos prados, grasnando ruidosamente, levantando-se em voos curtos, espantados da agressão acintosa dos rapazes.

Havia mais de uma hora que ali perto se ouvia o retintim agudo do martelo do ferrador atarracando cravos na bigorna. Já o reitor passara para a missa, em batina, muito hirto e vagaroso, as chaves da igreja na mão esquerda e na direita a cabacita do vinho. E àquela hora onde iria já a missa! A última beata, encapuchada e lenta, recolhera, trazendo consigo a esteira em que ajoelhara na igreja. Havia mais de meia hora que o João carpinteiro, no meio da rua, dava com valentia num carro cujo eixo *ardera* na véspera, e que era urgente compor, pelos modos. Até o Ernestinho do estanco abrira já a loja e subira à varanda a regar os manjericos. Começos de labuta diária, enfim; os senhores sabem.

Pois, como lhes disse, a mãe viera nessa manhã acordar mais cedo os dois pequenos.

– Fora, mandriões, vamos! É preciso afazerem-se a madrugar, que tal está! Ai, ai, dia claro há que tempos, vem aí o sol, e os morgadinhos na cama! – E, enquanto falava, ia-lhes abrindo as janelas. – Persignar e vestir, vamos!

Calças... colete... os jaquetões... tomem! E pôs-lhes tudo sobre a cama.

– Mãe, a bênção! – balbuciaram os dois, tontos de sono ainda.

– Deus os abençoe. Que Deus não abençoa mandriões, ouviram? Ora, eu já volto! Queira Deus que não vos encontre cá fora, tendes que ver! Os dois sentaram-se na cama para se vestir, contrafeitos, fechando os olhos àquela hostilidade viva da luz que invadira o quarto num jato repentino e brutal. Pela abertura larga da camisa assomava-lhes o peito, que eles afagavam numa última carícia, suavemente, docemente. Seria tão bom tornar a adormecer, assim mesmo sentados! O mais novito ainda tentou deitar-se outra vez, pesaroso de ter de abandonar já o aconchego morno da cama, onde se estava tão bem, onde os sonhos eram tão lindos!...

Mas a mãe não tardava ali. Era preciso vestirem-se, que remédio! Foi então que o Manuel, mais esperto do sono, olhando para o campo, o achou encantador, todo resplandecente de verduras.

– Bonita manhã, não vê? As árvores parecem mais lindas, repara. Porque

será?

O outro encolheu os ombros, não sabia; só se fosse por não haver nuvens...

Pela janela aberta, avistava-se um trecho de paisagem que a luz viva da manhã fazia muito nítida. As vinhas tinham um verde encantador, muito suave, trepando encosta acima, fazendo contraste com a rama escura das laranjeiras que cerravam alas nos pomares húmidos das baixas.

Revestidos de folhagem, ascendiam ares fora os olmos gigantescos. Pedacos de horta estavam em toda a pompa do seu viço e da sua frescura. Viam-se as rodas das noras, latadas compridas a cuja sombra regalam as merendas.

Um renque de choupos esguios marcava a borda do rio, que nessa manhã deslizava muito sereno, esverdeado de águas, espelhante sob aquele céu imaculado.

– Ah!, ah!... – riu-se o Manuel, contemplando-o. – O rio! Que te parece?! Olha que é lindo, o rio! Ora é, ó António?!

– É, lá isso... Mas *tamém* de que vale? – tornou-lhe com desalento o irmão. – A gente não pode lá ir... Olha se a mãe o soubesse, hã? – E, mirando por sua vez a paisagem, perguntou: – Já reparaste no barco, ó Manuel? – Tão bonito!

Os dois riram.

– Parece pintado de novo... E nem se mexe, repara!

– Pudera!... – explicou o Manuel – ... amarrado com uma corda... – E depois, radiante, gesticulando para o irmão: – Mas eu era capaz de o desamarrar...

– Ai eras! – disse duvidoso o António, para o incitar.

Calaram-se. Era bom podê-lo desamarrar, lá isso era! Ambos dentro dele, sozinhos, isso é que seria bom! E eles então que estavam mortos por ir às azenhas, e pelo rio era um instante enquanto lá chegavam. O barco! Era tão bom andar de barco! E aquele então era lindo, como não tinham ainda visto outro! Nunca lhes haviam esquecido – olhem lá não esquecessem! – aquelas tardes em que o fidalgo os levava dentro do barquinho, ensinando-lhes como se remava.

O Manuel foi o primeiro que se vestiu, e foi logo direito à janela. Passava naquele instante um bando de andorinhas, chilreando.

– Está um dia lindo, avia-te.

– Olha «avia-te»! para quê? – perguntou o António, torcendo e retorcendo o pé para enfiar o sapato, apoiado com as mãos ambas na borda da cama.

O Manuel sorriu-se, triste. – Era verdade... Aviarem-se para quê? A mãe não os deixava ir ao rio... E senão, que fossem! – «Mato-vos com pancada se desceis a ladeira.» – Já se vê que depois disto... – E os dois suspiravam, desgostosos. «Que pena serem pequenos!»

Nisto o António chegou-se também para a janela. Que lindo, o campo! Mas os olhos dos dois não se desfitavam do barco, fascinados. Demónio de tentação! E para mais tinham-no pintado de novo: sobre o branco, a todo o comprimento, uma faixa azul-clara destacava nitidamente, parece que apenas meio palmo acima do nível da água!

– Tate, ó Manuel! E se nós fugíssemos?

– Ora! Se fugíssemos!... E depois? A gente tínhamos de voltar...

Ora aí está!, isso é que era o pior! A mãe, depois, era capaz de fazer o que tinha prometido. E arregalando muito os olhos, imitando a cólera da mãe: – «Se voltais ao rio...» Ai, ai, a triste sorte!

Recaíram em silêncio. Ficaram-se por instantes a ver o Sol que rompia ao nascente, numa explosão violenta de luz, acendendo coloridos na largura muito ampla da paisagem.

– Mas palavra que o barco parece pintado de novo... – lembrou com alegria o Manuel.

– Mas é que está, palavra que está! Agora é que havia de ser bom andar dentro dele!...

Os dois riram-se muito àquela ideia encantadora de andarem no barquinho, assim pintado de novo. Diacho!, e porque não? Por isso, cobrando ânimo, o António disse resolutivo:

– Olha agora o medo! Seguro que nos mata! – E puxando-o pela jaqueta: – Vamos lá, ó Manuel!?

O Manuel fez que não com a cabeça, e espreitou se vinha a mãe. Como não vinha, disse baixo ao irmão:

– À tardinha, hem? Dois pulos e estamos lá. Não é tão fácil dar pela nossa falta, ali à tardinha. A gente finge que vai para o adro. Levam-se os piões...

– Há-de ser mesmo assim!, à tardinha! – concordou o António. – Eh!, eh!, eu cá desatraco.

– E eu remo – disse logo o Manuel com gesto de quem remava. – Ao leme vou eu: o leme é aquilo que regula – explicou.

– Pois sim, mas à vinda pertence-me a mim, remas tu. Se queres assim...

– Pois está bem, quero! Assim mesmo é que há de ser!

E recapitulando, para melhor ficarem combinados:

– Ao pra baixo remo eu, ora remo?

– Remas.

– E tu regulas, ora regulas?

– Regulo.

– Ao pra cima é às avessas, ora é?

– É.

Muito bem, «basta palavra»! E ambos, ao mesmo tempo, um ao outro se impuseram segredo...

– Psiu!...

– Psiu!

A tarde descaía límpida. Na vasta cúpula do céu, penachos de nuvens alvejavam, imóveis. Acesas naquela explosão rubra do ocaso, as arestas dos montes franjavam-se de púrpura e ouro, na decoração mágica dos poentes. Começava de cair sobre os campos a larga paz tranquila dos crepúsculos, e uma quietação dulcíssima e vagamente melancólica entrava de adormecer a natureza para o grande sono reparador de toda a noite.

...E a tarde ia descendo, cada vez mais límpida.

Naquela luz indecisa de crepúsculo que mansamente se ia acentuando, os montes do Sul tomavam um torvo aspeto de sombras gigantescas, imobilizados num fundo em que se iam apagando ao de leve todos os cambiantes de luz. Os pormenores da paisagem perdiam-se naquela indecisão vaga de noite que vinha descendo, e uma espécie de silêncio confrangedor dominava a natureza toda, recolhida num como espasmo amedrontador e sinistro que dentro de nós evoca a essa hora não sei que vagos receios ou medos inconscientes que fazem com que na imaginação as coisas criem vulto, e no mundo exterior obrigam a retina a exagerar as formas às coisas...

Muda de gorjeios, atravessando o espaço em voos muito rápidos, a passarada demandava os ninhos onde se acoitasse do frio que acordava.

Caíam já pesadas sobre os vales as sombras das montanhas, e um fumozito subtilmente azulado nadava à flor das coisas, velando-as para o tranquilo sono em que iam adormecer.

E a tal hora e no meio de tal silêncio, o barquinho branco deslizava

mansamente sobre a água tranquila do rio, onde as primeiras estrelas começavam de lampejar.

Dentro dele, os dois irmãozitos silenciosos iam-se deixando enlevar naquele ruído suave dos remos abrindo fendas nas águas... Não!, era bem certo que eles não tinham jamais sentido uma tão poderosa e viva alegria – alegria doida que lhes transvazava do peito, fundindo-se em energia nos músculos e cristalizando-se nos lábios em sorrisos.

Dentro daquele adorado barco, assim no meio do rio, eram senhores absolutos da sua vontade, poderiam ir para onde lhes parecesse, livres de admoestações alheias, sozinhos, independentes. E esta feliz convicção de liberdade alcançada fazia-os agora orgulhosos, além de os encher de alegria. Por certo eles nunca tinham sido tão felizes, e quem sabe se o seriam jamais?!... No entanto a noite acentuava-se. Espertava nas margens o marulho da água nas raízes fundas dos salgueiros. No céu alto e sereno cintilavam as estrelas em cardumes.

– Remas, António? – perguntava o do leme. – Olha se a vês...

E apontava para Vésper, a estrela que mais brilhava. Tinham os dois concebido o estranho desejo de alcançar a estrela cujo brilho diamantino os fascinava. Tão linda!...

– Anda-me tu com o leme! – tornou-lhe com intimativa o Manuel. – Ai a estrelinha! Deixa que ela faz-se fina, mas havemos de passar-lhe adiante, só por isso...

– Olha o milagre! Ela está queda! – fez o outro, convencido da facilidade da empresa.

– Está queda, está queda, mas sempre na frente de nós! Vai lá entendê-la. Olha como brilha, ó António!

– Mas rema, que eu cá vou; falta pouco. Ao direito daquela fraga é que ela está.

Não era difícil passar-lhe adiante, qual era? Em menos de meia hora era certo alcançá-la.

E engastada no azul-escuro do céu, a estrela parecia brilhar mais, quanto mais a olhavam.

– De que são feitas as estrelas? – perguntou o mais novito. – De prata. Pois está visto!

Então o outro, lançando um amplo olhar à vastidão infinita do céu, exclamou:

– Eh! tanta prata!

– O Sol, esse é de ouro! – disse ainda o Manuel.

– Bem de ver! – volveu-lhe convencido o irmão. – Que eu, se me dessem à escolha, antes queria as estrelas! Olha que rebanho!

– Pois eu antes queria o Sol. Com licença do teu querer, sempre é mais grande!

E enquanto falavam, os dois não desfitavam os olhos da estrela feiticeira que perseguiam. Os remos, no entanto, iam abrindo fenda na água, com certo ruído muito doce... E, lá no alto céu, dir-se-ia que, de instante para instante, a feiticeira estrela mais brilhava, incitando-os.

– Vê-la a fazer assim? – e pôs-se a pestanejar, imitando a palpitação crebra e irregular da luz sideral.

– É que tem sono! – respondeu o outro a rir.

– Olha que não! Aquilo é a fazer-nos negaças, *tamém* to digo!

– Ai é?! Pois que faça as negaças e que se descuide: se malha cá baixo, bem se afoga... – E apontando-lhe um punho cerrado, gritou a rir: – Eh, *boieira!*

Neste momento, uma estrela cadente abriu esteira de prata no azul, sumindo-se rapidamente. Os pequenos ficaram com medo e ambos murmuraram em tom de reza as palavras rituais: *Deus te guie bem guiada, Que no céu foste criada.*

– Vês? – disse o Manuel, que era dos dois o mais supersticioso. – Torna a apontar para elas... Eu cá não aponto, que nascem «cravos» nas mãos.

– A ti talharam-te o ar, ó Manuel!

– Diz a mãe! À meia-noite levaram-me à fonte e esparrinharam-me água para cima do corpo! E a água que havia de estar fria! – observou encolhendo os ombros. – Depois, viraram-me para as estrelas e disse então a mãe:

*Ar vejo,
Lua vejo,
Estrelas vejo:*

*O mal do meu corpo
pra trás das costas o despejo.*

Riram muito. O Manuel despido, coiracho ao colo da mãe, havia de ser engraçado! E então todos de volta, a ver quando se talhava o ar!

– Mas talhou-se! Agora, em paga, uma vez por ano (ao menos uma vez por ano) tenho de olhar pelos ralos do lenço pràs *cinco chagas*, umas estrelas que além estão, e rezar uma ave-maria.

– Sempre, sempre?!

– Até que morra. Depois de morrer, diz que vou morar três dias com três noites dentro de uma.

– Ora! – tornou-lhe incrédulo o irmão. – Tu não cabias lá!

– Não sei! Assim é que anda nos livros!...

Mas os braços doíam já dos remos, doíam muito...

Devia já ser tarde, e eles sem darem fé, enlevados como iam no desejo louco de alcançar a estrela.

A noite estava calma, não bulia nas ramagens ramo verde de salgueiro, um silêncio contínuo dominava tudo em volta. E amolentadora e múrmura, a água da corrente ia espumando na quilha, com certo ruído cada vez mais doce...

Mas os braços já doíam mais!...

Agora, no céu havia muitas estrelas brilhantes, muitas, mas nenhuma como aquela, ainda assim. Entretanto os dois pequenos entraram de olhar menos para ela, pois que irresistivelmente a cabeça lhes pendia para o peito e as pálpebras se lhes cerravam, a despeito de todo o esforço...

E os braços sempre a doerem!..

Por algum tempo, os remos foram com a pá mergulhada na corrente, cortando-a com levíssimo ruído. Imobilizara-se também o cabo do leme, sem que nenhum dos dois irmãos desse fé do súbito desleixo do outro...

E os braços já não doíam, nem ao de leve sequer...

O pequeno barco vogava agora à mercê da corrente, sem impulso algum estranho. Dentro dele, a música levíssima das respirações dos dois pequenos adormecidos...

Algum tempo assim. Senão quando, um ruído surdo, e logo um movimento brusco de balanço, fez acordar o do leme.

Na grande alucinação do perigo, desvairado pelo medo, gritou imediatamente:

– Manuel!, ó Manuel!

O remador acordou, sobressaltado.

– A estrela? Ainda lá está, olha! – disse, incoerente, estonteado pelo sono.

– Uma fraga de cada lado! Ouves o rio?! É já muito tarde! – continuou aflito o António.

– Então não lhe passamos adiante? – perguntou ingenuamente o Manuel, referindo-se ainda à estrela.

Mas o irmão, sacudindo-o convulsamente, procurando chamá-lo à realidade, de novo lhe gritou, com lágrimas na voz:

– Manuel, acorda! Olha que estamos perdidos, Manuel!

E, mal conheceram o grande perigo em que estavam, ambos romperam num choro muito violento, agarrados um ao outro, feridos de um terrível susto que a hora e o lugar aumentavam angustiosamente. Parecia-lhes medonho aquele marulhar contínuo da corrente, afligia-os como se fosse o salmodiar monótono e rouco duma legião de espíritos maus, preludiando-lhes as agonias lentas da morte. Aos dois pequenos os rochedos informes das margens afiguravam-se-lhes negros gigantes que num requinte de malvada indiferença houvessem jurado assistir impassíveis e mudos à escura tragédia da sua desgraça.

E o barco sempre encalhado, não havia forças que o arrancassem dali. Tinham perdido os remos.

Teriam de esperar que amanhecesse e alguém viesse acudir-lhes, alguém que ouvisse de longe os seus gritos de aflição! Transe cruelíssimo!

E então os braços continuavam a doer; doía-lhes agora o corpo todo, ao mesmo tempo que uma tristeza cada vez mais pesada lhes oprimia o espírito, parece que embrutecendo-os.

– Mas a estrela sempre além... – notou ainda o Manuel, balbuciante de medo, como se quisesse increpar a própria estrela da sua indiferença criminosa, no meio daquele enorme infortúnio em que por causa dela se haviam precipitado. – Se ela pudesse acudir-nos!

Até que por fim, prostrados de fadiga e das lágrimas, de novo se deixaram adormecer, era já alta noite.

Mas, na sua fúria constante, a corrente, que ali era muito forte, não cessava de bater contra as pedras o pobre barco indefeso. Até que, após tamanho lidar, o rio safou-o de repente para um lado onde as águas se contorciam em remoinho, e entrou de girar com ele, violentamente. Quando a água se precipitou para dentro, os dois pequenos, assim de súbito acordados,

romperam em gritos lancinantes:

– Ai! quem acode! Ai Jesus, quem nos vale! Acudam! Acudam!

Tinha surgido a manhã, serena, tranquila, cheia de gorjeios e de azul. Mas como ninguém acudisse e a luta no rio fosse desigual, num repelão mais violento o pobre barco esfacelado investiu de proa com o abismo e lá se sumiu para sempre!

Feridos de morte, no último paroxismo da sua enorme dor desesperada, os dois irmãozitos abraçados sumiram-se também com ele!...

... Nesse mesmo instante... – e mais longe do que nunca – ...a estrela feiticeira acabava de cerrar também a pálpebra luminosa!...

IV MÃE!

Ao Dr. J. C. da Mota Prego

Bela cabra, a *Ruça!* – posso dizê-lo aos senhores. A melhor da manada, luzida e de pelo macio, sem saliências de ossos como as outras, ativa de porte quando à frente do rebanho parecia comandá-lo, badalando cadencialmente o seu chocalho enorme – dão! dão! Era no rebanho a que mais dava que fazer ao pastor, requerendo vigilâncias particulares no seu atrevimento, pois que se a deixassem livre não havia árvore a que não trepasse, oliveira especialmente, nem rebento novo que não triturasse esfomeada no seu dente acerado de roedora.

E depois, ali onde a viam, estava cara só pelas coimas, que muitas vezes iludira ela a atenção do pastor, e se ficara por hortas e quintalórios, causando estragos que os louvados depois avaliavam caro. Por isso Alípio José, pastor a quem doíam as denúncias, ao pescoço da *Ruça* prendera o chocalhão, para dar do atrevido animal mais fácil rumor, pois era de timbre muito distinto dos demais, e muito mais grave.

Em pastagem pelos montados, a *Ruça* era de uma audácia extrema. Fazia gosto vê-la trepar às últimas cumeadas, subir destemidamente às arestas superiores dos rochedos, muito serena, ereta nas suas pernas delgadas, pescoço alto, ajoelhando destemida a retouçar as ervas dos declives alcantilados e escorregadios, não medindo perigos nem se importando com abismos, enquanto as companheiras se ficavam pelas encostas e córregos, saboreando as giestas, sem se atreverem a segui-la nas suas excursões arriscadas de *touriste*.

Se a miravam de baixo, sentia-se orgulhosa de superiores audácias, e então cabriolava em saltos funambulescos, de rochedo em rochedo ou de garganta em garganta, pouco se lhe dando de perigos. Cobra que encontrasse por essas paragens era para ela um desespero – tamanha a fúria com que a perseguia, e a insistência com que se ficava às marradas na lura onde se lhe acoitava. O chocalho então badalava com força, e o Alípio, que dormia à sombra das azinheiras, de chapéu sobre a cara, levantava-se sobre um cotovelo e intimava para o alto, com o seu vozeirão que fazia eco:

– Toma tento, *Ruça!*

E depois, de ventre para baixo, estirado sobre a manta, cotovelos fincados no chão, os queixos entre as mãos espalmadas, Alípio José ficava-se a olhar a cabra, invejoso daquela facilidade em subir aos últimos pináculos, admirado dos saltos que ela fazia para salvar gargantas pedregosas e perpendiculares, onde, se caísse, a morte seria infalível. E por lá andava dias inteiros a *Ruça*, naquela vagabundagem por sítios inacessíveis ao resto do rebanho, resguardando-se da chuva em recôncavos de rocha, onde as águias faziam ninho.

Foi num desses sítios que a *Ruça* teve o primeiro filhote por lá se deixou ficar, acho que dormindo ou toda a noite velando. Ao outro dia quis ela descer, e vir para o rebanho que a aguardava. Mais de cem vezes, fitando o topo da ladeira, Alípio José gritara cá de baixo, cada vez mais desesperado:

– Volta ao rebanho, *Ruça!*

E cuidando que mais lhe feria assim a atenção, punha-se a agitar com fúria o molho dos chocalhos, gritando sem cessar:

– *Ruça!* Torna ao rebanho, *Ruça!*

Mas impossível! que a não deixava a quebreira em que toda ela ficara do parto, nem o pequeno poderia – pobrezinho! – descer por tais ladeiras, de pedregosas e ásperas que eram.

Mas de noite o frio era intenso naquelas alturas, e o filho congelava unindo-se à mãe que o bafejava para o aquecer, e a si o aconchegava mais e mais para lhe transmitir o natural calor do seu corpo enfraquecido e doente.

Por altas horas da noite, na solidão lúgubre daquele sítio, alcantilado e íngreme, entre penedias escarpadas onde o vento sibilava lugubrememente, num como choro dolente e prolongado, o balido da mãe, traduzindo angústias e desesperos íntimos, respondia ao vagido fraco do filhinho, cuja vida parecia ir-se apagando de hora a hora e instante a instante, inteiriçando-se-lhe, com o frio, os membros delicados e tenros.

Eram assim as noitadas dos desgraçados. Por tais frios e doenças, impossível dormir. Toda a noite velavam e gemiam, achegando-se mais e mais num como abraço de eterna despedida – amigos que se iam apartar para uma longa viagem de trevas, com o coração alanceado pela saudade, soluçando e gemendo, num adeus! que era infinito, como o infinito amor que os unia...

E a cada momento, como um dobre de finados, o chocalho badalava lugubrememente, assustando o animalzinho, como se aquele fora o sinal para o transe derradeiro...

Para maior desgraça, as noites eram sem lua.

Encravadas na abóbada, as estrelas bocejavam dormentes, numa criminosa indiferença por aquela dor suprema de que eram as únicas testemunhas.

E balando muito, e balando sempre, a pobre cabra imprecava ao céu a vida do filho ao menos – ora súplice em balidos de resignação que uma profundíssima dor ungia, ora desvairada e louca, em gritos que significavam blasfêmias – blasfêmias de desespero contra o céu que não a ouvia, e contra a morte que bem sentia aproximar-se para lhe estrangular o filhinho que ela amava tanto. E a fazer-lhe mais viva a sua enorme dor – a ironia acerba da chocalhada longínqua das companheiras, que se iam pelos montes da outra banda, deixando-a a ela, só com o filho, à espera da morte que era inevitável.

Então ergueu-se por instantes! Agitou convulsamente o pescoço, e pelo ar fora o som triste do chocalho esprou-se lentamente, num adeus! adeus! de despedida às companheiras felizes que lá iam, num ruído longínquo de chocalhos...

Naquela solidão os dias eram melhores. Com os primeiros raios do sol entravam de reanimar-se os dois; pouco a pouco os membros desentorpeciam e o sangue circulava. E o animalzinho sem poder ainda descer!...

De pé, ao lado do filho, a pobre cabra lançava olhos compungidos para as escarpas da ladeira, ia para um lado e outro, desvairada e trémula, como que a escolher o melhor caminho por onde levasse o filho. Mas eram todos horríveis! Silvedos e rocha viva era o que mais se via. E depois o rio, lá em baixo, rugia nas cachoeiras, aumentando-lhe o receio.

Impossível! Impossível!

E sentia-se enfraquecer à míngua de sustento, pois a erva, por ali, estava comida e recomida pela pastagem miserável de três dias.

Num momento de desespero, quando os gemidos do filho eram mais dolentes e crebros, refez-se de coragem a cabra, e, segurando entre os dentes o filho, tentou o primeiro passo, arrastando-o pela ladeira, do lado em que o declive era menor.

Mas em breve desanimou a pobre, que o filhito, assim arrastado, mais e mais gemia, convulsionado e trémulo...

Impossível! Impossível!

Nada que signifique a dor daquela mãe, e traduzir possa em linguagem toda a gama de sentimentos e emoções no seu balar expressos.

Atirou-se de joelhos sobre o corpinho do filho que hirto chorava e tremia, estendido para ali, na prostração pesada do último desalento; animava-o com carícias, aproximava-lhe da boca os úberes já flácidos e amolentados, convidando-o a mamar, como se aquele leite pudesse levar ao filho a coragem que a ela própria faltava em tamanho transe aflitivo...

Mas pouco a pouco a noite ia caindo. Tinha-se já apagado a última cambiante do poente e sobre as gargantas dos montes passavam subtilmente as primeiras névoas, alvadias e ténues. À medida que a treva se condensava, decresciaam os ruídos em todo o horizonte, acentuando-se cada vez mais a melopeia sonolenta do rio nos açudes. Perpassavam pelo ar as aves para os ninhos. Bandos de pombos, como flocos voláteis de arminho, cortavam em voos mansos a profundidade calma do céu, demandando os pombais e os povoados, onde se acolhessem da noite que vinha caindo. Revoadas de perdizes e de tordos passavam por ali alegremente, num chilrear sonoro, caindo de chofre sobre o monte, a esconderem-se nos estevais e nas urzes. Pelas ervagens secas rastejavam apressados os répteis, e sob os tojais bravios a lebre buscava a cama...

E tudo tinha ninho – pombas que voavam e perdizada sonora, quem passava no ar e quem rastejava no monte, lagartos, sardões, cobras, toda a colónia vagabunda de répteis e de aves, que passou alegremente o seu dia, e se ia recolher agora para recomeçar dia amanhã...

Só a desgraçada cabra, ali, junto do filho tenro, não mais fizera passo. Com as brumas da noite, as brumas da tristeza para o seu coração alanceado de mãe. Aí vinha o frio inclemente flagelar-lhe o filho... – o filho que já tremia a ela aconchegado – o triste pobrezinho!

Rompia de toda a banda o cricri sonoro dos grilos, vivo e cantante naquele silêncio que se definia. Cerrou de todo a noite. O céu era baixo e torvo de nuvens. Estrelejava a espaços a abóbada, irradiando uma luz mortiça e alvadia, que levava a pensar em últimos transes de crianças, em que a vida gradualmente se extinguisse, num latejar vagaroso de pálpebras sonolentas...

Mais álgida a noite, e mais pesada de melancolias, essa torva aparência da atmosfera e do céu. Noite pior do que as outras, porém com menos balidos, pois que mãe e filho estavam extenuados de forças e nem gemer podiam. E a morte que não vinha arrancá-los do abraço em que se uniram, mal cerrara a

noite!

A pequena distância, o monte era cortado de profundíssima garganta em rocha viva. Do lado oposto, e quase defronte dos moribundos, acenderam-se na treva dois pontos fosforescentes, de uma claridade esverdeada e rútila. E, imóveis, esses dois olhos estoirados de lobo, a que parecia terem arrancado as pálpebras, projetavam a sua luz sinistra na direção do grupo que velava. A natureza inteira retraía-se num como pavor medonho, concentrado de íntimos terrores e silêncios lôbregos de horas altas. Cerrava-se mais no céu a falange muda das nuvens, densificando-se em tintas negras, impenetráveis e caliginosas, sem cintilas de estrelas, por fugidias e ténues que fossem...

E sempre, e constantemente imóveis na escuridão pesada, aqueles dois olhos flamejavam, de instante a instante mais vivazes, perscrutando a treva na direção mais exata do grupo. Transida de susto, arquejando convulsamente no último paroxismo da sua enorme dor, a pobre mãe não ousava arriscar um único movimento, e mais e mais cerrava contra si o corpo inanimado do filhito que parecia adormecido.

Assim durante horas que aquele atrocíssimo suplício fez enormes, quase eternas, tumultuosas de acerbos sofrimentos e de indizíveis angústias, vazias de esperança na vida do seu pequenino filho.

De repente, aqueles dois pontos brilhantes apagaram-se na treva, e de novo os viu brilhar a cabra, mas já a maior distância. Estremeceu a pobre de súbita alegria – e no abalo que sofreu o seu corpo, até então retraído, o chocalho badalou.

Voltou a correr o lobo, e então a desgraçada viu errarem na treva, como dois grandes coleópteros de asas fosforescentes, os olhos até então imóveis do inimigo. E por ali levou a noite toda, farejando e uivando, até que, cansado de perscrutar o insondável, se foi ladeira abaixo, aos primeiros assomos da madrugada que vinha, docemente, alumando píncaros e arestas.

Ao romper de alva o céu era azul. Apenas de longe em longe penachos de nuvens brancas ondulavam as suas cristas alvadias, que se esfarpavam lentamente ao menor sopro da aragem. Pouco a pouco o azul ia desmaiando, diluindo-se na luz esbranquiçada que vinha do alto em gradações impercetíveis e suaves.

Começavam de animar-se os longes da paisagem, e a retina acusava já as diferenças mais salientes dos campos e herdades, pedaços esbranquiçados de restolhos, tons pardos de olivais, terras plantadas de vinhedo, e pinheirais

cerrados galgando desfiladeiros e investindo com o céu nos altos dos montados.

Pelas ladeiras de além, caminhos e atalhos corriam em torcicolos até ao areal da margem. Em turbilhões de espuma alvíssima precipitava-se a água nos açudes marulhando nos altos penedos marginais, denegridos e informes, de uma mudez contemplativa e perpétua. Do teto do moinho, lá em baixo, uma coluna azulada de fumo elevava-se tranquilamente no ar sereno e doce, até se desfazer no espaço amplo e benigno, como uma ambição ou como um sonho...

Foi então que Alípio José, à frente do rebanho, de novo abordou àquelas paragens, no intuito de procurar a cabra tresmalhada

– *Ruça!* torna ao rebanho, *Ruça!*

Mas precisamente a essa hora, a *Ruça* exalava o último alento, pendida sobre o cadáver do pobre filhinho morto!...

E ao pino do meio-dia, quando o sol faiscava causticando nos rochedos – passava na direção da montanha, crocitando lugubrememente, a esfaimada legião dos amaldiçoados corvos...

AMORES NOVOS

TERRA MATER

Manhã de julho. Estrada fora, o destacamento seguia «à vontade» debaixo da soalheira intensa. Devido ao calor, devido a essa nostalgia dos campos, que pouco a pouco os amorrinhara, os soldados iam agora calados, tristonhos e de mau humor – e só o trup-trup da marcha, desigual e muito pesado, chegava, contínuo, aos ouvidos do oficial, que à frente seguia a cavalo.

– Eh, rapazes! – chamara ele já por duas vezes. – Vocês parece que vêm a dormir?!

Não iam a dormir, coitados. Mas eles próprios só agora é que reparavam também naquela modorra, e a espantavam pondo-se a conversar, ajeitando e ajeitando-se as mochilas uns aos outros:

– Xó, burro! – diziam alguns para os companheiros. – Para aí, que te cai a carga!

Mas daí a pouco, insensivelmente, recaíam todos no mesmo silêncio – cada qual a pensar, outra vez, nas delícias do seu «torrão»...

Até que vinha de novo a voz do alferes:

– Vocês acordam, ou não acordam?!

Como se os vissem já com os olhos do corpo, lá estavam, diante de cada um, os campos da sua aldeia; as árvores que davam sombra a esses campos; as fontes e as ribeiras que os refrescavam; as casas, as capelas, os caminhos...

– Pequena e tão pobre! Mas vá lá saber a gente porque há de gostar assim da sua terra!

E a lembrança de que tinham perdido tudo aquilo, de que os tinham apartado de tudo aquilo, mais viva lhes fazia, nesse instante, a saudade do que haviam sido...

– Ora aqui está para que um homem nasce! Mal se precata, vem a dar nisto, que pouco mais é que burro de carga!

Mas afinal, porque tinham vindo parar naquilo? Que mal tinham eles feito para semelhante castigo? Sim, que mal? Quando mais novos, lembravam-se que o pai os ameaçava, empregando sempre estas palavras:

– Anda lá que te ponho umas correias às costas! Ouves?! Ponho-te umas correias às costas, tão certo como haver uvas!

E a mãe, se estava presente, acudia logo como a esconjurar:

– Credo! Antes morte que tal sorte!

Mas, sem o merecerem, e até contra vontade desse mesmo pai, um dia a ameaça tinha-se cumprido – tinha «pegado», como as pragas que o diabo escuta!

– Se não valia mais mas é ter nascido cego ou aleijado!

E tacteando, medindo a passividade a que tinham descido, alguns desafiavam-se a eles mesmos com ironia, e como a vexarem-se com bofetadas:

– Vá! Sai lá agora daqui, se és capaz! Vá!

Ouviu-se outra vez a voz do oficial, agora já arrepiada:

– Então?! Bem digo eu! Vindes a dormir, ou que é que vindes?! – e arrostando com o destacamento, ameaçou de má catadura: – Ou vocês apertam, ou eu meto-vos na forma em acelerado!

Houve outro sussurro, outro movimento vivo de despertar. Alguns cantarolavam:

Meu pai chora que se mata

Por eu chegar ao estalão:

Não chore, meu pai, não chore,

Que eu hei de ter livração.

Mas, sobre a estrada que se desfazia em poeira, em breve recomeçaram os pés a mover-se maquinalmente, o braço a aguentar a espingarda com indiferença, o dorso a vergar sob a mochila...

A muitos já lhes escorria o suor pela cara abaixo, levavam a camisa pegada ao corpo, e iam, eles todos, vermelhos e afogeados. Entretanto, quase não pensavam nisso, com os olhos fitos na sua visão, longe... – como nalguma fada que lhes acenasse...

– Adeus! adeus! Até quando?

– Adeus! adeus! Quem sabe lá!

Persistentemente, vinha-lhes agora a lembrança do lar – do pai, da mãe, dos irmãos, da família toda. Que estariam todos a fazer? Àquela hora, mourejavam os homens na faina das ceifas; amanhando o jantar, as mulheres labutavam nas casas; os pequenitos estavam à sombra, à beira dos caminhos e por baixo das árvores, ou ao pé das fontes chapinhando nos charcos; e os

maiorzitos, aforrados em cima dos trilhos, andavam já na faina das eiras:

– Eh, boi! Eh, *Carricho!*

As eiras! Também lá fazia sol, nessas eiras onde o pão se trilha. Mas não mordida como naquela estrada maldita, sem fim, que os levava não sabiam aonde! – As eiras! – Em mangas de camisa, embora puxando a um mangual, não há calma que se não agüente. Depois, o tratar cada um do que é seu, o recolher o «pãozinho» que Deus dá, e com que premeia o trabalho de todo o inverno, em vez de cansar até dá saúde. Ri-se durante a trilha; molham-se as goelas com vinho fresco, e água fresca se não há para vinho; arrancha-se à sombra das árvores comendo a frugal refeição; vê-se quem passa e o que se passa; ouve-se e diz-se... – As eiras!

O trabalho é alegre e dá alegria. Quando cai a tarde, vem a fresca; e sobre a ramagem das árvores, onde a passarada começa a cantar – no céu esverdeado, lá baixo, os poentes parecem de fogo...

Depois, à noite, não falemos! Tudo aquilo anima-se de conversas e danças, de descantes e de namoricos, à luz de um luar de prata. Ouve-se a viola até se pegar no sono, estirados em cima das «parvas»; e de manhã, ao acordar, o céu parece lavado... – Que diferença daquela vida, esta vida!

Mondando ou semeando; nas aradas ou nas sachas; nas ceifas, nas vindimas, nas apanhas; nos lagares de azeite no tempo do frio, ou nos do vinho no tempo da calma – se haveria vida melhor do que essa! Não, não havia; com certeza que não havia! E prò não chega, as festas do ano nos seus dias certos; as feiras e os mercados; os bailes se alguém casava; os serões pelo inverno fora – e aos domingos à tarde, no adro, o jogo da barra mailo do fito, enquanto em cima, no campanário, repicavam a algum batizado...

E como se tudo isso fora ainda pouco, lá vinham as matanças no tempo devido; as descascas, as debulhas, as debagas e as carneadas; as janeiras à porta do ano, e os Santos-Reis logo ao pé; os «compadres» e as «comadres»; o Entrudo com a festa do galo; a Quaresma com as suas devoções, e para os rapazes com o jogo do pião; pelo S. João as grandes fogueiras; os magustos em Todos-os-Santos; no Natal as consoadas; – e uma vez por outra, ao ar livre no campo das trilhas, esses «autos» que têm tanta fama! Fora o mais! fora o mais!

Depois, como as aldeias são tão pequenas, cada qual decorara a sua. Vê a igreja onde foi batizado e onde ia à missa todos os domingos; a casa onde

nasceu; as dos vizinhos uma por uma; a «residência», a escola, o estanco e a taberna. E dentro de cada casa, sabe de cor tudo o que lá está; vê cada coisa no seu lugar, escuta as vozes dos que lá falam – vai jurar o que estão a dizer...

Pelas ruas, o que por lá há é como se o estivessem a ver: – em tal sítio está agora um carro; naqueloutro há porcos deitados; além, galinhas; vão a passar fulano e beltrano; – em tal janela, entre dois cacos de manjericos, um grande craveiro despejando cravos... E atrás dos cravos, ai, atrás dos cravos, *Alguém!*

...

– Que saudades! Que saudades!

Contrastando com esses campos desconhecidos, por entre os quais a estrada coleia, cada um vai recordando agora, mentalmente, os chousos da sua terra; as hortas e os quintais, as cortinhas e os lameiros, em cada coisa notando, com a cor diferente do solo e a diversidade paralela da cultura, o tamanho e a forma das árvores, quase o seu número, sombras e clareiras dispersas, fugas de prados, pontos brancos de capelinhas – aqui, ali, além... Agora, como ficava lá baixo um povoado – entre a folhagem tenra dos legumes, nas hortas à beira da estrada, lobrigavam gente em mangas de camisa, regando:

– Boas tardes! Boas tardes!

Ai, que saudades! Quem pudera largar a espingarda, atirar ao chão a pesada mochila, aferrar-se; e botando a correr por ali abaixo, aos trancos e barrancos, fincar as unhas naquela enxada – regar, cavar, cantar!

– Boas tardes! Boas tardes!

E os que acorriam a vê-los passar, de pé ou debruçados pelas paredes, ficavam-se a olhá-los cheios de curiosidade – mas tomados de uma grande tristeza! E ouviam-se alguns dizer – as mulheres principalmente:

– Coitados! Para que uma mãe cria um filho! Coitados!

Ademais, aquela vida do quartel parece que os definhava. Eram como pássaros em gaiola; e, às duas por três, deixavam de se parecer com o que eram dantes, com os irmãos que «lá» tinham ficado, com os pais, com os amigos – adquirindo essa fisionomia neutra, que nem era do campo nem da cidade.

Vista por dentro, aquilo era uma vida de submissões, em que o instinto de independência estava algemado.

Por qualquer coisa, um castigo, uma repreensão, um mau modo. E por

maior que fosse entre todos a boa harmonia, esfriava sempre as relações aquela atmosfera ríspida do quartel, contrária a expansões – em que se não podia rir nem falar alto, e em que a obediência passiva e sem réplica, obrigatória e contrafeita, parecia a muitos uma cobardia – uma abjeção e uma impostura...

Os graus de hierarquia, que fazem os homens inimigos, separando-os, tinham vindo conhecê-los ali, naquela vida. Como era diferente lá na aldeia – cada um na sua terra! Aí, sentiam-se iguais uns aos outros; e tirante o pai, a mãe, o cura, certas figuras de tios, e os padrinhos – todos esses que o próprio instinto colocava mais alto, mas, para compensar, parece que mais perto do coração – o resto não se diferenciava em alturas, e apenas a diferença de idades, mais do que a dos teres, extremava, sem os separar, os grupos da freguesia.

Depois, a consciência instintiva de que para nada de útil serviam, fazia-os antipáticos a eles mesmos, deprimindo-os, rebaixando-os no seu valor. Para que serviam?! Cada qual, na sua aldeia e no seu ofício – uns no amanho das terras, outros na profissão que tinham escolhido, eram úteis: pouco ou muito, via-se o que faziam. E ali?! Tudo o que faziam era improdutivo, artificial – irreal porque se não via...

Aguardavam qualquer coisa, pelos modos... – mas o quê? A guerra?! Mas guerras não as havia; e para cada um se defender, e defender os seus das mãos de inimigos, e as suas terras, e as suas casas, segredava-lhes o sangue que melhor o fariam livremente, por querer e não por serem mandados – a um rebate do sino da aldeia, como ouviam dizer que se fazia dantes. E então sim, então é que era matar ou morrer!

– Ah, pimpões!

– Prà frente é que é o caminho!

– Morra um homem, fique fama!

Oh, essa guerra sim; essa entendiam-na eles!

Mas a outra, a que era feita porque os mandavam, sem eles mesmos saberem porquê, pra quê nem pra que não, essa era para eles antipática – antipática e repugnante como certas escaramuças a que os obrigavam às vezes, nos arraiais e nas eleições, e em que até desfechavam contra os pais, contra crianças e contra mulheres, só porque os mandavam dar ao gatilho, às vezes a um sinal da cometa: –«Fogo!»

Ah, tinham razão os que, por se livrarem de semelhante vida, cortavam

dedos ou desertavam, fugiam para o Brasil ou se remiam! Os que tinham de a aturar, essa triste vida de soldado, não podiam ser mais desgraçados! Porque um número lhes tinha saído mais baixo que outro, ou, se mais alto, porque o de baixo tivera «padrinhos» e eles não – uns poucos de anos naquele degredo, toda a sua liberdade caída num laço! Oh, as «sortes»! Se havia coisa mais desgraçada!

Depois, essa cumplicidade que cada um tivera, embora involuntária, no acaso que os sorteara, indispunha-os a muitos contra eles mesmos – e, o que era pior, agourava-lhes a vida para todo o sempre:

– Assim com’assim, nasci prà desgraça! Hei de ir assim até morrer!

Além de que, essa mesma infelicidade tinha de lhes pesar ao diante pela vida fora, quase como um opróbrio. Era duro, mas era verdade! Porque ter sido soldado, ter «andado com as correias às costas» era na tribo uma inferioridade, uma razão de desconfiança, uma agravante:

– Foi soldado, huum...

– Se ele foi soldado...

E por mais que fizessem, caso é que não tornavam a identificar-se com o meio inteiramente – marcados, assinalados no próprio rosto por qualquer coisa que parecia um estigma, e que em vão procuravam esconder:

– Plas mentes, foste soldado! Huum... Vai-te que não podes ser bom!

Depois, aquela mesma ociosidade, travando-lhes, paralisando-lhes a vida na altura em que lhes iam florindo as energias, fazia-os, aos mais deles, inábeis para a vida do campo – quando um dia regressavam da «praça». Divorciavam-se desse modo do casal, e portanto da família – ou eram, no meio dos outros – pais, irmãos, amigos e conhecidos –, instrumentos de trabalho muito imperfeitos:

– Tir’te pra lá! Já te não avezas! Numa enxada não é assim que se pega! Larga!

E porque se lhes fora embora a sobriedade – o que bastava a alimentar os outros, em quantidade, em qualidade, em amanhã, ou era já para eles insuficiente, ou era impróprio; – e tendo vivido tutelados, contando com o comer a horas certas, e sem a consciência de fazerem por ele, o granjear o sustento pelo trabalho, conforme manda a doutrina, parecia-lhes depois um sacrifício.

– Quem fez o trabalho está no inferno!

– Antes as «correias» do que esta vida!

E como se dava o mesmo no vestuário, revertendo, dificilmente e como que vexados, ao padrão de onde haviam saído – ou sacrificavam a necessidades fictícias o produto do seu labor, mais se extremado dos outros num sentido que era a estes antipático – ou, se não podiam fazê-lo, convenciam-se, erradamente, de que a fortuna os atraíçara:

– Ora aqui está! Andei pra trás comò caranguejo!

De um modo ou de outro – de todos os modos! – a vida pervertera-se-lhes; e até entre as próprias raparigas, entre essas mesmas, namorar um «soldado» era desprezo!

*Ó Maria, tola, tola,
Olha o que foste fazer!
Foste casar cum soldado,
Mais te valera morrer!*

E respondiam algumas a um galanteio:

– Cruzes, canhoto! Arreda pra lá, que me pegas a sarna!

Pensavam assim os que iam pensando. E os outros, debaixo da mochila pesada, dentro da farda que os comprimia, dos butes que os molestavam, iam, sob o calor de rachar, numa tristeza que dizia aquilo...

Mas agora, a estrada por onde seguia o destacamento, cortada, chanfrada a meio de uma encosta, abria, de um lado, sobre uma galeria de paisagem admirável, vista dali como de uma varanda. Toda repartida em hortas e pomares, de um verde húmido e tenro, a veiga, em baixo, e para além da veiga o pano da montanha, inteiramente coberto de árvores, lembravam, na harmonia vaga do seu conjunto, um largo, inspirado, soberbo trabalho de cenografia. Não se impunham à vista os pormenores; e a não serem, aqui e além, casas e grupos de casas que alvejavam no verde macio, tudo o mais, defronte, esbatia-se num tom homogéneo, que certas manchas de arvoredo, em pelotões, mosqueando-o de manchas escuras, tornavam, não obstante, variado.

Por não ser extenso nem remoto, esse quadro dava uma impressão profunda aos que o admiravam; e ao mesmo tempo que parecia, todo ele, a obra abstrata da natureza, adivinhava-se, na perfeição inteligente da sua arte, desde a veiga que decorria ubérrima, até à crista boleada da montanha, a ação do homem e do trabalho.

Demais, não vinha de lá o mínimo ruído; – e banhada de uma luz branca, debaixo do céu azul puríssimo, toda a paisagem como que se imobilizara num êxtase – viva, espiritual, risonha...

Do destacamento, muitos pararam a contemplá-la, por suas vezes extasiados também. E alguns que já a conheciam, outros que eram dali, nomeavam-lhe os pormenores, apontando:

Além, vês? Uma coisa branca... É uma capela! No fim do verão, todos os anos, faz-se lá uma grande festa! À roda, e por ali abaixo, tudo aquilo são castanheiros! Cada um que o não abraçam três homens!

E designando as habitações, diziam nomes de casais e de proprietários.

Outros mostravam a veiga:

– Tudo por ali são meloais, repara! Melancias como a roda de um carro! Os pêsegos são como punhos! E noqueiras, e cerejeiras, e maçãs às carradas, e peras de umas poucas de castas! Ali não falta nada! Olha essas hortas!

– E que lindo! E que bonito!

Acordados do êxtase, prosseguiram. Mas em muitos deles, sob o deslumbramento que lhes fizera a paisagem, a nostalgia do campo acentuara-se-lhes, e pareciam, agora, comovidos. Mais ou menos, voltara a cada um a saudade do seu recanto natal, a visão real de todas as coisas que o constituíam, a sua vida – tudo isso, enfim, que tinham perdido...

Enternecidos, alguns tinham vontade de chorar. Mas noutros, de temperamento mais recalcitrante, a tristeza parece que tomava a feição de uma cólera surda, moendo neles e desgastando – desgastando como se fora uma lima...

Iam agora calados; e como quer que um deles, estacando de repente, fizesse, num gesto de surpresa, um gesto de atenção, os mais pararam também, e puseram-se todos de ouvido à escuta...

– «Que era?» – Da veiga, efetivamente, um coro de vozes ascendia... Eram raparigas a cantar, talvez nalgum lavadouro, lá baixo, ou nalguma apanha.

– Escuta...

Por vir de longe, por ascender não se sabia donde, e chegar ali quase diluído, o coro das vozes parecia de almas, emanado do seio da luz...

– Não se vê... Escuta...

– Ó rapazes! Parece mesmo a terra a cantar!

Este bocadinho de sobrenatural acabou de comover o destacamento – que se quedou ali como encantado; e foi preciso que o oficial, que à frente

continuava a cavalo, chamasse de longe pelos rapazes, para de novo se porem todos em marcha – atentos, ainda assim, ao coro que prosseguia...

Agora, parecia já adivinharem-lhe a letra:

– Escuta...

*«O meu coração é terra,
Hei de mandá-lo lavrar...»*

Sorriam-se, fitando o ouvido...

*«Pra semear os desejos
Que tenho de te falar...»*

Mas pouco adiante, um grande souto fazia sombra para dez regimentos, e o oficial mandou fazer alto e descansar. Esperou-se um bocado pelos retardatários, ou por algum que vinha cansado; mas quando se pensava estarem já todos, verificou-se que faltavam dois.

A não se ter dado algum acidente, era já tempo de estarem ali; e porque os tinham visto havia ainda pouco, entre os demais que escutavam o coro – o próprio oficial foi à cata deles, esporeando o cavalo ronceiro.

Momentos depois, entretanto, o alferes regressava a passo. E perante o destacamento formado, em que cada soldado parecia uma estátua, arremessou ao chão duas espingardas, e após as espingardas duas mochilas – que fizeram, caindo, o baque dos corpos mortos...

Como um hino da Terra, trazido na asa da aragem, chegava agora até ali, mais vivo, o coro das raparigas...

*«O meu coração é terra,
Hei de mandá-lo lavrar,
Pra semear os desejos
Que tenho de te falar...»*

LUZIA

Mesmo ao fundo da povoação, ficava, parece que já esquecida, a casita do António Valente. Pela porta dele não se fazia caminho para banda nenhuma. A aldeia acabava ali. Começava logo adiante, numa pequena chapada sem parapeito, esse terreno ladeiroso que ia dar ao rio, e da banda de lá do rio – tudo aquilo era já Espanha: largos e compridos vinhedos que pela primavera entravam de revestir de verde todos aqueles montes e cabeços – montes e cabeços que além, à borda do rio, estacavam, de repente, eriçando-se, imóveis, em fragaredos escavados de meter medo.

Dir-se-ia, pois, com efeito, esquecida já para aquele deslado a casita do jornaleiro, mas ficava, como veem, muito bem situada, porque demais a mais era vizinha de uma pequena ermida – a ermida branca da Senhora das Graças – que devia, vista de lá, sorrir-se para os Espanhóis, como sorria aos Portugueses, especialmente ao António Valente quando aos domingos assomava à janelita, essa linda capelinha da Senhora chamada *del Pilar*, que alvejava naquele grande trono de verdura, além, debaixo do céu azul.

O António Valente era ainda novo, e tinha dois filhos muito bonitos e ambos muito loiros: a Maria da Graça, a mais velhinha, que fizera sete anos, e então o Manuel, que tinha seis. Sete anos e nove meses tinha ele de casado com a Luzia, a mais linda, a mais alegre rapariga das que no verão arranchavam nas vindimas. Namorara-o o seu lindo cabelo preto, o seu rosto de nazarena, aquele seu ar esbelto de choupo, os belos olhos da rapariga, que lhe lembravam duas amêndoas grandes no feitio – e então certa covinha que fazia na sua linda face trigueira, quando se ria, aquele demonete...

– Ora aí está uma covinha em que eu gostava de enterrar beijos! – dissera-lhe uma vez, também a rir, esse mocetão do António Valente.

Ela respondera-lhe, fingindo uma grande surpresa:

– Gostavas?!...

– E esses dentes, ó Luzia! Queres-me tu dar uma dentada com esses dentinhos?

– Isso não, rapaz! Preto por peto, está em primeiro lugar o pão centeio!

– Ah, marota!

A esse tempo, a Luzia era órfã de pai e mãe, e não tinha irmãos. – «Sou como o sargacinho do monte!» dizia ela às vezes. – Pensava em se casar? Pensava. Mas não era «pra se arrumar»; que muitas vezes dizia ela que «enquanto Deus lhe desse saúde, e força naqueles braços...» – «Esconde lá isso, rapariga! Ora pra que hás de tu estar a arregaçar os braços se mos não atas aqui ao pescoço!» dissera-lhe de outra vez o António Valente – ... que enquanto Deus lhe desse saúde, e força naqueles braços, não era ela que caía nessa – a não ser, já se vê, acrescentava fazendo a covinha, que lhe desse o demo na cabeça pra gostar pra aí dalgum feiarrão...

Certa vez, o António Valente, que já andava aflito de lhe ouvir a conversa, volveu-lhe:

– Ouves, Luzia? Mas pra te livrares desse perigo, aqui estou eu que sou bem guapo!

– Tu?! – perguntara ela muito estranha.

E o António redarguiu-lhe logo:

– Olha lá agora se me enjeitas, ó cachopa!

Estavam a cear, por sinal. Tinham andado à azeitona todo o santo dia, e estavam a cear, de ranchada, em casa do amo. Prosseguiu a conversa em grande galhofa enquanto durou o caldo, e enquanto, depois do caldo, comeram as batatas guisadas. Era na cozinha, a grande cozinha escura do lavrador – com o lume a arder além, o armário acantado acolá, ali a cantareira, além a boca do forno, a masseira logo ao pé, a banca daquela banda, onde a moça, mais a ama, despachavam as refeições, e em cima, pingando, as varas do fumeiro. A um lado, ao pé da porta que dava saída para o quintal, as azeitoneiras comiam, alumiadas por uma candeia.

Ao lume, escarranchado, estava o amo, a regalar-se de os ouvir, e de ouvir ferver a panela. E porque não esmorecesse a conversa, meteu de lá também a sua «foiçada», enquanto, enxotando o gato dorminhoco, ajeitava com as tenazes um tição:

– Quem há de casar com a Luzia bem eu sei...

– Quem?! Quem?! Ó Sr. António, diga lá quem! – acudiram logo em coro as azeitoneiras.

Mas ele, desviando a conversa:

– Ó Ana! Ó mulher dos meus pecados! Não me tirarás de cima do lume esta amaldiçoada caldeira?!

– Mas quem, ó Sr. António?! Diga lá quem! – insistiram as outras.

– Isso agora... Ó Ana, olha que esta vianda já está farta de ferver. Tira pra lá a caldeira!

– Então não diz, ó Sr. António?!

– Não! É segredo. – E voltando-se para trás: – Se não tiras a caldeira, tiro-a eu!

– Mas ora o que te aflige a caldeira! – disse zangada a Sr.^a Ana, pegando-lhe pela asa e levando-a, num rompante.

– Bem. Agora venha de lá o caldo, que eu também sou filho de Deus.

– Não! Não! Mas antes, há de dizer quem é o derriço da Luzia! – impetravam de lá os outros todos. – Diga, ó Sr. António! A gente guardamos segredo!

– Isso guardam vocês, olha quem! Ó Ana, mas vem esse caldo ou não vem esse caldo?!

– Jesus! Santo nome de Jesus! – exclamava aflita a Sr.^a Ana.

– ... Porque enfim, rapazes, há coisas que são segredo – desculpou-se o lavrador. E dando uma palmada – *pá* – no lombo gordo do maltês, que vinha, lambareiro, fariscar a panelinha dos petiscos: – Só se a Luzia deixar...

A Luzia, que o percebera, acudiu de lá contendo a risa – e, levantando no ar o garfo de ferro, suplicou:

– Não diga, ó Sr. António! Plas suas alminhas não diga! Peço-lhe eu que não diga!

Foi um alvoroço na cozinha, todos a pedirem-lhe que dissesse! Mas a voz fina de Luzia trepava mais alto que as mais:

– Não diga, ó Sr. António! Sempre quero ver agora se é meu amigo!

– Já vocês veem... – rematou o lavrador desculpando-se. Mas fingindo logo que se arrependera, emendou: – E tu que é que me dás se eu me calar?!

– Olhem o interesseiro! Eu só se lhe der este anel...

– Valeu! Mas ele de que é o anel?

– É de coralina, quer?

– Não! Só se me deres um beijo!

Foi uma risota.

– Ó Luzia, vai-lhe ali dar um beijo! – acudiu logo, chamando-lhe tolo, a Sr.^a Ana. – Ora o grande tolo!...

– Pois então, ó mulher de juízo, dá-me cá tu o caldo! Não se envergonha de ter aqui o seu homem a morrer de fome!

– ... De fome de beijos, ó Sr. António – acudiu de lá a Luzia, a rir.
– Ah, grande magana! – disse o lavrador repreendendo-a.
– Ora, mas é mesmo por amor disso...
– Diga! Diga! – clamaram em coro as azeitoneiras.
– ... É mesmo por amor disso – continuou o lavrador – que vou chimparr aqui com quem te tu casas!

E erguendo-se a meio corpo, já com o caldo em uma das mãos, na outra o carolo de pão centeio, começou, voltado para o rancho suspenso:

– A Luzia... – e pisou sem querer o rabo do cão, arredando-o com a ponta do pé. – Vai-te!

– A Luzia... – repetiram todos.

– ... Casa-se com o porqueiro!

Foi uma assuada! Trinta vozes clamaram ao mesmo tempo:

– Casas-te co porqueiro! Casas-te co porqueiro!

O porqueiro era um muito feio, gago e aleijadinho, que estava a comer a um canto do escano.

Perguntaram-lhe:

– Ele é verdade, ó Luís?!

– Quem *tera!* – acudiu muito contente, soprando a garfada fumegante, o pobre do Luís. E fungou uma risadinha...

– Gostavas, ó Luís? – perguntou-lhe de lá o António Valente.

– *To... tava!* – disse o gago.

– *Tamém eu.*

Fora então que a Luzia, já de pé para se ir embora, no meio de alguns que se despediam – «Boas noites, Sr. António! Muito boas noites, Sr.^a Ana!» – dissera outra vez a sua «história»: – que «enquanto Deus lhe desse saúde, e força naqueles braços...» – acabando por os seus receios de que viesse enfim a dar-lhe volta ao miolo algum feiarrão muito feiarrão – «inda mais feiarrão do que o Luís!»

– Olha que já esta noite disseste isso, ó Luzia! – tornara-lhe a rir o António Valente, anediando com a manga o chapéu grosso.

– E tu que tens com isso? – perguntara-lhe ela fingindo-se zangada.

– Tenho! – acudiu o António. – É que se me não dava de casar contigo. – E abalou, ato continuo, direito à escada. – Com bem passem a noite. Adeus, Luzia!

Não rira desta vez, a Luzia, nem tão-pouco lhe acudiu o remoque...

– Ouves? – chamou ela, sem saber o que ia dizer.

– Que é? – respondeu, já do fundo da escada, a voz do António Valente.

– Não é nada... Era cá uma coisa. Já não é nada.

Mas o lavrador, que percebera, voltou-se logo para a Sr.^a Ana, e disse-lhe assim, de velhaco:

– Sabes que mais, ó mulher? Olha se me vais arejando a roupa sécia, que há de ser precisa pra um casamento...

Atirando o xaile para a cabeça, a Luzia botara a correr para a escada, sem dizer palavra.

– Então boas noites, ó rapariga! Vê lá agora se cais...

– Ah, *não caio*... – respondera ela de certa maneira.

– Não é isso! Que não vás cair que me quebres a escada! – explicou o lavrador alçando a voz e desfechando-lhe uma gargalhada!

Enfim, enfim, caso é que daí a menos de um ano, à missa do dia, o bom do Sr. Reitor dizia assim ao *lavabo*, com uma grande chapada de sol a bater-lhe na casula branca:

– *Na forma do Sagrado Concílio Tridentino...*

Pausa.

– Ora mal sabem vocês quem se vai casar! – pareciam dizer no altar-mor, a rir, os lindos santinhos cheios de flores.

E o povo parecia perguntar, escutando:

– Quem será? Quem será?

– ... e pelo favor de Deus e da Santa Madre Igreja Católica, Apostólica, Romana, *querem contrair o Santo Sacramento do Matrimónio que pretendem...*

Eram, já se vê, os proclames do António Valente mais da Luzia. Disse-lhes os nomes dos pais, disse-lhes os nomes dos avós, o Sr. Reitor: – «*todos desta freguesia!*» Riam, os santinhos! – «*Todos desta freguesia!*» Sorriam-se cá baixo os do povo:

– Pois vão bem! Pois vão muito bem!

E o Sr. Reitor, cheio de sol, fazendo ao alto do papel dos «banhos» um rasgãozinho, pra se lembrar que era aquele o primeiro pregão, concluía, cheio de sol, na sagrada forma do estilo, mirando ao alto uma andorinha, que viera também à missa:

– *Se alguém souber dalgum impedimento pelo qual os contraentes deixem de*

receber o Santo Sacramento do Matrimónio que pretendem, debaixo de pena de excomunhão maior o descubram, e debaixo da mesma pena maliciosamente o não embaracem.

Ora, ora! pelo contrário!... Impedimentos não os havia de casta nenhuma, e todos levavam muito em gosto, na freguesia, o casamento: – os santos, o povo, as árvores, as andorinhas... E do mais velho ao mais novo, estou em dizer que não houve ninguém que nos três domingos dos «parabéns» não provasse a rica «pinguinha», e ninguém, dos quarenta pra baixo, que na boda não desse à perna – *trup-trup! trup-trup!* – nesse lindo dia de sol...

A CHOCA

Ao sr. Emídio Navarro

Aquela tarde, a Choca recolhera ao poleiro mais cedo do que o costume. Atrás dela, lembrando doze novelitos de oiro a mexerem-se como por milagre, os doze filhinhos tinham seguido a mãe – e lá dentro, qual deles com mais dificuldade, um a um tinham-se encarrapitado no velho cesto de palha onde faziam a cama, aninhando-se, o melhor que puderam, debaixo da asa materna.

Eles mesmos tinham estranhado recolher tão cedo aquela tarde, os pequenitos; – mas, cá fora, o rancho das outras galinhas atribuía isso à doença da Choca, porque a pobre, com o gogo, metia dó com tamanho sofrer! Um pouco aterradas, tinham assistido havia três dias a essa operação, que a Choca sofrera, e que certas delas, na grei, sabiam muito dolorosa. A pena que lhe espetara no pescoço a velha que cuidava delas fora o mesmo que nada – e se mal estava, pior ficara, a pobre!

Ainda a trazia, essa pena, mas quase seca porque não purgava; e entretanto, sem bem lhe fazer, afligia-a como se fosse um estigma tanto ou mais que a própria doença...

Por isso recolhera cedo, a Choca; deixando fora, pelo terreiro, gozando ainda o seu resto de tarde, o rancho das companheiras.

Ai, eram bem felizes, essas! Pelo buraco do poleiro, sentia-as agora cacarejar – e não tardaria que o milho do recolher, que a velha, todas as tardes, trazia para elas no seu mandil, alvoroçasse no prazer do costume, em que por via de um grão, às vezes, havia entre todas rixas alegres, o bando das companheiras...

Só ela, doente, quase já não sabia o que era comer; e ainda essa tarde, morta de sede, invejara a gotinha de água que um ou outro dos seus pintainhos, beberricando na pia, deixava, depois de saciado, cair do biquinho como uma pérola.

Mas nem comer nem beber, ela, que era muita a gosma, podia! E pelo que tocava a cacarejar, nem o bastante para a ouvirem os filhos, para os

admoestar, para os dirigir – quanto mais para uma dessas tiradas que outrora lhe haviam feito, ao romper da manhã, a sua fama de cantadeira! Galos que ela apaixonara, ciúmes em que fizera arder tantas rivais, ralhos, intrigas, combates – como tudo isso ia longe, agora ! Nos bebedouros, ela mesmo se namorara da sua figura esbelta, muitas vezes; e que o não adivinhara na devoção dos galos, de tantos que a tinham amado e que ao aclarar das manhãs, todos os dias, lhe declaravam o seu amor dos poleiros à roda – adivinhara-o na inveja das outras, esse prestígio mágico da sua beleza...

Certo galo, sobretudo, agora já velho – e, como ela, agora já também sem entusiasmos, dir-se-ia que o enfeitiçara; e agora mesmo, vendo-a recolher cedo com a ninhada, esse velho e trôpego apaixonado (mas belo, ainda assim, na sua justa decrepitude) não tardara a recolher-se também.

Subtil, passara, sumira-se ao fundo na sombra densa; e erguendo um voo pesado, sentira-o aninhar-se onde passava as noites, numa trave a um canto do poleiro. Cansaço talvez da vida, talvez doença também quem lhe dizia a ela, entretanto, que ele se não recolhera por a ver recolher, por a ver doente, por um impulso de compaixão, que era agora, talvez, como a agonia do seu velho amor?!

Pelo que respeitava às companheiras, as da sua geração eram já poucas; e essas, como ela própria, mais saudosas da mocidade, do que lembradas; e quanto às novas, muitas criara-as ela – e, sobretudo, não era já dela que tinham ciúmes...

De resto, ela mesmo era boa companheira; e tirante algum fogacho de génio por amor dos filhos, se tinha de os proteger ou se lhos ofendiam, até no comedouro era moderada e no bebedouro; – e muitos pintainhos doutras ninhadas queriam-lhe como se fosse avó, e os frangos, uma vez por outra, ela própria, de manhã, ensinava-os a cacarejar.

Ah, mas esse bom tempo ia passado! Já chocara a ninhada com pouca saúde; e surpreendendo-se, às vezes, sem paciência para aturar os filhos, ignorava se seria por isso, se por a verem talvez doente, que eles mesmos, coitadinhos, pareciam às vezes também doentes!

... Entretanto, eles tinham-se aninhado todos, o melhor que lhes fora possível, debaixo da asa materna; – e embora muito enferma, ela era feliz, ainda assim, por ter tão quentes os seus pequeninos e agora, por certo, todos a dormir e talvez sonhando...

À boca da noite, as galinhas todas haviam-se já recolhido; e alguém, de

fora, tapara com uma pedra o buraco do poleiro. Esse alguém fora ainda vê-la um instante enquanto as outras comiam, mas retirara-se muito triste; e agora, na quase escuridão do poleiro, pouco a pouco se estabelecera o silêncio, e por fim já se não via nada.

Decorria o tempo, mas dormir não podia, a Choca; e, opressa da gosmeira tenaz, afligia-a, mais do que a doença, ora a imobilidade a que se votava por amor dos seus pequeninos, ora esses abalos irreprimíveis de todo o corpo, quando algum acesso mais forte a sacudia.

E stava então muito doente, a Choca, e ia talvez morrer! E todavia ela fora toda a sua vida muito prestante, para merecer à sorte um sofrimento daqueles; – e esse mesmo nome de Choca, muito parecido, afinal, com uma alcunha, vinha-lhe das muitas ninhadas que havia chocado, cada uma das quais – e não tinham conta! – lhe havia custado uma doença. Febre que era mesmo lume, nessas três semanas de choco, tantas vezes repetidas; e depois, nas convalescenças esses mil cuidados com os seus pequeninos, para os alimentar, para os guardar, para os ensinar...

Episódios, alguns tinha a sua biografia, e certos deles muito heroicos; e aflições então não tinham conta! Certo ovo de pata que ela chocara, deitara um monstro cá para fora; e aquela vez que o viu entrar numa ribeira tremendo por ele como por um filho, posto que lhe segredasse a natureza que o não era –, a aflição ia-a matando, com a ideia de que se lhe afogava! Depois, quando o viu boiar, que alegria!

Outro se lhe afogara, de outra vez, mas esse era bem seu filho. Descuido, fora-se a beber à pia e lá ficara; e ela, entretida com os mais, quando deu pela falta e o procurou, e quando o procurou e o achou morto, ia endoidecendo com a aflição!

Querelas com as vizinhas eram a toda a hora, se concorriam ao que esgravatava, para ela e para os seus; – e agora, prestes talvez a expirar, pesava-lhe na memória uma grande culpa: essa bicada feroz com que matara um pintainho estranho, de uma vez que o pobrezinho, que tinha a mãe também doente, viera, humilde, debicar-lhe no peito à cata de um grão, ali guardado, como num celeiro, para os que eram dela! Disso pediria ela perdão a Deus; e isso mesmo, em verdade, não fora por querer, e remira-o, pela vida adiante, com muita obra de caridade.

De resto, cumprira na sua vida todos os seus deveres, e muitas vezes, muitas, deixara de comer, inclusivamente, para que os seus não tivessem

fome. Se se lhe extraviavam, procurava-os e aquele que uma vez não apareceu, mais a enfrenesiará, para toda a vida, no ódio aos gatos, que tratara sempre, desde esse dia, como inimigos – e disso não se arrependia.

Chuvadas que no campo havia apanhado, dir-se-ia até que lhe sabiam bem, com os seus filhinhos abrigados debaixo das asas; – e se eriçava as penas e arrastava as asas, à vista de certos cães, viera-lhe isso do que ouvira de alguns, que eram traiçoeiros e comilões – mas vivera em paz com a maioria.

Em suma, para defender os seus filhinhos nunca fugira, nem mesmo do homem, e a alguns se atirara com bico e unhas; – e pelo que tocava às raposas, muitas a haviam conhecido, mas de longe...

Mas o que não melhorava, coitada, era a sua gosma!

Cansada já de sofrer, ainda por cima sentia-se pior, com o frio da noite! Não tardariam os galos a cantar – e sentia que o ronrom da gosma, e os acessos que tinha às vezes, e que pareciam tosse, não tinham deixado pregar olho, lá cima, ao companheiro... Má noite, também, para os seus pequeninos; mas os inocentes, cansados e mal-comidos, ainda bem que iludiam a fome com o sono que era fadiga...

Entretanto, pela noite velha, entrou com ela um tremor de frio. A gosma sufocava-a; – e ela já sentia, um daqui, outro dali, mexerem-se inquietos os seus pequeninos. Ainda não luzia o buraco; mas lá fora, disseminados, ouviam-se já cantar os galos.

– «Que é da sua força? que é da sua alegria, que já para ela não tinha encantos, essa alvorada?...» –

Coitada, o frio apertava com ela; e uns debaixo duma asa, e outros doutra, alguns já desabrigados, sentia os filhinhos tremerem com frio, muito inquietos, na escuridão ainda cerrada...

– Ah, se ao menos o dia nascesse!

Mas eis que certas intermitências dos sentidos sobrevinham à pobre Choca! Não dormia, decerto, aquilo não era sono; mas a memória já se lhe apagava; esvaía-se-lhe a luz do instinto; e daí a pouco já não sentia nada. – Inerte instantes depois; e por fim (cantou agora o galo no seu poleiro!) veio-lhe um espasmo e caiu na morte...

A esse tempo aclarara a manhã; – e sobre o corpo tépido da mãe, que na própria morte ficara dócil, enovelavam-se agora, piando, os pobres dos pintainhos!

À LAREIRA

A António de Albuquerque

Louvado seja Deus, aquela casa da Tia Maria Lorna era das mais remediadas lá da aldeia, e até das mais alegres. Tinha por fora uma varanda de pedra para onde se subia por degraus também de pedra; em baixo as lojas, onde os laregos e uma burra se arrumavam; a tulha; uma despensa; e ao lado, arrumada a ela, a grande curralada dos bois, enorme, atulhada de feno e de palha nas sobrelojas, com uma quadra muito espaçosa para as ovelhas, quando as ovelhas não pernoitavam pelas terras, farta manjedoura pràs vacas, e a um recanto, no chão, a cama onde ficava o moço. Na varanda, estava sempre o *Caramujo*, um demónio de cão pequeno muito assanhado, ruivo de cor, que levava os dias a ladrar muito enraivado, porque não havia ninguém que por aí passasse que não tivesse que contender com o *Caramujo*.

– Eh, mal-encarado! Eh, inimigo!

Lá por dentro, a casa da Tia Maria Lorna podia-se ver. Tudo arrumado, as coisas todas no seu lugar. A Comadre Aniceta chamava-lhe até «um oratório» e não se fartava de mirar tudo, de reparar com reverência naquele arranjo de todas as coisas, e se ia à despensa até se benzia:

– Nome do Padre, do Filho e do Espírito Santo! Ora não há! Assim, até parece que faz gosto a gente viver, só pra se regalar de ver este asseio!

– Do meu corpo me sai, comadre! Do meu corpo me sai! – dizia-lhe muito enlevada a velhota.

– Bem se lembra como a gente principiou: – pobrezinhos...

A Sr.^a Aniceta começava a limpar os olhos com o mandil.

– Para o meu José mercar aos irmãos as duas sortes que tinham nesta casa – continuava a Tia Maria –, sabe Deus, sabe Deus! Trabalhou muito, chorámos ambos muita lágrima, prò ganhar...

Lacrimjava, a Sr.^a Aniceta.

– E depois compô-la, arranjà-la?

A comadre fazia que sim com a cabeça, de um modo que bem se via

ponderar as dificuldades, as terríveis dificuldades da empresa...

– Começaram a vir os filhos...

– Ó Ana, Ana! – chamava ela lá para cima – traz cá depressa o gato, que parece que vi um leirão no meio das talhas.

Confessava a Sr.^a Comadre que os ratos eram uns inimigos: –«só o que eles roubavam à nossa boca...»

– E depois feios?! – dizia a Sr.^a Aniceta cheia de nojo, tirando a tampa à sua caixinha redonda de lata, onde trazia muito moídas as pontas das cigarrilhas do seu José. – Uma pitada, minha comadrinha, sempre alivia as memórias – dizia ela oferecendo a caixa.

Mas começaram a vir os filhos: primeiro a Teresa, depois o José, logo pelo S. João do outro ano o Francisquinho que nos morreu, depois a Ana, e já se vê que não havia remédio senão ir aumentando o buraquinho...

– Ora viva a linda flor! – cumprimentou a rir a Sr.^a Aniceta, festejando a filha da sua comadre, que chegava com o gato dependurado.

– Mete-o ali, anda – dizia-lhe a mãe. – Aí não... entre essas duas talhas... mais adiante...

– Ó minha mãe! – replicou-lhe zangada a rapariga. – Vossemecê é melhor agarrar o leirão, e metê-lo aqui na boca do gato.

Ria a Sr.^a Aniceta enquanto a Ana desandava outra vez para o seu serviço, não olhando sequer para nenhuma delas. Embirrava com a Aniceta; – foi dizer à irmã que estava lá em baixo e *enzoneira*.

– Pois já se não vai sem levar maquia! – acudia logo a Teresa.

E para empontar a criatura pôs-se logo a chamar pela mãe:

– Ó minha mãe, minha mãe! Olhe que se vão fazendo horas de mandar o jantar ao pai.

– Vou-me lá, vou-me lá, minha comadrinha! Demais a mais, trazemos obreiros, e inda não é tanto pelo meu José; mas o rapaz, se ouve tocar ao meio-dia, e não vê lá a cesta do jantar, à noite ninguém o atura!

– Pois vá, vá! – fazia logo a outra, despedindo-se. E respondendo à conversa em que estavam, ainda rogou outra praga aos invejosos.

– Pois olhe que os tivemos, comadrinha! Essa curralada aí fora, olhe que nos está num ror de dinheiro – concluiu, rodando a chave da despensa, a boa da Tia Maria Lorna.

Escondeu a Sr.^a Aniceta, debaixo do mandil, o pedaço do unto que já

levava, embrulhado numa folha de couve, e lá se foi rogando bênçãos:

– Nosso Senhor lho aumente, minha comadrinha, mais aos seus filhos e ao seu homem!

– Adeus, comadre, adeus! – E ainda por cima desculpava-se: – É pouco, mas de boa mente.

Quando subiu, não olhou para as filhas, que também não olharam para ela. Tinham visto da janela sair com as mãos debaixo do avental a «comadrinha». Mas daí por um instante, quando o argadilho já rangia porque a Tia Maria se sentara a dobar, a Teresa, como mais velha das filhas, foi metendo logo o seu remoque:

– Assim vale a pena! São duas avenças! O homem faz a barba e ganha a sua, que não é ela tão pequena...

– Três alqueires medidos por mim – confirmou a Ana – e que por sinal foram rasoirados da última vez...

– Demais a mais! – tornou logo a outra. – A «comadrinha» (e metia no diminutivo um acento irónico), essa porque será a avença?

Houve um silêncio; e porque a mãe não respondia, vinha logo a outra:

– Nosso Senhor me perdoe, mas o meu gosto, há bocado, era atirar-lhe com o gato mesmo à cara! Só ela vale por seis leirões!

Exageravam. A Tia Maria Lorna bem sabia o que fazia, e o que dava bem sabia porque o dava. As filhas, se eram poupadas, com a mãe tinham aprendido. Deixou-as falar. Só quando se lhe acabou a meada, e se levantou para ir arrecadar o novelo, disse às filhas:

– Pois sim, sim! Mas eu sempre quero ver em me eu morrendo com quem se vossemecês encontram pra uma doença...

Era a velha resposta. As duas riram-se.

– Olhe, minha mãe, mal por mal antes com o homem, antes com o Ti José Bernardo. Esse ao menos, quando foi a doença do Francisquinho...

– Diz, diz, vai dizendo! – pediu agora a mãe.

E como as duas se calassem, comprometidas com a objeção, concluiu ela:

– Quando foi da doença do Francisquinho, levou aí três noites sem dormir, só para ajudar a morrer o anjinho; e quando morreu – vi-o chorar! Quem sabe lá se outros se riram!

Calaram-se. Com a cesta à cabeça, abalou a Teresa a levar o jantar ao pai mais ao irmão, e ao voltar veio com este recado:

– Diz o pai que faça favor de mandar dizer ao Ti José Bernardo que se não

esqueça de vir cá à noite.

– Ele, teu pai, está doente?! – perguntou assustada a Maria Lorna, porque o José Bernardo era o cirurgião do lavrador.

– Não senhora. Diz que é por amor de lhe ser testemunha numa coima, porque foi ele, p'los modos, que enxotou uns porcos do nabal, não sei de quem eram.

– Uns porcos do nabal! – repetiu suspensa a Tia Maria.

Tinha sido o caso que, passando, pouco antes de chegar a Teresa com o jantar, um rapaz pela cortinha onde lavravam, dissera-lhe ele cá do caminho:

– Ó Sr. José! saberá que lhe andavam uns porcos no seu nabal, e lá lhos botou fora o Ti Zé Bernardo.

– Hã, rapaz! Tu que dizes?!

– Uns porcos no seu nabal.

– E de quem? – perguntou já zangado o José Lorna.

– Não sei – tornou-lhe o rapaz a gritar. – Eu ia a passar cá no caminho, e não sei.

– Sejam muito boas testemunhas! – vociferou o lavrador para os obreiros, atordoado com a má nova, como se se tratasse de um caso de morte.

– Mas testemunhas de quê, ó Sr. José? – perguntara um dos obreiros, que ia sendo uma vez preso por jurar verdade. – Testemunhas de quê?!

– Em como diz aquele rapaz que me andavam uns porcos no nabal!

– Ai, lá isso sim! – fizeram todos. – Isso ouvimos nós.

De modo que nem quase jantou, o José Lorna, como a Teresa disse à mãe, e estava todo enfrenesiado – jurando também o filho, o António...

– Ele que jurou, esse inimigo?! – perguntou a mãe muito assustada, pondo a mão na testa para se benzer.

– ... que ainda havia de partir as pernas aos porcos, mais a quem os deixa andar a comer o que é dos outros, e ir dali para a cadeia, com umas algemas!

– Credo! Santo nome da Virgem! Nunca a gente há de estar sossegada! – gritou a Tia Maria Lorna, andando e desandando no meio da casa, desvairada de ouvir a ameaça.

E chegando à janela chamou a comadre que morava defronte:

– Ele está lá, o seu homem, ó comadre?

– Não está, minha comadrinha, foi ver o morgado a Vila de Aia, que dizem que está com umas sezões e que deu uma queda da égua preta.

– Da égua preta?! Isso o morgado? Olha o pobre! Mas ele há de vir hoje, e

então faça o favor de lhe dizer que se não deite sem cá vir.

– Ai, não deita! Eu digo-lhe.

– Então faça favor. Até logo. Ora o pobre do morgado!...

E voltando a pegar na conversa:

– Mas, ó comadre, sabe se andavam alguns porcos no nosso nabal?

– Alguns porcos?! Não sei... – fez a outra muito estranha.

– E que diz que foi hoje; e que foi até o compadre José Bernardo que os botou fora, porque ia a passar não sei pra onde.

– Olhe! então havia de ser para a Vila de Ala! Pois não sei! Mas eu à noite mando-o lá a casa tão depressa chegue.

– Pois sim, pois sim. Ouve? E a comadre venha com ele, e pode vir também o afilhado. Ouve? Traga a meia, porque faz cá o serão.

– Pois sim, minha comadrinha. Tanto iremos que enfadaremos.

E até já as raparigas ficaram mortas que chegasse a noite, para saberem do Ti José Bernardo como fora o trambolhão do morgado.

«Havia de ser preciso mandar o pacote a Vila de Ala, disse logo a velha; um dia não são dias, e as ovelhas podiam ficar na cortinha.» – É obrigação mandar saber do pobre rapaz.

– Sim, minha mãe – concordou logo a Ana. – O Sr. Morgado também mandou saber de mim quando estive doente.

Sorriu-se a Teresa, que andava, como de costume, na jurisdição da casa; e a Ana, que fazia ao pé da janela uma camisa para o irmão, picou-se na agulha sem querer. A Tia Maria Lorna, essa, acrescentou com muito carinho:

– Há de se lhe mandar dizer que já prometi uma novena a Nossa Senhora, se melhorasse.

E a Teresa, a sorrir, mirando a irmã cabisbaixa:

– E eu outra...

Pouco depois do anoitecer, por conseguinte quando já tinham tocado às Trindades, e a Tia Maria Lorna fora em pessoa contar e recolher as galinhas, seu desvelo muito particular, ouviu-se da rua a voz do filho do Lorna, do António, dizendo para a irmã que estava ao lume, a ajudar a Teresa a acabar a ceia:

– Ó Ana! Ana! Traz cá baixo a lanterna.

– Lá vai! lá vai! – acudiu a mãe. – Ana, avia-te, leva luz a teu irmão, e teu pai que venha pra cima. – Teresa, atíça bem esse lume, e chega as brasas cá pra fora.

Mas o velho Lorna vinha já então a entrar a porta:

– Boas noites! – disse ele com a sua voz de bordão. – Inda não veio o José Bernardo?

– Ora deixa-te agora de José Bernardo, deixas? Ele virá. Agora tira-me dos pés esses sapatos. – Olha como vêm esses sapatos! Toma lá os socos, homem de Deus – e chega-te ali prò pé do lume. Teresa, essas batatas já estão cozidas, aviar! – disse ela beliscando uma batata na panela de ferro. – Aviar!

– E o caldo? – perguntou o José Lorna, que passaria sem tudo menos sem caldo.

– Bem esverçadinho foi! – sossegou-o a Tia Maria. – Plas minhas mãos, e com a sua batatinha picada. Já a Teresa o está a lançar. Teresa, avia-te! Esse caldo pra teu pai!

E para que não houvesse demoras, ela mesma foi à janela dizer aos de baixo que se aviassem também, a tempo que já a luz da lanterna, segura no ar pelo braço de Ana, alumiaava na rua o grupo vivo, no meio das sombras que ondeavam: – as duas vacas; o António que as recolhia; e mais atrás, no meio das ovelhas silenciosas e dos cordeirinhos novos que as seguiam, aquele batoque do José Redondo, ainda embrulhado na manta.

– Olha o que vens de frio! – ralhou de cima a Tia Maria. – Depressa, António, que vai o caldo prà mesa. E só recolher as vacas, porque a manjedoura já está feita. – E para o José Redondo: – Olha tu lá, mandrião: as ovelhas ficam aí?!

– Ó minha mãe! – acudiu o António já agastado – mas o rapaz há de primeiro aguardar que entrem as vacas! Vossemecê também, parece às vezes que não vê as coisas!

– Deixa-os! – avisou do lume o José Lorna. – Põe tu a mesa e deixa-os lá.

Baixou a tia Maria a mesa de escano, pôs-lhe em cima a toalha de linho, muito lavada, ao mesmo tempo que a Ana, já de volta, tirava do secrinho e punha na mesa o pão centeio de sete arráteis.

Abancou o José Lorna, defronte da sua grande malga castelhana, e pôs-se a partir as fatias. Tinha já na mão a sua tigela, a Tia Maria; em frente do velho, sobre a mesa, fumegava a outra para o António; estava em cima do morilho a do José Redondo, com o respetivo carolo em cima; e junto do louceiro, muito desembaraçadas, as duas irmãs aviavam o resto: a Teresa debulhava as batatas, e a Ana repartia-as por três grandes pratos em que previamente fizera o molho.

Entretanto, chegava o António: logo atrás dele o José Redondo; e a ceia começava: o caldo desapareceu e a seguir ao caldo as batatas cozidas.

Levantou-se o velho, e os outros também, e deram as graças:

*Caminhamos e andamos,
Damos graças ao Senhor
Em seu bendito louvor.
Assim como nos deu pra agora,
Nos dê pra sempre a toda a hora
Que o quisermos comer.*

E benzeram-se todos:

– Em nome do Padre, do Filho, do Espírito Santo.

Os três filhos, mais o pacote, pediram a bênção aos velhos:

– «Deus os abençoe, Deus os abençoe» – e o serão principiou, ao menos pra Tia Maria Lorna, que enfiou a roca e se pôs a fiar.

Levantou a mesa a Ana; meteu a louça na caldeira que estava ao lume; e a Teresa, pegando-lhe pela asa e levando-a, pôs-se logo a lavar a louça, para fazer na água a vianda para os leitões, que já na loja, por baixo da cozinha, grunhiam como desesperados.

– Lá vai! já lá vai! – gritava-lhes de cima a Tia Maria.

– É que os animais têm fome! – insinuou o José Lorna. – Como não pastam no que é dos mais...

– Então passaste plo nabal? – quis saber agora a Sr.^a Maria.

– Lá passei plo nabal! Por onde atravessaram, parece mesmo que foi uma foice! Aquilo não eram dentes: era o diabo! Mas estou morto que venha o compadre; e se os porcos forem de quem eu penso, bem mas paga o José da Loja.

– Pois caros lhe ficam os porcos, ao homem! – exclamou a Sr.^a Maria. – Só o compadre António Fagote já lhos encoimou umas poucas de vezes!

– Bem no merece, aquele judeu! Veio pra aí a pão pedir, e agora não fia a um pobre cinco réis. Lá fez a sua casa nova, lá vai apanhando à roda aquilo que pode – hoje aumenta um palmo a uma parede, amanhã aumenta outro, e não há uma junta de paróquia, uma Câmara, um diabo, que ponha cobro à ladroeira!

– São todos assim! – confirmou baixo o António. – Daqui a pouco tiram-

nos os olhos; depois levam-nos a camisa; e como vão medrando como os tortulhos, não há de tardar que se não vejam aí senão judeus!

A um canto, o José Redondo tirava os ceifões. O velho interrogou-o:

– Houve alguma novidade, ó José?

– Não houve, meu amo. Estive até ao meio-dia na cortinha de Milhares, e dali fui prò Marmoniz.

– E esses cordeiros medram?

– Não tem dúvida, meu amo, hoje fartaram-se bem. Vão uns rexelos de respeito!

– Pois então, voltas amanhã prò Marmoniz.

Levara a Teresa a vianda aos laregos; a Ana arrumara a cozinha; e já as duas vinham também para o lume a fazer serão: – uma a dobar meadas, e a outra, a mais nova, a fazer ao canhão as meias azuis.

Quando sentiram bater à porta...

– Há-de ser o compadre! – disse logo o José Lorna. – Vai lá abrir, ó Ana. Avia-te.

A rapariga foi à janela:

– Quem é?

– Minhas frieiras no teu pé! – respondeu da rua uma voz que não conheceu.

E como o António corresse à janela: – «Espera aí, ó malandro! Espera aí, que eu te coço as frieiras!» – nem ele nem a irmã reconheceram o vulto que fugia, porque fazia escuro lá fora.

– E o caso é que já uma vez me vi comida plas frieiras, e inda hoje estou pra saber quem foi o almanicha que mas passou! – disse a velha muito fiadas a rir. – Isso o melhor, ó Ana, é escaudares os pés ao deitar da cama.

– Nada! – emendou de sorna o lavrador. – Pó-de-maio é que faz bem...

Mas não tardou muito que se não sentissem os passos pela escada acima, e logo, empurrando a porta, aquela voz do José Bernardo:

– Licença, Sr. Compadre?

– Entre! Homem! pensei que não vinha hoje!

Entraram. Adiante o José Bernardo, e a reboque do José Bernardo, com o xaile pela cabeça, a Sr.^a Aniceta de roca na mão.

– Licença pra dois, Srs. Compadres!

– Então o pequeno? – perguntou a Tia Maria Lorna.

– Ficou ali, já vem. André, avia-te! – chamou ela para a rua escura.

Foram os cumprimentos; entrou o André, que beijou a mão aos Srs. Padrinhos e às Sr.^a Madrinhas; e fechada a roda à volta do lume, ficando só à mesa o Tio José Lorna, e da outra banda, sentado também no escano, defronte dele, o seu compadre José Bernardo, rompeu a conversa, enquanto o José Redondo, que repartira o seu talho com o André, carregava de lenha seca o lume vivo.

– De quem eram os porcos, ó compadre? – desfechou logo o José Lorna.

– Não sei, futuro só – respondeu o barbeiro de velhaco.

– Homessa! – fez espantado o velho.

Ia a intervir a Sr.^a Aniceta, mas preveniu-a logo o José Bernardo de que mulheres – «com licença das comadrinhas» – não tinham que ver com aquelas coisas...

– Mas tenho eu! – impôs muito zangado o José Lorna. – Tenho eu! De quem eram os porcos, ó compadre? Ó compadre, de quem eram os porcos?

O barbeiro ia propor com gestos uma conciliação...

– Já sei! Eram do patife do José da Loja! – aventou o lavrador.

– Eram, ó compadre? Diga lá se eram desse cão! – rogou agora o António Lorna.

– Já disse que não sabia, futuro só! – defendeu-se outra vez o barbeiro. – Amanhã é que hei de saber, porque como ia de caminho pra Vila de Ala, e só agora é que cheguei, não tive tempo de botar inculcas.

O lavrador já bufava!

– Ó compadre! assim o Deus salve?! – intimou ele desconfiado. – De quem eram os porcos, ó compadre?

– E ele a dar-lhe! – formalizou-se todo o José Bernardo. – E ele a dar-lhe e a burra a fugir! O Sr. Compadre, se não se quer acreditar em mim, o melhor é dizê-lo! Bem vê que nestas coisas não se vai levantar um falso testemunho...

Admoestou a Tia Maria Lorna – «que o Sr. Compadre tinha razão».

– Qual razão, nem qual diabo! ele conheceu os porcos! – teimou na sua o José Lorna. – E na mesma toada de inda agora: – De quem eram os porcos, ó compadre?...

Ia já levantar-se o José Bernardo, para se ir embora, quando as três mulheres de casa, mais o António, intervieram todos nas mesmas pazes:

– Não senhor! Isso agora também é teima! – disseram todos para o José Lorna. – Deixa lá averiguar o compadre! – interveio a Tia Maria. – Amanhã já ele nos pode dizer de quem eram os porcos.

E o José Lorna sempre na sua:

– Última vez, ó compadre! Não me diz de quem eram os porcos?!

– Pois se o meu pai não sabe! – acudiu agora lá do canto, quase a chorar, aquele rapazelho do André.

– Ora vês aí! – rematou a Tia Maria. – Da boca dos inocentes é que saem as verdades.

O José Lorna amainou então:

– Pois bem, compadre! Sempre estou pra ver se me não diz amanhã de quem eram os porcos!

– Hei de fazer por isso – disse o barbeiro fisingando a mulher. – E agora deixe-me aqui! que nem eu sei como trago a cabeça!

– É verdade, o morgado...

– Pois é por via disso!

– Ó compadre... – ia a dizer outra vez o José Lorna. Mas emendou: – Não! diga lá o que estava a dizer: o morgado...

– Que ficou como uma salada, o pobre rapaz!

– Ora! Ora! – exclamaram todos em coro.

– Se não é ter a sorte de cair prà esquerda, se cai prà direita em cima dum montão de pedras, matava-se! Pus-lhe umas bichas na maçadura. Mas que bichas! Primeiro que as malditas pegassem, roguei mais pragas que o diabo! Ainda lhe disse que quem tinha em casa bichas daquelas tinha obrigação de não dar quedas!

– Mas assim coisa séria? Costela partida ou coisa que o valha? – perguntou a Teresa com muito interesse.

– Apalpei-o, hum! não me pareceu... – tranquilizou-as o barbeiro.

– E quem o trata? – quis também saber, mas arrependendo-se logo da pergunta, a Aninhas...

– Quem me trazia o vinagre e ensopava os parches era aquela Maria do Outeiro, que foi ama do padre Serafim, uma gorda...

– Olha que o José Redondo tem de ir amanhã a Vila de Ala – lembrou então a Tia Maria. – Mal parece, devendo-lhe a gente tantos favores, que nunca aqui passa que não entre, não mandarmos saber dele.

– Pois sim – concordou o velho. E para o rapaz: – Abalas de manhãzinha, e que vais do nosso mando a saber se está melhor o Sr. Morgado, e se precisa de nós pra alguma coisa.

Bateram à porta. Desta vez foi o António à janela, e ouviu o que lhe diziam

da rua. Depois respondeu:

– Não. Só temos uma. Havemos de comprar outra na feira. Teu pai que desculpe. – Era o filho do António do Cabeço, a ver se emprestávamos uma engrideira – explicou ele ao pai.

– Mas então compadre, que há de novo? – perguntou, já conciliado, o velho José Lama.

– Não sei nada. Que está o céu escavado...

– «Céu escavado aos três dias é molhado» – comentou o velho.

E puseram-se os dois a falar do tempo, e da sua provável ação nos trabalhos agrícolas, enquanto o António, que os ouvia, arranjava para o André uma esparrela.

Já no grupo das mulheres, as velhas de uma banda, e da outra as raparigas, se estabelecera inteira concórdia, ao menos por essa noite. A Sr.^a Aniceta, que no fundo era dedicada à família dos Lornas, e especialmente à sua comadre, tivera de segredar ao ouvido da Teresa, a propósito do morgado, certa coisa que a fez rir... A Aninhas desconfiou; e deixando passar um bocado, espevitou a candeia do velador, a cuja luz contava e tornava a contar as malhas da meia que ia fazendo, e perguntou à irmã, muito em segredo:

– A comadre disse-te alguma coisa?...

A Teresa riu-se; mas a Aniceta, que percebera, piscou-lhe o olho para que se calasse:

– Sempre quero ver agora se me diz os segredos. Ouviu, minha comadrinha?

A Aninhas baixou a cabeça para a não verem corada, e pôs-se outra vez a contar as malhas...

– Credo, rapariga! – disse-lhe a mãe. – Bem digo eu! Toma lá a roca e dá-me cá a meia! Tu esta noite não fazes senão contar as malhas...

– Coitadinha! – desculpou-a a Sr.^a Aniceta. – É que talvez lhe falte a vista! – insinuou a rir...

Todos riram. A Sr.^a Aniceta insistiu «que talvez fossem belidas» – e pôs-se-lhe de lá a fazer cruces:

*Por aqui passou Santa Luzia,
Três novelos na mão trazia...*

– Ó comadre!... – rogou a Aninhas envergonhada.

Mas a outra, a um aceno da Teresa, continuou:

Com um urdia, com outro tapava.

Com outro as belidas desfazia.

Agora foi a Tia Maria Lorna que concluiu:

Em louvor de Santa Luzia,

Padre Nosso, Ave Maria.

Deu um guincho o André, porque o José Redondo, no *serobico, bico, bico*, beliscou-lhe com força uma das mãos.

– Ó judeu! – repreendeu-o o José Bernardo. E como todos olhassem para o José Redondo, e o José Redondo olhasse para todos, o barbeiro mostrou a cara do rapaz:

– Olhem aquilo! Pra levar a cesta dos pregos nas endoenças! Tem mesmo cara de quem é capaz de deixar um cão sem ceia! Bem se vê que és zorro.

Era zorro, com efeito, o José Redondo. Tinha sido exposto da Santa Casa, medrara na roda, e quando chegara aos sete anos fora entregue ao José Lorna pela justiça.

– É bem boa rês, é! – concordou o velho Lorna, que afinal gostava do rapaz por ser obediente. – Vai-te à cama, rapaz! Vossemecês regalam-se de estar ao borralho, mas depois vem o dia, e põem-se pra aí a dormir atrás de uma parede, e cá está quem paga as diferenças...

Ia a levantar-se o José Redondo; mas como ficasse triste o André, a Sr.^a Aniceta pediu que deixasse estar o rapaz mais um bocado – «porque uma noite não eram noites».

– Demais a mais – reforçou o José Bernardo – é preciso ver qual de vocês dois encarreira melhor essa perlenda!

Os rapazes começaram a rir:

– Sou eu!

– Sou eu!

– Mas isso agora é o que nós vamos a ver! – desafiou-os o compadre barbeiro. – Vá lá tu a das Meninas de Vale da Sancha!

E os dois, ao mesmo tempo, atiraram-se logo à perlenda:

*As meninas de Vai' da Sancha,
Engancha, engancha!
Têm meias amarelas,
Andarelas,
Que lhas deram os pastores,
Andadores,
Por lh' mudar as cancelas
Andelas.*

Foi uma risada.

- Disse melhor o André! – preferiram as mulheres.
- Disse melhor o José Redondo! – contestou o grupo dos homens.
- Outra! Outra! – meteu-os logo à bulha o José Bernardo.
- Agora aquela de Roma!

E os rapazes atiraram-se logo, aqui caio além me levanto, ambos muito desembaraçados, à perlenda que lhes pediam:

*No meio de Roma está uma rua
No meio da rua está uma casa,
No meio da casa está uma banca,
No meio da banca uma gaiola,
Na gaiola está um ninho,
Dentro do ninho um passarinho!*

– Upa! rapazes! Agora, agora! – desafiaram todos. – Agora é que são elas!
E os rapazes atacaram o resto:

*Passarinho ao ninho,
Ninho à gaiola,
Gaiola à mesa,
Mesa à casa,
Casa à rua,
Rua a Roma!*

Tiveram uma ovação; e até o *Caramujo*, que sonhava detrás do morilho, levantou a cara para os ouvir.

Desta vez não foi preciso pedir-lhes:

– Lá vai outra!

E largaram ao desafio:

Na ponte do Val d' Armeiro

Vint' cinco cegos vão,

Cada cego leva um moço,

Cada moço leva um cão,

Cada cão leva um gato,

Cada gato o seu rato,

Cada rato sua espiga,

Cada espiga tem seu grão.

Ladrou o *Caramujo*, como se entendesse, e gostasse também da brincadeira; mas de repente calaram-se, escutando...

– Parece que estão a bater... – disseram eles todos.

– Entre quem é! – disse o José Lorna.

Ouviu-se à porta uma voz de mulher, muito dorida:

Esmola ao m 'nino do fol',

Que quer falar e não pode!

Era um gaguinho. Talvez a Maria da Eufrásia, que tinha um pequeno preso da fala...

– Ana – disse a Tia Maria Lorna –, leva-lhe lá um chouricinho.

Todos se calaram, muito doridos diante daquela desgraça. Ouvia-se a criança vagir abafada pelo xaile da madrinha. Tirou da estaca um chouriço, a Ana, e depois de o beijarem todos – pela fisga, sem olhar, passou-o a quem estava de fora, que era com efeito a comadre da Eufrásia.

– Também, foi bem infeliz, coitada! – reataram as mulheres. – Morre-lhe o primeiro afogado, e este depois vem-lhe assim, que parece mesmo que é parvinho!

– Eu assim o tenho! – abonou o barbeiro com autoridade.

- Mas isto do pequeno faz-nos lembrar agora o que talvez não saibam...
- O quê? o quê? – perguntaram todos muito curiosos.
- A história do Ti João Beitão... – sondou, a ver se sabiam, o José

Bernardo.

Não sabiam. «O pobre do homem ninguém já ouvia falar nele. Parecia mesmo que tinha morrido! Apanhou a filha bem casada; e como era surdo como uma porta, pediu-lhe uma cama para se deitar, um caldo para comer, e não quis saber de mais nada! Estava na cama havia uns poucos de anos! Nem falava nem ouvia falar! E como o caldinho lhe ia às horas, e o mais, comia e virava-se prà parede, até que chegasse o outro quartel.» – Era a vida dele! – dizia o barbeiro.

- Mas ele então nem se levanta? – quiseram saber as mulheres.

– Qual levanta! Isso sim! – confirmou o José Bernardo.

– Está são como um pero, é o que está; mas não perdeu inda a balda, aquele almanicha! Está sempre a rabujar: co a filha, co as netas, co a moça quando lhe leva o caldo, co ele mesmo se não tem com quem! Uma ladainha pegada.

- Mas a história? Mas então? – quiseram saber todos.

– Ora que ainda não sabem a história! – exclamou o José Bernardo. – Pois foi outro dia, quando foi do Senhor-aos-enfermos. A poder de muitos pedidos, de muitos gritos por uma coisa que lá têm que parece uma corneta, e que o genro lhe mandou vir do Porto, a filha lá o resolveu a confessar-se...

– Olha o João Beitão a confessar-se! – riram-se todos como se fosse um disparate.

– Aquilo foi uma cerimónia, bem entendido! – atenuou o barbeiro. – Plos modos ele não ouviu palavra, e roncava a tudo que sim. Mas quando foi depois o Nosso-Pai, que o pálio parou à porta e o Sr. Prior entrou com os mais para a comunhão, isso então é que foram elas!

– «Meu pai!» gritava-lhe a filha. O João Beitão – moita... Vinha a neta, que é lá da sua paixão: – «Meu avô!» – «Que é!» (O barbeiro dizia estas coisas imitando as vozes). – «O Sr. Padre Joaquim.» – «Há?» – «Está aqui o Sr. Padre Joaquim!» – «Pois deixa-o estar!» – disse-lhe muito alto o João Beitão, sem se virar.

Aqui, foi já uma risota; os dois rapazes tudo era estarem aos pulos em cima do talho; suspendera o trabalho do canivete o António Lorna; as mulheres haviam parado de trabalhar; e quanto ao velho lavrador, já os olhos se lhe

queriam encher de lágrimas – de contente.

O barbeiro continuou:

– Mas esperem lá que não acaba aqui! Disse-lhe então a rapariga: – «Mas traz-lhe o Nosso-Pai!»

E o João Beitão: – «Pois que o leve!» – concluiu já a rebentar de riso o José Bernardo, no meio dos mais que arrebetavam de riso. – «Pois que o leve!»

– Pois que o leve! – repetiam todos às gargalhadas. – Pois que o leve!

Cuidaram de morrer a rir, e com a sua roca fora do cós, a Tia Maria mais que os outros – benzendo-se e tornando-se a benzer com o cabo do fuso:

– Credo, homem! que isso até é pecado! Abrenúncio! Santo Breve da Marca!

Mas nisto, ouviu-se tocar às Almas; puseram-se todos de pé, e começaram a rezar, de mãos postas, baixinho. Os rapazes inda fungaram a sua risada; mas a um olhar severo do José Lorna contiveram-se cheios de medo.

– Nosso Senhor as tenha em descanso! – rogou no fim o velho, benzendo-se.

– E a nós quando deste mundo formos! – responderam em coro os demais. E benzeram-se, tornando-se todos a sentar.

De uma pilheira na parede, a Tia Maria Lorna sacou então do seu rosário de contas de pau, com sua cruz de osso no fim, e passou-o ao velho para que «contasse» a coroa. Logo os dois turnos se estremaram: faziam os homens o «bordão», e respondiam, em toada mais fina, as vozes das mulheres, cada uma no seu serviço, e, com as mulheres, os dois rapazes.

– Padre Nosso, que estais no Céu, santificado...

– O pão nosso de cada dia nos dai hoje...

– Ave Maria, chei' sois de graça, Senhor é convosco.

– Santa Maria, mãe de Deus, rogai por nós...

Até ao fim, à *Gloria Patri*, depois da qual se benzeram todos, para começarem, por meia hora, as outras rezas de todas as noites, mas essas, agora, dirigidas pela Tia Maria: – «A Senhora Santa Luzia, pra que nos dê vista e claridade na alma e no corpo, Ave, Maria.» E por aí fora a todos os santos, cada qual segundo o seu valimento e intercessão: a S. Jerónimo e a Santa Bárbara virgem, advogados das trovoadas; a S. Brás, que nos livre das dores de garganta; a S. Sebastião, contra a fome, a peste e a guerra; contra o

mal nos laregos a outro santo; a outro contra o mal das galinhas; a um terceiro que protege as vacas; a outro que livra do bicho as árvores do campo; e assim, até esconjurarem todos os males. Acodem depois as necessidades espirituais dos que morreram: pais, irmãos, parentes e algum amigo; os votos para que Deus nos dê felicidade e nos preserve de todo o mal na alma e no corpo; pela Santa Igreja e pelo Vigário de Cristo na terra; plos nossos inimigos, aos quais perdoamos pra que Deus nos perdoe; pelos hereges e infiéis, que o Senhor os converta à sua divina graça; plos que andam nas águas do mar, pra que Deus os traga a porto salvo; plos que andam em pecado mortal, pra que eles se convertam; plas almas que estão nas penas do Purgatório, pra que Deus as chame à eterna glória para que foram criadas; pela alminha mais necessitada que houver nas penas do Purgatório, que não tenha quem por ela peça, que Nosso Senhor a remedeie com a sua divina graça e ela peça ao Senhor por nós; pelo primeiro que de nós faltar, que Nosso Senhor nos ache em estado de graça e nos tome as contas com piedade, seja tudo plo amor de Deus; por aqueles que nos encomendam nas suas orações, pra que os encomendemos nas nossas; plos que andam em erro pra que o Senhor os ilumine co a sua divina graça; por todos os santos e santas da corte do Céu, pra que eles peçam e roguem ao Senhor por nós; enfim, plas obrigações e penitências mal cumpridas, e pra que à hora da nossa morte o Santíssimo Sacramento nos visite. Ámen, Jesus.

Foi então a vez de perguntar o José Lorna ao seu compadre se tinha trazido as cartas.

– Não trarei eu a cartilha! – acudiu logo o barbeiro sacando do estojo, e de dentro do estojo o baralho das cartas. – Mas cá sem o «ripanço» ninguém me apanha fora de casa.

– Por mal dos meus pecados! – comentou do lado a Sr.^a Aniceta, dando um suspiro...

– Mulheres! – exclamou o José Bernardo, encolhendo os ombros. – Como se a gente, por essas freguesias, não precisasse de matar o tempo!

Baixara a Teresa a mesa do escano, dependurara no escano a candeia de ferro, e já o barbeiro baralhava. Cuspiu nas mãos, depostas as cartas com força, e voltou-se para o José Lorna:

– Parta lá, Sr. Compadre!

– Bom há de ser à de três, vamos a isso! Mas veja lá como dá! Isso agora, mestre, faça de conta que me não está a fazer a barba...

– Olhe, a barba que lhe eu faço é isto! – e cortou-lhe logo a primeira mão.
– Repare vossemecê que trunfo é paus. Depois, não venha cá teimar que se esqueceu!

Agora, enquanto os dois jogavam, com o António a fazer de mirone, pegara por banda das mulheres o bocadinho da má-língua.

– Mas se eu logo a avisei! – dizia a Sr.^a Aniceta. – Quem vai agora entregar o fumeiro à Teresa das Patas! Só aquela desmazeladona da Antónia, que foi sempre uma desmazeladona! – continuava a mulher do barbeiro, batendo com a mão em cima do joelho. – Foi bem feito, e foi bem feito! e eu hei de sempre dizer que foi bem feito! – insistia ela com acinte.

Pediram informações as raparigas: – «Mas então, como é que tinha ela estragado aquilo tudo?»

– Boldreguices! – resumiu a Tia Aniceta. – Boldreguices! Tinha-se lá por muito sabichona, e, além dos temperos de toda a gente, aí se põe a botar na massa, daqui uns alhos pisados, mais uns oregos dali, dacolá umas porcarias! Aquela burra!

– Ó comadre, mas vossemecê ainda lá andou uns poucos de dias? – perguntou a Teresa. – Pois não andou?

– Ó menina, deixe-me aqui! – exclamou arrependida a Sr.^a Aniceta. – Bem teimei, bem me ralei! Mas aquela canastra: «que não senhora; que se havia de fazer o que ela mandasse; que o fumeiro era ela que o fazia; e porque torna, e porque deixa!» Alvorei! – Fica-te, co os diabos, mais quem te atura! – Agora, dizia-me outro dia lá na igreja aquela seresma da Amónia, que aquilo é mesmo uma seresma: – «Ai, Sr.^a Aniceta, bem me dizia vossemecê!» – e porque assim e porque assado; e porque eram coisas que só a ela aconteciam; e já não houve nome feio que lhe não chamasse, nem praga que lhe não rogasse! Ai, agora é que abres os olhos? – Pois regalei-me!

– E diz que inda lhe atirou tudo ao redor dumas quatro moedas! – informou a Tia Maria Lorna.

– Sim, sim, coitada! Mas antes isso que dá-lo à botica! – adoçou a Aninhas.

– Algum deu também à botica, minha comadrinha, algum deu também à botica! – aumentou a mulher do barbeiro. – Diz que o homem que lhe foi às costas; e mais ele que não era capaz! Mas nunca as mãos lhe doam! E tantos anjos o acompanhem ao reino da glória, como bofetadas lhe pregou naquela cara! Muito bem feito!

E assim por aí fora, porque neste ponto, já se vê, entrou a conversa a ramificar-se.

– Ora melhor fora que ensinásseis a doutrina aos rapazes – dissera ainda o José Lorna, de uma vez que dava cartas. – Trunfo é copas.

– Bem vejo. Deve três – lembrou o barbeiro lambendo os dedos.

– Dois! – contestou o José Lorna.

– Três! – teimou mais alto o José Bernardo. – Não comece vossemecê, Sr. José, porque quem joga não guarda cabras!

– Mas se lhe digo eu que são dois! – insistiu por sua banda o lavrador.

– Ó meu pai – interveio o António acalmando-o –, com perdão de vossemecê, mas o Tio José Bernardo tem razão...

– Vê? – argumentou o barbeiro.

– É que vossemecê não conta o *capote* – esclareceu o António Lorna.

– Não conta! – disse a rir o José Bernardo. – Ele conta lá o capote! Lá lhe parece que por estarmos no inverno os capotes não se contam... Mas cá vão três bolinhas de centeio, que é pra não tornar a haver mais enganos.

– Pois seja lá o que você quiser! – fechou zangado o lavrador. – Tenho esta! – E sem dever jogar atirou pra mesa uma carta que lhe saiu o sete de trunfo.

– E eu esta! – fez com rópia, pegando-lhe no erro e pregando-lhe em cima com o ás, o José Bernardo.

– Não vale! Foi engano! Largue! pensei que era um seis! – protestava muito alto o lavrador.

– Larga o quê?! Está jogada! Então isto é bisca de rapazes?! – defendia-se o mestre barbeiro.

– Leve lá agora esse terno! Jogue-lhe!

Perdeu também esse jogo o lavrador; e enquanto não começava a desforra, disse ao filho que fosse à despensa por uma pinga. Deu um estalo com a língua o José Bernardo; e como o António, já de pichel na mão, oferecesse o bico da candeia ao gamão que a irmã acendera, o barbeiro alvitrou por graça:

– Ó Sr. António, se vossemecê não quer, deixe que eu vou à cuba...

Riram-se os rapazes.

– Que estão vocês a rir? – perguntou, fingindo-se zangado, o José Bernardo. – Ora sempre quero saber qual de vocês, ouviram? qual de vocês dois há de encontrar este ano, pla Páscoa, um ninho de perdiz.

– Aonde? – perguntou o André.

– Aonde? – estranhou o José Bernardo. – Quem sabe lá! No domingo de Páscoa, inda de noite, o primeiro que for à torre e tocar o sino encontra um ninho de perdiz.

– Ora! – disseram os dois sem acreditar.

– Não é «ora», é isto mesmo! – confirmou o José Bernardo.

O José Lorna pôs-se a rir. Contou que no seu tempo, devia ter os seus doze anos, fora ele que tocara o sino...

– E achou o ninho, ó Sr. José? – perguntou logo o filho do barbeiro.

– Já se vê que sim! O caso é procurá-lo...

Os rapazes não perceberam...

E, como chegasse o pichel do vinho, atrás do pichel as duas canecas, e começassem as libações, a conversa entrou a animar-se, porque também, num covilhete, deitaram as duas velhas a sua pinguinha – pondo-a ao lume a quebrar da friura...

– Com um bocadinho de mel, ó comadre! – dissera delambido o José Lorna. – Está o mundo perdido!...

O José Bernardo, que empinava a segunda caneca, espirrou sem querer uma fungadela.

– «Está o mundo perdido!» – repetiu ele a rir.

– Lembrou-me agora por isto o padre José da Saldonha, ó compadre, que principiava assim todos os sermões: – «Está o mundo perdido!» Mas apostar que vossemecês inda não sabem a melhor do padre José?

– A sova que deu nos ciganos? – perguntou o António Lorna.

– Qual! Aquela da Santa-Unção... outro dia...

Não sabiam. – «Ora que não sabiam!»

– Pois esta inda é melhor que a do João Beitão!

– Conte lá, ó compadre, conte lá! – rogaram ao mesmo tempo a Maria Lorna mais as filhas.

– Ora imaginem vossemecês – começou o barbeiro molhando a palavra –, imaginem vossemecês, que outro dia deu lá um acidente a uma rapariga, à filha do António Chimeco, uma que é picada das sardas. Perdeu os sentidos a moça, e zumba! cai-te redonda no meio do chão! O pai despede-te logo não sei quem, a chamar à Saldonha o padre José: – «que viesse depressa com a Santa-Unção, que tinha a filha a morrer-lhe.» Abalou o padre por aqueles caminhos, a cavalo numa burra, com a saquinha dos santos óleos diante dele

– pica-que-pica, pica-que-pica, por ali fora, debaixo dum nevão de rachar!

– Olha o pobre do velho! – fez compadecida a Maria Lorna.

– Mas espere! que ao chegar onde começam as hortas, quem há de o padre José encontrar! a filha do Chimeco, já muito lampeira!

– Ó compadre! – interrompeu incrédulo o José Lorna – essa agora é de sua casa!

– Não é, Sr. Compadre! assim me Deus salve como não é! Encontra o padre a rapariga, e fica-se muito espantado: – «Então para quem é a Unção?!» – pergunta-lhe ele muito estranho.

Começaram todos a rir.

– Esperem lá! mas esperem lá! – atalhou o José Bernardo. – «Era pra mim, Sr. Padre José... – Foi uma coisa que me deu, mas agora já estou boa.»

– E o padre? e o padre? – perguntaram todos muito curiosos.

– Desceu-se da burra com'um raio, e sem a largar, nem largar a saqueta vermelha, filou por um braço a rapariga: – «Ah, grande desavergonhada! Pois já que cá vim, não te escapas sem os azeites. Rode lá já diante de mim!»

Ia indo a casa abaixo, coas gargalhadas!

E aos pulos no meio da cozinha, o José Bernardo declarou às mulheres «que a rapariga tinha apanhado os azeites, pois então!»

– «Cá te ficam prà outra vez!» disse-lhe no fim o padre José, quando abalou na burra prà Saldonha.

O André foi lá fora, mais o José Redondo, e as mulheres puseram-se a limpar os olhos com os aventais, de tanto que haviam rido.

– Cale-se lá, ó compadre, cale-se lá! – rogava já afrontada a Tia Maria Lorna, enquanto o velho, inda aos murros em cima da mesa, jurava que coisa assim nunca tinha ouvido: – Ai que até me escacho! ai que até me escacho!

– Ó compadre, vá lá mais uma pinga! – disse o lavrador empinando-lhe na caneca o resto do pichel, até entornar por cima da mesa. – Quer você uma azeitona? Inda se bebe outro pichel! Vai lá por outro pichel, ó António! – Ai, que diabo de história! Ai, que diabo de história! – repetia às casquinadas o lavrador. – «Pois já que cá vim...», ele como é, ó compadre? «Pois já que cá vim.., não te escapas sem os azeites!» Ora aquele demónio do padre José, que há de ser sempre o mesmo homem! O demónio do padre José!

– Vam' lá à desforra, ó Sr. Compadre! – disse outra vez o barbeiro, porque enfim, sempre gostava de fazer jus ao novo pichel.

– Pronto! – anuiu o lavrador, inda a rir, limpando com as costas das mãos

os olhos molhados. – Esta agora – continuou ele sempre aos frouxos –, esta agora há de ser à de nove. Ora o demónio do padre José! Aquilo é o demónio, que não é homem!

Já os rapazes haviam regressado, adiante do António a rir-se...

– Não se envergonham, estes mariolas! – dizia ele para os denunciar. – Nem que trouxessem ainda cueiros, já não digo calças rachadas!

Fizeram-lhes uma assuada as mulheres: – «se não tinham vergonha naquela cara?» – Mas eles, para disfarçar, pediram às mulheres que lhes contassem uma conta...

– Isso queriam vocês, seus marotos! – disse a fingir-se zangada a Tia Maria Lorna. – Não há cá histórias! – E lambicando o fio do linho, do segundo manelo já dessa noite, porque era muito desembaraçada a fiar, fechou pra lhes meter ferro:

– E mais, ainda ontem me lembrou uma que é bem bonita!

– Conte, ó minha madrinha, conte! – rogava o André com muito bons modos.

– Ó minha ama... – is a arriscar também o José Redondo.

– Não há cá histórias, já disse! – teimou a velha para os arrelhar. – Não está hoje o forno para rosquilhas! E se vos não calais, olhai, olhai que vos mato! Andai lá!

E enquanto o José Lorna e o compadre prosseguiam na bisca, mas esta muito mais ralhada do que a anterior, a Tia Maria entrou a falar em coisas de casa a propósito das galinhas que trazia no choco, intervindo desta vez também o António, a quem o jogo fazia sono. Demais, diante do pai e da mãe, nem que soubesse o António pegaria nas cartas. Mas não sabia. No baralho só conhecia os valetes, de ter jogado com umas raparigas o *mafarrico*, numa noite de Natal, fazendo horas para a missa do galo.

Mas quando os rapazes menos o esperavam, em pausa que fez a conversa, a Tia Maria começou:

– «Era uma vez uma raposa e um lobo...»

Grande atenção por banda dos rapazes, que principiaram logo a esfregar as mãos! A Tia Maria continuou, sem tirar os olhos da roca:

– «Foram-se uma noite a um galo, estava o pastor a dormir, e furtaram um carneiro.»

– Ó minha madrinha, mas os cães? – interrompeu o André muito

interessado.

Ela fez que não ouviu; e sem despegar os olhos do manelo de estopa, e sem afrouxar no giro o fuso vivo, continuou:

– «Furtaram um carneiro, e o lobo, por agradecido, disse logo para o repartirem. Mas como era mais manhosa, a raposa disse-lhe assim: – «Fica isso pra amanhã, ó compadre. Hoje tenho de ir a um batizado, um raposinho que nasceu pra aí pra baixo, e então pode ficar isso pra amanhã.» – O lobo disse que sim: – «Pois sim, comadre, fica então isso pra amanhã.» – «Enterra-se o carneiro?» disse-lhe a raposa. O lobo respondeu que sim, e que se lhe deixava de fora a ponta do rabo, pra saberem onde o tinham enterrado.

«Assim fizeram, e o lobo e a raposa inda foram juntos o seu bocado, e depois separaram-se.»

– Oh! oh! – entraram a rir-se os dois rapazes, prevendo já judiaria grossa...

– Ó Ana, deita aí azeite nessa candeia, e atíça-a! – recomendou à filha a Maria Lorna. – Esse morrão a espirrar é sinal de chuva.

– E depois, ó minha madrinha? Mas depois?

– E depois – continuou a velha – a raposa foi-se ao carneiro onde ele estava, e desenterrou-o e comeu-lhe um bocado, mas deixou-lhe outra vez de fora a ponta do rabo.

– Ai a matreira! – exclamou o José Redondo muito interessado.

– No outro dia à noite – prosseguiu a Tia Maria – apareceu o lobo no mesmo sítio, e logo atrás do lobo a comadre raposa. «Adeus, compadre!», diz a raposa. – «Adeus, comadre!», disse-lhe o lobo. – «Vamos então a isto?» – A raposa fez uma cara de muita pena: – «que tinha de ficar prò outro dia, se lhe não custava, porque tinha ainda outro batizado!»

Agora foi o André que interrompeu, de olhos muito esguichos:

– Ai a desavergonhada!

– Mas o lobo disse-lhe que sim – continuou a velha.

– Esse diabo então andava farto! – acudiu de lá o José Bernardo.

– Disse-lhe que sim o lobo – repetiu a Maria Lorna – e perguntou então à comadre raposa que nome é que tinha posto ao raposinho.

– «Começoxe» – respondeu a raposa.

Os rapazes riram-se, mas não entenderam. A Tia Maria explicou-lhes:

– Ó tontos! *Começoxe*, porque a raposa tinha começado a comer o carneiro! Vocês não entendem?!

Entenderam. Foi uma risota!

– Mas depois? Mas depois?

– Mas depois, a raposa voltou lá, e comeu o carneiro até ao meio!

– Ai a grande ladra! – disseram, arregalando muito os olhos, os dois rapazes.

– Torna o lobo às horas marcadas – prossegue a Tia Maria – e já te lá estava a raposa, mas desta vez muito mais chorosa que das outras duas! – «Pois que tem, ó comadre?!», perguntou-lhe o lobo sem atinar. – «Que hei de eu ter, compadre?! Deixe-me aqui!», respondeu a raposa muito consumida. «Inda não podemos hoje comer o carneiro!» – «Outro batizado, aposto?», perguntou o lobo muito fiado. – «Sim, mas este agora de circunstância!», disse-lhe a raposa já a chorar. – «Pois não se aflija!» – tornou-lhe o lobo. «E o afilhado de hoje, que nome lhe pôs?» – «*Meioxe*», respondeu a raposa. – «Gosto mais.» – ainda lhe disse o lobo muito satisfeito.

– Era bem bruto esse diabo! – comentou a rir o José Lorna, que acabara de recolher a *mão*. E todos desataram a rir, enquanto a Tia Maria Lorna prosseguia, não despegando de dar no fuso!

– Vai essa tarde a raposa, e come do carneiro o que faltava...

– Menos as pontas, ó comadre! Essas achei-as eu! – disse num aparte o José Bernardo.

– ... Menos o rabo – continuou a rir a Tia Maria – porque esse tornou outra vez a deixá-lo de fora, que era para se saber onde ficava a cova. Chega o lobo na terceira noite, e perguntou à raposa: «É hoje, ó comadre?» – «Hoje é que sim!», disse-lhe a raposa muito lampeira. – «Valha-nos Deus, que não há amanhã outro batizado!», tornou-lhe o lobo, já a delamber-se. «E o raposinho de hoje, como é que se chama?», quis ele saber.– «*Acaboxe*», respondeu a raposa. – «Mas vamos então a isto?» – disse o lobo. – «Vam’lá» – respondeu a comadre. «Puxe lá plo rabo, ó Sr. Compadre!» – «Não! Há-de ser a minha comadre!» – ofereceu o lobo. – E cerimónia pra aqui, cerimónia pra ali... – continuou a Tia Maria.

– Cerimónia prà direita, cerimónia prà esquerda... – repetiu o José Bernardo. – Jogue, compadre! que este *tamém acaboxe*, comá conta do outro!

– Mais um cumprimento daqui, mais um cumprimento dali – continuou a velha, sempre foi o lobo, que está de ver que tinha mais fome, quem se resolveu a puxar plo rabo. Esgueirou-se logo a raposa, aos pulinhos, e foi-se a

pôr em cima duma fraga, por trás dum sobreiro, e o bruto do lobo nem sequer deu fé.

– E depois? E depois? – perguntaram muito vivos os dois rapazes.

– E depois... E depois... morreram-se as vacas e ficaram os bois! – disse o José Bernardo, que pregara no José Lorna outro *capote*.

– Depois – rematou a velha –, como o lobo puxou com gana, deu pra trás uma grande queda, e ficou-lhe na boca só o rabo; e a raposa, lá de cima, tudo era rir como uma perdida, e afinal botou a fugir!

Foi uma galhofa para os rapazes!

– Ai a matreira! Ai a matreira! – diziam eles a sapatear.

– Pronto, seu compadre, como a história da minha comadre! Mas aqui foi vossemecê que fez de lobo, não é por o ofender! – disse o barbeiro, que tornara a ganhar. – Vamos à pinga! Vamos à pinga! – dizia ele esfregando as mãos – que esta bem ganha foi!

– Com muita súcia de trampolinice! – tornou-lhe o José Lorna. – Mas eu cá me hei de vingar quando lhe medir a avença, deixe você estar!

Riram. E para que a conversa não esmorecesse, logo que empinou a primeira caneca diz o barbeiro para os rapazes:

– Queremos saber agora quantos pães é que fartam a barriga depois da barriga cheia?

Os rapazes não sabiam...

– Sois uns brutos! E esta: que é? que é? preto por fora, amarelo por dentro; pendura-se na parede e chama-se tacho?

– É um tacho! – fizeram os dois rapazes ao mesmo tempo.

– Olha o milagre! – riram-se todos.

– É de cobre e é redonda; tem um X no meio e é de dez réis. E esta? – tornou a perguntar o José Bernardo.

– Ora! Essas não prestam! – disseram agastados os rapazes.

A Tia Maria, então, fez-lhes a vontade:

– Que é? Que é?

*Uma dama bem toucada,
Dois leões a estão estripando,
Ao tocar da castanheta
As tripas lhe vão tirando.*

Fartaram-se de disparatar os rapazes: cada um dizia sua coisa.

– Não é nada disso! Não é nada disso! – dizia, fazendo-se zangada, a Tia Maria Lorna. – O que é, está aqui ao pé de nós...

Tudo era porem-se os dois rapazes a esquadrihar o que estava à roda, e os mais a rirem-se daquela faina.

– Nada, nada! Está mais perto! – ensinava o lavrador.

A Tia Aniceta, muito disfarçada, apontou então para a Tia Maria.

– É vossemecê! – disseram logo os dois rapazes.

Foi uma risota.

– Vocês parecem parvos! – exclamou a Teresa para lhes chamar a atenção. E num rápido movimento mostrou-lhes a roca onde também fiava.

– É uma roca! – disse logo o José Redondo.

– Ai é! – contestou o filho do barbeiro.

– É uma roca! sim senhor! acertou o José Redondo! – interveio a Aninhas.

– «Uma dama bem toucada», a roca. «Dois leões a estão estripando», são os dedos, não vês?; «ao tocar da castanheta», porque os dedos, olha, parece que estão a tocar castanheta. «As tripas lhe estão tirando», porque o manelo vai-se fiando, e cá está no fuso a maçaroca.

O José Bernardo, que estava agarrado a uma «paciência», atirou esta sem despegar:

*Tenho um brinco que brinca,
Que de brincar endoidece,
Quanto mais o brinco brinca
Mais a barriga lhe cresce.*

Riram-se todos. Nem a Tia Maria Lorna, nem o José, nem as filhas, sabiam aquela. O rapaz do barbeiro coçava a cabeça a ver se se lembrava, porque o pai já lha tinha ensinado. A mãe fez-lhe um sinal...

– É um fuso! É um fuso! – gritou ele.

– Ai é! – disse agora o José Redondo.

E atiravam-se um ao outro, se não acode de lá o Tio José Lorna:

*Alto cavaleiro
Abrem-se-lhe as bolsas,*

Cai-lhe o dinheiro.

– Essa – disse a Teresa – também é assim:

*Pinglo-pinglo, está pingando
Funglo-funglo, está fungando...*

O Tio José Lorna interrompeu a filha, fazendo que não com a cabeça:

– Não senhora, não senhora...

– Sim, meu pai, com perdão de vossemecê:

*Se o pinglo-pinglo não pingara
Funglo-funglo não fungara*

– Não! – insistiu o pai. – Essa, é o porco debaixo do castanheiro: – funglo-funglo, pinglo-pinglo; porque o porco faz *fum*, e os ouriços *pingam* as castanhas.

A Teresa concordou:

– Pois é, é, sim senhor! Perdoe vossemecê.

– Mas a do Sr. Compadre – interveio agora a Tia Aniceta – é só o castanheiro quando se lhe abrem os ouriços.

– Ah! – fez a Teresa anuindo.

– Mas são verdes! – rematou o José Lorna, teimando na sua.

E foi então a vez do António:

– Que é? Que é?

*Pucarinhos, pucaretas,
Ó que lindos ramilhetes!
Nem cozidos nem assados,
Nem mexidos com colher.
Não adivinhas este ano
Nem prò outro que vier,
Só se to eu disser.*

– Essa agora é que há outra como ela! – explicou o José Lorna:

Tenho casa de alicerce...

– Não! Não vale! – rogou a Teresa. – Ó meu pai!

– Mas tanto monta! – insistiu o José Lorna. – Como são iguais, deixá-las ir ambas.

– Então vai também a minha, porque eu inda sei outra que é também romã – disse de lá a Tia Maria.

– Ó minha mãe! vê?! Já disse o que era! – lastimou agora o António, no meio dos outros que se riam. – A que a mãe queria dizer começava assim:

Rica e bela fui eu...

– Era assim, era! – disse-lhe a mãe inda às risadas. – Eu sempre sou muito tola!

– Não é, Sr.^a Comadre – fez de velhaco o barbeiro. – Às vezes descuidase...

– Mas então – prosseguiu ele muito animado – lá vai também a minha! Mas esta agora há-se ser ao ouvido da minha comadre! – E agarrando-se à velha, como quem a beija, disse-lhe ao ouvido uma adivinha, que todos ouviram...

Foi uma gargalhada geral!

– Ai este ladrão! Ai este ladrão! – dizia a velha a bater-lhe com o fuso. – Vá-se daqui! Vá-se vossemecê daqui! Olhem com o que ele se cá vem!

– Outra, Sr. Compadre! – clamou o barbeiro, agarrando-se logo ao lavrador. – Arreda! arreda! – fazia o José Bernardo para os rapazes, que se queriam ambos intrometer no segredo. – Mas vossemecê é surdo, Sr. Compadre, o melhor é dizê-la de alto:

*Pequeno como um tostão,
Abre e fecha sem cordão?*

Cuidaram de estostrar de riso, com a nova adivinha do José Bernardo!

– Essas são boas, ó compadre! Essas são boas! – dizia, afogado de riso, o lavrador. – Ai o diabo da lembrança!

Mas a Aninhas, purpureada, deitou água na fervura:

– Que é? que é?...

O barbeiro puxou-lhe na deixa... – que passa na água e não molha o pé?

– Um vitelinho na barriga da mãe! – adivinharam logo os dois rapazes. – Mas diga lá a sua, ó minha ama, diga lá a sua! – pediu, já confiado, o José Redondo.

Estava o José Bernardo agarrado outra vez às cartas, e a Aninhas sempre conseguiu dizer a adivinha:

– Que é? que é?

*Em Inglaterra fui feita,
Em Portugal fui vendida,
Se me prendem estou salva,
Se me soltam estou perdida.*

– É que nem sei como a comadre velha não disse já que era uma agulha! – tornou muito ronceiro o José Bernardo, estendendo outra paciência.

A Aninhas zangou-se, quase chorou.

– Tem termos, homem, tem termos! – admoestou-o a Sr.^a Aniceta. – Diga outra, ó minha comadrinha, diga outra, que os pequenos sabiam essa, não sabíeis?

– Sabíamos – disseram eles.

E para a prova de que sabiam, disseram outra igual, ambos em coro:

*Anda de buraco em buraco
Sempre co as tripas de rasto.*

A Teresa, para dar tempo a que a irmã se desgastasse, disse então esta:

*É branca como a neve,
Preta como o peiz,
Fala e não tem boca,
Anda e não tem pés?*

– Ó compadre – disse o José Lorna para o barbeiro, depois de se lhe pôr a mirar a jaqueta com que fora visitar o morgado, e que era a melhor da arca fateira. – Deixe que lhe não pintou nada mal a história de matar o lobo! –

Deu-lhe a patente da Câmara para essa jaqueta... e pra que mais, ó compadre?

– Ora! que é uma moeda? – fez com desprezo o barbeiro.

– Que é uma moeda?! – repetiu, espantado com a pergunta, o lavrador.

– É uma libra com três tostões, bem sei – continuou o barbeiro. – São doze cruzados. Ponha lá que pra me dar pra esta jaqueta, pra uma saíta barata pra mulher e pra um fato prò rapaz, custou!

– Esse pouco! – admirou-se o José Lorna. – É bem melhor que rapar queixos, e andar por esse mundo a receitar mezinhas. E o filho da Trasga, é verdade, como vai o pequeno?

– Mal. Aquilo se assim vai, o rapaz vira!

– Pois é pena!

– Pois é pena, que vinha a herdar uma boa casa!

– Mas eu é que não volto lá – declarou o barbeiro. – Foram-se aos Cortiços plo Doutor Albino, e agora que se arranjem...

Nesta altura, tinham os rapazes acertado com a adivinha, à custa de muitos sinais da Tia Maria:

– É uma carta!

– Pois já se vê – disse a velha. – Pois o que é que leva o João Correio, quando passa aí a cavalo no macho?

– Leva sono! – tornou a meter-se o José Bernardo, que embirrava com o João Correio.

– Pois digo-lhe eu que era bem melhor matar lobos que rapar queixos! – insistiu o José Lorna, pondo-se outra vez a apalpar a fazenda.

– Mas se há mais bodes que lobos, ó Sr. José!? A gente que há de fazer?! – E como se pusesse a teimar com o seu compadre, a ver se lhe entendia a «paciência», foi, enfim, para a linda Aninhas, a vez de propor a adivinha:

– Que é? que é?

*Somos ambos dois irmãos
De diferente condição,
O meu irmão vai à missa,
Eu à missa não vou, não,
Para gostos e temperos
A mim me convidarão,
Para mesas e banquetes
Falem lá com meu irmão?*

– É verdade! E essa? – perguntou aos rapazes a Tia Maria Lorna. – Era eu bem pequenina quando minha mãe ma ensinou; lembra-me bem que estávamos ao lume a assar castanhas – recordou ela. – Onde isso lá vai!

– Então não adivinhas? – perguntou a Ana já impaciente, com a agulha da meia encostada ao lábio...

– É agulha! – aventou o José Redondo.

– É meia! – afirmou o André.

– Nem agulha nem meia! É...

– Não diga! Não diga, a ver se a gente adivinhamos! – rogaram ambos juntos à Aninhas.

– Quem ensaiará este ano as loas prà festa, ó comadre? – perguntou a Tia Maria Lorna, que já se aborrecia de tanta adivinha.

– Isso há de ser lá a Sr.^a Infância, que pra essas coisas não há como ela. Só aqueles lindos versos do outro ano, que nunca me hão de esquecer! Fala o anjo embaixador:

*Já chegámos à igreja
Com prazer e alegria,
Vamos oferecer o ramo
À sempre Virgem Maria.
Por sorte me pertenceu,
Dentre as nobres jerarquias,
Ser eu participante
Das presentes alegrias.*

– O último é que era bonito! – fez por se lembrar o António.

– Quando o anjo embaixador se ia embora, e deixava na capela as raparigas. Ele como é?

– Essa também me não lembra... – confessou com pena a mulher do barbeiro.

– Pois era assim! – recordou-se o filho do Lorna:

*Tende, pois, enquanto eu volto,
As alâmpadas ardentes,
Porque há diferença nas virgens*

Entre as loucas e as prudentes...

– Pois era assim, era! – confirmou arrebatada a Sr.^a Aniceta.

– E dizia muito bem as loas, e ia muito guapo, aquele filho do João Caseiro!

– Ele haverá entremez este ano? – perguntaram muito curiosos os dois rapazes, não se importando já com a adivinha.

– É vinho e vinagre! – ensinara-lhes por fim a Aninhas. – Não adivinharam! Surriada, que não adivinharam!

– Ai, é vinho e vinagre... – repetiram indiferentes os dois rapazes. – Mas ele este ano haverá entremez? – insistiram eles e também as mulheres.

– Ali o meu José é que há de saber – disse a Tia Aniceta. – Ó José, sabes se sempre há entremez na festa?

– Agora esta carta, já vê, muda-se pra ali... – prosseguia o barbeiro.

– Mas olhe o que lhe perguntam – avisou o José Lorna.

– Não sei! Eu sei lá se haverá entremez! Já ouvi dizer que só *pauliteiros*, e que vem também o Tio João Tambor, e dois gaiteiros de além do rio.

– Pois vamos lá, que já não é pouco!

– Qual não é pouco! Festa como a que mandou fazer o António Fagote, é que já aí não torna outra! – exclamou o José Bernardo. – Foi de ventas! Deixou a vara ensilveirada pra um par de anos, sou eu que o digo! Eh, caramba! só aquele sermão!

– E o macaco de fogo, ó Sr. José?! – lembrou o paquete muito admirado.

– O que disse daquele púlpito abaixo aquela alminha! – continuava abismado o barbeiro. – E depois, bom homem! por lhe fazer a coroa deu-me um pinto: – «Mestre, aí vai para as amêndoas.» Aquilo sim! – Também eu – gabou-se o José Bernardo – fiz-lhe um favor! apresentei-lhe no púlpito uma limonada, que era de se lhe tirar o chapéu três vezes!

– O que ele disse a Nossa Senhora! – lembravam ainda pasmadas as mulheres. – O que ele disse voltado pra aquela divina imagem!

– «Ó Virgem!...» – rompeu a declamar o barbeiro, imitando o pregador.

– Há de perdoar, compadre, mas vamos lá às cartas! – interrompeu o José Lorna. – Com santos não se brinca...

– Nem isto é brincar, Sr. Compadre! – observou com sinceridade o José Bernardo.

– Bem sei! – confirmou o lavrador. – Vossemecê não era capaz, mas os santos é que podem entender que é brincadeira. Nestas coisas, é bom acautelar. Vá lá: muda-se então pra ali esta carta... – E para o filho: – Dá-me daí com as tenazes nesse tição, e esperta-me esse lume.

Abriu a boca a Tia Maria, e perguntou, já por demais, arredando-se do lume esperto:

– E como estará do erisipelão a Maria Espanhola?

– Mal! Plos modos inda lá vai a benzedeira, mas aquilo está muito mal, coitada! E depois aquela carga de filhos! A Mónica sabe benzer, isso sabe. Mas vão lá saber se a mulher anda em graça de Deus...

– A mulher, qual mulher? – perguntou o barbeiro.

– Não é da tua conta! – respondeu-lhe a Aniceta. – Meta-se lá no que está a fazer, e deixe conversar os mais à sua vontade.

– Bem ouvi., a Maria Espanhola... Essa está mas é na graça do grande diabo que a carregue! E outra que tal como aquele do Balsemão, que diz que tem uma cruz no céu da boca. Eu já uma noite, no arraial, lhe pedi que me mostrasse a cruz, mas ele não caiu nessa...

– Pudera! se é a sua «virtude»! – desculparam-no as mulheres.

– Ao menos os dentes! inda lhe eu disse. Quero ver quantos anos tem!

– Ó Sr. José Bernardo... – repreendeu-o a Tia Maria Lorna.

– Ó minha comadre!... – retrucou-lhe o barbeiro no mesmo tom. – Se não houvesse tolos, não havia aldrabões!

– Ó António – interveio o velho Lorna –, vai lá ver que tal está a noite; e se estiver amanhã capaz, hás de chegar ao Picão do Corvo, pra ver lá isso da alvaneira.

– Está a nevar – disse da janela o filho do Lorna.

– Melhor! – tornou o lavrador. – «Prò ano ser de pão, sete neves e um nevão.» Tu, olá, já sabes – continuou ele a dar as ordens. – De manhãzinha, rodas-me a saber do Sr. Morgado: que lhe mandamos todos muitos recados e saber se está melhor. Passas à vinda por Vale de Ferreiros, e cortas uma carga de lenha, que há de ser preciso alguma fornada.

– Ele inda aí há pão... – disse, mas condescendendo, a Tia Maria.

– Inda aí há, inda aí há, mas com tempo é que se aviam as coisas, e o rapaz aproveita caminho! – teimou o Lorna pondo-se de pé.

– Está bem de ver – concordou o barbeiro já a abrir a boca.

– E nós vam' lá com Deus, que isto já hão de ser horas. André – gritou ele

ao filho –, arriba! Estás a dormir, grande maroto? Olha que *Lenha verde mal acende, Quem muito dorme pouco aprende*.

– Basta que saia ao senhor seu pai! – disse, inda despeitada, a Aninhas, enrolando com o fio as agulhas da meia.

– Mau! ó minha comadrinha! Mas o que eu não quero é que fique zangada comigo! – rogou o José Bernardo pondo-se de pé, no meio dos outros todos já levantados. – Fica zangada, minha comadrinha?

– E era bem feito que ficasse! – repreendeu-o a Sr.^a Aniceta.

– E eu não lhe dançava na boda! – fez o barbeiro dando-se por pago, e acendendo na brasa o cigarro brejeiro.

– Olhem agora a grande desgraça! – tornou-lhe com desprezo a Aninhas. – Deixe estar que ninguém o convida! – concluiu ela já a sorrir.

Acendera a sua luz o velho José Lorna, e todos se davam já as boas-noites.

– Agora não se constipe, ó comadre! – recomendou a Maria Lorna. – Como está a nevar, ponha bem o xaile pla cabeça, e cautela com as escadas.

– Não tem dúvida, Sr.^a Comadre, muito boa noite; e muito boa noite, minhas comadrinhas! Anda lá adiante, André! Esperta, olha não caias, André! Adeus, Sr. Compadre, com bem passem, e muito obrigado por este bocadinho.

– Adeus.

– Adeus.

– Não traga cá a luz, Sr. António, a gente já está avezada co as escaleiras. Muito boa noite, a todos, muito boa noite! Adeus.

– Adeus, adeus, embrulhem-se!

E como o José Lorna fosse também à janela para alumiar, ouviu-se-lhe a voz de bordão, dizendo para o outro que ia descendo:

– E olhe lá isso dos porcos, ó compadre! Sempre quero saber de quem eram os porcos!

– Safa! que ele cai a valer, ó Sr. José! – exclamou, debaixo da nevada surda, o José Bernardo. – Cerre a janela, cerre a janela, que um catarral como quer se apanha! – recomendava ele já do meio da rua, que era à luz das candeias como um lençol.

– Mas olhe-me lá isso dos porcos, compadre! – teimava ainda o lavrador. – Eu quero saber de quem eram os porcos!

Rançou a porta do José Bernardo, quase fronteira; e já encafuado em casa,

diz-lhe o barbeiro por uma frincha:

– Ó Sr. Compadre! Sr. Compadre!

Voltou atrás o lavrador.

– Que é?

– Ora sempre lhe quero dizer., que eram meus os raios dos porcos!

– O quê?! Ó seu alma do diabo! Que diz você?! – atacou furioso o José Lorna, atirando os braços a um pau de lódão, enquanto as filhas o seguravam.

– Mas não tem dúvida – tornou-lhe de lá o barbeiro, atirando-lhe uma gargalhada: – *MATAM-SE!*

VAE VICTIS!

Não estava ninguém na fonte, quando a Luísa, de cântaro deitado sobre a cabeça, ali chegou. Ninguém. Debaixo do sol risonho, ao murmúrio da água da bica, derivando, viva e clara, de um pedaço de telha partida, naquele socalco de pequeno cabeço em cujo topo, à roda da igreja branca, a aldeia negrejava, parecia tudo adormecido. Verdegavam perto os lameiros; iam viçosos, nos quintais e hortejos, os renques dos legumes, e já nos ramos das árvores, inteiramente vestidos de folhas, picavam as primeiras flores.

Quase sem horizonte, porque outros cabeços o fechavam perto, esse recanto onde borbulhava a fonte parecia ali como escondido. Próximo, um ribeiro passava, além de umas paredes baixas, onde as mulheres costumavam lavar.

Mas não vinha dessa banda, àquela hora, o mínimo rumor de vozes, nem se ouvia, como noutros dias, bater a roupa nos lavadouros. Como nas doces aguarelas, uma atitude de êxtase imobilizava ali todas as coisas, tocando-as de uma pontinha de sono – e as coisas, como as crianças, pareciam, sorrindo, deixar-se adormecer...

Tomada do mesmo espasmo, a Luísa quedara-se abstrata junto da bica, esperando que se enchesse o cântaro; mas agora, ao ruído monótono do fio de água, escoando-se, lentamente, no bojo do barro insaciável, como que lhe acordara nos ouvidos, onde lhe tinha ficado encantada, e com todo o relevo da voz do Tónio, essa pergunta que ele lhe fizera:

– Dás-me um beijo, Luísa?

Estava mesmo a ver o rapaz quando lhe dirigira a inesperada pergunta. Fora no adro, um domingo de tarde. Os homens, em descanso, conversavam de lavouras, sentados por cima do muro; as mulheres tagarelavam em grupos, de cocarinhas no terreiro sagrado; e ela, com outras da sua igualha, chasqueava, à porta da igreja, dos moços que jogavam a barra.

Fingindo uma coisa séria, o Tónio, que entrava no jogo, viera para ela em mangas de camisa, o chapéu deitado para trás, num instante em que lhe não pertencia atirar o ferro. Da violência do exercício, trazia o sangue a espirrar-lhe da pele e muito vivos os olhos azuis.

– Ó Luísa! – dissera-lhe ele chamando-a de parte. – Fazes favor de uma palavra?

Ela fora, na boa fé, e quase sem o pensar.

Senão quando, chegando-se como para um segredo, perguntara-lhe com a voz muito quente:

– Dás-me um beijo, Luísa?

Não tivera tempo de lhe responder, nem saberia tão-pouco; e ele mesmo, chamado para o «tiro» que lhe competia, desandara lesto e sem se voltar, deixando-a, incoerente, a pensar na atrevida pergunta:

– Dás-me um beijo, Luísa?

Já o cântaro ia quase cheio, mas ela nem dava fé. Sempre que podia fechar-se num pensamento, nas suas horas de suave remanso, era naquele pensamento que ela se fechava; e muitas vezes, ao adormecer, a esperança de o prolongar em sonhos fazia-a pegar no sono quase a sorrir. Viera-lhe daí o que parecia às outras melancolia, mas que era para ela um gozo suave – o prazer de estar sozinha, de não ver nem ouvir ninguém, de devanear, ela só, naquele tema sempre constante...

E de tanto que repetia a pergunta em pensamentos, chegara a rezear repeti-la alto; e aos seus olhos era assim como um lindo quadro, cheio de luz e realidade, esse querido domingo de tarde, no adro, em que ele, o Tónio, lhe fizera ao ouvido aquela pergunta:

– Dás-me um beijo, Luísa?

Parecia-lhe haver acordado então de um grande sono que durara toda a sua vida passada, de que mal se lembrava agora; e essa tarde no adro, que podia ter sido, para ela, tão indiferente como foram tantas, era agora como a sua primeira hora de existência – essa tarde em que o Tónio, chegando-lhe os lábios quase ao ouvido, lhe perguntara numa voz muito quente:

– Dás-me um beijo, Luísa?

Parecia-lhe mesmo estar a ouvi-lo: a sua voz como que ficara viva dentro dela – e esse doce, misterioso ritmo em que se fundira, causava-lhe, de cada vez que o escutava, um encanto novo...

Recolhida, suspensa como num voo, num êxtase de toda a sua vida, outras vezes era ela mesma que a invocava... E de ouvido muito fito, os olhos semicerrados, um arroubo todo espiritual elevando-lhe os seios da alma, aquela voz descia do céu:

– Dás-me um beijo, Luísa?

Voavam-lhe as horas neste enlevo, entre as paredes do seu tear; e o mundo, a felicidade, a alegria, o próprio Deus, residia tudo dentro dela – na doce, enternecida recordação daquela tarde, no adro, quando o Tónio, sem ela o esperar, lhe fizera ao ouvido essa pergunta:

– Dás-me um beijo, Luísa?

E no entanto, não lho dera então, nem lho daria ainda hoje, esse beijo que lhe pedira o Tónio.

Porquê? Nem ela o sabia: mas só de o pensar, as faces purpurejavam-lhe, e a luz que, desde essa tarde, a envolvia toda, parece que tinha, de repente, um espasmo de intermitência...

Isso, porém, acontecia muito raras vezes, e quando sucedia era passageiro; pois que, sondada bem no íntimo, dela se pode dizer que vivia apenas, extasiada, de um êxtase da sua memória, e que a sua memória, semelhante a um estado imóvel, nada mais podia refletir do que a cena desse domingo de tarde, no adro, quando o Tónio, sem ela o esperar, viera segredar-lhe mesmo ao ouvido:

– Dás-me um beijo, Luísa?

Tudo o mais era-lhe indiferente na vida, e como que o tinha esquecido; e para as coisas e factos de ocasião, em que não havia remédio senão reparar, tinha agora uma benevolência quase risonha que repartia também com os outros, e que se convertera, para com os pobres, numa caridade cheia de ternura. Como o tear ficava na casa térrea de entrada, os pedintes era a ela que se dirigiam, uns da porta, outros da janelinha, e alguns havia já a horas certas. Parava de tecer a Luísa, e elevando a voz chamava pela mãe:

– Ó minha mãe! Faça favor de trazer um bocadinho de pão, que está aqui um pobrezinho.

E se a mãe replicava com o *perdão* – «Dá-lhe o *perdão*, que não pode ser» – ela mesmo, dali a pouco, ia-se ao pão e cortava-lhe um pedaço, dizendo às vezes que era para ela.

A mãe, que percebera, dissera-lhe a rir de uma dessas vezes:

– Tanto pão! tanto pão, rapariga! Ora aí está porque tens essa cor, que és mesmo da cor do centeio!

Mas era uma esmolinha que dava, e um desejo que satisfazia; – e só ela, afinal, não tinha que pedir nem que desejar! Graças a Deus, o trabalho sobrava-lhe, e não tinha mãos a medir; e quanto a ambições, isso que ela

ouvia que todos tinham, não as sentia de casta nenhuma. No entanto, essa mesma felicidade era para ela um facto inconsciente e derivava, sem dar fé, da obsessão deliciosa daquele domingo de tarde, no adro, em que o Tónio lhe dissera ao ouvido:

– Dás-me um beijo, Luísa?

Depois dessa tarde, sem contar as vezes que se salvaram, apenas uma ocasião tinham falado.

Quase sem intenção, o Tónio chegara-se à janelinha do tear, e, assomando a cabeça loira entre os dois cacos de manjericos, pusera-se a falar com ela.

Tinham conversado um pouco de tudo; primeiro de coisas simples da vida, e por fim, sem bem saberem como, de casamentos: uns que tinham gorado, outros que prometiam fazer-se, a sorte de outros que se tinham feito...

Nesta parte da conversa ainda a viúva interviera, e os três tinham rido o seu bocado. O Tónio andava em dia com os amores de toda a aldeia, e tinha um modo de dizer as coisas, e principalmente de se referir a pessoas, que fazia rir a mãe e a filha.

– E tu, ó Tónio – dissera a viúva em certo ponto – diz lá tu quem é que derriças?

Como dois floretes muito subtis, que se cruzam sem se tocar, os olhares dos dois, da Luísa mais do Tónio, haviam-se cruzado repentinamente.

Ambos notaram isso, e ambos, no íntimo, ficaram como surpreendidos.

– Ora, Tia Ana! eu penso lá nessas coisas! – acudiu o rapaz.

E como a Luísa se pusesse a tecer, e o ruído do tear abafasse as palavras, levantou a voz para que o ouvissem.

– Nem quero!

Mas a viúva objetou:

– Olha quem! Não queres! Põe lá que se te saíres a teu pai... – E com intentos de lhe puxar pela língua, perguntou: – Seguro que não botaste no S. João os teus papelinhos, ó Tónio?...

– Ora! – fez logo o rapaz sem ligar importância. – Mas isso toda a gente! – e para arredar alguma pergunta indiscreta, acrescentou: – Aposto que até vossemecê?!

Riu-se a viúva com muita vontade:

– Ai, filho, não! Olha eu! Algum tempo, algum tempo! Mas onde isso vai se bem correr!

E como uns laregos entrassem pela casa dentro, de focinho a rebuscarem o

chão, correu a viúva a enxotá-los – « *Coch'qui*, inimigos! *Coch'qui!*» – enquanto os olhares do Tónio e da Luísa, rápidos como dois relâmpagos, segunda vez se cruzavam no ar...

– Vou-me que são horas, Ti Ana! – disse logo o Tónio. – Até logo. – E não olhando já para a tecedeira, despediu-se também: – Adeus, Luísa.

Depois, mais nada. E aquilo mesmo, que podia ter sido, afinal, sem intenção, quase se lhe diluía a ela da lembrança – e aí persistira só, num fundo claro de madrepérola e num relevo cada vez mais vivo, aquela cena de domingo de tarde, no adro, quando o Tónio, sem ela o esperar, quebrara, nessa pergunta, o virginal encanto da sua adolescência – fazendo-a acordar na puberdade:

– Dás-me um beijo, Luísa?

Na fonte, enquanto o cântaro levou a encher-se, não surgira sombra de gente. A mesma sonolência morna adormentava à roda todas as coisas, e só no azul do ar, muito fino, que o brando sol da manhã diluía numa luz suave, passavam, tocados de opala, os pássaros chilreadores. Na superfície do pequeno tanque adjacente, forrado de musgo, onde os animais costumavam beber, o céu espelhava-se límpido, muito fundo, com o ligeiro algodão de uma nuvem quebrando-lhe a um canto a monotonia; e já a água borbulhava do cântaro como em fervura, e a Luísa parecia esquecida – quando um casal de borboletas brancas, intercetando, num voo sereno, a linha perdida do seu olhar, veio, impercetivelmente, evocá-la de novo à realidade...

Reparou então que estava cheio o cântaro, e já a transbordar; mas indo a pegar-lhe para se ir embora, viu, de repente, assomar o Tónio num deslido – como se o pensamento dela o evocara...

Tiveram ambos, naquele momento, o mesmo abalo de viva surpresa, durante o qual se fixaram muito um ao outro, a averiguar se lhes mentiam os olhos; – e com a certeza de que lhes não mentiam, adveio aos dois, no mesmo instante, a sensação entre perturbadora e deliciosa do isolamento em que se encontravam...

Sem refletir, parece que cedendo a um impulso estranho, dirigiu-se o Tónio para a banda da fonte, mas adivinhando nos modos da Luísa a turbacão que a enervava, sem também saber a razão os passos hesitaram-lhe...

De repente, como se a cumplicidade do lugar e do silêncio o estimulasse – e ela, abandonada, parecesse agora provocá-lo –, apertou-a nos braços o

rapaz; – e colocando-lhe na boca os lábios frementes, como se lhe fora a sorver a vida, beijou-a num frenesi.

Ao mesmo tempo, numa vibração de rumor que vai a apagar-se, aquela voz deliciosa do Tónio, tão viva, desde esse domingo, como um canto de rouxinol, parecia agora, quase extinta, fugir e despedir-se da sua memória:

– ...«Dás-me um beijo, Luísa?...»

ANTÓNIO FRALDÃO

A Columbano Bordalo Pinheiro

Noite velha, saía o António Fraldão da casa da Alonsa, quando viu, a curta distância, escoar-se um vulto que parecia de gente.

O Fraldão saía à esconsa e por isso não se afirmou: – mas ainda que se afirmasse, provavelmente não conhecia quem era, pois já não havia luar àquela hora, e as estrelas, ao alto, esmoreciam. Demais, os dois seguiram em sentido contrário; ele a meter-se em casa, e o outro, se era gente, direito à cova dos castanheiros, onde se internaria na treva densa.

Aquilo, a princípio, não deu que pensar ao Fraldão; – mas ao chegar a casa pouco depois, no extremo oposto da pequena aldeia, já com a mão na aldraba da porta, suspeitou:

– Ora quem seria o melro?! Se teremos história?!...

Ainda lhe vieram, num ímpeto, ganas de voltar atrás, de farejar o rasto até dar com o vulto, algures, e de o obrigar, se fosse embuçado, a mostrar a cara. Mas presumindo que já o não encontrava, e nada suspeito, ainda, dos beijos da Alonsa e das suas juras, abriu a porta e foi-se prà cama – embora, lá no íntimo, arreliado...

Quando depois acendia a candeia, ao pé do catre, reparou que a mão lhe tremia; – e deitando-se, não havia maneira de pegar no sono, às voltas debaixo da manta.

– ... Está bonito, está! E esta?!

A mãe, que ficava num quarto contíguo, separado apenas por um tabique, ainda lhe perguntou de lá se estava doente, ou o que é que tinha. Mas ele, respondendo, que não tinha nada, parece que até na sua ouviu a voz da mentira – e se mal estava pior ficou.

Agora, umas guinadas de impaciência picavam-no todo até à alma, e entrou, pouco a pouco, a cismar se seriam ciúmes...

– Ciúmes! – admirava-se ele. – Mas ciúmes de quem?

Considerando, aquilo não passava talvez de uma curiosidade, talvez de uma simples suspeita – curiosidade de conhecer o vulto, suspeita de ter sido

conhecido, ele... Mas logo a seguir tranquilizava-se:

– Agora! Tanto como eu o conheci também! E quem sabe até se não seria algum lobo... – aventava o Fraldão a ver se dormia.

Mas não dormia; e no quarto ao lado, aflita, a mãe pegava-se já a Nossa Senhora: – «Ave, Maria, cheia sois de graça, o Senhor é convosco...»

– Bem digo eu! – arriscou-se a viúva a dizer outra vez. – Ora queira Deus, António; queira Deus e Deus o queira, que te não deem pla cabeça estas noitadas...

– Isso! – replicou o rapaz. – Agoure-me vossemecê agora, inda por cima! Um galo cantou a distância, nalguma capoeira.

– Ouve, minha mãe? Deixe-me vossemecê dormir, que já cantam os galos.

Mas espantara-lhe o sono o cuidado que entrara com ele – nem sabia de quê; e embora de olhos cerrados, e imóvel por amor da mãe, as ideias, agora, tomavam-lhe certo rumo já fixo. – Aquilo com a Alonsa era ainda de fresco, e namoros, plo visto, a rapariga não tinha nenhum.

Ela mesma lho havia jurado pouco antes mais uma vez – e que tirante aquele que a perdera, e que depois a botara ao desprezo, não conhecera mais homem nenhum – nem queria. Boa moça, vivendo à jeira do seu trabalho, sozinha, parecia com efeito que gostava dele, a pobre da rapariga; – e de uma vez que lhe tinha falado em se casarem, fitou nele os seus grandes olhos, negros, marejados de lágrimas, e com a cabeça disse-lhe que não.

– Não?! Mas se eu quiser? – perguntara ele.

– Não! Tu tens tua mãe.

– Mas minha mãe...

– Tua mãe precisa de ti.

E abraçando-se a ele e apertando-o, agora a chorar com alma, entregara-se-lhe dizendo assim:

– Deixa lá!

Gostava da rapariga desde então, só por isso; – e procurando-a de noite, às escondidas, era mais por lhe fazer a vontade a ela para que a publicidade dessas relações o não desairasse, do que por envolver estas em um mistério, que, por não ter de que se envergonhar, até lhe pesava! Casaria com ela, decerto, quando a demovesse ao casamento; – e essa objeção da mãe, com que ela, coitada, lhe viera mais uma vez ainda essa noite, a própria mãe acabava de o desfazer lá do seu cubículo, dizendo-lhe quando já luzia o buraco, e ao tempo a que todos os galos da vizinhança tagarelavam de longe

uns com os outros:

– Olha, António! Se esses cuidados são o que eu penso...

Deteve-se...

– Que tem? – provocara o rapaz o resto da frase.

– Que tem?!... O melhor é casares-te!

Não respondeu.

Nesse mesmo dia, depois de cear com a mãe o caldo das verças, o António Fraldão deu-lhe as boas-noites, pegou no chapéu e ia a sair...

– Não te era melhor ires-te prà cama, António?! – perguntou a viúva.

– Eu não me demoro, minha mãe. Deite-se vossemecê, que eu venho já.

Dirigia-se para a porta, mas a mãe ainda o admoestou que tivesse cuidado – que os perigos donde quer surdiam...

– Não tem dúvida, minha mãe. Não se aflija.

E cerrando a porta atrás de si, achou-se, de repente, na rua escura. No céu, muito alto, luziam estrelas em cardumes, e não havia lua; e nas casas vizinhas, janelas e portas estavam fechadas, e a aldeia, prestes a adormecer, parecia deserta.

Ladravam cães aqui e além, disseminados, de guarda às curraladas; e só das bandas do campo, embalando o dormir da paisagem, um ruído atenuado e doce, que era, àquela hora, a fusão do canto dos ralos, dos grilos e das cigarras, vinha, difuso, embriagar de sonho o silêncio das coisas...

Sublinhadas de luz, uma agora, outra logo, raras portas no interior da aldeia; e na taberna do Grincho, entreaberta, sob a fumaceira dos cigarros, que ondulava no ar como um nevoeiro, a mesa do jogo rodeada de gente.

Cortara a aldeia toda o António Fraldão, sem ser visto; e quando chegou à casa da Alonsa, a rapariga, que já o esperava fisgando a rua por uma frincha, abriu-lhe a porta e cerrou-a logo:

– Valha-me Deus, António! Tenho tanto medo que te veja alguém!

– E eu nenhum! Tem de se saber: pouco me importa!

E já defronte da rapariga, ajeitando-lhe o rosto pra lhe ver os olhos, perguntou-lhe se estava triste.

– Não... Triste porquê?!...

– Estás, isso estás!

– E modo meu, não estou...

Mas aos olhos da Alonsa, a desmenti-la, afloraram logo duas grandes lágrimas.

– Vês?! – tornou o Fraldão. – Bem digo eu! Estás a chorar. Eu não gosto de te ver chorar.

– Não! Pois não! – anuí-a ela enxugando os olhos. – Já não choro. Mas esta minha vida...

Sentou-a numa arca de pinho que havia ao pé; sentou-se ao lado dela; tomou-lhe as mãos.

– Mas anda cá, vem cá, sossega! – suplicava o rapaz. – Mas essa tua vida que é que tem?

– Ora!

– Ora quê, sossega!

Desafogava a Alonsa: – Inda o que lhe valia era o trabalho...

– Ao menos enquanto ando por lá, quer chova, quer neve, até parece que alívio penas!

Respirou muito fundo, mordeu o beijo para reprimir as lágrimas.

– Deixa lá, já te disse, não te aflijas! – continuava o António. – De hora a hora Deus melhora.

– Sim, sim... Mas o que lá vai...

Desdenhava o Fraldão para a animar:

– Ora, o que lá vai! O que lá vai, lá vai! O que lá vai deixá-lo ir!

E fitando-a, a rir-se:

– És tu minha amiga?

– Sou.

– Muito?

– Muito. Não posso ser mais.

Mas aqui, sem querer, veio-lhe outro hausto; e escondendo a cara no avental, como envergonhada, entrou a chorar convulsamente.

– Maria, então?! Isso que é?! – procurava reprimi-la o rapaz. – «Ouve! Escuta! Olha que eu zango-me!»

– Não! Não! – repetia ela com haustos.

– Sim! Mas sim! Ouve! O que tu queres dizer bem sei eu...

Rogava-lhe a Alonsa que se calasse, adivinhando no que lhe ia falar.

– Não, não, António! Tem piedade!

– Sim! Hei de dizer! O outro!

– Por alma de teu pai, António! – suplicava a Alonsa pondo as mãos.

– O outro, sim! O outro! – recalcava o Fraldão. – Mas queres então que te diga?

– Oh, não, não! Cala-te!

– Sim! Hei de dizer! Vou dizer: – Tanto como ele valho eu agora!

Ela repeliu o avental, espantada!

– Tu?!

– Sim! Eu! Inda menos!

– Oh, António! – exclamou a Alonsa pondo as mãos. – Não digas isso, que pecas!

Mas ele, como a cravar-se um punhal, insistiu:

– Esse enganou-te, não é verdade? Disse que se casava contigo e não se casou! Mas eu...

– Mas tu...?! – provocou a rapariga sem perceber.

O Fraldão desfechou.

– Eu... Foi um empurrão que te dei prà desgraça, arredando-te dele!

– Mas se foi ele que não quis casar, António! – objetou desvairada a rapariga.

– Foi! Mas agora, mulher de dois, mulher de cem! Deixasse-te eu estar como estavas, que o desonrado não eras tu!

Percebera, a Alonsa! E caiu num grande marasmo, que assustou o rapaz.

Para a reanimar, o Fraldão ameigou a voz e atraiu-a para ele:

– Ora mas anda cá! Vem cá! Não te aflijas! Vais-me falar então toda a verdade, prometes?!

Ela não respondeu, absorta...

– Prometes – disse por ela o Fraldão. – Olha então bem para mim.

Ela fitou-o, serena.

– Responde! Tu inda gostas dele?!

Chisparam-lhe de ira os olhos acesos:

– Eu?!

– Então anda cá! Vem cá! – ameigou-a o António. – Pois se já tu vês que fui pior do que ele...

– Ó António!

– ...Perdoas-me?!

– Perdoo!

– E casas-te comigo?

– Não! Isso não!

– Mas eu perdão só quero esse!

– Deixá-lo!

– Deixá-lo porquê?!

Desdenhando de si, a rapariga ergueu os ombros.

– Inda o perguntas, António!

Mas nisto, parece que no silêncio da rua, perto da porta, ouviram-se passos...

– Escuta... – disse o Fraldão.

– Não é ninguém! – conteve-o a Alonsa sobressaltada.

Mas o Fraldão, desconfiado, ficou em brasas – lembrado do vulto da véspera.

Desviou-se, mediu-a. Agarrando-lhe os pulsos interpelou-a:

– Ouves?! Tu enganas-me!

Caiu de rojo a rapariga, fulminada:

– Por alma de minha mãe, António!

Mas ele repeliu o juramento:

– Não! Só dizendo que sim ao que te vou perguntar: – Casas-te comigo?

– Caso – respondeu ela com energia.

Levantou-a num ímpeto o Fraldão, apertou-a contra o peito, despediu-se; – e carregando o chapéu até aos sobrolhos, apagada a luz por precaução, desandou a chave e saiu para a rua.

Cantavam os galos... Em casa, sentada ao lume quase apagado, a mãe de Fraldão desfiava o rosário – rogando pelo filho a Nossa Senhora: – «Ave, Maria, cheia sois de graça, o Senhor e convosco...»

Já no escuro, cá fora, o Fraldão pôs-se a farejar como se fosse um lobo. – Sentira passos, não se enganava, e era o vulto da outra noite, com toda a certeza! Mas agora, rondando com olhar a volta dele – na treva imóvel e silenciosa, debaixo do céu melancólico onde as últimas estrelas já feneciam, nenhum vulto, nenhum ruído, lhe feriam a atenção. Contudo, esse ar frio que respirava, ia jurar que um hálito inimigo o empestava – de alguém por ali escondido, algures... Mas um exame atento e perscrutador, do ouvido principalmente, não lhe dava nada, e os olhos, inquietos em todas as direções, como os dos lobos quando têm fome, continuavam a receber do escuro a mesma impressão de vazio – que o afligia e o exasperava!

– Ah cão! – regougava o rapaz. – Não te encontrar eu, que te comia os fígados! – Oh, mas havia de encontrá-lo! Fosse como fosse! Fosse onde fosse! No Inferno! Sete braças abaixo do chão! Havia de topá-lo! Era o vulto da outra noite, não tinha que ver! – Era malandro que o espreitava!

– Pois a cova tenhas tu onde pões os pés, ladrão! Não se abrir a terra que te comesse, grande malvado!

E ao mesmo tempo que se não queria arredar pra longe, e sondava o escuro, com pertinácia, na direção da casa da Alonsa, vinham-lhe ganas de procurar mais lá, mais ao largo, por todas as bandas, de não deixar polegada que não perscrutasse – de mexer e remexer com as unhas, sendo preciso, a própria terra onde tinha os pés!

– Cão do diabo! Cão tihoso! Tão longe estejas tu do Inferno, como estás de mim – ladrão!

Agora, como os olhos se lhe iam habituando ao escuro, a exploração corria melhor; – e porque conhecia o terreno como as suas mãos, e caminhava por isso com segurança, procurou, sondou, farejou – até se convencer que não havia ninguém.

– Sumiu-se! Um raio venha que o parta! Não dou com ele!

Mas de repente deu-lhe um palpite:

– Tate! Fugiu-me prà cova! Detrás dalgum castanheiro é que eu o topo!

E largando para lá como uma bala, pouco tardou que não lobrigasse um vulto que fugia – e sentiu-lhe ainda o trupido dos pés.

– Eh cão! É agora! Já me não escapas, malandro.

Mas na dianteira que lhe levava o outro, demais a mais correndo em declive, no mesmo instante perdeu-o de vista – sumido, como que diluído, no escuro dos castanheiros!

– Ah ladrão! que era o último dia da tua vida! Mas acabou-se! Algum diabo tinhas por ti! Ah malvado!

E apanhando do chão duas grandes pedras, ainda as arremessou, com fúria, ao seio do escuro. Mas só ouviu ramalhar os castanheiros, o baque dos matacões caindo no solo – e nada mais.

– Pronto! Foi-se! Alma do diabo! Não tinha de ser inda esta noite!

E desandou direito à aldeia, furioso.

– Amanhã! Deixa! Não as perdes! Eu te armarei a esparrela se voltares!

Mas agora, regressando, só o preocupava saber quem seria o vulto – de todo inclinado já, contra a Alonsa, à ideia de que o atraçoava:

– Oh, a grande magana!... tinha outro!... Vão-se lá fiar!... A grande magana tinha outro!...

Defronte da porta da rapariga, parou – imprecando de punhos cerrados:

– Ah traidora! Agora é que era matar-te! O que tu precisavas era morrer!

Ah traidora!

E num repelão, desvairado, foi-se ao postigo e bateu.

– Se abre é porque o esperava, a desavergonhada! E capaz sou de a matar!
Mato-a! Mato-me, acabou-se!

Mas de dentro não acudia resposta: tornou a bater. Senão quando, rente ao postigo, ouviu-se muito aflita a voz da Alonsa:

– Vai-te! Deixa-me! Não me persigas! Por alma de tua mãe tem dó de mim!

– Abre! – rugiu o Fraldão empurrando a porta.

– Não! Não! E se me abres mato-me! – tornou de dentro a voz de Alonsa. – Vai-te! Bem bonda o que me fizeste! Vai-te!

– Oh! – regougou espantado o Fraldão. – «O que me fizeste...»

Percebera! Percebia tudo agora!... O vulto era então o José Cherugaço, o de Valdamadre... – e o malvado, depois de ter enganado a rapariga, e de andar por lá a enganar outras, voltava à mesma por desfastio, voltava à mesma por inveja! Era o costume, já se sabia! Oh, grande malandro! Por isso – lembrava-se agora – quando o encontrara outro dia à Cruz da Carreira, caminho do Souto, o meliante se rira pra ele de certo feitio, como se riem os lobos...

Espreitava-o, refinado patife! Estava ao facto de tudo! E era por inveja – ele conhecia-o! – era só por inveja, que voltava outra vez à porta da Alonsa – a perseguir a rapariga e a desinquietá-la!...

– Oh, mas deixa!... Não as perdes!... Grande malandro, que as não perdes!...

E já distante, pois que deixara em paz a rapariga, a sua vontade foi ir-se dali até Valdamadre – ajustar contas com esse ladrão!...

– Vou! Atiro-me a ele, que o como vivo! – Mas parecendo-lhe aquilo uma surpresa, reconsiderou: – Não! Há-de ser de dia! À luz do Sol é que há de ser!

E entrando em casa quase contente, o Fraldão fingiu ralhar com a mãe por o ter esperado, e pedindo-lhe a bênção foi-se para a cama.

– Vê lá se vens com frio, António! Aqui ainda há umas brasas.

– Não, minha mãe! Não esteja vossemecê agastada! O que eu não queria era vê-la a pé. Vá-se vossemecê deitar, ande, e tenha paciência.

Dormiu o rapaz o resto da noite, de um sono pegado; e ao acordar de manhã para ir para o trabalho, antes do romper do Sol, pareceu-lhe tudo aquilo um pesadelo – o que se passara na véspera!...

– Olha que tal, hã?!... Como o diabo as arma, às vezes! – lembrava-se ele ainda aterrado.

No íntimo, porém, tirante esse ódio ao Cherugaço, o António Fraldão sentia-se bem; – e logo que o ouviu cantarolar, já levantado – também a viúva ficou contente:

– Ora graças, António! – festejou ela muito alegre. – Graças que já te ouço cantar!

– Então, minha mãe! É que vi passarinho novo!...

– Ah! – fingiu a viúva que se admirava. – E bonito? – perguntou a rir com certa malícia.

– Mas sim! Muito!

Não insistiu a mãe do António, e o rapaz calou-se também; – mas quando se despediu para sair para o campo, a um olhar da mãe mais perscrutador o Fraldão começou-se a rir...

– Então?... – desafiou-o a viúva.

– Então quê, minha mãe? Não é nada! – disfarçou ele. – É cá uma coisa.

– Mas diz!...

Hesitou. Houve um silêncio...

– Pois digo, acabou-se! – condescendeu o rapaz. – Mas vossemecê há de me prometer primeiro que guarda segredo...

– Guardo! – prometeu ela.

Outra pausa...

– E que me está a parecer que vossemecê...

Quedou-se outra vez.

– Anda! Desembucha!

– ... In da vai ter uma filha depois de velha!

Deu-lhe a mãe uma grande risada, fingindo que não percebia.

– Isso! A boas horas!... Está feito!

E como o filho já ia na rua, correu a dizer-lhe da porta:

– Ouves, António? – E ria-se muito. – Agora só se forem netos...

Já distante, o filho voltou-se para trás, também a rir:

– Ó minha mãe!... E se forem?...

Nessas manhãs de fim de verão, quase outoniças, o Sol, lá em cima, nasce muito pálido; e já faz frio. Mas esse mesmo «arzinho» agreste, muito puro, rarefeito pela grande altitude, tonificava o sangue do António Fraldão, que horas antes, por esses mesmos lugares, lhe subira à cabeça quase a escaldar.

As ideias, agora, vinham-lhe lúcidas e chilreantes – alegres como essa passarada ligeira que por cima dele passava a cantar. Parecia-lhe o campo também mais claro, e mais alegre; – e certas árvores suas amigas, que já tinham conhecido de pequeno o avô dele, ouvia-as mesmo felicitá-lo, quando passava:

– Bons dias, António! Do que tu te livraste! – Um poço aos pés – dizia-lhe um olmo – e tu por um triz a malhares lá dentro! dentro!...

– É verdade! É verdade! O demónio como quer as arma! Nosso Senhor nos livre de tentações!

– Bons dias! Adeus!

– Adeus! Bons dias

E certo pombal por onde passou, todo caiado de branco, sorriu-lhe como um noivado:

– Adeus, António! Quando te casas?...

Ao Caminho Velho, saudando as raparigas que estavam na fonte, o Fraldão pôs-se a cantar:

*Entre canas e caninhas
Água deve de nascer,
Menina que está na fonte,
Dê-me água, quero beber.*

Elas agradeceram-lhe a rir:

– Adeus, António! Adeus!

E como se estivesse no grupo a Aninhas do Souto, que além de ser muito linda era cantadeira, mandou-lhe esta – «só pra ela»:

*Fechei na mão um sorriso
Da tua boca formosa,
Quando fui abrir a mão
Tinha-a toda cor-de-rosa.*

– Mas que linda, António! Mas que bonita! – agradeceu a Aninhas.

– Isso és tu! Bonita és tu! Linda como os amores! Adeus!

Mas um pouco adiante, ao saltar a ribeira por umas poldras, uma velha que estava a lavar interrogou-o:

– Ó António! Então tu diz que te casas?...

A pergunta surpreendeu-o...

– Eu, Tia Claudina!?... – disfarçou o rapaz. – Isso sim! Tenho lá minha mãe. Prò que eu ganho chegamos bem! Então tão cedo? – perguntou ele sem se deter.

– Os cueiros dos netos! Que remédio!...

Apreensivo o Fraldão ia agora pensando:

– Aquilo seria bruxedo?!... Ou a Tia Claudina estaria a mangar?!...

Mas à Cruz do Carlos, onde o caminho fazia uma encruzilhada para Valdamadre, conheceu, já lá adiante, seguindo pela ladeira que levava à aldeia, o filho do José do Cachão.

– Ó Valentim! – gritou-lhe de longe o António Fraldão.

– Que é? – respondeu o outro conhecendo-o logo.

– Tu vais pra Valdamadre?

– Vou!

– E és capaz de me fazer um favor?

– Até dois!

– Então – ouves?! – então diz-me lá a esse malandro do José Cherugaço...

– Ao pai ou ao filho?

– Ao filho! Diz-me lá a esse grande malandro – diz-lhe lá! – que a primeira vez que o topo, seja onde for, que lhe hei de arrombar com um pau a caixa dos miolos! Tão certo como haver uvas!

O outro quis voltar atrás.

– Não venhas, adeus! Diz-lhe lá isto que lho mando eu!

– Ó António! – chamou agora o José do Cachão.

– Que é?

– Então que demónio é isso?!

– Cá umas contas! Diz-lho!

E o José Cherugaço, prevenido pouco depois, só retrucou ao José do Cachão:

– Deixa-o! Morto por isso estou eu!

Não tardou, pois, que os dois se encontrassem; mas nem o Fraldão procurou o Cherugaço, nem o Cherugaço, tão-pouco, buscou evitar o outro. Foi obra do acaso avistarem-se ambos no cabeço das eiras, num dia de feira; – e avistarem-se, o mesmo foi que irem um para o outro, lestos e de cabeça erguida. Já sabia o Cherugaço quem tinha pela frente; e porque o terreno o

favorecia, e o inimigo era de respeito, tomou a ofensiva em vez de se defender, brandindo o pau contra o adversário. Errou o golpe, todavia – e lesto como um gamo, o Fraldão, fazendo pé atrás, pôs a zenir no ar o pau do lódão, calculou, apontou, e atirando à cabeça do Cherugaço, com toda a gana, acertou-lhe, prostrou-o à primeira – matou-o.

– Aque-d'el-rei! – Aque-d'el-rei! – acudam!

Corria gente de todas as bandas, era um torvelinho à roda do morto. Atirando com o pau, o Fraldão, muito lívido, pedia aos que o rodeavam que o prendessem:

– Prendam-me! Prendam-me! Matei um homem! Sou um desgraçado!
Prendam-me! Prendam-me!

E atirando para diante com ambos os braços, aflito que metia horror, parecia oferecer já os pulsos às algemas, enquanto a feira, num alvoroço, se enovelava toda naquele lugar.

– Que é?!

– Que foi?!

– Quem mataram?!

– José! Não te vás pra lá meter, anda cá!

– António! Foge pra aqui, olha que te esmagam!

Eram mães a gritar pelos filhos, mulheres pelos maridos: um berreiro e um alvoroço! E à tona desse vozeiro medonho, aqueles clamores que fazem as possessas, trágicos e arrepiados, ferozes como gritos de hienas.

Estava já preso o António Fraldão; e de jaqueta ao ombro, sem chapéu, seguia para a vila no meio dos cabos, atrás do regedor que abria caminho; – enquanto outros, tomando conta do morto, faziam círculo à roda do corpo, aguardando que viesse a justiça.

Mas passada a crise, entrava de comentar-se o acontecido, e já havia partidos: – Quem atacara primeiro fora o Cherugaço! – O Fraldão, defendendo-se, fizera o que outro faria! – Tal e qual! – Tal e qual!

– Mas eles já andavam de rixa!

– Deixá-lo! O que se aqui passou é o que vale!

– O Fraldão tinha-o desafiado!

– Quem to disse?!

– Está-o ali a contar o José do Cachão!

– Recados! Sinal é que não foi traiçoeiro!

– Também o Cherugaço lhe mandou dizer que morto por isso estava ele!

– Ora aí está!
– Pois aí está! O rapaz não teve culpa!
– Não?!
– Não!
– Então assim se mata um homem?! – vociferou um de Valdamaire.
– Isso é outro caso! E se fosse o António que tivesse morrido?! Ele não lhe atirou também à cabeça?!
– E primeiro!
– E primeiro, está visto!
– Se o não apanhou foi porque não pôde!
– E se o apanha era uma vez!
– Está visto! Defendeu-se! Outro qualquer fazia o mesmo!
A corrente, como levada impetuosa, era, pois, a favor do Fraldão; – e quando se ouviu, daí a pouco, gritar uma mulher lancinantemente, e se soube que era a Alonsa, e porque chorava, o incidente acabou de voltar a feira a favor do rapaz, e já ninguém, ostensivamente, tomava o partido do morto.
– Coitada da Alonsa!
– Coitado do António!
– E se fôssemos nós tirá-lo aos cabos, ó rapazes?! – desafiou um. – Vamos nós tirá-lo aos cabos?!
– Pronto!
– É pra já! – anuíram uns poucos.
Mas um velho do Variz, que estava a cavalo pra ver melhor, meteu-lhes à cara a cavalgada, contendo-os:
– Alto! Juízo! – gritou ele imperativamente. – Vocês que é que vão fazer?!
– Arrede! – vociferaram muitos ao mesmo tempo. – Arrede!
– Não arredo! – teimou o velho em cima da égua. – Quem é aí que manda arredar?!
Rodearam-no, iam atirar-se a ele.
– Bem! Então agora é julgado! – increpou um com a boca a escumar-lhe. – E julgado, lá vai pra África, condenado?!
– É assim?!
– É assim?!
– Vai o quê?! Vai o quê?! – clamaram uns poucos num crescendo. – Ao juiz que o condenasse fazia-se-lhe o mesmo!
– O mesmo! Pois está visto!

– Está visto! Fazia-se-lhe o mesmo!

– Morra!

– Morra!

O velho apeara-se, furioso:

– Morra quem?! grandes animais! Cuidam vocês então, seus burros, que há juiz que condene o rapaz?!

– Viva!

– Viva!

– Tem razão o Tio José!

– Viva!

– Viva!

... Ao mesmo tempo que as grades do cancelão, abrindo-se e fechando-se logo, reclusam o rapaz em nome da lei – e o Cherugaço, de ventre prò ar, continuava, estendido na feira, esperando que lhe fizessem a autópsia...

Não foi condenado, com efeito, o António Fraldão. Absolvido unanimemente, ao abraço que lhe deu a Alonsa à saída da audiência, com todos à roda a quererem abraçá-lo, o Fraldão respondeu a chorar – beijando-a como uma criança! Tinham-se casado na cadeia, meses antes – quando a mãe do Fraldão, coitada, receando pela sorte do filho, se tinha já consumido a chorar por ele – e a chorar por ele e a rezar, expelira, sem o ver, o último alento...

MANHÃ BENDITA

A António Correia de Oliveira

Em casa do José Grilo, quando de manhãzinha lhe bateram à porta – «Truz, truz, truz!» – acordaram todos sobressaltados:

- «Quem demónio seria?!...»
- Psiu! Nem pio! – fez o José Grilo para a mulher. – Moita-carrasco! Mas de fora tornaram a bater: – «Truz, truz, truz!»

Do seu cubículo, a Ana, filha do José Grilo, pôs-se de lá a chamar pelo pai:

- Ó meu pai! Vossemecê não ouve bater?
- Bem ouço, deixa! Algum bruto que se quer divertir. Isto é Entrudo. Mas ainda outra vez bateram à porta, agora com força.

– Arre, bruto! – gritou então o José Grilo. – Vá bater ao diabo que o leve, ou com a cabeça às grades do Inferno! Arre, bruto!

Mas pondo-se à coca de orelha fita, os olhos na telha vã do casebre, sentiu passos de alguém que fugia.

- Bem digo eu! E bruto! Aquilo foi animal que se quis divertir!

Mas palavras não eram ditas, o José Grilo pôs-se outra vez a escuta, e disse prà mulher:

- Não ouves, ó Joana...?
- Não...
- Um cachorrinho..., mesmo à porta... – E como quem lhe palpita que acertou, emendou logo: – Tate! Isto é volta de zorro!
- Volta de quê?!
- De zorro! Queres tu apostar que há novidade?!

E dum pulo saltou da cama, tirou com a manta pra cima das costas – e abriu a porta.

- Ele que dianho...?! – perguntou o José Grilo vendo um embrulho. Era um embrulho de trapos.
- ... Ele que demónio de embrulho...?!

Pegou-lhe. Não pesava nada. Mas era efetivamente um recém-nascido, envolto nuns trapos velhos.

– Ó mulher! – pôs-se o José Grilo a chamar.

– Ó Ana!

Mas ele próprio veio a correr onde à mulher:

– Deixa! Deixa! Abre aí um cantinho da cama, pra este inocente!

– Pra este quê?

– Pra este inocente! Está mesmo morto com frio!

Mas a filha acorrera também.

– Uma criaturinha de Deus, vede!

E já o José Grilo a ajeitava na cama, envolta ainda nos seus trapinhos; e enquanto a mãe enfiava o saiote, bafejava a filha, muito solícita, a criancinha:

– Coitadinho! Parece mesmo um novelinho! Tão pequenino e tão bonito! – Ó minha mãe!

Mas a mãe, silenciosa, acabava de se vestir, e o José Grilo já enfiava a jaqueta.

– Ouves?! – acudiu ele prà filha. – Despacha-te! Ele quem há por aí que tenha leite? A filha do António das Veredas, essa. A Brites, que lhe morreu o cachopo! Acode já para que venha cá! Despacha-te!

– A pressa... – resmungou a Sr.^a Joana.

E o José Grilo, inda sem perceber:

– Nada! Deixa-se agora para aí a criança, a morrer de fome!

E da porta, gritando para a rapariga que ia correndo:

– Ouves?! Que se não demore! Que se lhe paga o que for preciso! Corre!

Mas a mulher do José Grilo, a Sr.^a Joana, embezerrada já no meio da casa...

– Ó mulher! – espertou-a o marido. – Parece que algum medo te deu! Não tenhas aflições, que não vale a pena.

Oh, mas parecia-lhe agora ter percebido: – «Aquilo eram zelos! Capaz era ela de estar com ciúmes!... Então espera...» – E desfechou-lhe para a arreliar:

– É tal qual como se fosse nosso, faz de conta!

– *Nosso*, é um modo de falar! Será do meu homem, mais de alguma desavergonhada como a ele!

E o José Grilo, na sua:

– Faz de conta que te nasceu a ti.

– A alguma «cadela», mas é!

O José Grilo abotoava o colete. Fingiu um tom de ameaça e de repreensão:

– Ó mulher!...
E ela no mesmo tom:
– Ó homem!...
– Tu não me rezingues, olha que me desgraças!...
(E reprimiu uma gargalhada.)
– E tu não negues, que negas a Cristo! O meu homem é um «santinho»!
O José Grilo, sério:
– Ajeita a criança, anda! Não fazes mais que é o teu dever. Uma caridade faz-se a um inimigo.
– Ajeita-o tu!
E o José Grilo, inda de teimar:
– Vai lá ver que estará molhado!
Agora, ela fitou-o turbada...
O José Grilo entendeu recuar:
– Então! Não querem ver?! Capaz és tu...
– De dizer que é teu?! E digo, e digo, e digo!
E o José Grilo de a ameaçar, agora como quem perde a paciência:
– Ó mulher, ó mulher!...
E ela, na mesma:
– Ó homem, ó homem!...
– Ó mulher dos meus pecados!
E tornando ao jeito de inda há pouco:
– Anda cá ver que é um rapaz. Vem cá se queres ver.
Rompeu a chorar a Sr.^a Joana; e o próprio «crianço» chorava também.
– Isso! Era só agora o que cá me faltava! Agora até os filhos das *outras*!
E berregando que lembrava uma cabra, a Sr.^a Joana rompeu a chorar – jurando que o «filho» era do seu homem!
– Ai Jesus, que estou perdida!
– Ó mulher! – acudiu o José Grilo como se fosse a um fogo.
Mas ela, desaustinada:
– Má hora em que m'eu casei! Má hora em que eu fui à igreja! Ai Jesus, que vai ser de mim!
– Mau, mau... mau, mau! – entrou o José Grilo de regougar também, nem ele sabia já se de zangado.
Mas firme como uma rocha, plantou-se agora diante da mulher:

– Pois assim me Deus salve... Ouves?!

A mulher fitou-o de frente.

– Mas ele – fingindo que se arrependia: – Nada.

Foi pior! Num alarido, a Sr.^a Joana atou as mãos à cabeça:

– Não jura! O meu homem não jura! Aque-d’el-rei que o «filho» é dele!

Tornou o Grilo a recuar:

– ... Demónio...!

E outra vez diante da mulher, com os dedos em cruz chegados à boca:

– Pois juro que não é meu o rapaz!

– E beijas a cruz?!

– Olha!

– E assim te Deus dê saúde, ó José?!

– Assim me Deus dê saúde!

– Preto sejas tu como o teu chapéu!

– Preto seja eu comò meu chapéu!

Já a Sr.^a Joana corria prò canto da casa, onde tinha a arca do bragal. Abriu-a; e uma «*Nossa Senhora do Caminho*» que tinha na tampa, colada com bocadinhos de hóstia, cobriu-a de beijos com muita ânsia!

Desabafou, aliviada:

– ... Ai!

O José Grilo pusera-se a rir: – «O demónio da mulher picada de ciúmes!...»

E agora, como espantado e muito ofendido:

– Mas ciúmes de quê, ó mulher?!... Ciúmes de quem?!... Não farás favor de me dizer?!...

A Sr.^a Joana já ajeitava o pequeno, encafuando-o muito debaixo da roupa:

– Isso! Agora vê se o abafas!

Caíra em si a Sr.^a Joana; – mas não queria, agora, dar de pronto o braço a torcer:

– ...Bem sei!... O meu homem é um «santinho»!

– Lá pra «santinho» inda me falta... Mas comò outro que diz...

– Gaba-te, cesto!

– Não é «gaba-te» – tornou o José Grilo, outra vez para arreliar a mulher. – Eu não me meto com elas!

– Olha quem!

– ... Mas se elas vêm e se metem comigo...

– José... José!...

– Joana... Joana... Se m’eu casei, tu me perdeste...

Ela riu-se.

E ele, de continuar:

– ...Mas se elas se metem comigo...

– Que tem?!

– Que tem?!... Não hão de dizer que não tens homem!

O pequeno chorava mais.

– É fome, coitadinho! – disse a Sr.^a Joana. – E a Entes que se demora tanto!

E ela mesma acudia à porta a ver se chegava a filha com algum recado, e atrás dela o José Grilo.

– Não queres ver?! – espantou-se ele prà mulher. – Aquela que vem é a Doroteia!

E, atirando-se para fora da porta, gritou para elas:

– Não és tu! E a tua irmã! Que diabo vens tu cá fazer?!

E pregou à filha dois bofetões – «pra que soubesse dar o recado».

Mas a Doroteia acudiu: – «que a Ana não tinha culpa. A irmã é que a mandava a ela para levar a criança, porque a Brites, adoentada, fazia-lhe mal apanhar o relento.»

– Só se lhe queres tu dar de mamar! – inda insistiu o José Grilo para a Doroteia, irreverente pela sua virgindade.

– Ó José... – repreendeu-o a mulher. – Essas coisas nem por graça...

– Eu sei lá se «nem por graça»! O que eu sei é que não veio a outra! E leva a criança e não leva, e chega e não chega daqui ao Varandas, capaz é a criança de morrer de fome!

Já as mulheres pegavam no menino – aconchegando-o com mil carinhos.

E o José Grilo, da porta:

– Então vem ou não vem?!

E quando depois chegaram as mulheres:

– Com jeitinho, hem?!...

Parecia mesmo que levava o Santíssimo, a Doroteia, e que as outras duas, agasalhando-lho ainda no colo, rezavam o *Bendito*...

E quando abalou a filha do Varandas, dizia o José Grilo recolhendo-se:

– Seja tudo pelo amor de Deus! Seja de quem for, é uma alma cristã!

E a mulher e a filha, com os olhos rasos de lágrimas – beijavam-se dando os bons-dias:

– Bons dias, mãe.

– Bons dias, filha.

E para o pai, reparando que ainda nessa manhã lhe não pedira a bênção:

– A sua bênção, pai.

– Deus te abençoe.

No campanário, que o Sol nascente doirava na aresta – tocavam às ave-marias...

MATER DOLOROSA

A José Vilas-Boas

Aquele amor da Luísa pelo seu filhinho tocava as raias da idolatria! Ela não conhecera pai nem mãe, a Luísa, nem sabia ao certo onde tinha nascido; e virgem de afetos, por não ter, afinal, a quem os dedicar, percebia agora que nem ao pai do seu filho dera a menor parcela do seu coração – conquanto nesse breve período do derriço, que durara apenas o mês das vindimas, pensasse amá-lo com todas as veras.

Aquilo principiara pelo pedido de um beijo – e lembrava-se de lhe ter respondido:

– Ah, não, rapaz! Isso de beijos é como as castanhas: quer-se que caiam de maduros.

Mas dera-lho, afinal – e iludira-se! Iludira-se como ele a iludira; e abandonada por ele não tardou nada, também ela o esquecera, quase contente – pra viver só para o seu «anjinho».

Esse sim, era bem dela, porque o gerara nas suas entranhas; – e em paga, era agora o seu filho a luz dos seus olhos e toda a alegria do seu coração; – mas vê-lo assim a sofrer tanto, de dia e de noite, e a mirrar-se-lhe nos braços cada vez mais, parece que lhe levava aos pedaços o coração – e nem já lágrimas tinha, a Luísa, para chorar!

As vizinhas diziam-lhe, ainda não havia muito:

– Credo, mulher! Tanto beijo! Com tantos beijos que dás no pequeno, assim até lhe chupas as cores!

E parece que sim – porque de viçoso que era tornara-se murcho, e já o José Bernardo, chamado pra mãe pra lhe receitar, lhe disse na véspera:

– Olha, sabes que mais? Pensa noutro, que esse está pronto.

Fora como se a apunhalasse no coração, o José Bernardo; porque ela mesma, a despeito de se querer enganar, quase perdera a esperança havia dias – e sentia-se morrer também!

– Ó Sr. José Benardo! Mas isto assim é sem remédio?!... – ainda ela perguntara ao barbeiro.

– Já te disse. Arranja outro, que esse está pronto.

Como a ferira aquela crueldade!

– Mas venha sempre, Sr. José! – suplicara ela. E ele respondera-lhe que não voltava – «porque era escusado».

E precisamente porque não voltara, esse dia tinha decorrido todo ainda mais triste, sem ver ninguém, sozinha com a sua dor e a dor do seu filhinho doente!

A casa, ademais, ficava num deslado da povoação, e poucos por ali passavam senão para as hortas. Parecia também esquecida, a própria casa; e ela, com a sua dor, pra ali esquecida também – parece que até de Deus!

E todavia, ela rezava-lhe; e o tempo que não levava a amimar o filho, e a agoniar-se dessa agonia em que se definhava, e ela também, levava-o com o pensamento posto em Deus – a rezar-lhe com todo o fervor:

– «Padre Nosso, que estais no Céu, santificado...»

Agora, como a tarde ia baixando, e a casa não tinha para a alumiar senão a porta, viera para a porta com o filho nos braços; – e sentada no limiar, com os joelhos a fazerem de berço, dava-lhe, ao menos, já que mais não podia dar-lhe, a doçura serena daquele crepúsculo...

O recanto, ademais, era pitoresco; – e já nas olaias vizinhas, muito copadas, a passarada se juntava para o sono da noite – e ela pensava naquelas mães que eram as andorinhas, e nos filhinhos daquelas mães... – «todos tão alegres...»

– Mas alegres?!... Quem sabe lá!...

E pareciam dizer-lhe as andorinhas:

– Coitadinho do teu filho!

E os filhos das andorinhas:

– Coitadinho do nosso irmãozinho!

E era assim ainda mais triste, esse cair de tarde, outros dias tão bonitos, quando o seu filhinho tinha saúde!

Ele mesmo já se sorria ao gralhido dos pássaros; – e certo rouxinol madrugador, que todas as manhãs cantava na copa da olaia, já lhe parecia que vinha acordar o seu pequenino, dar-lhe os bons-dias; e os beijos que lhe dava a essa hora, ela mesma, tinham às vezes o ritmo desse chilreio – e imitavam, de caso pensado, o ritmo desse chilreio...

«Mas ai, ai! Onde isso ia! Fora ontem – e já parecia tão longe!»

Agora, instintivamente, lembravam-lhe todos os pequeninos episódios

dessa vida, que pouco mais tinha do que dois anos: – e quase esquecida da sua dor de agora, ia às vezes a fazer-lhe essa «festa» de que o seu filho tanto gostava, e consistia em lhe afagar a «covinha» atrás do pescoço, e dizer-lhe quase com beijos:

– Pequenino, pequenino! Porque é ele tão pequenino?!

Fora a essa «festa» que ele se sorrisa a primeira vez; – e o que fora esse sorriso, que lhe ficara vivo no próprio olhar, só Deus o sabia – só Deus! Fora mais do que a felicidade: fora o bem supremo e o supremo encanto: fora Deus vivo; – e espiando-lhe o primeiro som articulado, o primeiro bosquejo da primeira palavra, antegozava já essa nova alegria – como um novo sorriso de Deus.

– «E um beijo?! E um beijo do seu filhinho?!» – Quando dará beijos o meu menino?! –

«Mas isso não o gozara ainda, esse bem celeste, nem, ai, o gozaria!»

Já o estava outras vezes a ver quando fosse maiorzinho, a mexer-se pela casa como um «trambolho», nesse balouço das crianças quando ainda não sabem andar; – aos ninhos mais tarde, já fortinho: primeiro a espreitá-los debaixo, depois a querer já marinhar... – E o rouxinol a queixar-se-lhe:

– Olha que me anda com o cheiro nos *nabos*, esse maroto! Qualquer dia furta-me o ninho!

E ela, a rir:

– Deixa! Eu cá o espreito...

«Que bom! Que lindo! Como seria bonito! – E como seria «guapo» o seu filhinho, quando fosse já homem!»

Mas acudiam as tristezas:

– Mas quando já for homem...

Vinha-lhe primeiro a tristeza de o ver com a enxada ao ombro, à jeira, ou às cargas de lenha para vender. Depois as «sortes»: tirar a sorte pra soldado...

– «Antes morte, que tal sorte!» – ...E depois, um dia, talvez casado.

Aqui ria-se, à lembrança de ver casado um dia o seu menino – e cobria-o de beijos, e prendia-o com beijos, como se tivesse medo de que lho levassem:

– Casado o meu menino?! – Agora casa!

Ninguém me rouba o meu menino!

E já lhe fazia perguntas a esse respeito:

– O meu menino não deixa a sua mãe, ora não? O meu menino nunca há de

deixar sua mãe, ora não?

E com ele desabafava tristezas, mimando a voz:

– Sua mãe não tem mais ninguém! Sua mãe tem só o seu menino! Sua mãe não conheceu pai nem mãe! Sua mãe tem só o seu menino! O meu menino tem só sua mãe! – Ora sim? Ora sim?

E ela respondia por ele, com beijos:

– Sim! Sim! Sim!

Oh, mas a realidade de agora!?!...

– Ai sonhos!... Ai tolices! – dizia ela.

E sentindo desfazer-se esse castelinho de sonhos: – «quem sabe lá – dizia – se isto será até pra nosso bem?...»

– Morre o meu filhinho?! Morro eu também! Vamos ambos prò Céu...

E quedava-se vaga, enlevada num sonho religioso:

– ... Pra todo o sempre!

Mas acudia a reação humana: – «Não, não! O seu filhinho havia de melhorar, voltar à vida como era dantes, tornar a sorrir-lhe como lhe sorria dantes! Não, não!»

Uma vizinha passara e perguntara-lhe:

– Então, Luísa?

– Assim... Não sei... O que Deus quiser.

– Deus quer tudo plo melhor. E olha, Deus to leve! A vida são trabalhos. «...E tivera filhos que lhe tinham morrido, essa mulher!... Pois seria possível a resignação?!... Mas ela própria (lembrava-se!) quando morrera a filhinha da Inês dera-lhe também os «parabéns» plo anjo: – Sentimentos plo filho (como se dizia na terra) e parabéns plo anjo. – Também dissera assim... Oh, mas não era ainda mãe: fora cruel sem o saber!»

Percebia agora, em riscos de ter de ouvir o mesmo, que proferira uma blasfêmia! – «Deus queria a vida; a vida era um bem de Deus...»

E rezava, e rogava, e fazia promessas – pla vida do seu filhinho: – «Padre Nosso, que estais no Céu...»

Mas a tarde ia descaindo. Um fresquinho muito suave dava à face pálida da criança a frescura doce que têm as flores. Parecia melhor. Só esses ossos das «fontes», cada vez pareciam mais encovados debaixo da pele – e os lábios, arroxeados, conservavam-se agora entreabertos... Já as unhas pareciam roxas... Abria às vezes os olhos; – mas faziam-lhe medo, agora, esses olhos do seu filhinho, que pareciam mesmo despedir-se dela:

– ...«Adeus...»

Morre-me, o meu filhinho! O meu filhinho morre-me! Vou ficar sem o meu filhinho!

...E teve, de repente, o pavor desse grito de angústia que vira soltar a outras mães – quando lhe morriam nos braços os seus filhinhos. Viu-o amortalhado, frio e inerte, à espera que lho levassem; – o Sr. Abade a vir por ele e a levá-lo; – a cova no cemitério...

– Ai!

Teve um desmaio.

Quando veio a si, beijada pelo frio da noite – frio de gelo estava o seu filho. – «Morto!»

MANUEL MAÇORES

Ao Sr. Conde de Arnoso

Passava pouco do meio-dia, quando o Manuel Maçores, que andara a lavrar toda a manhã, seguia com os bois para um lameiro do amo, numa encosta que ia dar ao rio.

Entre choupos, lá baixo, o rio ia azul – daquele azul vivo do céu, que nem uma só nuvem, ao alto, maculava. Atrás dos bois, arranjando de seu vagar uma esparrela, o Maçores ia agora muito absorvido – pensando nessa tragédia da véspera, a morte do velho cabreiro da casa, o José Candana, assassinado misteriosamente na sua cabana de colmo, bem perto dali, amanhecendo para o dia anterior.

«Tinha fígados de lobo – pensava o Maçores – o ladrão que matara o velho!» E no espírito do rapaz, habituado a coisas simples, aquela visão do pobre pastor, estirado de borco em cima da palha, com a cabeça branca desfeita, hiperbolizara-se, horrorizando-o, como uma visão de pesadelo...

«Quem seria o malvado?! Quem seria?! – pensava o rapaz. – Coitado do Tio Candana!»

«Para lhe roubarem o pouco que possuía, no bernal que aparecera vazio, aquela cobardia de matarem um velho!» – lastimava o rapaz. E sendo como era amigo dele, como afinal a aldeia toda, o assassino, quem quer que fora, roubara-os também a eles na amizade do velho, nas histórias com que só ele os sabia entreter, nos conselhos da sua experiência: – e nunca mais, à missa dos domingos, se tornaria a ouvir a sua voz trémula, tão conhecida de todos, e tão querida, romper a «Santos» o hino sagrado, que, propagando-se em coro geral, como onda de luz, enchia de música a igreja toda!

Lembrava-se, lembrava-se... – Uma vez que o velho estivera doente, a missa fora sem ele uma tristeza; e até os próprios santos, no altar, pareceram estranhar aquele silêncio: – «Ele o José Candana estará doente?» – «Ele porque não viria o José Candana?»

– Lembrava-se, lembrava-se...

E mais que tudo, certa conversa que tivera com o velho, poucos dias antes,

quando o topara com a cabrada à borda do rio, de manta ao ombro como sempre, o seu cajado, o seu bernal e a sua marmita, parecendo um peregrino de barbas brancas, e nos olhos azuis, muito doces, uma bondade que parecia de santo – mais que tudo, sim, essa conversa ocorria-lhe agora:

– Pois é o que eu te digo, rapaz! – admoestara-o o velho. – Foge de tentações! O melhor, se tem de ser, é casares-te.

– Isso tomara eu, Tio José! – lembrava-se ele de lhe ter respondido. – Mas vá lá eu falar-lhe nisso, ao pai...

– Manda-lhe falar – tornara-lhe o velho –, se não queres tu ir. Então para que são os amigos?

– Ora! – tornara-lhe ele. – O pai é rico e eu sou pobre!

Respondera o pastor:

– Qual rico! Rico é cada um da graça de Deus, mas é! Deixa lá: anda-me tu com honra e vergonha, que não há pai que te negue uma filha.

– Ora!

– Desora! E assim mesmo como eu te digo!

E agora, lembrava-se bem daquele risinho do velho pastor, perguntando-lhe como em segredo:

– E ele quem é a moça, ó Manuel?

Tinha-lhe respondido:

– Não digo, Tio José! Perdoe vossemecê, mas isso não digo...

– Bem. Fazem bem – tornara-lhe o velho. – Assim mesmo é que é. Há muita gente que bota logo maldade, e as mulheres, coitadas, são como um espelho: qualquer bafo parece que as suja...

Ainda lhe confessara:

– Isto já vem de pequeno, Ti José, esta tineta! Mas agora, há uma temporada, ando mesmo com a cabeça perdida.

– É da idade – explicara o pastor. – E ela?

– Inda pior, Tio José!

– Pior?! – admirava-se o velho com muita graça.

– Sim. Se vossemecê soubesse...

Tinham sido essas as últimas palavras que dera ao velho, porque nunca mais o havia encontrado; – e já distante, lembrava-se de ter ouvido ainda a sua voz carinhosa, dizendo-lhe:

– Foge de tentações, Manuel! Livra-te de tentações!

– Bom remédio, esse de fugir de tentações! – dizia agora o Manuel

Maçores, seguindo atrás dos bois caminho do lameiro. – A boas horas!

Houve uma intercadência no pensar do rapaz. Um mendigo estava deitado à borda da rodeira, à sombra de um grande carvalho.

– Está cansado, irmãozinho! Vossemecê de onde é?

– Longe. Dalém-Douro. É que sou aleijado – explicou o mendigo – e ainda hoje não comi senão uma côdea.

– Pois olhe lá que lhe não aconteça como ao José Candana, que o mataram amanhecendo pra ontem.

– Já ouvi. E ele quem seria?

Não reparou o Maçores que o mendigo se fizera lívido, e só respondeu:

– Não sei. Quem sabe?! Mas quem quer que foi só arrancando-lhe a alma, e depois atirando-a aos cães!

E andando o seu caminho, o rapaz ainda disse consigo:

– Que feio, este diabo! Má cara pra santo, Deus me perdoe!

Sem o desconfiar nem sequer por sombras, acabava de passar, o Maçores, pelo assassino do José Candana... Mas a cismar na sua aventura, ao passo dos bois muito vagaroso, não tardou a esquecer o mendigo: – «Ora mas como fora aquilo com a Maria Rosa, mas como fora?!»

Não sabia, não atinava. E o ser filha do seu amo a rapariga, filha única, demais a mais, guardada pelo pai como se fosse um tesouro, parece que lhe fazia da aventura uma traição – e tinha remorsos... Demais, nunca chegaria a casar com ela, decerto, ao menos em vida do pai, porque ele mesmo, ríspido de mais para a rapariga, estava-lhe sempre com o mesmo sermão:

– «Tento na bola, ouves? E casamento, isso há de ser com quem eu mandar.»

Como fora então que ela se lhe entregara – a ele?! Tanto de manso, pelo tempo longo, correria entre os dois aquilo do namoro – quase não se conversando senão com os olhos e falando só, quando se falavam, em coisas do serviço da casa – que vê-la uma noite nos seus braços, agarrados como no regresso de uma longa viagem, ainda agora lhe parecia um sonho, e a ela também... –

«Mas como foi isto?!» – dissera-lhe então a rapariga.

– Não sei, não sei! – Foi Deus! – respondera-lhe ele.

Um descuido, depois, pusera no segredo dos dois a velha Maria Teresa, que a amava a ela como se fosse mãe, que a criara desde pequena – que era também para ele, órfão, quase uma segunda mãe...

Angústias que ela tinha passado, a pobre mulher, ao vir a saber o pecado dos dois! E por fim, agora, também a ela a enganavam – persuadida, por um conluio, de que esses amores tinham acabado...

– Ó Manuel! pla alminha da tua mãe?!... – perguntara-lhe ela ainda na véspera.

– Sossegue, Tia Maria, isso passou – respondera-lhe ele.

Mas não passara, não, nem plos modos tinha de passar. E o último conselho do pobre José Candana – «Foge de tentações, Manuel, livra-te de tentações!» – atraía-o como um aviso prudente, sim, mas não lograra emendar-lhe o porte...

– Seja o que Deus quiser, acabou-se!

Amando-o como doida, a Maria Rosa, maiores perigos corria a rapariga, afinal! E ainda na antevéspera – nessa noite, precisamente, em que fora morto o José Candana, e à mesma hora, talvez, a que o pobre velho, na choça, erguia para o assassino mãos suplicantes – ela lhe repetira aludindo ao pai:

– «Deixá-lo! Se me matar, morro por ti!»

Horas antes, na manhã desse mesmo dia, o João Ferrador tinha-se encontrado com o pai de Rosa, e os dois, muito chegados, haviam estado de conversa à borda de um caminho – debaixo de uma figueira.

O João Ferrador fora o encarregado pelo lavrador de espreitar quem lhe namorava a filha – seguro de que uma noite, chegando de uma feira de madrugada, vira alguém saltar para o quintal, da janela da rapariga...

Não tornara a dormir sossegado, desde então, o José Tomás; e ele mesmo, algumas noites, fizera rondas até desoras, a espreitar, com a clavina aperrada, algum vulto que por ali surdisse. Mas como a vida dele era por fora, hoje numa feira, amanhã noutra, deixara o ferrador na cola do «melro» – ameaçando-o, se desse pio, de lhe fazer o que faria ao outro...

– Ouviste? – dissera-lhe ele. – Sabe-me tu quem ele é, que prò vindimar depois cá estou eu.

– Sossegue! – tornara-lhe o João. – Não me espante vossemecê a caça, com algum destampatório lá por casa, e o resto deixe-mo cá. O mal já se não remedeia, e o ponto agora é apanhar o «melro».

– Bem. Combinados! – fechara o lavrador.

E avistando-se os dois, o João Ferrador fora para o compadre com cara de alvíssaras, e desfechara-lhe a novidade:

– Até que já sei quem é o «melro», Sr. Compadre! É o Manuel!

– O Manuel, que Manuel? – interrogou o lavrador.
– O seu, o de lá de casa: o filho da Maria Maçores.
– O Manuel Maçores?! – tornou o outro estranhando a nova.
– Esse mesmo. Vi-o eu entrar depois da ceia.
– Pelo quintal?
– Pois?! E quando saiu era manhãzinha.
– O malandro! – remordeu-se de ira o lavrador. – E isso hoje?
– Não senhor, amanhecendo pra ontem. Na noite do José Candana. E agora é dar-lhe cabo da pele, se vossemecê quer.

Queria...

Mas recolhido um instante com o seu ódio, quando tornou a si disse ao ferrador:

– Tenho uma ideia, ó compadre!
Trocaram os dois um lance de olhos, e o João Ferrador ficou-se à espera...
– Empurrar-lhe a morte do José Candana, que dizes? – aventou o lavrador.
– A justiça depois que se avenha com ele.

Contrapôs o João Ferrador:

– Mas testemunhas, ó compadre?
– Testemunhas, ninguém vai matar um homem diante de gente prò roubar! Ia pôr alguma objeção o João Ferrador.
– Homem! – cortou-lhe o outro – ele essa noite dormiu no palheiro?!
– Não, isso não podia.
– Então aí está! E os outros moços não o hão de saber? Se não dormiu no palheiro, onde é que dormiu?...

– Ah! – fez admirado o João Ferrador.
– E tu não vais jurar também que o viste pra esses lados, de manhã cedo?
– E é que não juro falso – anuiu o outro.
– Então que mais queres?
– Queria – hesitava ainda o João Ferrador. – É que o rapaz, demais a mais, assistira à autópsia do Candana, de princípio a fim... – Por sinal – pormenorizou – que até o sangue se lhe soltou do nariz. Todos viram. Parecia uma goteira quando está a chover.

– Deixa – desdenhou do pormenor o lavrador. – Que demónio tem isso? – E já com pressa: – Está decidido! Larga-me mas é, tu, a espalhar a nova: – «que quem matou o Candana foi o rapaz.»

O ferrador ia abalar...

– Mas as provas, ó compadre, se mas perguntam? – voltou ele a interrogar.

– Que to disseram – resolveu o lavrador.

– Quem? – tornou o outro.

O José Tomás ia-se enfurecendo.

– Que te não lembras! Que o ouviste! Que já o ouviste a mais de cem pessoas! Arre! Larga, avia-te!

– Ouves? Ó João? – chamou ele pelo ferrador – espalha-me tu isso plas mulheres, principalmente, e verás depois se não pegam as bichas! Plas mulheres. Anda, avia-te! E aí pla tarde, ouves? – tornou a chamar – aparece, que hás de ser preciso.

Acenou-lhe o outro que sim. – Que lá iria.

Logo adiante, num caminho estreito, entre paredes atufadas de silvas, o ferrador encontrou uma mulher, carregada com um feixe de lenha.

– Ó Maria Perpétua! Pois sempre te eu digo que tens um afilhado!...

– Um afilhado, que afilhado, ó João? – perguntou a velha.

– O Manuel! Lá o filho da tua comadre!

– O da Maçores?

– Esse!

– Então que é que tem o rapaz? – perguntou a mulher ainda muito estranha, parada agora para ouvir a resposta.

– Que é que tem?!... Ora faz-te de novas, anda! Bem me finto eu que ainda o não saibas?...

E desfechou sem parar:

– Quem matou o José Candana foi ele! Ele é que matou o José Candana!

Seguro que ainda o não sabias?...

A mulher arriou o feixe, caindo a chorar em cima da lenha.

– Mas ele como é que se soube, ó João?! Mas então que desgraça foi essa? Jesus! Ai Jesus!

– Soube-se! Tudo se sabe! – dizia o ferrador já de longe. – Ele não dormiu no palheiro, essa noite!

Um pastor que ouvira a conversa, de uma riba próxima, largou a correr a espalhar a nova; – e no alarido que fazia a velha, gritando como se a matassem, o rebate espalhou-se logo pelas hortas à roda, pela ribeira onde se levava o pão, e quando chegou ao moinho já se lá sabia...

– Já se cá sabe! Já se cá sabe! – dissera o moleiro ao da novidade. – Diz que até o viram sair da cabana, e que passou além à boca do prado, inda com

estrelas!

– Vi-o eu! Isso vi-o eu! – afirmou o rapaz que vinha chegando.

– Mas viste o quê?! – estranharam os do moinho. – Sabes lá do que se está a falar?!

– Do Maçores! Toda a gente já o sabe! Vi-o eu com estes dois olhos!

– Oh! ficaram todos muito admirados. – E conheceste-o?!

– Comàs minhas mãos! E disse-me ainda agora o José Felício, que dorme também no mesmo palheiro, que ele essa noite não foi lá!

– Oh diabo! – exclamou o moleiro. – Então o rapaz está apanhado!

– Apanhado e bem apanhado! – acudiu a Ana Pratas, que chegava a correr.

– Mas a mim, ouves? a mim é que me não enganou!

Sentara-se, esbaforida – «capaz de arrebentar!»

– Mas então? Mas porquê? – rodearam-na todos.

– Quando vi ontem soltar-se-lhe o sangue – tate! –, disse logo comigo: aqui está quem matou o Candana! Não to disse eu logo, ó Regina?

– Credo, mulher! Vossemecê disse-me lá isso?!

Largou a gritar a Pratas:

– Ai a porca! Ai a desavergonhada! – E correu prà outra de punhos cerrados: – Nega-mo aqui na cara se és capaz! – desafiava ela esbofeteando-se.

Mas ao tempo a que isto se passava, o Manuel Maçores, lá baixo, era procurado no lameiro por uma mulher.

– Estás perdido, ouves?! Estás perdido! – gritava a mulher, que era a Maria Teresa.

– Mas que é?! Perdido porquê?! Mas que foi?! – dizia o Maçores correndo para ela.

– Foge! Some-te! Uma grande desgraça! «A minha menina que te diz que fujas!»

– Mas o quê?! Mas porquê?!

– O pai que te bota as culpas do José Candana! Que quem matou o pastor que foste tu!

– O quê?! Mas o quê?!

– Que fujas! Que te sumas! Que o pai que te desgraça! Fechou-se com ela no quarto do forro, mais de uma hora! Chamou-me: entregou-ma! Estava no chão, que parecia morta!

– Morreu?! Mas então morreu?!

– Não! Mas antes morresse! Quando veio a si parecia doida! Morre! Endoidece! O pai mata-a! Capaz é ele de a matar!

E caindo de joelhos diante do rapaz, imprecava-lhe de mãos levantadas:

– Não me descubras, Manuel! Por alma de tua mãe não me descubras! Manuel! Manuel! – gritava ela enclavinando as mãos. Plas tuas alminhas não me descubras!

– Mas então?! Mas agora?! – clamava o rapaz numa aflição.

– Foge! Ela quer que fujas! Que passes o rio e que te sumas! Foge, esconde-te, some-te!

– Mas eu que fiz para fugir, Tia Maria?! Mas eu que fiz?! – gritava o rapaz estorcegando os braços! – Tia Maria! Tia Maria! Não sabe vossemecê onde estive essa noite?!

– Sei, sei, cala-te! Mas viram-te! Espreitavam-te! Tinha-te já visto uma noite e não te conheceu! Mandou-te espreitar!

– E agora?! Mas então agora?! – dizia o Maçores imprecando o céu.

– Foge! desaparece! Bota-te as culpas pra se vingar!

– E ela?! Então ela?!

– Endoidece! Dá em doida! Ficou fechada no quarto do forro, a pão e água! Não torna a ver a luz do dia! – Vou lá baixo tirar a barrela: a correr passei por aqui. Foge, esconde-te, some-te!

E a Maria Teresa desapareceu.

Medira o Maçores todo o abismo, num lance.

Mas entre sacrificá-la a ela no conceito dos outros, onde o pai a queria proteger, e sacrificar-se ele diante do mundo até se cobrir de infâmia e de maldição, não hesitou nem trepidou. – «Fora então ele que matara o Candana, acabou-se! Que matara o Candana e o roubara! Fora ele!»

– Olha a vida! – resumia o Maçores correndo já. – Como isto é!...

Quando daí a pouco, desaustinado, o rapaz vadeava o rio, os do moinho ainda o conheceram:

– Lá vai ele! Olha! Ou é o diabo por ele! – Lá vai ele! – É ele!

E de pé num morro de fraga, uns poucos inda gritaram, acenando-lhe com os chapéus e atirando-lhe pedras:

– Ó Manuel! – Ó grande malvado! – Não fujas, ó grande malvado!

Bem calculado, àquela hora já o João Ferrador estava da outra banda do rio, com os cabos e o regedor, alapardados num monte de silvas. Num atalho saíram-lhe todos à frente, apontando-lhe ao peito as caçadeiras:

- Faz lá alto, ó tu! Estás preso!
- Já sabia! – foi a resposta do Manuel Maçores.
- Ponham-me as algemas e vamos lá.

A esse tempo, já a loucura irremediável resgatara do conhecimento do lance a rapariga: – e passado um mês, à justa, a mísera despenava, expirando também de dor, não tardou, a velha Maria Teresa.

Depois, sem defesa possível, e não a aceitando de casta nenhuma, o Maçores deixou-se condenar; – e quando se viu enfim na sua pequena cela, e um número, que era agora todo o seu nome, resumindo-lhe no peito toda a tragédia – represando as lágrimas com violência, perguntou «como se lia aquilo». Quando lhe fecharam a porta responderam-lhe:

- «455.»

III

AMORINHOS

(Da tradição oral)

A D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos

O CONTO DAS TRÊS MAÇÃZINHAS DE OIRO

Era uma vez um pai que tinha sete filhos. Como não tinha com que os manter, nem trabalho para lhes dar, lembrou-se de os despedir todos por esse mundo fora, para que fossem procurar vida.

Chamou-os então, e disse-lhes assim:

– Filhos, eu não tenho que vos dar, e nem sequer trabalho; e por isso é preciso que cada um de vós vá tratar da vida, e ganhe para o seu sustento, porque eu já estou muito velho e não posso mais.

Os rapazes ficaram todos muito pensativos, mas nenhum deles disse palavra. Quando chegou a hora da partida, o pai chamou o mais velho e disse-lhe assim:

– Vê lá, filho, qual queres mais: a minha bênção, ou um bocado de pão para o caminho?

– Mais quero o pão – respondeu o filho mais velho.

O pai partiu uma fatia de pão e deu-a ao filho, que logo em seguida se foi embora.

Chamou depois o seguinte em idade, e fez-lhe a mesma pergunta; e esse respondeu também que mais queria o pão, e responderam o mesmo os outros todos até ao sexto.

Veio depois o mais novinho, que tinha só sete anos, e disse-lhe o pai as mesmas palavras:

– Vê lá, filho, qual queres mais: se o meu pão se a minha bênção.

O pequeno pôs-se a chorar, e respondeu que mais queria a bênção; – e o pai deitou a bênção ao filho mais novo, que se foi embora sempre a chorar.

Saíram os rapazes; e cada um tomou por caminho diferente, à procura de trabalho, ou de algum amo para se apreitar. O mais pequeno, esse a bem dizer nem sabia aonde ia, porque nem idade tinha para se governar, e às vezes sentava-se debaixo de uma árvore, e punha-se a chorar já muito cansado. Até que à boca da noite encontrou uma mulher muito bonita, que se voltou para ele e disse-lhe assim:

– Menino, tu onde vais?

– A ganhar a vida – respondeu o pequeno. – A ver se encontro um amo para me apreitar.

– Tão pequenino?!

Ele então contou-lhe o que se tinha passado com o pai mais com os outros irmãos, e a aparecida disse-lhe assim:

– Queres tu justar-te comigo?...

– Sim senhora, quero. Quem me dera! – respondeu logo o rapazinho.

– E então quanto queres ganhar?

– Eu, o que me der!

– Bem, então estamos justos! Mas olha lá que tens de me servir sete anos, e no fim dou-te três maçãzinhas de oiro, que é a soldada. Queres?

– Quero, sim senhora.

E o pequeno foi algum tempo detrás da ama.

Mas vai senão quando, os dois desapareceram no ar, assim como uma nuvem de fogo! – O pequeno nem tinha desconfiado, mas a ama era Nossa Senhora.

Por lá andou o pequeno sete anos, que lhe pareceram a ele só sete dias; e no fim a ama mandou-o embora, e deu-lhe as maçãzinhas do ajuste, que eram três.

– Toma! Dá-as a teu pai, e diz-lhe que é para te sustentar com elas, mais aos teus irmãos. Toma. Mas não as dês senão ao teu pai, ouviste?

O pequeno foi-se logo embora muito contente, morto por dar ao pai as três maçãzinhas, que haviam de chegar para ele e para os outros irmãos; e quando já ia perto de casa, encontrou dois que já tinham voltado, mas por sinal ambos muito pobres.

Os três puseram-se então a conversar; e o mais novo contou aos irmãos a boa ama que tinha encontrado, e mostrou-lhes as três maçãzinhas.

Os irmãos ficaram cegos com o brilho do oiro; e logo ali rogaram muito ao mais pequeno que lhes desse a cada um sua maçãzinha. Mas ele respondeu que só as dava ao pai, e o pai que as repartisse por todos como quisesse.

À vista disto, e como o irmão não queria dar as maçãs, à boamente, logo ali resolveram matá-lo e tirar-lhas depois, e se bem o pensaram melhor o fizeram; – mas qual não foi o espanto deles, quando viram que nem mesmo depois de morto arrancavam as maçãzinhas da mão do irmão?!

Os dois resolveram então enterrar o pequeno, e foram-se para casa depois

de o enterrar, e muito crentes que o seu crime se não saberia, porque ninguém o tinha presenciado. Mas daí a mês pouco mais, um pastor passa por ali, e vê uma cana muito viçosa e muito bonita, que nascia onde o pequeno estava enterrado! Cortou-a e fez uma flauta. – Mas vai senão quando, o pastor põe-na à boca, e a flauta impeça a dizer:

*Toca, toca, ó pastor,
Que meus irmãos me mataram,
P'r amor de três maçãzinhas,
E ao cabo não nas levaram.*

O pastor ficou muito aterrado com o sucedido, e foi-se dali onde a um carvoeiro, que andava no monte a fazer carvão, e contou-lhe o caso. O carvoeiro, inda mais espantado, pega na flauta e põe-se a soprar, e a flauta que entra logo a dizer:

*Toca, toca, carvoeiro,
Que meus irmãos me mataram,
P'r amor de três maçãzinhas
E ao cabo não nas levaram.*

Ficou o carvoeiro que nem sabia donde era!

E como estava de caminho para ir para a aldeia, e a flauta tinha a virtude de falar, pediu ao pastor que lha emprestasse, a ver se lá plo povo adivinhavam aquilo.

Levou a flauta o carvoeiro, e a primeira casa onde entrou foi a do ferreiro; e logo ali contou o que tinha acontecido e mostrou-lhe a flauta. Mal o ferreiro a pôs à boca, a flauta começou logo:

*Toca, toca, ó ferreiro,
Que meus irmãos me mataram,
P'r amor de três maçãzinhas
E ao cabo não nas levaram.*

A este tempo entrava na forja o pai do morto, que ficou também muito admirado quando lhe contaram o que dizia a flauta! Pega também nela o

pobre do velho e põe-se a soprar, e a flauta diz logo assim:

*Toca, toca, ó meu pai,
Que meus irmãos me mataram,
Por três maçãzinhas d'ouro
E ao cabo não nas levaram.*

O velho pôs-se muito branco, e acudiu-lhe logo que as palavras da flauta diziam respeito à sua família. Nessa ocasião entrava na frágua um dos filhos do velho, que era um dos dois que já tinham voltado, e que trazia carvão para aguçar umas ferramentas. O pai parece que o coração lhe adivinhou, porque, mal o rapaz entra na forja, dá-lhe a flauta para que a tocasse:

– Toma! Toca essa flauta!

Leva o rapaz a flauta à boca, na boa fé, e ela começa logo:

*Toca, toca, meu irmão,
Que tu mesmo me mataste,
P'r amor de três maçãzinhas
Que ao cabo não nas levaste!*

O rapaz ficou muito aterrado, e viu-se-lhe logo na cara o sinal do crime. Mas como os filhos do velho eram sete e só dois é que tinham voltado, precisavam saber qual era o morto. Foram-se então dali onde ao pastor, que os levou onde tinha cortado a cana; e cava-que-cava mesmo no sítio, não tardou que aparecesse o corpo do pequeno, e numa das mãos as três maçãzinhas!

Por mais que alguns fizeram, não foram capazes de lhe tirar as maçãs; mas mal que o pai lhe tocou, abriu a mão e largou-as logo. Viu-se então que se tratava de um grande milagre; e, levados à presença do cadáver, os dois irmãos confessaram o que se tinha passado – e logo ali apareceu a Virgem Santíssima e arrebatou para o céu o corpo do pequeno, no meio de uma nuvem de fogo!

Logo em seguida a terra abriu-se e engoliu os dois irmãos!

O CONTO DA INFELIZ DESGRAÇADA

A D. Maria Calheiros Veiga

Era uma vez um rei...

*A minh'alma por ti morre,
A tua por mim não sei...*

Enviuvou e ficou-lhe uma filha, da idade de quinze anos. A passar já de algum tempo, impeça o rei a dizer prà filha:

– Filha, casa-te! Casa-te, que eu já estou cos pés prà cova, e então quero-te deixar amparada quando morrer!

A princesa não pendia a casar e vivia com algum desgosto, e todos os dias ia à missa a fazer as suas orações.

Mas um dia a princesa estava muito apaixonada, a lembrar-se das fezes que lhe dava o pai por amor de a casar, quando ouviu uma voz que dizia assim:

– Isabel! Diz a teu pai que te casas, mas que há de ser com um homem que tenha dentes de marfim, e que se os não tiver que não casas!

A filha assim o disse ao pai, e o pai mandou logo deitar bando pelas outras nações, para ver se havia algum homem com dentes de marfim – e que se o houvesse que lhe dava a filha.

Vieram muitos homens com dentes de marfim; mas quando se iam a examinar, conhecia-se logo que eram postiços; mas afinal sempre apareceu um que os tinha de raiz, e foi esse que casou com a princesa.

A passar tempos de casado, diz-lhe o marido:

– Isabel, temos que ir à minha terra, a ver a minha família.

Ela disse-lhe que sim, e tratou logo de se aprontar para ir com o marido.

Vindo Isabel a descer as escadas, ouviu uma voz que dizia assim:

– Isabel!

Diz ela:

– Valha-me Deus! Quem me chama parece mesmo que está na estrebaria!

Foi ela e assomou-se à porta da estrebaria, e estava lá dentro um cavalo

cardano de clinas pretas, e diz-lhe o cavalo:

– Isabel! Diz a teu pai que já lhe fizeste o gosto de te casares, também ele te há de fazer o gosto de te deixar levar o cavalo cardano das clinas pretas – porque se me não levas estás perdida!

Ela foi, e disse ao rei:

– Meu pai, fiz-lhe o gosto de me casar; agora também me há de fazer o gosto de me deixar levar o cavalo cardano das clinas pretas.

O pai disse-lhe logo:

– Pois sim, filha, leva-o.

Ela tratou logo de mandar arrear o cavalo, e montou-se nele e o marido noutra, e lá foram.

Já com duzentos dias de jornada, e mais sete, e eles que não chegavam à terra! Mas vai um dia, caminhavam os dois por umas serras, que eram umas montanhas tão fragosas que se não via senão céu e mato, olha a princesa para trás e não avista o marido! Diz ela!

– Valha-me Deus! Que é isto?! Desapareceu-me o meu marido da vista dos olhos!

Diz-lhe o cavalo:

– Isabel! Volta para trás!

A princesa voltou logo com o seu cavalo, e o cavalo largou dali a quanto podia! Onde parou ao pé dum monte, e diz-lhe o cavalo:

– Isabel! Apeia-te! Sobe àquele monte, e entra na casa que lá encontrares – mas não olhes para lado nenhum. O que lá vires apanha!

Ela foi, coitadinha, sempre muito assustada, e quando entrou na casa inda teve mais medo; mas reparando para trás da porta viu dois canudos, e um papel que estava enrolado, e apanhou tudo e retirou-se logo.

Chegou ao pé do cavalo, e diz-lhe o cavalo:

– Anda que sempre olhaste...

Ela montou, e toca a fugir!

Quando lhe a ela pareceu, olhou para trás.

– Ai que desgraça, que aí vem o meu homem!

Diz-lhe o cavalo:

– Atira com esse papel!

Ela foi e atirou com o papel. E logo ali se armou um nevoeiro, mas um nevoeiro que era tão cerrado, que o marido se atrasou no caminho, e não a alcançou.

Mas quando depois passou a névoa, e já se via, o marido que larga outra vez atrás da princesa, a ver se a podia agarrar. Mas ela que o vê lá atrás, e grita logo:

– Ai que desgraça, que aí vem o meu homem!

Diz-lhe o cavalo:

– Atira com um desses canudos!

O canudo estava cheio de agulhas.

Tancharam-se todas logo no chão, e armou-se um rochedo tão grande que o marido não podia passar.

Arrodeou muito o pobre do homem, que não teve outro remédio; e quando se viu para além do rochedo, que largou outra vez atrás da mulher, ela ao vê-lo e a gritar logo:

– Ai que desgraça, que aí vem o meu homem!

Diz-lhe o cavalo:

– Atira com o outro canudo!

O canudo estava cheio de água. Armou-se num rio muito grande, que o marido não pôde passar – e o remédio foi voltar para trás!

Caminhou a princesa com o seu cavalo, sem saber pra onde, até que lhe diz o cavalo:

– Isabel! Vai além àquela casa, e que te vendam um fato de homem, ou que to troquem pelo teu se to não venderem.

Ela foi; e pediu aos da casa o favor e esmola de lhe venderem um fato de homem, e que se lho não vendiam que lho trocassem.

Tiveram dó dela os de casa, e deram-lho. E ela veio ao pé do cavalo e disse:

– Cá está o fato!

O cavalo:

– Veste-te agora em trajo de homem, e despreza o que trazes vestido.

Ela vestiu-se em trajo de homem, e montou a cavalo; e foram ter a uma terra que não conheciam, porque já não era o reino dela, mas onde havia também um rei.

E passando por aquela corte, a fazer uma grande gala no seu cavalo porque não havia outro que fosse mais lindo, todo o mundo lhe mirava o cavalo.

E foram dizer ao rei que passava ali um cavalo muito bonito – e logo o rei se prantou à espera de o ver passar.

O cavalo disse à princesa:

– Isabel! Olha que o rei está à espera de me ver passar. Ele há de te chamar, e dizer-te se me queres vender – mas tu não me vendas, senão olha que estás perdida!

Quando passou pela rua, que o rei o viu, mandou-o chamar e disse-lhe assim:

– Ó rapaz! De quem é esse cavalo?

– O cavalo é meu!

– Hás de mo vender.

– Não vendo, não senhor.

E retirou-se logo – e mais cavaco não deu ao rei.

Depois disse-lhe o cavalo:

– Isabel! Olha que o rei inda te manda chamar, e há de ateimar contigo para que me vendas; e logo que tu não queres, há de te concertar para o seu jardim, por fazer gosto em me lá ter em palácio. E tu concerta-te, mas olha não te esqueças de mim!

Como assim foi: o rei mandou-o chamar e disse-lhe assim:

– Ó rapaz! Então tu não me vendes o cavalo?

– Não vendo, não senhor!

– Então concerta-te comigo cá prò jardim.

– Pois sim me concerto!

O rapaz concertou-se, e pergunta-lhe o rei:

– Tu como te chamas?

– Eu chamo-me José.

O rei mandou-o para o jardim. Mas, como solteiro, Sua Majestade ia todos os dias ver as flores, e começou a olhar muito para o rapaz e a dizer consigo:

– Não parecem olhos de homem... Parecem olhos de mulher...

Ela indo tratar do seu cavalo, diz-lhe o cavalo:

– Isabel! Olha que o rei anda desconfiado que tu és mulher, e vê lá agora se lhe dás cavaco...

O rei já ia ao jardim a todas as horas, e começava a conversar com ele, mas ele não lhe dava cavaco.

O rei sempre desconfiado, foi-se ter com uma feiticeira já muito velha, e disse-lhe assim:

– Ó sua velha! Você há de me aqui dizer se o rapaz do meu jardim é homem, ou se é mulher.

Respondeu a velha:

– Sua Majestade convide-o para ir jantar ao palácio, e prante-lhe uma cadeira alta, e ao pé prante-lhe outra baixa. Se se sentar na baixa, é mulher; e se escolher a mais alta então é homem.

Ela indo tratar do seu cavalo, diz-lhe o cavalo:

– Isabel! Olha que o rei manda-te convidar para ires jantar ao palácio. À mesa pranta-te duas cadeiras, para te experimentar se és homem ou mulher. Mas tu escolhe a mais alta. – E assim aconteceu.

O José depois veio-se embora; mas o rei, sempre duvidoso, foi-se outra vez ter com a velha:

– Você há de me dizer se o rapaz do meu jardim é homem ou mulher! Senão, morre.

– O que quer Sua Majestade que lhe eu diga?! Como quer saber, convide-o para ir dormir ao quarto de Sua Majestade, «porque tem medo de dormir só».

Ela indo tratar do seu cavalo, diz-lhe o cavalo:

– Isabel! Olha que o rei há de te convidar para ires dormir ao quarto dele, «que tem medo de dormir só»; e tu vais, que não tens mais remédio. O que ele quer saber é se és homem ou mulher, mas tu não te esqueças de mim!

Como assim foi, disse-lhe o rei:

– José! Tens que ir esta noite dormir ao meu quarto, porque tenho medo de dormir só.

José disse:

– Pois irei.

Como foi, dormir ao quarto de Sua Majestade.

Depois de ter o quarto bem fechado, diz-lhe o rei:

– José, eu desconfio que tu não és homem. Mas agora aqui é que mo hás de dizer! És homem ou és mulher? Responde!

– Sim! Sou mulher!

O rei mandou-a logo mudar de fato, mas ali passaram a noite.

Sendo já muito de dia, e o quarto ainda fechado, foi a mãe do rei e bateu à porta. Ele veio abrir, e diz prà mãe:

– Mãe! Não lhe dizia eu que os olhos do José que não eram de homem, mas de mulher?!

A mãe ficou muito contente por ver que era uma cara linda, como princesa que era – e o rei tratou logo de casar com ela.

A passar algum tempo já de casados, veio uma embaixada ter com o rei para ir vencer uma batalha. O rei disse-lhe:

– Isabel, tenho que te deixar. Vou para a batalha e levo o cavalo cardano. Fica tu em palácio com minha mãe, que nada te há de faltar.

O rei caminhou para a sua batalha; e a dias de lá estar, teve a mulher dois meninos que eram duas caras muito bonitas; e foi a mãe e escreveu-lhe uma carta mandando-lhe dizer: – «Filho, cá teve tua mulher dois meninos que são as caras mais lindas que têm aparecido!»

E a carta foi remetida por um soldado, e o soldado caminhou um dia todo, e foi-lhe anoitecer perto de uma casa onde pediu pousada por uma noite.

Disseram-lhe que sim, que entrasse.

O soldado entrou e sentou-se, e não viu mais que foi um homem naquela casa. Ali conversaram um bocado ambos-e-dois; e perguntando ao soldado que caminho levava, disse-lhe ele que ia levar uma carta ao rei que andava em batalha.

Depois preparou a cama para o soldado, e o soldado deitou-se e deixou-se dormir.

Ele assim que apanha o soldado a dormir, deu-lhe volta à mochila, e tirou-lhe a carta e esteve lendo. Depois começou a escrever outra em vez daquela, dizendo: – «Filho, cá teve tua mulher dois bichos, que não há quem possa parar em palácio, e então vê o que determinas dela.»

Fechou a carta e meteu-a na mochila e o soldado não deu notícia.

Assim que amanheceu, o soldado levantou-se e foi-se embora. Chegou ao sítio onde era a batalha, e entregou ao rei a carta que levava.

O rei abriu a carta e esteve lendo, e assim que leu começou a chorar. Ele queria muito à sua mulher; e assim escreveu logo a mandar dizer: – «Mãe, deixe estar minha mulher em palácio até eu ir.»

Remeteu a carta pelo dito soldado, que foi dar à mesma pousada; onde lá encontrou o companheiro que lhe fizera a cama, e ali dormiu também essa noite.

O soldado pegou no sono mal se deitou; e ele mal viu o soldado pegado no sono, dá-lhe logo volta à mochila, e tirou-lhe a carta, e depois de a ler queimou-a, e escreveu outra a mandar dizer: –

«Mãe, logo que esta receba ponha minha mulher fora do palácio, que a não quero encontrar quando daqui for.»

E meteu a carta na mochila do soldado, e o soldado não deu notícia.

No outro dia caminhou o soldado para o palácio; e assim que chegou, entregou a carta à mãe do rei.

Ela abriu a carta, e viu o que vinha dizendo.

E disse:

– Jesus! Isto que é?! O meu filho endoideceu!

Assim começou a andar muito triste, e um dia diz-lhe a princesa:

– Ó minha mãe! O que tem que anda tão triste?!

– Nada! Não tenho nada! O teu homem que endoideceu! Manda-te prantar fora do palácio – «que te não quer encontrar quando voltar».

Ela, coitadinha, disse:

– Ai que sorte tão desgraçada! que só vim ao mundo prà desgraça! Logo que o meu homem me manda prantar fora do palácio, então vou-me já embora!

Muito chorava a mãe; mais chorava ela por se ver assim; – e pegou nos seus dois meninos, um em cada braço, e caminhou pelos campos sem saber para onde, e disse:

– Seja o que Deus quiser, que eu vou caminhando sem destino, que não sei onde irei parar!

O rei continuava em batalha, mas muito apaixonado por ter recebido uma tão ruim nova.

Não bastava só isso, senão deixar fugir o cavalo cardano! Eram duas paixões que o matavam!

Mas deixemos o rei, e vamos à infeliz desgraçada, que se viu sozinha numa montanha, com os seus dois meninos.

Vai a olhar, e viu vir o cavalo cardano, que vinha a quanto podia; e depois olha e vê também o seu marido primeiro, que vinha para a matar! O cavalo chegou ao pé e diz-lhe:

– Isabel! Ai o teu homem primeiro que te quer matar! Mas não te mata, que eu brigo mais ele, e ele mata-me a mim e eu mato-o a ele, e tu em me vendo morto mete-me a mão dentro da boca, e tira o que lá achares e segura-o no chão!

O cavalo cardano brigou mais o dito indivíduo, e por fim caiu cada um para seu lado, ambos mortos. E ela assim que viu morto o seu lindo cavalo, meteu-lhe a mão dentro da boca, e apanhou-lhe a língua e a firmou no chão. Formou-se-lhe uma torre, e ela dentro mais os seus meninos; e tinha tudo quanto lhe fazia falta.

O rei que chega da batalha, e pergunta à mãe novas da mulher. A mãe responde:

– Ingrato! que a mandaste deitar fora do palácio, e agora perguntas por ela!
Ele disse:

– Não há tal! Para onde foi a minha mulher?! Quero ir em busca da minha mulher!

E correu logo a correr, e perguntando se alguém lhe dava notícia de uma infeliz desgraçada.

Soube por notícia o pai da princesa que a filha andava desgraçada, e tratou também de a procurar, a ver onde a iria topar.

Como andavam de terra em terra, encontraram-se os dois numa pousada, o pai e o marido, à procura ambos da mesma pessoa; mas não se conhecendo um ao outro, e dizendo um que andava em pergunta de uma infeliz, dizia o outro que procurava também uma desgraçada!

Ali se fizeram os dois muito conhecidos, e trataram de marchar caminhando juntos um dia todo, até que lhes anoiteceu. Não encontrando quem procuravam, onde se haviam de eles agasalhar?

Vendo brilhar uma luz, dirigiram-se logo direitos a ela, e viram que era de uma torre; mas pondo-se ambos de roda dela, à pergunta da porta, foi coisa que não encontraram!

Ela ouvindo falar em baixo, assomou-se à janela; e observando e conhecendo quem era, deitou uma escada de corda para subirem, porque a torre não tinha porta.

Eles subiram; mas não se conhecendo um ao outro e ela conhecendo-os a ambos, obsequiou-os muito, e prantou a mesa para comerem todos – e avisou em segredo os seus meninos:

– Vocês em acabando de comer hão de rezar, e depois tomar a bênção àquele homem mais moço primeiro, e depois também àquele mais velho.

Os meninos isso fizeram. Mas o rei moço admirou-se muito e diz assim:

– Oh! Uns meninos tão bem-educados, e não têm preceito de pedir primeiro a bênção ao mais velho?! Vieram-na pedir primeiro ao homem mais moço?!

Diz-lhe a mãe:

– Os meus meninos têm muito preceito, que o preceito é tomar a bênção primeiro ao pai e depois à mãe e depois ao avô.

Foi quando eles se conheceram, e se abraçaram todos com muito choro! E como então já se conheceram, determinaram logo ir-se dali embora – e a torre desapareceu.

O CONTO DAS ARTES DIABÓLICAS

Era uma vez um padre que tinha um afilhado. De maneira que pediu ao compadre que lhe deixasse ir o afilhado lá pra casa, que o queria educar muito bem-educado. O compadre disse-lhe que sim, que levasse o afilhado.

Foi o rapaz pra casa do padrinho, e o padrinho pô-lo à escola, e o rapaz aprendeu a ler na ponta da língua.

Quando o rapaz já ia sendo crescido, começou ele a ver fazer artes ao padrinho, que o padrinho fazia artes diabólicas.

Fazia artes diabólicas o padrinho, e o rapaz tudo era querer aprender, e fartava-se de espreitar o que fazia o padre!

Até que uma vez encontrou um livro e pôs-se a ler – e viu que dali estudava o padrinho as artes que fazia.

Começou o rapaz a praticar, e já ia fazendo algumas coisas.

O padrinho, como deu notícia que o rapaz ia já fazendo algumas coisas, mandou-o embora para casa do pai.

O pai era pobre, e não tinha sequer que lhe dar de comer; mas vendo-o o filho tão apaixonado e adivinhando logo a razão por que era, diz-lhe o rapaz:

– Pai, não tenha fezes! que amanhã saímos, e verá que arranjamos muito dinheiro!

No outro dia prepararam os dois um burrinho que tinham, e foram-se para o campo.

Depois de chegarem ao campo, diz o filho:

– Pai, eu agora faço-me num cão e vou à caça, e as lebres que vir apanhadas todas!

De maneira que o rapaz fez-se num cão, e começou logo a andar caçando.

Todas as lebres que apareciam, todas apanhava!

Carregaram o burro de lebres, e vieram-se embora a vendê-las à terra, e passaram à rua do rei.

Vendo o velho com tanta lebre a carregarem o burro, todos se admiravam!

– Oh! Tanta lebre que leva aquele velho!

Diz-lhe o rei:

– Ó velho! Como apanhaste tu tanta lebre?!

– Isto, senhor, foi o meu cão!

Diz-lhe o rei:

– Hás de me vender o teu cão.

– O meu cão não vendo eu, não senhor, que o meu cão é o meu governo!

De maneira que o velho foi-se embora a vender as lebres.

No outro dia voltaram à caça, e o burro tornou a vir outra vez carregado de lebres!

Diz o rapaz:

– Pai, olhe que o rei há de lhe dizer para me vender; mas vossemecê peça muito dinheiro, de modo a nunca vender senão as lebres.

Passa o velho pela porta do rei, e vão dizer logo a Sua Majestade:

– Ali vai o velho outra vez! E outra vez com o burro carregado!

Diz-lhe Sua Majestade:

– Ó velho, não passas sem me vender o teu cão.

– O meu cão não vendo, não senhor, que o meu cão é o meu governo!

– Pede o dinheiro que quiseres, que eu to dou pelo teu cão.

Pediu uma quantia que a ele lhe pareceu, e o velho levou o dinheiro e o rei ficou com o cão.

Um dia determinou o rei sair à caça, e levou com ele todos os companheiros, para verem o cão apanhar as lebres.

Assim que chegaram ao campo, começou logo o cão a andar à busca.

Levantou-se uma não tardou nada, e ele mete-se a correr atrás dela – e dali a pouco já o não avistavam.

Assim que percebeu que já o não avistavam, o cão fez-se num homem, e deixou-se ficar muito bem parado.

Correram todos a uma altura para avistarem o cão, e como vissem um homem perguntaram-lhe:

– Você viu pra aí algum cão atrás duma lebre?

Diz ele:

– Vi! Lá vai ele a correr, lá baixo! Lá vai ele já muito longe!

Ora até agora eles correm, a ver se descobrem o cão!

De maneira que trataram mas foi de se ir pra o palácio – e o rapaz para casa do pai.

Chegou:

– Então, pai, já temos que comer?!

– Isso sim! O que me deu o rei, ladrões o levaram. Roubaram-mo!

– Deixe! Logo se arranja mais!

Torna o filho a dizer ao pai:

– Pai, vai vossemecê ver como se arranja mais! Agora faço-me num cavalo, e vossemecê vai à feira a vender-me; mas quando me vender, tire-me o freio.

De maneira que o velho marchou para a feira, com um cavalo que era uma lindeza!

Quem havia de ele encontrar?

O compadre!

Viu logo que tinha o afilhado diante dele, feito num cavalo.

Diz:

– Ó compadre! Quer-me você vender o cavalo?

Diz:

– Vendo! Mas vai-lhe custar muito dinheiro!

O padre deu-lhe todo o dinheiro que ele lhe pediu, porque a sua vontade era apanhar o cavalo pra em seguida dar cabo dele.

O pai recebeu o dinheiro e entregou o cavalo – mas não se lembrou de lhe tirar o freio!

Apanha o padrinho o cavalo e monta-se nele – e agora verás quem há de fugir – e da corrida ia-o rebentando!

Até que se apeou à entrada de um povo.

Prendeu o cavalo a uma árvore, e antes de ir onde tinha de ir disse para o animal:

– Quietos aí! Com outra corrida hei de te arrebentar!

Ali perto havia um poço, onde as mulheres iam à água. Passaram duas que iam para lá, e o cavalinho, assim que as viu, tudo era querer ir também direito ao poço.

Diz uma:

– Aquele cavalinho tem muita sede. Vamos-lhe levar uma caldeira de água, a ver se ele bebe.

Levaram-lha e ele não podia beber.

Dizem as mulheres:

– Tira-se-lhe o freio.

Foram elas, tiraram-lhe o freio.

Mas apanha-se o cavalinho sem freio – e agora verás quem há de fugir!

Vem o padrinho e faz-se noutro cavalo mais forte, e mete atrás dele.

Quando viu que o padrinho já o agarrava, faz-se numa lebre.

O padrinho fez-se num galgo, e ele aí vai atrás da lebre!

Tanto que viu que o padrinho já a agarrava, faz-se numa pomba e larga a voar.

O padrinho faz-se numa águia, e mete logo atrás da pomba.

Tanto que viu que o padrinho o agarrava, fez-se num anel – e caiu!

Onde havia de cair o anel?

Na varanda do palácio do rei!

Foi a princesa até à varanda, e achou o anel, que era muito bonito; – e o padrinho, esse nunca soube para onde foi o rapaz, porque não viu onde caiu o anel.

A princesa quando o viu:

– Olá! Um anel tão bonito aqui na varanda?!

Apanhou-o e meteu-o no dedo.

A noite, quando a princesa se foi deitar, não quis tirar o anel e deitou-se com ele.

O anel fez-se-lhe num homem deitado com ela – que mal o vê começa a gritar.

Corre o pai ao quarto da filha, a ver o que era: – mas ele torna outra vez a fazer-se em anel e meteu-se logo no dedo da princesa.

Diz-lhe o pai:

– Tu que tens?!

Diz:

– Ó meu pai! que tenho um homem dentro da cama!

O pai buscou e não viu nada, e disse para a filha muito alterado.

– Isso são loucuras! Vê lá agora se ainda tornas!

E foi-se para o quarto e meteu-se na cama.

Mas estaria o rei a pegar no sono, o anel que torna outra vez a fazer-se num homem, deitado ao pé da princesa!

Ela, com medo do pai, já não gritou; e quando foi de manhã ao levantar, o homem fez-se outra vez no anel, e a princesa meteu-o no dedo.

...Começou a andar muito soado um anel que tinha a princesa!

O padrinho, que ouve falar tanto no anel, desconfia, e diz:

– Oh! Aquilo é o meu afilhado!...

E foi e disse à princesa se lhe vendia o anel.

Ela disse-lhe que não – que lho não vendia.

Foi-se embora o padre pelo mesmo caminho, e o anel diz à princesa:

– Aquele homem que veio aí pra tu me venderes é o meu padrinho. Ele anda pra ver se dá cabo de mim, e ainda cá há de voltar pra que me vendas, e tu vende-me – mas quando me passares para a mão dele, deixa-me cair no chão.

Outra vez foi o padre onde à princesa:

– A Senhora Princesa há de me vender o seu anel. Vende?

Vendo, não vendo... – sempre lhe disse:

– Vá lá! Vendo!

Trataram o preço, e ele deu o dinheiro.

Mas ela a desenfiar o anel – e a deixá-lo cair no meio do chão!

Cai o anel no meio do chão – e faz-se logo numa romã, toda esbugalhada!

Faz-se o padrinho numa galinha, com muitos pintos, e deitam-se todos a comer nos bagos.

Escapou um bago que os pintos não viram!

Era ele – que se fez numa raposa e comeu a galinha, e os pintos matou-os todos!

Ali acabou o padrinho com a existência, e ele ficou feito anel no dedo da princesa.

...Com que não sei se o anel ainda existe ou se já levou fim – porque eu vim-me de lá embora e nunca mais o vi.

PARÁBOLA DOS SETE VIMES

Era uma vez um pai que tinha sete filhos.

Quando estava para morrer, chamou-os todos sete e disse-lhes assim:

– Filhos, já sei que não posso durar muito; mas antes de morrer, quero que cada um de vós me vá buscar um vime seco, e mo traga aqui.

– Eu também? – perguntou o mais pequeno, que só tinha 4 anos. O mais velho tinha 25, e era um rapaz muito reforçado e o mais valente da freguesia.

– Tu também – respondeu o pai ao mais pequeno.

Saíram os sete filhos; e daí a pouco tornaram a voltar, trazendo cada um seu vime seco.

O pai pegou no vime que trouxe o filho mais velho, e entregou-o ao mais novinho, dizendo-lhe:

– Parte esse vime.

O pequeno partiu o vime, e não lhe custou nada a partir.

Depois o pai entregou outro ao mesmo filho mais novo, e disse-lhe:

– Agora parte também esse.

O pequeno partiu-o; e partiu, um a um, todos os outros, que o pai lhe foi entregando, e não lhe custou nada parti-los todos. Partido o último, o pai disse outra vez aos filhos:

– Agora ide por outro vime e trazei-mo.

Os filhos tornaram a sair, e daí a pouco estavam outra vez ao pé do pai, cada um com seu vime.

– Agora dai-mos cá – disse o pai.

E dos vimes todos fez um feixe, atando-os com um vincelho. E voltando-se para o filho mais velho, disse-lhe assim:

– Toma este feixe! Parte-o!

O filho empregou quanta força tinha, mas não foi capaz de partir o feixe.

– Não podes? – perguntou ele ao filho.

– Não, meu pai, não posso.

– E algum de vós foi capaz de o partir?

Experimentai.

Não foi nenhum capaz de o partir, nem dois juntos, nem três, nem todos

juntos.

O pai disse-lhes então:

– Meus filhos, o mais pequenino de vós partiu sem lhe custar nada todos os vimes, enquanto os partiu um por um; e o mais velho de vós não pôde partilos todos juntos; nem vós, todos juntos, fostes capazes de partir o feixe. Pois bem, lembrai-vos disto e do que vos vou dizer: enquanto vós todos estiverdes unidos, como irmãos que sois; ninguém zombará de vós, nem vos fará mal, ou vencerá. Mas logo que vos separeis, ou reine entre vós a desunião, facilmente sereis vencidos.

Acabou de dizer isto e morreu – e os filhos foram muito felizes, porque viveram sempre em boa irmandade ajudando-se sempre uns aos outros; e como não houve forças que os desunissem, também nunca houve forças que os vencessem.

AUTOBIOGRAFIA

A mademoiselle Louise Ey

Nasci no dia 18 de junho de 1861, e devia ser sábado ou domingo porque era um dia de feira, e na minha terra, uma vilinha transmontana de origem árabe, a quase 1000 metros de altitude, as feiras eram então aos sábados ou domingos, e eram os dias mais alegres de Mogadouro, porque vinha povo de toda a parte.

A nossa casa era mesmo defronte da feira, o meu pai tinha um estabelecimento comercial onde estava quando eu nasci, parece-me que por volta da tarde. Minha tia Jacinta, irmã de meu pai, foi procurá-lo e disse-lhe assim: – «Parabéns, João, tens mais um filho»; e contava minha tia que meu pai tinha respondido por estas palavras:

– «Olha a grande coisa!»

Meu pai era a maior bondade que há no mundo. Mas não queria parecer bondoso para não parecer fraco, ele que era também um forte e o maior trabalhador que tenho conhecido. Nunca deu uma esmola diante de gente; mas nunca recusou uma esmola (quantas vezes maior que as suas posses!) estando sozinho; e os pobres, os abonados e os ricos todos lhe deviam, e o seu maior prazer era obsequiar, e a sua maior alegria ser útil a alguém. Toda a gente morria por ele, até as crianças, e ainda hoje se diz assim lá na minha terra nalguma grande dificuldade ou precisão, porque era também muito inteligente e a tudo acudia: – «Se fosse vivo o Sr. João Trindade...»

Mas ele está inteiro naquela frase com que acolheu o meu nascimento e que minha tia Jacinta repetia a rir: – «Olha a grande coisa!» – porque era doido pelos filhos sem o querer dizer, e a esse tempo tinha três vivos: duas meninas e um menino, e já lhe tinha morrido uma filhinha, e depois de mim ainda veio um menino – todos filhos da mesma mãe, com quem se tinha casado, sendo rapaz, na cidade do Porto, e que diz todo o povo que era uma santa e de quem todos se lembram ainda hoje, e por quem choram ainda hoje olhos de pobres, e já morreu há 32 anos...

De minha mãe eu pouco me lembro com a memória; mas eu quando quero muito a uma pessoa pouco me lembro dela senão com o coração – e não sou capaz de me representar mentalmente a sua figura, ainda que a veja a toda a hora.

Só me lembro que me bateu uma vez, e que ao bater-me estava a chorar e a rir-se e a beijar-me ao mesmo tempo. Eu tinha-lhe aparecido em casa sem camisa, por a ter tirado atrás de uma parede, no campo, para a dar a uma criança da minha idade que a não tinha, e fazia muito frio porque era inverno. Tirando isto de pouco mais me lembro: só de a ver a arranjar a nossa roupinha branca, e a pespontar meias sentada numa cadeirinha baixa, numa salinha que se chamava do convento porque a janela dava para o Convento de S. Francisco que ficava ao pé.

Por sinal que a essa janela ia dar a corda de um certo sino que tocou ao meu batizado; – e eu mesmo todas as tardes tocava com muito prazer às ave-marias, quando já era grandinho: e eu gostava muito daquilo; e dizia missas como se fosse um padre e tinha todos os aprestos precisos para isso, e também pregava pelas outras casas, a auditórios de fiéis todos da minha idade, ajoelhados à roda de uma cadeira que algures me fazia de púlpito!

Até me chamaram por isto o «Sr. Padre José»; e depois deste prazer de dizer missas e pregar sermões, o meu grande regalo (tão grande que até sonhava com isto todas as noites) era ir ver o Domingos louceiro fazer louça, e levar ao pé dele horas seguidas, a ver como ao contacto das suas mãos, sobre uma roda girando, o barro vivia e tomava formas! O Senhor o tenha com ele (coitado do Domingos!) porque uma vez caiu dentro do forno a arder, quando andava desprevenido em cima da cúpula!

Eu também ajudava muito à missa ao velho Prior; e uma vez que provei o vinho das galhetas, para ver se estaria bom, o administrador (maire) que estava na igreja armou-me um processo por brincadeira – e eu fui condenado a ir pedir perdão ao Sr. Prior que me deu cerejas na varanda da casa... Eu morria-me por este Prior, e ele também era muito meu amigo, porque além de fazer gosto em lhe ajudar à missa, nunca lhe errava na doutrina quando aos domingos nos interrogava sobre ela antes da missa do dia, sentado na sua grande cadeira de espaldar ao meio da igreja, depois de ler ao povo o Catecismo.

E nisto passei até aos 7 anos, andando ao mesmo tempo na escola régia e tendo em casa um professor que nos ensinava as lições. Mas aos 8 anos meu

pai mandou-me para um professor que havia numa povoação vizinha (15 quilómetros) chamada Travanca, e que passava pelo melhor professor do nosso concelho. Lá estive; e era ao mesmo tempo, com meu irmão, hóspede e discípulo desse professor – e frequentávamos a escola régia.

É muito cheio de saudades esse meu tempo de Travanca, que era uma aldeia pobre e muito feia; e tão fria no inverno, que a aula era ao ar livre nos dias de sol, sentados em pedra ao longo das paredes, nas cortinhas vizinhas da escola.

Levantava-me muito cedo, ainda de noite; e ainda estou a ouvir o sino que nos domingos de madrugada tocava à missa por alto, e a ver aquela grande igreja quase às escuras, só com as velas acesas no altar-mor, onde o Sr. Encomendado dizia a missa de alva...

E o quarto onde eu dormia com meu irmão, térreo e de telha-vã, era tão pequenino, que anos depois fui encontrar lá um poleiro de galinhas, e as pobres coitadas não me pareceram muito à vontade... Mas ficava contíguo o quintal da casa, e desse lembro-me eu com muitas saudades porque tinha lá a um canto a minha pequenina horta que eu cultivava, e por ele fugi uma vez com saudades de minha mãe – mas o Sr. Professor veio agarrar-me ao meio do caminho, e eu tive de voltar para trás...

Às quintas e domingos íamos à caça com um furão, mas nunca cacei nada, e o furão ficou-me uma vez dentro da lura e quando saiu dois dias depois vinha cego, porque dera com ele um bicho inimigo! Isso foi um grande desgosto, e depois morreu-me no colo, à lareira, onde ele tinha a sua caminha de palha dentro de uma caixa tapada, através da qual se ouvia o seu chocalhinho de cobre, e onde bebia os seus ovos crus – e não cheirava nada bem... Também havia coelhos lá em casa, mas desses nunca eu gostei porque se escondiam muito.

E assim fomos aprendendo a ler melhor e as contas, e a escrever, porque o nosso professor escrevia muito bem e tinha seu gosto nessa prenda e em a transmitir a todos os discípulos, batendo-nos muito nos nós dos dedos com uma régua, se não pegávamos na pena como devia ser, e se não fazíamos as letras como ele ensinava!

Nos papéis de meu pai fui eu encontrar muitos anos depois as cartas do nosso professor, e dizia nelas que meu irmão tinha muito jeito para contas e eu não, mas que eu lia muito bem... (A esse tempo não havia já porta na minha terra onde eu não tivesse aparecido nos dias de sol, a ler às velhas

certos contos do povo, e principalmente esse Menino da Mata e o seu cão Piloto que por fim já sabia de cor, e todos os versos do Monte verde, que era o livro da aula, a começar pelas Vozes dos animais que eu disse uma vez na escola a fingir que lia, diante do Sr. Inspetor muito admirado!)

Ai, ai, mas as saudades da nossa mãezinha é que eram o pior lá em Travanca! Quando íamos a férias era uma alegria como não havia outra; mas quando regressávamos, uma tristeza como não havia outra! Eu segurava-me ao corrimão da escada à hora da partida, e só dizia isto quando me lembravam que «era preciso aprender!»: – «Mas eu quero ser burro!»

Mas não havia remédio e lá íamos, a cavalo, acompanhados por um criado velho, e meu pai ia connosco até certo ponto do caminho, e aí ficava-se a chorar quando eu e meu irmão lhe dizíamos sempre a chorar, voltando-nos para trás a cada momento: – «Adeus! Adeus!» E na janela da nossa casa já nem se via o lenço branco de minha mãe, que nos dizia enquanto nos avistava: – «Adeus! adeus! estudai e sede bons!»

E nós lá íamos, e no caminho comíamos a merenda que ia nos alforges, e que era sempre muito boa, resguardada em muitos papéis brancos e guardanapos, dentro de uma saquinha de chita muito bonita. E quando mandava por nós também nos mandava a merenda; mas dessas vezes a gente não a comia, era o moço que a comia toda, porque as ânsias de chegarmos a casa e de vermos a nossa mãezinha nem nos deixava olhar para a comida.

E assim estivemos, e nisto andámos; até que um dia, ralado de muitas saudades, lembrei-me de escrever a minha mãe uma cartinha, a pedir-lhe que nos deixasse ir a uma festa que havia perto da minha terra, e que era muito afamada pelas desordens e onde todos os anos havia mortes.

A cartinha foi e nós ficámos à espera; e uma manhã, seriam 11 horas, eu e o meu irmão estávamos a comer uvas de uma cesta que o tio Manuel tinha entre os joelhos, sentado debaixo do alpendre da sua casa (o tio Manuel tinha 80 anos e era sogro do senhor professor e morava defronte) quando vimos chegar o António Joaquim que era o nosso moço, trazendo à rédea o nosso cavalo, que era vermelho e se chamava *Garoto*, por ser pequeno e muito alegre.

Nós já não quisemos saber das uvas e agarrámo-nos ao pescoço do António Joaquim e do *Garoto*, e cobrimo-los de beijos e de abraços, mas o António Joaquim estava muito triste, e disse-nos que lhe doía um dente, e o

Garoto também não estava alegre, nem a mulher do senhor professor quando veio chamar-nos, nem o senhor professor que' vinha detrás dela a ler uma carta que era de meu pai...

Foi-se pedir a burra ao tio Joaquim, um amigo de meu pai que tinha uma burra espanhola muito mansa, e que era para eu e meu irmão irmos a cavalo; e quando depois nos montámos ambos (ele adiante por ser mais velho), à senhora «mestra» caíam-lhe as lágrimas e o senhor professor não dizia palavra e o António Joaquim e o tio Manuel também não diziam nada; mas nós lá fomos muito contentes, e as saudades da senhora «mestra» e do senhor professor cá por dentro faziam-nos rir, porque íamos ver a nossa mãezinha, e da nossa mãezinha à tal grande festa...

De caminho o António Joaquim ia calado, e às hortas, à saída do povo, ainda lhe perguntei o que é que tinha e ele respondeu-me outra vez que eram as «mós» e numa povoação por onde passámos a gente olhava para nós cheia de tristeza, e um tendeiro (vendedor ambulante) muito nosso amigo, que passava com o seu macho carregado, dessa vez só nos disse assim: – «Adeus, meninos.» Ainda encontrámos à saída da povoação, debaixo de uma grande amoreira, ao pé de uma fonte, um rancho de ciganos em descanso, que nos disseram a rir «se vendíamos a burra»; mas nós marchámos com algum medo, porque os ciganos «eram maus»; e pouco depois, adiante, um pastor descia um monte à frente do rebanho de ovelhas, a tocar uma gaita-de-foles! A esse eu ainda lhe acenei a rir: – «Adeus! adeus» – e não tardou que avistássemos a nossa terra, ainda longe, num alto, e que lobrigássemos a nossa casa – dentro da qual estava a esperar-nos a nossa mãezinha.

Por ser mais velho, meu irmão ia na frente, e segurava a arreata da burra; e eu atrás agarrado a meu irmão, e o António Joaquim a cavalo no *Garoto*, e nisto chegávamos a uma cruz muito velha que havia numa parede à borda do caminho, entre silvas, e que era de pau e tinha umas alminhas, e diante da qual era costume rezar. O meu irmão parou a burra e descobriu-se, e eu também, e o António Joaquim desceu do *Garoto* e descobriu-se também. Rezámos um padre-nosso com uma ave-maria, e o António Joaquim diz assim, no fim: «Apliquem esse padre-nosso com essa ave-maria por alminha de sua mãe!»

Meu irmão caiu da burra com um acidente: eu caí a gritar agarrado a ele, e ali ficámos no chão diante da cruz – chorando pela nossa mãezinha!

Depois vimo-la morta!

Depois, ainda estive na minha terra uns dois ou três anos, e estudei latim com dois padres. Estes dois padres não saberiam talvez muito latim, mas davam-nos muitas palmatoadas, e eu levei mais do que areias tem o mar e estrelas o céu. Um deles até imaginava que a palmatória operava por compressão, infiltrando-nos na palma das nossas mãos (no inverno roxas de frio) as coisas que nós não sabíamos. Depostas essas coisas na palma da mão, como se fosse beijá-la, dava-lhes por cima um grande bolo, e pensava ele que as coisas trepavam assim pelo braço acima e não sei mais por onde, até se nos alojarem na cabeça – e era desta forma que nos metia na cabeça o que nós não sabíamos. Uma vez até uma velhinha que morava perto assomou à janela do rés-do-chão onde era a aula, e disse assim para o senhor professor, aflita de ouvir tanto bolo:

– Credo, senhor padre Joaquim! Isso é mesmo não ter alma!

Na gramática andávamos assim tempos infinitos, e dávamo-la de trás para diante e de diante para trás, até a sabermos na ponta da língua; e a última prova a que nos submetia esse professor consistia em nos vendar os olhos com um lenço de assoar, e aí do que não apontasse com o dedo, sem se enganar numa vírgula, os assuntos todos do horrendo livro, e onde ficavam, e onde começavam e onde acabavam, e isto desde o princípio da gramática até ao fim.

Da gramática passávamos à seleta «primeira»: *Mundus a Domino constitutus est*, que nós traduzíamos assim de brincadeira: *Mundus*, a gaita, *constitutus est*, foi tocada, *a Domino*, pelo gaiteiro – e dessa tal seleta «primeira», que também tinha um bocado de Eutrópio, *Ab urbe condita*, passávamos à «segunda» que tinha cartas de Cícero e não sei que mais, e ao mesmo tempo dávamos também *Fábulas* de Fedro, e passávamos depois ao Tito Lívio e com este ao Virgílio que nós pensávamos que eram três: Virgílio I, Virgílio II e Virgílio III, por serem três os volumes da obra. Alguns ainda chegavam ao Horácio; mas quando aí chegavam, o ódio aos livros era já muito, e o professor quase sempre dizia aos pais que não pensassem em dar aos filhos «uma carreira», porque para as letras não tinham jeito. Ao meu até lhe disse que não havia lei que obrigasse um homem a ser doutor, mas meu pai parece que tinha alguma esperança em mim, e regalava-se de me ouvir ler, e, a respeito de latim, ele bem sabia de um grande puxão de orelhas que

me dera uma vez à missa meu tio Reitor, por lhe emendar uma silabada! Meu tio Reitor dava-me sempre um pataco (40 réis) por lhe ajudar à missa, mas dessa vez que o emendei à Epístola (quando estava ao lado dele para lhe mudar o Missal) mesmo ao altar puxou-me as orelhas, e eu fugi da igreja e deixei-o só, até que uma vizinha foi fechar a porta, e ele chamou-a para que lhe procurasse um acólito, pois estávamos na igreja só os dois, e no altar um grande crucifixo mudo, chamado o Senhor dos Aflitos. Mas um dia ainda esse meu tio me deu dez tostões (mil réis), mas esses muito tristes, porque foi quando me despedi dele para ir para o Porto – estudar!

Dos pormenores da partida já me não lembro: só me lembro que disse adeus a toda a gente, de porta em porta, sem falhar uma pessoa, e que dos próprios animais que encontrava me despedia.

– Adeus! vou para o colégio!

E o mesmo dizia às árvores, como se fossem pessoas, e certo almo antiquíssimo, avô das árvores todas da minha terra, e que demais a mais era meu vizinho e vizinho da sepultura onde ficava minha mãe, esse parece que chorou comigo quando o abracei uma noite, e que choraram comigo, nos seus ninhos, os próprios pássaros: Adeus, adeus, meu filho! – Adeus, adeus, nosso irmãozinho!

Parti, não havia remédio; e nunca me há de esquecer essa viagem de barco pelo Douro abaixo, uns poucos de dias, desde a foz do Sabor até ao Porto, onde chegámos numa linda manhã de névoa, antes de o sol nascer, e onde vi pela primeira vez mastros de navios – que me pareceram enormes e desconformes! O Porto era a terra de minha mãe, de que ela me falava com muitas saudades; e irresistivelmente, logo que saltei do barco, desapareci a meu pai, que foi dar comigo numa esquadra de polícia, quase à noite – classificado de «menor perdido»!

Mas o Porto não me admirou, e estou que nem me agradou se quer, e isto dava a meu pai um grande desgosto, e vendo-me uma vez indiferente diante de uma grande torre, que «me não parecia maior do que a da minha terra», até me perguntou se eu era «estúpido», e tinha razão – porque a torre é a maior de Portugal, e nem sete das da minha terra, umas por cima das outras, lhe chegavam ao cimo!

Mas onde eu me admirei, Deus do céu! foi diante do mar! Aí fiquei-me encantado, e meu pai e um amigo dele que ia connosco tiveram de me levar à força para irmos jantar – e eu estive todo o jantar sem querer comer, com

saudades do mar, e a olhar para o fundo do meu prato que era verde e tinha uma figura pintada, que era a virtude a sair por uma janela quando a fome entrava pela porta.

Mas uma bela manhã, no nosso quarto do hotel, meu pai agarrou-se a mim, a chorar muito, e disse-me muitas coisas, e eu chorava também, agarrado a ele. Eram as nossas despedidas. Dali levou-me para o colégio, e lá me deixou!

Oh, essa vida do colégio, que durou seis anos! Foram seis anos miseráveis, de uma obediência estúpida e passiva, sempre a toque de sineta, eu e mais alguns 300!

Dei-me sempre bem, muito bem, com os meus companheiros, que me chamavam o Mogadouro; mas ao diretor tinha-lhe medo, e aos prefeitos, e aos professores, e eles não se faziam amar... Que tristeza de vida, que durou seis anos! Só me não deformaram por milagre; mas fizeram-me ter dos homens uma impressão de falsa grandeza, de poder falso, de falso valor, de que só há poucos anos me emancipei – depois de uma crise nervosa que durou meses e em que parece que se acumularam dentro de mim todos os terrores que me fizeram os homens pela vida fora – esses homens que ainda odeio... Oh, esses miseráveis seis anos, com homens que deviam ser, e eu supunha, maiores do que eu (HOMENS, enfim, como eu julgava que deviam ser os HOMENS!) e que me saíram tão pequenos e mentirosos!

O diretor era bom, e diziam todos que era meu amigo e que me apontava aos outros como bom estudante, e no último ano não quis dinheiro a meu pai por lá me ter, e quando chegou a hora de me despedir não me quis aparecer, e mandou-me presentes, e dizem que até chorou...

Eu não fora, com efeito, um mau estudante – mas fora um péssimo discípulo! Para fazer o meu primeiro exame, o exame de instrução primária, tive de fugir do colégio, porque o professor parece que tinha mais medo do exame do que eu próprio, e deu-me na véspera palmatoadas, porque me fez 37 perguntas «para me experimentar», pois não confiava em mim, e eu respondi a todas: – «Não sei!» Mas fiquei aprovado; e nos papéis de meu pai fui encontrar, anos depois, uma carta do diretor, dizendo que eu «meta uma lança em África», porque os exames estavam «dificílimos»!

Depois também tive de fugir para fazer exame de latim, porque o professor, um Hércules que era gracejador de mau gosto e tinha uma lenda de Herodes entre os rapazes, gostava de fazer pouco dos discípulos quando

estava na aula, e eu disse-lhe uma vez que se ele era professor e eu discípulo, tínhamos ambos deveres a cumprir, e que cumprisse os dele se não queria que eu lhos ensinasse.

Tomou-me tal ódio, esse homem que passava por saber muito e que era no fundo um ignorantão, que nunca mais me chamou à lição – e no fim do ano não me indicou para exame, mas que eu requeri e constou-me que me recomendou para uma reprovação...

Mas eu fugi do colégio uma manhã muito cedo, carregado de livros, e estive escondido no liceu até à hora da chamada; e como faltassem alguns a exame (porque o Rei passava no Porto esse dia, e alguns faltavam para o ir ver, e outros porque os exames estavam muito difíceis) ao meio-dia sai do meu esconderijo onde estive seis horas e entrei a exame – o caso é que fiquei distinto!

Com outro professor foi também assim: uma vez quis que eu lhe demonstrasse matematicamente as leis da reflexão da luz; mas eu não sabia ainda bastante matemática para isso, e dei-lhe a demonstração prática que vinha no compêndio – e ele mandou-me sentar muito zangado e nunca mais me tornou a chamar, e também não me indicou para exame no fim do ano, porque embirrou que eu lhe desse por escrito a minha lição, no dia seguinte àquele em que me mandou sentar dizendo-lhe assim quando lha entreguei: – «*Ad perpetuam rei memoriam*, é para que veja que eu sabia a lição. ..»

Mas fui a exame no fim do ano e deram-me também uma distinção! e quando me mandou pedir o meu retrato, «para a galeria dos seus discípulos distintos», mandei-lhe dizer que lho não dava, porque para seu discípulo ele me não quisera...

E assim fui fazendo os preparatórios todos, e indo a férias depois dos exames, no fim de agosto, para regressar para essa prisão no fim de setembro!

E literatura?

No colégio eram proibidos os romances ou quaisquer livros que não fossem de estudo – só me lembro de ter lido às escondidas uma tradução dos *Três Mosqueteiros* de Dumas, e dois ou três romances portugueses, o *Mário* e não sei que mais. Mas um dia pus-me a fazer um romance (!) *O Enjeitado*, cujo manuscrito ainda conservo; e escrevi um conto chamado *Uma trovoada* que dediquei a meu pai, e que foi o primeiro conto que publiquei – mas não a primeira coisa, porque a primeira coisa foi um artigo chamado *Cepticismo*,

que me inspirou a leitura dos jornais, numas férias da Páscoa, ao ver que sobre o mesmo assunto uns dizem uma coisa e outros o contrário, e que não haveria maneira de formar juízo com tal sistema e que o resultado era a descrença!

Esse artigo li-o ao guarda-portão do colégio, um a quem chamávamos o Lunático ou Habitante da Lua, por ser muito feio e muito pequenino (e era vesgo!), e o Lunático disse-me que o artigo estava «muito bom», e ele mesmo o levou a um jornal cujo redator me pedira uma vez, numa «distribuição de prémios» a que assistiu e ao felicitar-me por um discurso qualquer que eu tinha proferido, que «lhe mandasse alguma coisa para o seu jornal, quando escrevesse»... Mandei-lhe o tal artigo, assinado com o anagrama «Cojo Elhose» de que o redator fez «José Coelho» quando o publicou – antecedendo-o, porém, das seguintes palavras que me espantaram muito, e que me ficaram na cabeça como o padre-nosso:

«O artigo que vai ler-se é de uma verdade incontestável, e manifesta claramente que o seu autor, pouco versado talvez nas lides incongruentes do jornalismo, tem um coração essencialmente bondoso e a consciência de um justo. Aconselhamo-lo a que, se deseja conservar inabaláveis os seus bons princípios e sempre pura a consciência, se não abalance a afrontar os perigos que oferece a vida de jornalista. Se não quiser transigir, e não deve, siga este conselho, que é um verdadeiro conselho de amigo. Agora os leitores que prestem um pouco de atenção ao artigo, que não hão de arrepender-se de o ter lido e meditado.»

E mais nada de letras – e disto mesmo meu pai não gostou, e até me disse numa carta zangado que me deixasse de escrever em jornais, o que fez (Deus me perdoe!) com que eu lhe não tornasse a mandar na minha vida mais coisa nenhuma, das que daí por diante escrevi às escondidas dele, mas que ele lia, coitado, e de que gostava muito, ao que me dizem...

Mas isso foi em Coimbra, para onde eu fui do colégio diretamente, matricular-me na Universidade, na Faculdade de Direito.

Outro horror, essa vida de Coimbra! Fora das aulas, uma delícia, pois dei-me sempre bem com os meus companheiros; mas da Universidade para dentro, um horror! Eu só agora raciocino aquela vida, porque enquanto andei nela levei-a a sério, e supunha-a alta e quase grandiosa...

O lente era para mim como um semideus; a Universidade, a coisa mais alta que havia na Terra! Teria encontrado o HOMEM?! Pensava que sim. Eu não

entendia os lentes, ou não entendia aquele sistema de ensino, eu não via o princípio das coisas, nem o meio, nem o fim, tudo era vago e incorpóreo, aéreo e sem raiz, banal, inútil, artificial... Mas eu nem dava fé, e a culpa devia ser minha. E estudei. E estudei e pensei que sabia; mas vou ao ato (exame) no fim do ano e fiquei reprovado!

... Diante de mim, no exame, tinha o manuscrito de um livro sobre Direito Romano, que eu escrevera durante o ano; e depois de ficar reprovado, fui à imprensa, onde deixei o manuscrito; e um mês depois entregava em casa do lente que me reprovava, um exemplar, e ia para férias onde meu pai quase me não falou durante dois meses – e no fim não me deu mesada para voltar para Coimbra, mas eu fui, disposto a viver do meu trabalho, como de facto vivi...

Os lentes arrependeram-se de me ter reprovado; e o meu livro até foi recomendado aos meus condiscípulos para estudarem por ele! Mas estas coisas todas conto-as eu no livro que está no prelo em Paris, e que breve sairá, chamado *In Illo Tempore*, que é feito de recordações de Coimbra; e lá se verá que ainda tive de jogar as últimas no 2.º ano, e que estive arriscado no 3.º, e no 4.º, e no 5.º!

Um horror! Mas depois desse desastre no 1.º ano fiquei sempre aprovado; – e só agora, volvidos mais de 15 anos, é que eu raciocino aquilo tudo, aquela vida em que estive metido e que nunca se deu comigo nem eu com ela, mas em que nunca me dei razão porque lha atribuía só a ela, e a mim uma inferioridade que mais me pesava por ser sincera!... A isto aludo no prefácio de um dos meus livros de Direito (Recursos em Processo Criminal) e faço-o sem ódio e com uma grande mágoa...

E letras, lá em Coimbra?!

Isso, uma verdadeira doença, porque é também do meio! Durante dois anos ainda escrevi com um pseudónimo (Belisário) em jornais de que era colaborador assíduo (*Progressista*, *Imparcial*, etc.), e num que eu próprio fundei (*Porta-Férrea*); mas depois comecei a usar do nome Trindade Coelho – que não era meu, porque eu na Universidade não era Trindade – mas José Francisco Coelho, e só no meu 5.º ano acrescentei oficialmente a este nome o de meu pai, nome pelo qual, de resto, eu era mais conhecido do que pelo meu, porque com ele assinava, depois do 2.º ano, o que escrevia, inclusive outro jornal que lá fundei também (*O Panorama Contemporâneo*).

Em Coimbra escrevi muito. As minhas vésperas de feriado (quartas-feiras

e sábados), à noite, levava-as a escrever, e nos dias feriados era esse o meu entretenimento favorito. Escrevia crónicas para jornais de província (*Tirocínio, Beira e Douro*, etc.), para um jornal do Porto (*Jornal da Manhã*), para um jornal muito lido em Lisboa (*Diário Ilustrado*), e fazia contos, o primeiro dos quais (que desapareceu da 3.^a edição dos *Meus Amores*, mas que nas anteriores se chamava «Arrulhos» e aparecera no *Diário Ilustrado*, com o de «Pombos») foi traduzido em Espanha não me lembro por quem, que lhe pôs por baixo o nome dele – sendo obrigado por mim a confessar o plágio em cartaz que publiquei no mesmo *Diário Ilustrado*.

Mas no meu 4.^o ano de Coimbra morreu-me meu pai, e daí a poucos meses casei, mesmo em Coimbra, e quando me formei já tinha um filho!

Meu pai era a única pessoa com quem eu podia contar – e minha mulher era também órfã de pai; e complicações que se deram na minha vida por causa da morte de meu pai levaram-nos quase tudo o que tínhamos, pois paguei a todos os credores de meu pai o que se lhes devia, e os devedores de meu pai nunca nos pagaram um real, nem os obrigámos a isso, e o que nos deviam era quatro vezes o que nós devíamos!...

De modo que me vi na vida sozinho e pobre, e com mulher e um filho. Comecei a advogar, mas fugia de pedir dinheiro pelos meus serviços – e ainda estive uma temporada administrador (maire) interino de Coimbra, e o governador civil gostava de mim, mas os políticos embirraram porque a minha «política» era só... a «lei!».

Até que vim a Lisboa a dois concursos: para «conservador do registo predial» e para «delegado do Procurador Régio», mas regressei a Coimbra sem esperança de ser despachado, porque não tinha ninguém que me protegesse...

Mas um dia de manhã recebo uma carta, de Camilo Castelo Branco, o grande escritor, que eu nunca tinha visto, nem ele a mim: dizia-me que vira nos jornais que eu fora a concurso e que escrevera ao Ministro pedindo-lhe que me despachasse!

Caí das nuvens! Mas daí a poucos dias estava efetivamente despachado «delegado do Procurador Régio» do Sabugal, e eu ia ao Minho visitar o grande escritor, vê-lo pela primeira vez (primeira e última) e beijar-lhe as mãos pelo seu tão grande favor.

Mais tarde eu soube como as coisas se tinham passado: Camilo estava

casualmente numa livraria do Porto, quando viu num jornal o meu nome, entre os dos outros que tinham vindo também a Lisboa fazer concurso.

Constou-me que dissera:

– Ora aqui está um rapaz que provavelmente vai ser preterido por estes todos!

Perguntaram-lhe:

– Quem é?

– Um rapaz que escreve: Trindade Coelho.

Disse-lhe o livreiro (que era precisamente aquele redator do jornal onde eu publicara o *Cepticismo*, o editor Costa Cantos):

– Ninguém melhor do que V. Ex.^a para o despachar!

– Como?

– Escrevendo ao Ministro.

Camilo calou-se; e o resto já nós sabemos.

Sabugal era a melhor comarca de 3.^a classe; mas era quase uma aldeia, na Beira; e Camilo disse-me numa carta que escreveu para lá que «receava que eu me fizesse ali um reinícola pavoroso»; – e em menos de um mês estava transferido para Portalegre, que era já uma pequena mas linda cidade, capital de distrito, no Alentejo.

Em Portalegre estive 4 anos – e esses 4 anos davam um livro! Alegre? Triste? Nem eu sei!

A terra era muito política (no pior sentido desta má e feia palavra!) – e o partido que estava no governo começou logo a embirrar comigo, porque eu, no exercício do meu cargo, cortava a direito sem querer saber de política nem de políticos...

Vi-me doido com eles, mas eles viram-se também doidos comigo e não levaram nunca a melhor, porque demais a mais o poder judicial confirmava inalteravelmente todos os meus atos – o que mais enfurecia contra mim os tais políticos...

Deram-se episódios engraçadíssimos, de um cómico de «comédia de província», e a luta foi renhida de parte a parte, porque eu não transigia nem transigi; e isto deu-me tal força na opinião pública (o povo é sempre justo) que o governo nunca se atreveu a transferir-me, não obstante os reiterados e insistentes esforços que para isso faziam os mandões locais: – e uma vez que eu próprio requeri ao governo a minha transferência, recebi um telegrama do

Procurador-Geral da Coroa (o chefe superior do Ministério Público) a chamar-me a Lisboa, e chamava-me para me pedir que retirasse o meu requerimento, porque a minha saída de Portalegre (dizia ele) seria regozijo para os políticos, e ele próprio desejava manter ali a minha autoridade e que os políticos se convencessem de que tinha a absoluta confiança dos meus superiores hierárquicos.

Ainda me lembro que ao ver-me diante dele, que me não conhecia pessoalmente, o Procurador-Geral da Coroa duvidou de que fosse eu, quase criança, o delegado de Portalegre:

– O meu delegado de Portalegre?! Não pode ser! O meu delegado de Portalegre há de ser um homem alto e de barbas!

Era a lenda dos meus 4 anos de luta...

Mas não houve distinção que me não fizessem os meus superiores (Procurador-Geral da Coroa e Procurador Régio: aquele, falecido; este, hoje, juiz do Supremo Tribunal de Justiça); e logo me disseram que me queriam em Lisboa, e que eles mesmos promoveriam para ali a minha transferência, porque me queriam ao pé deles e «em Portalegre ganhava pouco».

Ganhava. O meu pobre ordenado eram 11 mil réis por mês (pouco mais de 50 francos) – e com eles vivi, e cheguei muitas vezes a não ter que comer, mas ninguém o sabia...

Ali, em Portalegre, resgatei de um erro de justiça um desgraçado que encontrei na cadeia, condenado por assassino e ladrão. É o Manuel Maçores dos *Meus Amores* – mas o nome dele era Manuel Barradas; e isso foi uma agonia de mais de um ano, em que eu não pensei noutra coisa de dia e de noite, até que o libertei!

Isso, porém, hei de contar-lho um dia, *mademoiselle* Louise, porque eu ainda hoje não penso nessa tragédia a sangue-frio – e o próprio conto Manuel Maçores só anos depois o pude escrever – e nele não há a menor alusão a essa tragédia, que foi o meu trabalho angustioso durante muito tempo, para desfazer a lúgubre trama...

Essa é a única coisa que eu vim fazer a este mundo, e por contente me dou de ter cá vindo...

E letras?!

Em Portalegre fundei dois jornais (*Gazeta de Portalegre* e *Comércio de Portalegre*), de que eu fui exclusivamente redator literário, e de que toda a

imprensa gostava muito: – para um bazar em benefício dos pobres publiquei numa plaquette o conto que vem nos *Meus Amores*, com o título «Mãe»; e fiz alguns contos, entre eles um que retirei da 3.^a edição («Tragédia Rústica») por ter sido um caso real e portanto não criado por mim e como que exterior a mim; e o «*Vae Victoribus*», que eu lá escrevi detrás de uma porta, numa noite de trovoada medonha!...

Mas um dia quando menos o esperava fui transferido para Ovar (perto do Porto), que era outro foco político pior do que Portalegre! O decreto da minha transferência alegava «conveniência de serviço público», – mas, sabidas as coisas, era conspiração amável que tinha por fim tornar possível a minha eleição de deputado (!) por Portalegre, eleição que seria legalmente impossível se lá estivesse exercendo funções públicas ao tempo das eleições, ou tivesse saído de lá a requerimento meu.

O governo era já de outro partido político; as eleições deviam ter lugar dentro de poucos meses – e o Ministro da Justiça, que eu não conhecia pessoalmente, escreveu-me explicando a minha transferência, e pedindo-me que viesse a Lisboa falar com ele.

Não sabia o Ministro o que o esperava; e ainda estou a ver a cara de espantado que fez quando eu lhe disse que não queria ser deputado.

– Mas eu despacho-o juiz!

– Nem assim. Não quero. Iria preterir colegas meus mais antigos: não quero! (Os juízes de direito, em Portugal, saem da classe dos delegados, por antiguidade, e eu era dos mais novos.)

– Mas os seus serviços são distintos, e a sua promoção a juiz será «por distinção».

– Pior. Seria uma injustiça. Tenho feito o meu dever, e mais nada. Não quero.

E não quis; e ele ainda me disse que eu ficaria o juiz «mais novo» de todo o País, e que «nossos pais podiam recomeçar a vida pelo princípio, mas que nós tínhamos de a começar ao menos pelo meio». (Palavras textuais.) A minha resposta continua a mesma:

– Não quero.

E não quis. Com promessa de ser transferido de Ovar para Lisboa, fui para Ovar – onde os políticos me receberam na ponta das espadas, desconfiados daquela «conveniência de serviço público» que para lá me levava – e que não

era nenhuma...

A comarca estava num estado de desordem muito parecido com a anarquia; mas, serenamente, trabalhando de dia e de noite, num quarto de hotel, regularizei o serviço não tardou muito.

Tinha, e ainda tenho, o costume de não deixar que fazer de um dia para o outro; e em menos de um mês tudo estava em ordem – e, ao sair de Lisboa, o periódico local que mais desconfiadamente me recebera (o *Ovarense*) dedicava à minha saída um amável artigo, e lamentava-a – dizendo que nunca magistrado algum entrara em Ovar em piores condições de desconfiança do que eu; mas que em breve «todos se desenganaram de que o Sr. Trindade Coelho estava resolvido a fazer justiça direita, e que a balança da lei não se moveria nas suas mãos de magistrado»; que «não era delegado de quem se pudesse fazer o que se quisesse» e que «breve desapareceu a opinião de que o novo delegado poria ao serviço de rancores políticos a ação poderosa da lei» pois que «não era de molde a antepor a interesse de qualquer natureza a honra do seu cargo e os créditos do seu nome».

Em Portalegre o mesmo me sucedera: quando parti de lá, a população da cidade acorreu a despedir-se de mim, e dizem-me que ainda hoje sou lá muito lembrado – e o povo considerava-me como «seu amigo», não obstante esse meu papel oficial de representante do Ministério Público, e portanto de acusador... No meu papel simultâneo de «curador dos órfãos», cheguei a pôr oficialmente à disposição destes os meus 11 mil réis de ordenado mensal, para atenuar a cupidez de alguém que não duvidava sacrificar aos seus os interesses dos órfãos. (Só aludo a isto por ter sido um facto oficial e portanto público, e constar de documentos impressos).

Mas enfim, vim para Lisboa! Numa época, porém, tão má, que o Governo, por causa do *ultimatum* da Inglaterra (*ultimatum* de 11 de janeiro de 1890), vira-se obrigado a promulgar em ditadura não só decretos violentíssimos, restritivos das liberdades públicas, mas inclusivamente tribunais especiais para aplicar esses decretos – e eu era colocado precisamente no mais antipático desses tribunais e no papel de mais antipático: ficava a meu cargo, entre outras funções, a de fiscalizar oficialmente a imprensa de Lisboa, que o mais violento daqueles decretos esmagava!

Mas o dever nunca me pesou, e eu apliquei a lei – serenamente mas inflexivelmente! Era a lei, e era o meu dever, embora árduo: respeitei aquela

e cumpri este.

Está claro que fui muito atacado; mas, pessoalmente, os próprios jornalistas processados davam-se comigo como Deus com os anjos, e eu não lhes levava a mal que me atacassem – e até gostava, porque era uma maneira indireta de atacar a lei, a que o público chamava a «lei das rolhas», porque arrolhava a boca dos jornalistas, chamando-lhes também outros «a mordaza...»

Durou isto dois largos anos, em que ao mesmo tempo caí a fundo sobre certos banqueiros que tinham enriquecido à custa dos pobres, arruinando Bancos em proveito deles.

Mas o resultado desta campanha, por ser com gente poderosa (banqueiros, políticos, usurários!) foi a extinção do tribunal onde eu funcionava; e eu fiquei sem colocação – e no dia, o primeiro de toda a minha vida, em que me vi sem trabalho, escrevi as páginas mais tristes que têm saído da minha pena e que conservo inéditas...

Estava sem colocação – embora bem visto pela opinião pública, e até pelo próprio Governo!

Mandaram-me depois para um tribunal exclusivamente fiscal (cobrança coerciva de impostos em dívida); mas a minha vida, com 34 mil réis por mês (170 francos), foi mais horrorosa do que nunca, e minha mulher chegou a adoecer de tristeza gravemente...

Fui então à África, defender 33 desgraçados que lá estavam numa cadeia, infamemente perseguidos pela política, e lá estive longos, três infinitos meses, retirando-me depois de os deixar todos em liberdade, e absolvidos, e na cadeia todos os perseguidores poderosos desses desgraçados – mais de 30! Não obstante não ter pedido senão que me pagassem a viagem e as despesas de alimentação, deram-me mil libras (22 mil francos!) e, regressando a Lisboa, ainda voltei para o tribunal fiscal; – fui depois colocado em Sintra, a uma hora de Lisboa, onde ia duas vezes por semana – finalmente, em novembro de 1895, colocado no tribunal onde eu hoje estou – porque o juiz que o Governo ali desejava (o atual presidente da Câmara dos Deputados) exigiu a minha nomeação para lá como condição para aceitar a dele – por ser esse tribunal, como é ainda hoje, o mais grave e o mais trabalhoso... E letras?!

Pouco depois de chegar a Lisboa (1891) apareciam *Os Meus Amores*, que

eu, instado por dois amigos, dei ao editor António Maria Pereira, para a sua coleção de volumes mensais a 200 réis (1 franco); e até 1895 fiz parte, com intermitências, da redação de três jornais diários (*Portugal, Novidades, Repórter*) onde redigi secções exclusivamente literárias, explorando, principalmente, coisas e tradições de Portugal, e também fundei uma revista (*Revista Nova*) que durou pouco mas fez ruído – pelo desassombro com que eu me referia aos livros que iam aparecendo, entre eles a chamada «edição autêntica e definitiva do Campo de Flores», de João de Deus, feita por Teófilo Braga, edição que eu ataquei violentamente, reproduzindo depois a crítica em um opúsculo. (Uma leitora assídua da *Revista Nova* era a senhora D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos, que eu ao tempo não conhecia pessoalmente.) Teófilo não ficou de mal comigo por esse motivo, e embora me replicasse um pouco azedo, num jornal do Brasil de que era correspondente, indicou-me generosamente à família de João de Deus para concluir o livro que este, ao falecer, deixou incompleto, e que eu também prefaciei (*A Cartilha Maternal* e a *Crítica*).

Em 1896 tinha lugar em Lisboa o primeiro atentado anarquista – e o Governo fez um projeto de lei contra estes, mas as suas disposições abrangiam também, embora disfarçadamente, os republicanos. Contra isto dei na imprensa um grito de alarme que todavia ficou sem eco, e a lei foi promulgada em harmonia com o projeto do Governo – e eu, como delegado, tive de a aplicar como ela era.

De novo cresceram contra mim os ataques da imprensa, em vez de serem dirigidos contra a lei; – mas vendo eu que a ocasião era favorável para destruir esta, eu próprio escrevi um artigo contra mim mesmo (para não contradizer a corrente...), mas também contra a lei, artigo que os outros jornais transcreveram, atacando-me (mas desta vez também à lei) com a sua doutrina...

Eles não suspeitavam sequer de que o artigo era meu; mas consegui o que desejava e eu calculara: o Governo encarregou-me de fazer um novo projeto de lei, e eu fi-lo, sendo votado pouco depois no Parlamento sem alteração de uma palavra e muito a contento de toda a imprensa, que não sabia também que o projeto, e o seu relatório, eram meus (lei de 21 de julho de 1899).

Além disso, no Congresso Internacional de Direito Penal, reunido em Lisboa, eu apresentava um opúsculo («Liberdade de Imprensa») indicando as

bases de uma reforma liberal da lei de imprensa; o Ministro da Justiça convidava-me a colaborar com ele no novo projeto – e este, apresentado ao Parlamento, era convertido pouco depois na lei hoje em vigor; e outro projeto, feito por mim, punha os jornais a coberto do editor, entidade viciosa que não raro podia estorvar, nos termos da legislação antiga, o jornal e o jornalista; e, a pedido do Ministro, ainda fiz o extenso Regulamento do Ministério Público (hoje em vigor), e de colaboração com o juiz de instrução criminal, o doutor Francisco Maria Veiga, o projeto do Código de Processo Penal. Ao mesmo tempo, escrevia e publicava o livro *Dexoitto anos em África* com o fim de desfazer as intrigas dos políticos e da política contra um amigo meu, o Conselheiro José de Almeida, cuja vida oficial em África tinha sido exemplar e a de um verdadeiro português antigo; e tendo-o reabilitado no conceito do País, mostrando a toda a luz, e com documentos, nesse livro de mais de 500 páginas, o que era e valia esse honrado homem, modelo de trabalhadores e de patriotas, ele mesmo me dizia depois, abraçando-me, ao ver o testemunho unânime da imprensa a favor dele, convencida pela verdade do livro, que «era o meu 2.º Manuel Barradas», aludindo ao meu pobre condenado de Portalegre...

E no meio disto tudo, publicava a *Revista de Direito e Jurisprudência*, o livro *Recursos Finais em Processo Criminal*, e aguentava diariamente o serviço do Tribunal, que é o mais trabalhoso de Lisboa e do País, tendo, além das atribuições criminais, as cíveis e as fiscais. Em toda a minha vida não deixei de um dia para o outro o menor serviço ou um único processo – exceto um, que, sendo o mais importante e complicado de quantos há muitos anos se ventilam nos tribunais portugueses, estive em minha casa pouco mais de um mês – regressando ao Tribunal somente findo este prazo, mas com uma tão extensa alegação minha por parte do Ministério Público, que formava um grosso volume de perto de 600 páginas.

Ainda escrevi um livro de crítica literária, que queimei no próprio dia em que saía à luz! Li uma página e não gostei dele – e o meu pequeno, que andava a brincar no meu gabinete, disse-me assim:

«Esse é o seu livro novo, papá?! Hei de lê-lo quando for grande!»

Disse comigo: «Não lerás!» – e fui ao editor com uma carroça, e meti na carroça toda a edição – que levei a um forno onde ardeu toda! Colhi em troca este aforismo: «queimar um livro mau, vale bem a alegria de escrever três

livros bons.» De resto, devo dizê-lo, eu nunca fiz um livro: os que tenho nasceram quase sem eu dar por isso. Sinto não sei o quê, e vou não sei para onde. No fim, sai um livro. Mas se quisesse fazer um livro, tenho a certeza de que não o fazia. Se deixo a emoção subir-me à cabeça, e converter-se aí em raciocínio, já não faço nada! Os meus contos são improvisações quase inconscientes – e se tivesse a fúria da quantidade como tenho a da qualidade, tinha endoidecido, porque nunca escrevo a sangue-frio. Pouco valem os meus contos, mas saem-me todos cá de dentro – e do pescoço para baixo...

Dizia-me ontem um crítico muito distinto (vá entre parêntesis, e já que toquei nisto) que parece que eu não vivo em Lisboa, e que nos meus contos não há o menor vestígio da cidade... Mas então será preciso ver nos meus contos um facto subjetivo: – porque «o meu único crítico» (como eu chamo a um meu parente que está na minha terra, e cuja opinião, por ser de pessoa inteligente e artista e que vive *in loco*, eu peço sempre sobre os meus contos) o «meu único crítico» dizia-me uma vez aludindo ao lapso que eu cometera num conto («António Fraldão») e que consistia em pôr uma cigarra a cantar de noite: – «Todo o conto está certo; mas as cigarras só cantam à hora do calor. De resto (acrescenta!) não admira que não saibas estas coisas, porque saíste daqui muito pequeno.»

Mas então o que são os meus contos?! Não sei. Talvez saudades; e tenho a certeza de que se vivesse na minha terra (onde só escrevi, numas férias, «Sultão» e «Idílio Rústico») não os teria feito...

Mas nada disto vem para o caso, e ainda neste instante recebo uma carta de minha sobrinha, em que esta me diz, aludindo à «Aleluia», que «parece que tenho vivido ali, e assistido de perto a estas coisas»; e o «meu crítico», esse escreve-me também hoje e diz-me que «se lhe encheram os olhos de lágrimas ao ler a Aleluia», chamando-lhe «uma recordação exata da nossa terra»; – e minha sobrinha ainda me diz que todos compreendem lá os meus contos, e que uma pobre rapariga do povo, que não sabe ler, já lhe fizera ler cinco vezes a «Aleluia», e «que o queria aprender de cor para o dizer a toda a gente».

Mas adiante, adiante.

Aquele trabalho violento durante largo tempo, prostrou-me! Um esgotamento nervoso (a que já me referi) teve-me paralisado durante meses, em atroz doença de que supus me não resgataria e em que a vida me pareceu

toda uma mentira e só a verdade a tristeza e a negação – menos a Deus, em que eu pus sempre toda a minha esperança. Oh! o que eu sofri!

Mas um largo descanso fora de Lisboa, no campo, restituiu-me as forças e essa confiança em mim que eu perdera de todo, porque cheguei a convencer-me de que nunca mais escreveria uma palavra e ao mesmo tempo a odiar os livros, eu que só entre livros vivia bem, e com a minha pena!

Vivia e vivo, porque eu quase não conheço os homens senão de vista (e de longe) e só com os rapazes me sei dar, e sou no meio deles um rapaz – e dizem que muito alegre... Eugénio de Castro definiu-me assim num jornal, em quatro palavras que só no elogio são inexatas:

«Transmontano. Pequenino mas tesinho.

Alegre como uma romaria. A sua voz é um adufe ao som do qual os seus olhos bailam. Vigoroso e sadio física e literariamente. A sua prosa é máscula: prosa com músculos e sangue. Prefere os assuntos simples aos assuntos complicados. Ao longo dos seus contos não se alastram óxidos de almas difíceis, nem se emaranham filigranas de raras psicologias. No meio dos modernos livros, os seus livros são como ingénuos colegiais entre viciosas pessoas.»

Mas essa crise nervosa de que falo acima é a fase mais angustiosa da minha vida: durante meses eu fui o inverso de tudo aquilo: daquela energia, daquele vigor, daquela saúde; e todo eu amoleci numa grande tristeza, numa ternura infinita feita de lágrimas e de piedade por todas as dores, angustiosa, fatal, inconsolável! Supus-me perdido para todo o sempre; e agora, quando olho para trás, esses meses de longo martírio, de que me ficaram na memória todas as minúcias, parecem-me na minha vida uma montanha escura, atrás da qual fica o meu passado...

Mas graças a Deus ressurgi, e mais vigoroso do que nunca! Passei a ver a vida por um aspeto mais positivo – e nesse meu passado alvejam sepulturas de ilusões que lá ficaram, e uma entre todas atrai os meus olhos ainda hoje: a da Justiça que eu supunha existir... Mas não falemos nisto.

Uma noite, sem o ter pensado, iniciei com a «Parábola dos Sete Vimes» a série dos meus «Folhetos para o povo»; seguiu-se-lhe o livro *A minha Candidatura por Mogadouro*, em que ajustei contas com os políticos por uma forma que deu brado em todo o País, fazendo, num estilo alegre de estudante, a autópsia dos «costumes políticos em Portugal» a propósito de um caso

eleitoral em que me meteram, a mim, que nunca fui político, e nada pretendia da política; – e outros folhetos para o povo escrevi em seguida, entre os quais o *Remédio Contra a Usura*, a *Cartilha do Povo*, e o *Abc do Povo* que fui imprimir a Paris, publicando ao mesmo tempo um pequeno jornal (*Boletim Parlamentar do Distrito de Bragança*) em que eu ia tornando saliente a nula ação parlamentar dos cinco deputados eleitos (?) pelo meu distrito e defendendo os interesses deste, que é «o mais pobre e infeliz de Portugal todo».

Todos estes folhetos eram por mim distribuídos gratuitamente aos milhares, principalmente pelos párocos e professores de instrução primária e... pelos políticos!

Ao *Remédio Contra a Usura*, referiram-se na Câmara dos Pares (Senado) dois Pares do Reino (o Visconde de Chancelheiros e o Conde de Martens Ferrão) e na Câmara dos Deputados (Carlos Pessanha), pedindo ao Governo que tornasse obrigatória nas escolas e nos templos a leitura do folheto e o divulgasse por todo o país à custa do Estado; e quanto à *Cartilha do Povo*, que eu escrevi no passeio mais público de Lisboa (a Avenida da Liberdade), num domingo de tarde, à hora da maior concorrência, essa originara-a o ter-me dito pouco antes a senhora D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos (que eu vira pela primeira vez na véspera, num jantar para que tivera a bondade de me convidar, no Hotel Central) que num salão onde tinha estado, aqui em Lisboa, ouvira sustentar a estranha teoria de que o povo devia ser conservado ignorante, porque só ignorante era obediente, e só obediente era feliz!...

O *Abc do Povo*, esse teve a guerra dos interessados, autores e editores de folhetos congêneres, que receavam a concorrência do meu, e até a sua adoção oficial nas escolas públicas; mas, da única vez que fui à imprensa ocupar-me dele, disse que eu estava tão longe desse monopólio a favor do *Abc*, que nem que o governo mo oferecesse eu o consentiria, porque entendia, e entendo, que, a respeito de métodos para ensinar a ler, se devia deixar ao professor a mais absoluta liberdade de escolha, pela regra, para mim axiomática, de que «não há método mau com um professor bom, nem método bom com um professor mau». De resto, o *Abc do Povo* (80 páginas luxuosamente impressas e ilustradas) custa apenas 50 réis (25 cêntimos), e este preço têm dito os jornais que não paga o papel; e dei 10 mil de graça, e ofereci o livrinho de graça, para sempre, ao meu distrito, o de Bragança – o que não quer dizer

(suponho eu) que pretendo ganhar dinheiro com a instrução do povo...

E agora?!

Pouco falta. Ao presente, além de mais um folheto para o povo, sobre Caixas Económicas, tenho no prelo os seguintes livros: *Código Penal Anotado*; *Legislação Penal Anotada*; *Incidentes em Processo Civil*; *In Illo Tempore* (recordações da vida de Coimbra); e *Pão Nosso*, leituras elementares e enciclopédicas para uso do povo.

E que mais?!

Creio em Deus; sou cristão; amo a Arte de toda a minha alma; gosto muito das mulheres e das crianças, das flores e da natureza; e o meu maior e mais vivo prazer seria remediar os necessitados. Vivo num andar (111 degraus acima do nível... da rua! Uma das minhas criadas disse-me agora com muita graça que nunca os chegava a contar «porque se perdia sempre no meio da conta»; mas a outra disse que «são duas vezes 50 mais 11!») – mas tenho flores à entrada da porta, e cá dentro muita luz, minha mulher, um filho e um canário – e lindas vistas. As vistas são sobre o rio Tejo e abrangem, da banda de lá, um lindo horizonte; o canário canta muito bem, o meu filho (chama-se Henrique) é bom rapaz, faz versos e sabe alemão; e minha mulher... – minha mulher, essa é doida pelo filho, mas não lhe quer a ele mais do que a mim, e eu quero-lhes a ambos mais do que a mim! Em minha mulher encontrei minha mãe (o que torna impossível de definir, e tão singular que me parece às vezes absurdo, o meu sentimento diante dela!) e sendo toda coração e sensibilidade, tem, no fundo, o ânimo forte e a coragem resignada de meu pai, e é muito alegre e inteligente e tem a paixão da música, sobretudo do canto. Nunca conheci nada melhor.

A mim... – a mim reputo-me um pobre filho do povo, que por acaso veio dar cá acima, e que não podendo voltar à terra de onde brotou – oh, jamais! – tem dela infinitas saudades (que quase nem sequer são feitas de lembranças, tão cedo eu a abandonei!) e está atónito do que vê cá cima... – e lá baixo!

Quando chegará, minha boa amiga, o «reino de Deus»?!...

Lisboa, 6 de abril de 1902